

ISABELLE BROOM

MIL ESTRELAS E TU

Uma história de amor emotiva
num destino deslumbrante





ISABELLE BROOM

MIL ESTRELAS E TU

Uma história de amor emotiva
num destino deslumbrante

Isabelle Broom

Mil Estrelas e Tu

Tradução
Ana Maria Pinto da Silva

Para todos aqueles que não só contemplam as estrelas, mas que também têm a coragem de tentar alcançá-las.

Capítulo 1

A cicatriz tinha início na têmpora esquerda de Alice Brockley e descia-lhe até à face, onde escavava a pele macia como se fosse uma pequena covinha. Começara por ser um feio rasgão cor-de-rosa, e pouco depois de a carne dilacerada ter sido suturada, voltou a unir-se quase na perfeição. À medida que os anos foram passando, a cor desvaneceu-se e ficou disfarçada. Novas células se formaram e os rebordos irregulares onde o fragmento de vidro havia penetrado pouco mais eram do que um borrão – um vestígio de travessuras passadas, um arremedo da rapariga de outrora.

Alice já não era *essa* rapariga.

Alice deixara de ser essa rapariga há dezanove anos – desde os dez anos. Desde o acidente que a havia desfigurado. E, no entanto, ali estava ela, ao fundo da escada que a conduziria até à mais alta prancha de mergulho. Temerária, perigosa, egoísta, imprudente – Alice foi eliminando os adjectivos desdenhosos um por um, a sua consciência debatendo-se com os seus membros determinados. Contemplou toda a extensão da piscina por um momento, observando porém sem ver o modo como a luz era filtrada através das janelas altas. Os azulejos concediam à água um sumptuoso e profundo tom turquesa, mas a luz solar deixava sulcos dourados ao longo da sua superfície. Colocou um pé sobre o frio metal, depois o outro. Com as mãos agarrou-se ao corrimão, que oscilou de maneira quase imperceptível. Estava escorregadio devido à passagem de centenas de dedos húmidos, mas Alice não sentiu a trepidação. Havia uma fome na boca do estômago que identificou como sendo necessidade – um desejo de extinguir a tensão que se fora acumulando ao longo dos últimos dias.

Os dedos dos pés de Alice curvaram-se de forma involuntária em torno dos degraus, procurando a tracção com a mesma facilidade que os pulmões buscavam o ar. A cada centímetro que subia, sentia-se mais alta, mais corajosa, mais leve; o som reverberante das vozes e dos salpicos da água foi reduzido a um zumbido, os tubos das lâmpadas fluorescentes no tecto encontravam-se agora mais próximos dela do que os azulejos de cor água-marinha que revestiam a piscina.

O que diria se pudesse vê-la aqui em cima? O que diriam todos eles?

Alice hesitou e a dúvida pôs um travão na sua determinação. Obrigou-se a concentrar-se na prancha de saltos. Estremecia em silêncio na frente dela, pronta para saltar como uma mola de maneira deliciosa debaixo dos seus pés quando saltasse, se curvasse e mergulhasse no maravilhoso vazio. Era a expectativa dessa sensação, dessa pressa, que a impelia para diante.

O seu coração martelou quando correu, disparou quando saltou e dilatou-se quando mergulhou, mas com o amplexo da água chegou o término da sua rebelião, e Alice abriu caminho até à superfície.

Não valia a pena, pensou, ofegante e sem fôlego à beira da piscina, com o cabelo escorrido, colado à cabeça e os olhos a arder devido ao cloro. O risco de ser apanhada a comportar-se desta

maneira e de causar dor àqueles que mais amava excedia em muito a breve pausa causada pela sua ansiedade – sabia muito bem disso.

Ergueu uma mão experiente e percorreu a cicatriz com os dedos.

E, caramba, nunca se podia dar ao luxo de esquecê-la.

Capítulo 2

– Sri Lanka?

Alice olhou dos olhos castanhos com óculos do namorado Richard para o par de olhos azul-claros de aço pertencentes à sua mãe. Ambos soltaram a mesma exclamação de incredulidade horrorizada em uníssono, como se o Sri Lanka fosse um planeta nos confins mais remotos do espaço sideral ao invés de uma ilha na Ásia Meridional.

– Que mal tem o Sri Lanka? – perguntou Alice, arrependendo-se de ter feito essa pergunta assim que viu a expressão severa no rosto da mãe. Richard estendera o braço por cima da mesa da cozinha a fim de pegar no telefone, e agora contemplava-a com ar de triunfo.

– De acordo com este *website* governamental – retorquiu ele, levantando a voz para que Alice pudesse ouvi-lo acima do restolhar dos talheres do pai e do irmão dela de encontro ao serviço de porcelana da família Brockley –, os riscos associados ao Sri Lanka incluem afogamento, bebidas adulteradas com droga e fraude com cartões de crédito.

– Portanto, nada de muito diferente do que se passa aqui, pois não? – replicou Alice. A sua tentativa de fazer humor fez que o namorado franzisse o sobrolho ao olhar para ela, do mesmo modo que imaginava que ele poderia fazer com um dos seus alunos. Richard era professor de História, e muitas vezes ultrapassava os limites entre as competências de amante e de tutor quando conversava com Alice. Ela sabia que não era um gesto deliberado, era mais um tique que desenvolvera com o tempo durante o exercício da sua profissão, da mesma maneira que os anos que Alice passara a trabalhar na autarquia local lhe enchera a cabeça com toda a sorte de informações inúteis sobre impostos, taxas e o quanto custava substituir um mosaico rachado do chão, por isso nunca se melindrava. Muito pelo contrário, sentia-se bastante reconfortada ao saber de que maneira Richard reagiria às mais diversas coisas.

Quando Richard se preparava para responder à altura, Alice ouviu a mãe suspirar.

– Estás a tentar que fique ainda com mais cabelos brancos? – gemeu a senhora.

Alice apreciava sobremaneira o lindo cabelo curto e louro da mãe e inspirou fundo. Era raro Marianne Brockley ter um cabelo fora do lugar, fosse ele branco ou de qualquer outra cor. Era uma mulher franzina e bem torneada, e Alice, que possuía uma constituição de longe mais atlética, invejava-lhe os tornozelos finos e as mãos pequenas. Herdara mais traços do lado da família do pai, que eram todos de ombros largos e joelhos ossudos, enquanto o seu indefinível cabelo castanho fora uma cortesia herdada da sua avó paterna. Não ajudava nada o facto de a mãe contorcer as mãos com frequência e queixar-se ao marido.

– Oh, Peter... é tão injusto termos tido uma filha e ela parecer-se mais contigo do que comigo.

O pai de Alice, Peter Brockley – que se destacava acima de todas as outras pessoas da família de estatura mediana do alto do seu metro e noventa e cinco de altura –, limitava-se a abanar a cabeça e a rir-se para a mulher com afecto, antes de a atrair a si num abraço e fitar Alice olhos nos olhos por cima do alto da sua cabeça. Era a mesma expressão que lhe dirigia desde que era criança, uma expressão que parecia dizer: «Eu sei que ela é um pesadelo, mas é ou não é adorável?» Agora Alice perguntava-se se Richard alguma vez faria o mesmo consigo, mas, no caso dele, seria com a mãe de Alice que partilharia um olhar cúmplice – os dois eram unha com carne.

– O teu cabelo está muito longe de ser branco, mãe – disse-lhe Alice em tom cordato, e o pai soltou um grunhido de aprovação do seu lugar na cabeceira da mesa.

– Não há mal nenhum em ficar com o cabelo branco – interveio Freddie, em quem sempre se podia confiar para irritar os pais na mesma proporção que Alice se esforçava para evitar fazê-lo.

– Basta ver a Helen Mirren e a Jamie Lee Curtis – prosseguiu ele, olhando para Alice e sorrindo. – Vai por mim, mãe, as cotas grisalhas fazem furor.

Freddie não estava a comer tanto quanto comia de costume, reparou Alice. O mais provável é que estivesse de ressaca depois de mais uma noite na borga com os colegas da City. Desde que renunciara aos planos de infância de trabalhar para uma instituição de solidariedade em prol de um emprego que angariava clientes ricos e extravagantes para fundos de cobertura de risco, Freddie passava mais tempo fora de casa do que nela, e Alice começava a ficar farta de ir parar à caixa de correio de voz cada vez que lhe telefonava. O Natal já fora há dois meses, mas parecia que a época das festas nunca terminava para o irmão. Freddie sempre fora o mais esperto, o mais capaz, o mais popular e o mais adorado dos dois irmãos, e Alice costumava achar que se passasse tempo suficiente com ele, então alguma da magia do irmão poderia passar para ela. Quando ambos ainda eram crianças, acreditavam piamente que eram capazes de saber o que o outro estava a pensar, e costumavam passar horas aninhados na gruta improvisada que Freddie construía com o máximo cuidado com as almofadas do sofá, testando-se um ao outro. Alice perguntava-se agora se Freddie saberia o quanto se sentia entusiasmada com a perspectiva de uma viagem ao Sri Lanka, e que continuava a querer ir apesar dos comentários depreciativos da mãe e de Richard.

– Este pobre coitado foi morto por um crocodilo lá nesse sítio não há muito tempo – persistiu Richard, esticando o telemóvel para que Alice pudesse ver. – Isso seria impossível de acontecer no rio Stour.

Isso é porque nunca acontece nada no rio Stour, pensou Alice, mas sabia que era melhor ficar calada. Richard, que era um pescador entusiasta, apaixonara-se pelo curso de água que cruzava Sudbury, a terra natal de Alice, da primeira vez que ela o levou a visitar o Suffolk, e nunca houve a mais pequena sombra de dúvida sobre o lugar onde iriam fincar raízes um dia, assim que terminassem os respectivos cursos universitários.

– Prometo não me deixar comer por nada, seja crocodilo ou outra coisa qualquer – disse Alice, pousando a mão tranquilizadora sobre o joelho coberto pelo tecido dos *jeans* de Richard. – São apenas duas semanas... estarei de volta antes de se aperceberem de que parti, e depois são as férias da Páscoa.

Richard soltou um ruído que se assemelhava a um *pfft*, coisa que por uma unha negra não fez que Alice rangesse os dentes. Precisava lembrar-se de que ele só reagia dessa maneira por mera preocupação com ela – tal como a mãe também fazia. Ambos haviam visto a tempestuosa versão de Alice que fora em tempos uma força imparável a ser considerada, e ambos tinham-na afugentado com carinho e paciência. Também se sentia grata aos dois por o terem feito. Aquela Alice fora apenas sinónimo de sarilhos – um perigo para si e para os outros. A vida agora era muito mais fácil e calma, e sentia-se segura e amada.

A recordação do mergulho daquela manhã do cimo da prancha mais alta perpassou-lhe pela mente, a imagem agitando-lhe um dedo metafórico como que a dizer: «Mas então e eu?» Alice ignorou-a.

– Presumo que estas férias tenham sido ideia da Maureen, não? – conjecturou Richard, e Alice baixou o queixo.

O namorado nunca fora o maior fã da sua dinâmica amiga de cabelo escuro, acreditando que ela era uma péssima influência para Alice.

– Bem, sim... e a Steph também está com muita vontade de ir – disse-lhe. – Há anos que anda deserta para lá ir... quer muito ver os elefantes. As duas não me largam até lhes dar uma resposta e sabes bem que nunca consigo dizer-lhes que não.

A peta deslizou com tanta facilidade pela língua de Alice que mal deu por ela. Não era capaz de se lembrar quando tiveram início as mentiras, apenas que sempre haviam rondado por perto, protegendo-a não só a ela, mas também a todos os que se encontravam perto de si. Já não conseguia mais impedir-se de dizê-las tanto quanto não podia impedir-se de respirar, e com o tempo deixaram até de parecer enganosas, mas antes uma necessidade. Dizia para consigo que nunca seria desonesta sobre o que de facto era importante, mas afinal que importância tinham as pequenas histórias? Não era melhor dourar a pílula do que contar uma verdade que corria o risco de magoar alguém?

– A Maureen é sinónimo de sarilhos – disse Freddie em tom jovial, dando um pequeno sorvo no copo de vinho tinto. Alice optou por não tecer comentários. O facto de o irmão andar pelo beicinho por uma das suas amigas mais chegadas fazia que se sentisse constrangida, mas apenas porque sabia como Maureen gostava de partilhar pormenores íntimos sobre os homens que engatava. Alice adorava o irmão, mas é óbvio que havia umas quantas coisas que *não* tinha necessidade de saber sobre ele.

– É mesmo – resmungou Richard entredentes, depois do tom jocoso de Freddie lhe ter deslizado por cima da cabeça como um *Frisbee*. – Será que vocês as três não poderiam antes comemorar juntas a entrada na casa dos trinta anos em Londres ou coisa que o valha?

– Sim! – A mãe de Alice bateu palmas deliciada. – Por que não vão assistir a um espectáculo?

Não valia a pena sublinhar que a capital, com todo o seu trânsito, carteiristas e nevoeiro, era com toda a probabilidade muito mais perigosa do que o Sri Lanka, e Alice apertou os lábios franzindo-os num sorriso.

– Tudo o que vamos fazer é tomar banhos de sol e coisas afins – respondeu em tom vago, estremecendo ao de leve perante a sua desonestidade, antes de acrescentar: – Sabem muito bem que eu nunca faria nada que me colocasse em perigo.

Marianne Brockley levou uma das mãos ao peito.

– Ainda parece que tudo aconteceu ontem – murmurou com tristeza. – Nunca esquecerei os gritos, todo aquele sangue. Pensei que te tinha perdido.

– Mas não perdeste – lembrou-lhe Alice com ternura e em voz baixa, como sempre fazia, mudando de posição de modo que o cabelo lhe caísse sobre o lado desfigurado da cara.

– Ainda tenho pesadelos com isso – confidenciou-lhe a mãe, com ar atormentado.

Alice viu Freddie revirar os olhos ao mesmo tempo que esvaziava o que lhe restava de vinho no copo.

– O teu pobre rosto – estava a mãe a dizer. – Não suporto pensar nisso, nem agora.

– Lamento – disse Alice, sentindo-se impotente.

Se pudesse retroceder no tempo e desfazer os seus actos, então fá-lo-ia – é claro que o faria. Contudo, atrasar o relógio não era uma opção viável. Tudo o que podia fazer era desculpar-se, e certificar-se de que nunca deixaria que nada de mal voltasse a acontecer-lhe – mesmo que isso significasse que nada de excitante lhe sucederia também.

– Promete-me apenas uma coisa – insistiu a mãe. – Promete-me que não farás nenhum disparate enquanto lá estiveres.

Alice sorriu agora com mais confiança – aqui estava um juramento que podia fazer de todo o coração.

– Prometo – disse.

Capítulo 3

Alice e Richard conheceram-se três semanas depois do início do primeiro período na Universidade de Plymouth. Ele estudava História, ela optara por Sociologia, e dirigiam-se ambos para o bar da Associação de Estudantes nessa quarta-feira à noite para assistir à infame cerimónia de iniciação dos caloiros da equipa de rãguebi – um processo que envolvia perucas, rapazes de coxas roliças envergando vestidos justos, copiosas canecas de cerveja e uma quantidade ingente de cânticos.

Richard destacou-se aos olhos de Alice porque era um dos poucos rapazes naquele lugar que não viajava com o resto da multidão, e mais tarde ele contou-lhe que reparara nela pelo facto de usar uma saia tão curta. No entanto, à boa maneira de Richard não foi dito de forma grosseira – mostrou-se apenas preocupado com o facto de ela poder enregelar até à morte no regresso a casa, e dispôs-se a dar-lhe dinheiro para apanhar um táxi.

Depois de completados por fim os dezoito anos e a viver longe das dobras protectoras da saia da mãe pela primeira vez na vida acendeu-se um fogo debaixo de Alice, e durante as primeiras semanas de faculdade despojara-se da tímida pele de menina de Suffolk e reinventou-se na rapariga que gostava de festas e de farra – para grande gáudio dos seus novos amigos nos corredores da residência de estudantes. A nova Alice aplicava camadas de maquilhagem sobre a cicatriz, subia as bainhas das saias e acendia cigarros às escondidas entre palestras. Nunca chegou ao ponto de fumá-los, optando por usá-los como um acessório que declarava: «Sou normal. Sou fixe. Sou como vocês.»

Richard demorou apenas alguns dias a compreender o que tudo aquilo significava.

– Tu não és nada assim, pois não? – sondou com cautela, enquanto Alice emborcava mais um *shot* que uma das suas mais exuberantes amigas lhe havia empurrado para a mão. A rapariga também oferecera um a Richard, mas este declinara, com confiança suficiente em si para não se preocupar com o que os outros pudessem pensar. Para Alice, que passara os últimos oito anos a esconder a sua cara marcada e a desejar de todo o coração poder ser qualquer outra coisa que não ela, esta demonstração de tamanha autoconfiança era um imenso atractivo. Richard era genuíno e fiável, maduro e dócil, e não se importava com as estrias da pele desfigurada do rosto de Alice. Esta depressa percebeu que, se ficasse junto de Richard, estaria segura e protegida da sua personalidade da infância que começara a vir de novo à superfície. Ele encarregar-se-ia de lhe lembrar quem ela queria ser e ajudá-la-ia a não vacilar. Por conseguinte, quando Richard lhe perguntara de maneira bastante directa algumas horas mais tarde se gostaria de ir ao cinema com ele nesse fim-de-semana, Alice quase lhe saltou para o colo de alegria, e os dois estavam juntos desde então.



Tinham regressado do almoço de domingo com os pais dela há algumas horas, e Richard retirara-se para a minúscula arrecadação que ambos usavam como escritório para corrigir alguns testes. O senhorio anunciara o apartamento como sendo um T2, o que foi a primeira das suas inúmeras piadas de mau gosto. Outras pérolas incluíam: «Não é suposto que esses armários tenham portas – é uma cozinha *feng shui*», e «É claro que mandarei limpar a casa por uma empresa profissional antes de se mudarem». Eles aguentaram tudo porque a casa era barata e perto da escola, e todo o dinheiro que poupavam nas taxas de aluguer e despesas de transportes era posto de parte para uma poupança adequada. Dentro de mais ou menos um ano, poderiam por fim comprar uma casa. Alice tinha dinheiro suficiente na sua conta pessoal para fazer face às despesas das férias no Sri Lanka, mas ainda assim sentia-se um pouco culpada por esbanjar uma quantia tão elevada.

– Por amor de Deus... só se faz trinta anos uma vez na vida! – dissera Maureen, frustrada quando Alice salientou o que sabia que Richard iria dizer assim que lhe contasse acerca da viagem. Até mesmo Steph, que era muito menos exuberante do que Maureen e conhecia o namorado de Alice muito melhor, acenou a sua cabeça loura em concordância. Por um qualquer capricho do destino, Alice e as suas duas melhores amigas tinham nascido em três dias consecutivos do mês de Abril – a um, a dois e a três – e este ano completariam todas trinta anos. Assinalar a ocasião com algo extra-especial fazia todo o sentido, e se Alice fosse honesta, era preciso dizer que a ideia de Maureen era brilhante. Há anos que não viajava com mais ninguém a não ser com Richard, e ele preferia ficar mais perto de casa. O Sri Lanka parecia demasiado exótico e excitante – uma verdadeira aventura e uma viagem que nunca iriam esquecer.

Alice concordara com o plano de Maureen, mas demorara três dias a arranjar coragem para contar a Richard e à mãe sobre isso à mesa do jantar. Três dias que culminaram em tamanho nó de ansiedade que Alice acabara por precisar fazer alguma coisa para dissipá-lo – daí o mergulho. Agora sentia-se uma parva. É claro que Richard, avesso a correr riscos, não se mostrara entusiasmado com a ideia, mas não lhe dissera que não podia ir. Nunca faria tal coisa.

Alice ouviu a porta do escritório fechar-se do outro lado do patamar e pegou no controlo remoto da TV, fazendo pausa no episódio da série *Os Homens do Presidente* no momento em que o namorado surgiu à entrada da porta do quarto. *Parece cansado*, pensou Alice, *adoravelmente cansado, com a franja cor de caramelo de lado e uma nódoa de molho na parte da frente da T-shirt cinzenta*.

– Um bom banho? – perguntou ele, reprimindo um bocejo.

Alice aquiesceu. Ainda sentia o seu espesso cabelo castanho-claro húmido. Teria de entranchá-lo antes de ir para a cama, pensou por breves instantes, passando a mão pelas pontas sedosas. Noutros tempos, Richard ter-se-ia oferecido para lhe fazer isso, mas essa época parecia ter acontecido numa outra vida. Morarem juntos mudou sem dúvida nenhuma a dinâmica do relacionamento de ambos – coisa que Alice sabia que iria acontecer de forma inevitável – mas chegou à conclusão de que ganhara mais do que perdera. Richard podia não ser tão afectuoso para com ela como fora em tempos, mas partilhar uma casa fez que a intimidade dos dois parecesse, de algum modo, mais aconchegante. Estar com ele era fácil.

– Andei a pensar – disse Richard, encaminhando-se na direcção dela e sentando-se na beira da cama. – Também quero fazer algo de especial pelos teus anos.

– Oh? – Alice sentou-se mais direita e cruzou as pernas. Estava a usar o pijama que Richard lhe oferecera no Natal, que era felpudo e coberto de ursos-polares. Perfeito para as temperaturas negativas que haviam chegado gélidas a par dos primeiros dias de Fevereiro.

– Eu sei que tínhamos combinado que iríamos esperar até podermos comprar uma casa, mas.... – Richard fez uma pausa, observando-a mais de perto de modo a avaliar melhor a reacção da namorada.

Alice sabia ao certo o que ele iria dizer, e o seu coração começou a martelar-lhe no peito. Era a mesma sensação que a levava a subir aqueles degraus escorregadios na piscina, o alvoroço que associava à perda de controlo. Alice abriu a boca para falar, mas verificou que as palavras não saíam. A mão de Richard estava agora pousada na sua face, ajeitando-lhe o cabelo atrás da orelha com o polegar, roçando-lhe os dedos no pescoço. Alice estremeceu.

– Acho que quando regressares do Sri Lanka – disse em voz baixa –, deveríamos marcar a data.

Capítulo 4

Alice fez deslizar o guia de viagem do Sri Lanka para dentro da bolsa lateral da mochila e correu o fecho, quase deixando cair o passaporte no chão como consequência. As suas mãos ficaram frias e húmidas de pura excitação nervosa a partir do momento em que o comandante do avião acendeu os sinais luminosos que mandavam apertar os cintos de segurança e anunciou que em breve aterrariam, e agora sentia-se como se o botão que controlava as suas sensações tivesse sido accionado na potência máxima. Arregalou os olhos quando se embrenharam no alegre e movimentado caos do Aeroporto Internacional de Bandaranaike, e as suas narinas estremeceram de prazer ao mesmo tempo que foi acometida por um exército de novos aromas, e os seus ouvidos tilintaram com uma cacofonia de sons.

– Uau! – exclamou Maureen num sussurro, e a sua habitual e jovial linguagem vernácula foi engolida para variar pela confusão que se desenrolava diante delas. – Bastante animado este sítio, não acham?

Steph esfregou os olhos e bocejou de cansaço, com as faces rosadas debaixo dos caracóis louros, que havia prendido num rabo-de-cavalo no alto da cabeça. Enquanto Alice havia passado as onze horas de voo a devorar primeiro um livro e depois vários filmes, a sua amiga mais antiga comera uma refeição, depois colocara a máscara de cetim cor-de-rosa sobre os olhos e adormecera num ápice. Maureen seguiu-lhe o exemplo, mas não sem antes tirar partido do vinho que serviam a bordo como cortesia.

– Dói-me a cabeça – gemeu Maureen, e Alice soltou uma risada divertida.

– Vá lá – disse ela, oscilando com ansiedade nas pontas dos pés. – Vamos passar pelo controlo de passaportes e apanhar um táxi.

Abriram caminho através das multidões tagarelas, apontando maravilhadas para as lojas de fachadas abertas no terminal de chegadas, que vendiam de tudo desde blocos de apontamentos feitos de estrume de elefante até máquinas de lavar roupa. Alice nunca antes tinha visto electrodomésticos à venda num aeroporto, mas parecia que mais ninguém olhava duas vezes ao passar por ali a toda a pressa. Cada rosto local que Alice contemplou exibia um sorriso franco e acolhedor; olhos castanho-escuros enrugando-se de prazer quando lhes retribuía os sorrisos de boas-vindas. Quando chegaram ao fim da longa passadeira, as três raparigas depararam cara a cara com uma enorme estátua de Buda.

– *Selfie!* – gritou Maureen, mas Alice pousou-lhe uma das mãos no braço antes que a amiga tivesse tempo de pegar no telemóvel.

– Não faças isso – avisou-a. – Não podes tirar fotografias de costas para o Buda –, é considerado falta de respeito.

Maureen anuiu com um aceno de cabeça e Alice sentiu o olhar agradecido do guarda de segurança ali próximo cair sobre elas.

– És boa nisto – referiu Steph, enquanto aguardavam na fila do controlo de passaportes. – Fizeste todo o trabalho de pesquisa que nós não fizemos.

Alice encolheu os ombros, constrangida com o elogio. Não queria admitir que desde que concordaram em viajar até ao Sri Lanka tinha estado a ler todo o material a que podia deitar a mão para poder estar devidamente preparada. Elaborara uma lista dos locais que desejava visitar, sublinhara frases na contracapa do guia de viagem para poder comunicar melhor e, de uma maneira geral, mergulhou no estudo de todas as coisas relativas ao Sri Lanka, como se estivesse a banhar-se no país e respectiva cultura. Sentia-se muito satisfeita por ter feito a sua pesquisa sobre o que esperar encontrar no aeroporto, porque assim que viram os passaportes carimbados e se encaminhavam em direcção à saída, os locais caíram sobre elas em massa.

– *Ayubowan*, senhoras. Olá, olá... querem táxi?

– *Tuk-tuk*? Fazer para senhoras preço muito bom.

– Eu levar este saco para si.

Apesar de bastante entusiastas, nenhum dos esperançosos motoristas de táxi se mostrou insistente a ponto de fazer Alice sentir-se apreensiva, por isso sorria mas abanava a cabeça com determinação à medida que continuava a caminhar no meio deles, seguida de muito perto por Maureen e por Steph. Um homem de membros ossudos com barba branca e cabelo desgrenhado puxou-lhe pelas alças da mochila, gesticulando para que Alice lha entregasse.

– *Néhé istouti* – disse-lhe ela com educação. – Não, obrigada.

– Desde quando falas srilanquês? – gritou-lhe Steph, com os nós dos dedos brancos de tanto apertar as alças do saco.

– Na verdade diz-se cingalês – corrigiu-a Alice, e Maureen assobiou em jeito de aprovação.

– Eu sempre disse que esta caixinha de surpresas a fazia pela calada – disse para Steph, evitando por pouco dar uma cotovelada na cara de outro condutor de *tuk-tuk* ao virar-se. Por fim, haviam chegado às portas e Alice respirou fundo antes de sair para o exterior.

– Ufa! – exclamou Maureen, estacando de repente como se o calor súbito e opressivo fosse uma cortina real que tivessem acabado de descerrar na sua frente. Agora que haviam chegado à área reservada aos táxis oficiais, os condutores de *tuk-tuk* que se haviam aglomerado à volta delas apenas alguns momentos antes, fundiam-se por entre a multidão.

– Oh, uau, já me sinto melhor – disse Steph animada, fechando os olhos e descaindo os ombros.

Alice olhou para o telemóvel para ver se o fuso horário tinha sido ajustado. Eram nove e meia da noite em Colombo – quatro da tarde em Inglaterra – e o céu surgia negro, pesado e denso sobre o telheiro branco no exterior do aeroporto. Já estava acordada há mais de trinta e três horas, mas não se sentia nem um pouco cansada. Muito pelo contrário, Alice sentia-se como se fosse capaz de levantar voo e desatar a correr por entre as ruas apinhadas da capital, tal como costumava fazer nas águas das piscinas do seu país, até ao hotel que haviam reservado para passar a noite. Na manhã seguinte, iriam percorrer de carro o Triângulo Cultural, onde a aventura real teria, de facto, início.

– Terra chamando Alice no País das Maravilhas!

Steph estava a chamá-la da porta aberta de um táxi, estupefacta como sempre pela capacidade da amiga para entrar em transe sem o mínimo esforço. Alice estugou o passo na direcção dela e entregou a pesada mochila ao condutor que aguardava. Agradecendo-lhe quando este enfiou o saco no porta-bagagens, entrou no carro e sentou-se ao lado de Steph.

Maureen, que optara por se instalar no banco da frente, virou-se para trás de modo a encará-las.

– Então, as meninas estão satisfeitas por eu ter sugerido esta viagem, ou quê? – perguntou.

Alice dirigiu-lhe um sorriso radioso.

– Maur – declarou, apertando o cinto de segurança quando o motorista pôs o carro a trabalhar. –

Estou tão feliz que estava capaz de te beijar.

Maureen afivelou um sorriso malicioso.

– A propósito, isso fez-me lembrar – disse ela – que nunca te contei sobre o último homem com quem saí.

Alice ergueu os olhos quando o carro começou a movimentar-se devagar e se juntou ao fluxo de trânsito.

– Estás a referir-te àquele mecânico, certo?

Maureen anuiu com um aceno de cabeça, embora já fosse óbvio pela expressão dela que o seu mais recente conto de fadas pescado no Tinder não estava fadado a um fim feliz.

– As unhas dele eram imundas até dizer chega – resmoneou a rapariga, estremecendo só de pensar nisso. – E quando lhe perguntei quais eram os seus passatempos preferidos, disse-me que tocava acordeão.

– *Trol!* – exclamou Steph, abafando uma risada e praguejando em seguida ao tentar soltar os óculos escuros emaranhados no meio dos seus caracóis rebeldes. O pouco tempo que tinham passado à mercê da humidade selvática já havia transformado o seu cabelo numa autêntica estopa.

– Eu sei! – Maureen pareceu horrorizada só de pensar nisso. – Por que não poderia ter sido um saxofone? Os saxofonistas são *sexy* como um raio.

Alice corou ao encontrar os olhos do motorista no espelho. Por alguma razão, sentia-se incomodada com o rumo que a conversa estava a tomar, em especial estando o condutor a ouvir.

– Estão a perder toda a paisagem – disse, encolhendo-se quando um autocarro abarrotado de gente quase veio embater neles. Colombo era um tumulto de cor, barulho e bulício, com as buzinas ensurdecedoras dos carros e dos *tuk-tuks*, as bicicletas bamboaleando-se de forma precária no meio do trânsito, e um grande número de cães vadios deambulando ao longo da berma da estrada. Toda a gente por quem passavam nas ruas iluminadas da cidade vestia-se em tons vibrantes de vermelhos, amarelos cor do sol ou verdes profundos e vivos. Havia confusão, caos, lixo, gritos e música, mas quando Alice esborrachou o nariz de encontro ao vidro da janela do carro e absorveu tudo aquilo, pôde sentir também uma harmonia no meio da loucura.

Maureen lamentava-se agora numa persistente ladainha subsequente em relação ao seu mecânico tocador de acordeão, que fez Alice rir. No que dizia respeito às suas vidas amorosas, as duas amigas procuravam coisas bastante diferentes. Maureen queria sair e arranjar um homem com casa própria, carro, negócio e, de preferência, já com filhos, pois tal como ela dizia com o maior pragmatismo: «A gravidez arruína-nos o corpo.» Steph, por outro lado, esperava com grande determinação ser

descoberta por aquele que considerava *o Tal*, uma criatura mítica aparentemente sem maus hábitos, com uma predisposição férrea para ter pelo menos seis filhos, tal como ela explicava com toda a doçura, «Um pirilau do qual se orgulhar com garbo». Alice, é claro, já encontrara o companheiro da vida toda quando tinha apenas dezoito anos, por isso nunca dispusera de muito tempo para pensar em mais ninguém. Richard sempre estivera ao seu lado em todas as situações – acompanhara-a ao longo do curso universitário, perdoara-lhe quando necessitava de perdão e apoiara-a uma vez por outra quando a mãe dela passava das marcas. Uma vida sem que Richard fizesse parte era impossível de imaginar.

– Quem me dera que pudéssemos percorrer o Sri Lanka de cabo a rabo neste carro – suspirou Maureen, que se aconchegou nos bancos de couro do táxi como uma gata bem-aventurada.

– O quê? E perder todas aquelas viagens de comboio com cinco e seis horas de duração? – gracejou Alice.

– Nem me lembres disso. – Maureen revirou os seus olhos verde-claros. – Mal consigo suportar a viagem de dez minutos no metro desde Stratford até ao escritório, por isso não fiquem admiradas se começar a chorar e aos gritos ao fim de uma hora de viagem.

Steph repreendeu-a.

– Não sejas parva... vai ser o máximo. E de que outra maneira achas que iremos conhecer homens se ficarmos encurraladas num carro umas com as outras o tempo inteiro?

– Há outras coisas na vida além de homens – disse Alice em ar jocoso, fazendo questão de recordá-lo às duas raparigas.

– Para ti é muito fácil falar – replicou Maureen, com um toque de humor bailando-lhe nas feições. – Tens o adorável Richard à tua espera em casa. Há meses que não conheço ninguém que valha a pena um segundo encontro.

– Nem eu – disse Steph. – O homem dos meus sonhos pode estar aqui no Sri Lanka, só à espera que eu o encontre.

Alice, que não considerava o jogo dos encontros amorosos como uma caça ao tesouro em que os homens eram os troféus, manteve a boca prudentemente calada e deixou que Maureen e Steph prosseguissem a conversa sem a sua interferência. Sabia que, para as amigas, ela deveria ter a vida muito bem resolvida. Vivia com um homem que era carinhoso, que a amava e que, coisa que ambas ainda desconheciam, queria casar com ela – mas o que não conseguiam ver era a sensação incómoda, e bastante profunda, de que havia algo que não estava muito bem com ela e com a vida que escolhera. Desde que Richard mencionara a marcação de uma data para o casamento, Alice sentiu como se cada um dos seus membros tivesse sido amarrado num feixe de balões de hélio. Não era capaz de se fixar ao chão, por mais que tentasse.

Quebrando o protocolo do carro com ar condicionado, abriu a janela do táxi para poder aspirar o ar fragrante, e foi assaltada pelo aroma doce e intenso de madeira a arder.

O que estava a sentir devia ser um mero caso de apreensão, de frio na barriga. Casar era o passo seguinte mais lógico para ela e para Richard, e era o que queria, por mais nervosa que isso a fizesse sentir.

Capítulo 5

– Alice. Alice, acorda.

Alice endireitou-se de um salto e sentou-se como se tivesse levado um choque de um *Taser* e constatou que Steph estava a bater-lhe na perna.

– O qu... – começou por dizer, piscando os olhos a fim de espantar o sono. Fora do carro estava escuro como breu.

– Quando se pôs o Sol? – perguntou desorientada, esticando os braços à sua frente e sorrindo com satisfação quando ouviu as articulações estalarem. Depois do voo longo, do táxi do dia anterior do aeroporto até ao hotel e da gigantesca viagem *cross-country* de Colombo até Habarana, Alice percebeu que sentar-se implicava um esforço hercúleo da sua parte.

– Oh, há cerca de uma hora. Vidu diz que estamos quase a chegar... não é verdade, Vidu?

O motorista que as conduzia rosnou algo em concordância.

– Babaste-te no meu ombro – acrescentou Steph, apontando para uma mancha húmida na parte de cima do seu colete verde. – Mas tinhas um ar tão tranquilo, que não quis empurrar-te.

– Desculpa – disse Alice, esforçando-se por limpar sem grande êxito a zona húmida com os dedos.

– Não posso acreditar que tenha adormecido.

– Foi um lindo pôr do Sol – admitiu Steph. – Mas haverá muitos mais, por isso não te preocupes.

– Hum-hum – murmurou Alice, continuando a abanar a cabeça de modo a espantar as teias de aranha da exaustão. Era impossível ver alguma coisa através da janela a não ser a Lua, que se encontrava em quarto crescente e com brilho suficiente para deixar Alice com lágrimas nos olhos ao contemplá-la.

No banco da frente, Vidu murmurou algo em cingalês e deu uma guinada abrupta na estrada, esquivando-se por uma unha negra a uma tabuleta enferrujada semioculta por detrás da densa folhagem e travando a fundo à medida que o carro começava aos solavancos passando por cima dos buracos da estrada.

– Calma aí, Vidu! – riu-se Maureen atrás dele, agarrando-se ao painel de instrumentos do carro num gesto teatral como se estivesse numa montanha-russa. – Sou demasiado solteira para morrer!

– Estrada accidentada! – anunciou Vidu, sorrindo ao mesmo tempo que se agarrava ao volante, e em breve Alice avistou umas luzes que surgiam mais adiante. À medida que se aproximavam, uma fiada de chalés de um único piso tornou-se visível, cada um deles com uma porta numerada. Um alpendre de madeira estendia-se a todo o comprimento do lado exterior, e havia pequenas mesas e cadeiras ao lado de cada entrada.

Vidu estava a descarregar as bagagens das raparigas quando um homem alto e de uma extrema magreza com um nariz comprido surgiu sem fazer ruído de entre as árvores, esgueirando-se para

saudá-las.

– *Sadarayen piligannawa* – sussurrou o homem. – Bem-vindas.

Alice juntou as palmas das mãos numa saudação e ficou encantada quando ele lhe seguiu o exemplo. O homem era bastante diferente de todos os outros cingaleses que vira até então, e dava a ideia de que encolheu de tamanho quando se pôs ao lado delas. Tinha o cabelo todo grisalho e vestia-se – de forma nada característica para um habitante local – de preto da cabeça ao pés. Fez lembrar imenso a Alice a personagem Lurch de *A Família Addams*, e foi obrigada a reprimir um desejo súbito de se rir.

Enquanto Maureen se encarregava de recompensar Vidu com uma generosa gorjeta, o homem alto fez sinal a Alice e a Steph para seguirem em frente apontando com um dedo esguio e levou-as até ao quarto onde passariam as próximas duas noites. Era rudimentar, com uma cama de casal e uma pequena cama individual, que Alice arrebatou de imediato. Mexia-se muito a dormir, e a sua efervescente ansiedade fazia que afastasse as cobertas a pontapé e se remexesse na cama quase todas as noites, por isso evitava partilhar a cama com outras pessoas com excepção de Richard. Ele, pelo menos, já se habituara. Havia também no quarto um sofá com ar desconfortável, uma mesa e uma casa de banho rudimentar. Alice adorou. O hotel moderno onde haviam passado a noite em Colombo era agradável, mas não lhe parecera de especial autenticidade. Este lugar, que as três haviam descoberto nas profundezas do *site* Booking.com, era o que esperara encontrar e, agora que ali estavam, Alice descobriu que não era capaz de parar de sorrir.

– Jantar? – grunhiu Lurch, pairando à porta aberta do quarto que nem um espectro.

– Sim, por favor – respondeu Steph, batendo as palmas só de pensar em comida. O pequeno-almoço no *buffet* do hotel parecia ter sido há muito tempo, e tudo o que haviam comido ao almoço foram pacotes de batatas fritas que tinham comprado em bancas na beira da estrada.

– Às nove horas – disse-lhes o homem na sua voz estranha e roufenha, antes de se retirar.

Alice atravessou o quarto até ao sítio onde Steph se encontrava a contemplar horrorizada ao espelho o seu cabelo esturricado pela humidade.

– Belisca-me – instruiu-a Alice.

Steph não se mexeu.

– O quê? Porquê?

– Porque tenho a certeza absoluta de que ainda estou a dormir e acabei de sonhar com aquele homem.

Steph soltou uma gargalhada e a sua expressão transformou-se no vidro manchado do espelho.

– Será que ouvi a palavra «homem»? – indagou Maureen, que acabara de entrar pela porta, algo curvada sob o peso da mochila.

Alice começou a explicar, mas Maureen calou-a com uma palmada.

– Não há tempo para isso – disse-lhes, atirando com o saco para cima da cama de casal e abrindo o fecho de uma bolsa após a outra.

– Merda, onde raios a pus?

– Onde puseste o quê? – perguntou Alice, curvando-se para desatar os atacadores dos ténis.

– A minha bolsa de maquilhagem – replicou Maureen, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

Alice pensou no rímel solitário encafuado no fundo do seu estojo de viagem. Era raro preocupar-se com maquilhagem nos dias que corriam. Fazia-lhe lembrar uma época em que a cicatriz dominara a sua vida, e se sentia demasiado insegura para sair de casa sem aplicar várias camadas de base *Maybelline*. Assim como assim, pensou, enxugando as gotas de humidade no lábio superior com a bainha da *T-shirt*, o *Sri Lanka* era demasiado quente para se usar base.

– Pareço a Monica naquele episódio da série *Friends* quando viajaram todos para Barbados – lamuriou-se Steph, que continuava na frente do espelho, puxando com desespero os seus caracóis em frangalhos.

Alice abriu a boca para protestar e depois voltou a fechá-la. A descrição de Steph era sem dúvida correcta.

– Cá está ela! – gritou Maureen, segurando bem alto a bolsa dos cosméticos como se fosse um troféu e levando-a com toda a reverência para a casa de banho. Era impensável que ela fosse fazer-se ao Lurch, pensou Alice, esfregando a cabeça. Nada disto fazia qualquer tipo de sentido.

Preparava-se para apanhar o cabelo num coque e lavar a poeira do dia da cara, quando Maureen voltou a entrar no quarto que partilhavam de sutiã e calções, tresandando a perfume e usando uma quantidade suficiente de batom vermelho capaz de fazer parar o trânsito.

– Está certo. – Alice levantou as mãos. – Desisto. Que raios está a acontecer aqui? Para que estão a aperaltar-se todas?

– Achas que o batom é exagerado? – perguntou Maureen, dirigindo a pergunta a Steph e não a Alice.

– Depende – replicou Steph, sem se virar para olhar – do objectivo a que se destina.

– O objectivo não... quem! – disse-lhes Maureen, nitidamente exasperada. – O que se passa com vocês... não repararam naqueles dois borrachos quando chegámos?

– Eu cá só vi o mordomo de *A Família Addams* – informou-a Alice. – A menos que tenhas convencido o Vidu a ficar para tomar uma bebida...

Steph começou a rir, abandonando o pente no meio dos caracóis indisciplinados.

– Confia em mim – disse Maureen, tirando um *top* lavado da mochila e enfiando-o pela cabeça. – Há dois homens lindos de morrer sentados a uma mesa ao virar da esquina, e cada momento que passamos dentro deste quarto é um momento que desperdiçamos. Agora, toca a mexer!

– Mas o meu cabelo... – começou Steph a dizer, mas Maureen já estava a atirar uma fita na direcção da amiga.

– Prende-o – instruiu-a, e depois virou-se para Alice.

– Não vais mudar de roupa?

Alice já havia planeado com antecedência o que iria usar em cada dia da estada delas, e colocara tudo por ordem dentro da mochila. Só de pensar em vasculhar o saco todo agora à procura de um vestido parecia-lhe uma coisa ridícula.

– Nã – retorquiu, enfiando os dedos dos pés a esquentar umas havaianas. – Se parecer uma mendiga, então vocês as duas vão ter muito melhor ar ao pé de mim.

– Não conseguirias ter o ar de uma mendiga nem se te esforçasses para isso – declarou Steph com lealdade, mas também ela estava a aplicar maquilhagem.

Mas que graxa da treta, pensou Alice. Toda esta agitação e preparação para dois tipos ao acaso que nunca haviam visto mais gordos e que o mais provável é que não voltassem a ver depois desta noite. O único romance de férias em que Alice demonstrava um interesse remoto em ter era com o Sri Lanka, e não conseguia começar a imaginar conhecer uma pessoa que pudesse encantá-la e enfeitiçá-la tanto quanto este país já o fizera.

Capítulo 6

Max

*Se eu morrer,
Recorda-me inteiro,
Não dilacerado e destroçado,
Privado da minha alma...*

Max vira as raparigas chegarem; reparara quando os faróis do carro ficaram distorcidos pela massa de vegetação rasteira que se situava entre os chalés e a estrada. As rodas do veículo rangeram sobre o acesso de cascalho, fazendo-o lembrar de um passado agora remoto – um tempo em que um caminho empedrado lhe parecia traiçoeiro, o rebordo aguçado de cada seixo uma armadilha à espera de se fechar de um salto. Levando a mão ao pulso num gesto instintivo, sentiu a banda elástica grossa entre os dedos. Estava sempre ali, um conforto e uma necessidade, e apaziguava-lhe a mente senti-la, esticada de encontro à pele.

Ouviu o carro parar e o som de portas a abrir-se. Não conseguia ver os ocupantes do lugar onde ele e Jamal se encontravam sentados, com duas garrafas de cerveja escorrendo gotas de condensação para cima da mesa de tampo de madeira na frente deles, mas podia ouvir as suas vozes. Três mulheres britânicas, pelo que conseguiu identificar, uma muito mais expansiva do que as outras. E a avaliar pelos grunhidos e gemidos suaves, estaria capaz de apostar que cada uma delas trazia uma pesada mochila a reboque. Até Max ficara surpreendido com o peso da bagagem, apesar de ter bastante prática na arte de carregar tralha de um lado para o outro.

Perguntou-se se este seria o início ou o fim da viagem das raparigas. Sabia que alguns turistas optavam por começar a visita pela região do Triângulo Cultural do Sri Lanka, ao passo que outros rumavam a sul e se dirigiam directos para as praias – um pouco de descanso e de relaxamento antes de atacarem as montanhas e os trilhos mais para norte. Umas férias na praia era coisa que não interessava Max nem um pouco – já ficara deitado tempo mais do que suficiente.

Uma imagem da mãe perpassou-lhe pela mente quase de forma despercebida, e Max pegou na cerveja e bebeu um trago ao recordar-se, uma vez mais, da conversa tensa que haviam tido na manhã em que partira. Ela não compreendia esta necessidade que ele tinha de ir até ao Sri Lanka e explorar. Queria puxar por si até ao limite das suas forças, mas também precisava afastar-se – dela mais do que de qualquer outra pessoa. Estar em casa estava a sufocá-lo com lentidão, e só agora que ali estava é que Max sentiu que conseguia respirar de novo. Irónico, na verdade, considerando o quanto o ar era húmido no Sri Lanka. Já sabia que seria quente, claro que sabia, mas não tinha levado em linha de conta a quantidade de humidade que o faria suar.

Afastou o tecido húmido da *T-shirt*, que começara a colar-se às suas costas, e sorriu. Jamal, sentado na sua frente, arqueou uma sobrancelha escura em ar de interrogação. Jamal nunca parecia transpirar, o sacana sortudo.

– Não me digas que estás a ficar outra vez transtornado com a minha presença? – gracejou Jamal, brincando com o rótulo da sua cerveja *Lion Lager*.

– Bem, sou apenas humano – troçou Max, e foi presenteado com um sorriso fácil.

Jamal estava sempre a sorrir – o seu sorriso era o seu maior trunfo. Max ainda era capaz de se lembrar da primeira vez que o havia visto, e nessa altura não parecia ter restado nada que merecesse um sorriso. Com o passar do tempo, é claro, aprendeu que havia imensa coisa. Só era preciso saber onde procurar. Max sabia que havia mais coisas boas no mundo do que más, e havia visto algumas das atitudes mais sinistras e obscuras que um homem pode presenciar. O truque consistia em limitar-se a concentrar-se no que ainda havia no copo – a quantidade que restava mesmo quando aquilo que acreditávamos ser a essência já se havia esgotado. Sempre haveria amanhã – caramba, sempre havia o agora.

Max ouviu uma porta a fechar-se com estrondo e inclinou a cabeça na direcção do som. *Alguns hábitos nunca se perdem*, pensou. Talvez devesse escrever sobre eles, sobre esses instintos banais. Tentar exprimir em palavras a maneira como eles espreitavam e se esgueiravam como bombas por explodir através do percurso da sua vida por percorrer. Uma analogia infeliz, porém precisa. O que diria Jamal, reflectiu, se tirasse o bloco de apontamentos e o lápis do bolso traseiro das calças e começasse a escrevinhar os versos de um novo poema? Será que o amigo troçaria dele? Não. Max tinha a certeza de que Jamal não faria outra coisa a não ser encorajá-lo. No entanto, ainda não estava pronto para partilhar essa faceta da sua personalidade com ninguém. Ainda não.

– Ergue os olhos – disse Jamal, largando a garrafa tão depressa que esta girou ao de leve no mesmo lugar. – Temos companhia.

Max pestanejou, apenas uma vez, embora mais tarde se recordasse disso como uma pausa muito mais profunda. Isto porque mais tarde haveria apenas o Antes e em seguida haveria para sempre o Depois.

Capítulo 7

Alice reparou primeiro nos olhos dele. Eram encovados, simétricos, e pareciam quase negros por debaixo das sobrelhas espessas e direitas. Tinha cabelo castanho, talvez um tom ou dois mais claro do que o seu, e era todo curto excepto numa parte sobre a testa que ele costumava afastar para o lado. Alice imaginou-o defronte de um espelho, com gel no meio dos dedos que depois passava através das madeixas de cabelo num movimento único e experiente. O seu maxilar era forte, definido e bem implantado, o lábio inferior era carnudo numa boca que se arqueava para cima ao de leve nos cantos. Não se podia chamar a isso um sorriso, mas havia ali uma abertura, um vestígio de divertimento, uma gargalhada prestes a ser soltada.

Havia uma generosa quantidade de barba rasa espalhada pelo maxilar, mas tinha um ar mais deliberado do que descuidado, e quando Alice olhou para ele, o desconhecido ergueu uma das mãos como se fosse afastar algo incómodo. Também estava a observá-la, segundo ela percebeu, apressando-se a baixar os olhos e sentindo o rubor subir-lhe às faces.

– Minhas senhoras.

Estas palavras foram proferidas pelo outro homem que se encontrava na mesa, e então Alice virou a cabeça deparando com uns olhos escuros, uma pele escura e um sorriso rasgado e afectuoso.

Uma entusiástica Maureen encarregou-se das respectivas apresentações.

– Olá, eu sou a Maur... bem, Maureen, mas toda a gente me chama Maur¹, nem mais nem menos. – Um cacarejo. – E estas são Steph e Alice. Vocês também acabaram de chegar? Demorámos uma eternidade a chegar aqui. Viemos de carro de Colombo, passámos pelo orfanato dos elefantes... Já lá foram? Oh, estão a beber cerveja... graças a Deus! Sinto-me capaz de assassinar por uma cerveja. Onde foi o homem?

Lurch surgiu atrás deles através da fresta da porta parcialmente aberta tão depressa que podia muito bem ter estado ali de atalaia, à espera.

– Ah, aí está você! – exclamou Maureen com jovialidade, apontando para as cervejas em cima da mesa. – Pode trazer-nos mais três destas, por favor?

Lurch assentiu com um aceno de cabeça, antes de se esfumar no ar uma vez mais. Alice combateu a compulsão de rir outra vez. Por alguma razão, estava a sentir-se atordoada e de uma leveza incrível, e bateu com força com o cotovelo na mesa com a pressa de se sentar.

– Merda! – resmungou, esfregando o sítio magoado. Por que motivo as pessoas se referem ao cotovelo como o osso divertido quando era tudo menos isso, nunca seria capaz de compreender.

– Chega-te mais para lá – disse Steph, que queria sentar-se ao lado dela, e Alice arrastou-se pelo banco até ficar quase ao lado do homem para quem havia sido apanhada a olhar. Este envergava

umas calças largas de fato de treino azuis e uma *T-shirt* preta, que Alice não pôde deixar de reparar que se colava ao peito e aos braços dele.

– Está tudo bem aí? – perguntou o desconhecido, e os olhos de ambos voltaram a encontrar-se.

Havia uma franqueza nele que Alice nunca havia encontrado antes, e sentiu-se dominada por uma absurda incapacidade de falar por um momento.

– Sim – conseguiu responder por fim. – Obrigada.

O homem respondeu-lhe com um meio sorriso.

– Então, como se chamam? – perguntou Maureen.

Escolhera a única cadeira vazia, que ficava na diagonal em frente do homem com um rasgado sorriso.

– O meu nome é Jamal – disse este. – E este rapaz aqui chama-se Max.

– Que idade têm vocês? – Maureen prosseguiu com atrevimento.

– Maur! – gritou Steph divertida. – Não podes perguntar a idade de uma pessoa assim sem mais nem menos.

Max ergueu os ombros e deixou descaí-los e Alice foi bafejada por uma baforada de *after-shave* apimentado.

– Não me incomoda – declarou. – Mas se vos dissermos, suponho que é muito justo que as senhoras também o façam.

– Vocês primeiro – exigiu Maureen, com os olhos verde-claros semicerrando-se num ar provocador ao percorrê-los pelo rapaz.

Alice agitou-se no assento, incapaz de encontrar uma posição confortável, de súbito ciente não só de cada membro como também da disposição exacta dos seus traços faciais. O *top* que usara o dia inteiro fazia-lhe comichão na pele e os calções de ganga eram demasiado apertados.

– É muito justo. – Max passou os dedos pela garrafa de cerveja ao mesmo tempo que olhava para Maureen do outro lado da mesa. – Tenho trinta e três anos.

– E eu trinta e sete – acrescentou Jamal, sorrindo quando todas elas olharam para ele surpreendidas. – Eu sei, eu sei, não pareço. Deve ser por causa daquele *Óleo Olay* que fano à minha mãe.

– Se é isso que usas, vou encomendar um fornecimento que dure para a vida toda – declarou Steph, e Jamal presenteou-a com um sorriso radioso, demorando um pouco mais os olhos, segundo Alice reparou, do que seria necessário.

Maureen explicou que o facto de as três completarem trinta anos era a razão da viagem, e enquanto falava, Lurch regressou com uma bandeja de cervejas e uns quantos talheres, que dispôs na frente deles.

– Não creio que haja aqui algo semelhante a uma ementa – retorquiu Max, virando-se para Alice. – Acho que nos limitamos a comer o que nos servirem.

– Por mim tudo bem. – Alice sustentou o olhar dele com coragem. – Ando ansiosa por experimentar um pouco da culinária do Sri Lanka. O hotel onde ficámos a noite passada era agradável, mas não tinham muita variedade de coisas tradicionais.

Max assentiu com a cabeça, em sinal de compreensão.

– A comida é uma parte importante da experiência.

Alice relaxou por uma fracção de segundo.

– Já viajaste muito? – perguntou, embora a resposta fosse óbvia.

Havia algo neste homem que exsudava mundanidade; era capaz de percebê-lo nas rugas à volta dos olhos e na expressão bastante pensativa na cara dele ao ponderar na pergunta que ela lhe fizera.

– Suponho que sim – replicou. – Embora talvez não para nenhum lugar que escolhesses ir.

– Oh? – começou Alice por responder, mas Maureen atalhou a conversa.

– O Jamal acaba de nos convidar para ir a Sigiriya amanhã – disse para Alice. – Esse é o lugar com aquele rochedo enorme, não é?

É um bocadinho mais do que apenas isso, pensou Alice, mas optou por não entrar em mais pormenores. Tinham planeado visitar primeiro os templos da gruta na vizinha Dambulla, seguindo depois o passeio talvez por uma viagem de carro até à antiga cidade de Polonnaruwa, mas supunha que a ordem por que visitassem os lugares não teria grande importância. Sigiriya era um dos sítios que queria visitar acima de qualquer outro enquanto ali estivessem, seguido de perto apenas pelo Pico de Adão, a montanha no centro do país que era típico escalar de noite para se poder admirar o nascer do Sol no seu cume. Alice deparara-se com esse lugar durante as pesquisas que efectuara sobre o Sri Lanka e convenceu Steph e Maureen que não podiam perder essa visita. A mera ideia de se encontrar a tamanha altitude deixava-lhe o coração mais leve.

Ouviu-se a concordar de forma incondicional com o plano de Sigiriya antes de o seu cérebro ter um tempo adequado para pensar na maneira como Richard reagiria. Ele confiava nela, claro que sim, mas homem nenhum ficaria entusiasmado com a ideia de a namorada passar tempo com um homem desconhecido nas férias. Mas também, pensou com obstinação, este não era um pacote de férias normal, com voos fretados e visitas turísticas organizadas – iam à aventura de mochila às costas, como verdadeiros viajantes, por isso as regras eram diferentes.

Talvez, sussurrou uma voz bem lá no fundo, fizesse mais sentido não contar nada a Richard sobre Max e Jamal. Pelo menos por enquanto. De que adiantaria preocupá-lo quando se encontrava tão longe dali?

– Ela costuma fazer isso – disse Steph com afecto, trazendo Alice de volta ao momento presente. A amiga debruçava-se sobre ela para falar com Max, que, por sua vez, examinava Alice divertido e com atenção. – Desaparece dentro do seu mundinho no meio de uma conversa. Tenho tendência a chamar-lhe *Alice no País das Maravilhas*, porque ela está sempre mergulhada num mundo de fantasia.

– *Alice no País das Maravilhas*, hem? – Os cantos da boca de Max ergueram-se. – Gosto disso.

Não havia nada que Alice pudesse dizer em sua defesa; era tudo verdade. Ao invés, concentrou-se em beber um pouco mais de cerveja.

Lurch chegou com pratos de comida e copos de sumo de papaia, que era espesso, opaco e viscoso e sabia bastante ao que Alice imaginava que poderia saber a água estagnada depois de lavar a loiça, se estivéssemos inclinados a prová-la. Esperaram até que o homem voltasse para dentro para exclamar em vozes sussurradas o aspecto repugnante que aquela coisa tinha, rindo-se quando todos concordaram em emborcar a bebida mesmo assim, para não ofender o anfitrião. Por sorte, o caril de

legumes caseiro que vinha a acompanhar a zurrapa possuía um sabor delicado e as especiarias frescas fizeram que as papilas gustativas de Alice vibrassem de prazer. Ao contrário da mistela que estava acostumada a comprar no *takeaway* local na sua terra, o caril de Lurch continha feijão crocante, milho e tomates maravilhosamente doces, e era muito saboroso e não era picante.

Max comeu com rapidez, pegando numa das mãos com uma colher para comer o arroz e o caril enquanto a outra ficava pousada no colo. Alice reparou que havia uma banda elástica à volta de um dos seus pulsos, e uma fina corrente de ouro desaparecia sob a parte da frente da sua *T-shirt*. Alice não usava jóias com frequência, também não tinha muitas a não ser alguns pares de brincos de espigão simples, e nesse momento deu uma olhada aos dedos nus da sua mão esquerda, tentando imaginar como ficaria uma aliança ali. Um aro de ouro com um diamante engastado – uma jóia que anunciava ao mundo que estava comprometida, que havia sido escolhida para ser a mulher de Richard.

Alice pestanejou e desviou o olhar.

– Estás a sentir-te bem? – perguntou Max numa voz baixa o suficiente para que só ela pudesse ouvi-lo. Baixara a boca até à orelha dela, que sentiu a respiração quente do rapaz junto da face.

Alice anuiu, de súbito subjugada por uma bizarra compulsão em contar-lhe o que estava a pensar naquele momento. Apesar da proximidade inabitual com um homem que não era Richard, Alice não se sentiu incomodada por estar tão perto de Max. Sentiu algo, mas não era uma emoção – era mais uma sensação. Algo dentro de si que de forma inexplicável a acalmava e a fazia sentir-se em segurança. Como seria possível sentir-se tão à vontade com um completo desconhecido?

– Estava só a pensar em Sigiriya – mentiu. Era mais fácil mentir. – Espero conseguir chegar ao topo.

– Eu também – concordou Max, pegando na cerveja apenas para se recordar de que já a havia bebido toda.

Alice simulou contemplá-lo de alto a baixo.

– Pareces-me estar em óptima forma – disse, corando com aquela deslealdade involuntária para com Richard. – Aposto que fazes a subida com uma perna às costas, enquanto o diabo esfrega um olho.

Max sorriu com o comentário, mas o sorriso não lhe chegou aos olhos. Agora que estava sentada tão perto dele, Alice pôde ver que eram azuis, tal como o seus.

– As aparências podem iludir – replicou Max, arrancando um bocado do rótulo da garrafa.

Alice teve a sensação de que de algum modo fizera que ele lhe fechasse uma porta, mas não podia ter a certeza. Será que estava a ser demasiado intrometida? Teria ficado ofendida se Max tivesse feito algum comentário sobre o seu físico; então por que achou que seria aceitável fazer o mesmo com ele?

– Não era minha intenção... – começou Alice por dizer um pouco sem jeito, interrompendo-se antes de acrescentar a palavra «aborrecer-te». Como podia tê-lo aborrecido? Estava a ser ridícula.

– Então, porquê o Sri Lanka? – perguntou Max, mudando de assunto com sensatez. – De entre todos os lugares que há neste mundo, o que vos arrastou para cá?

– Foi ideia da Maur – respondeu Alice, apontando para a amiga de cabelo escuro. – E devo admitir que foi uma ideia inspirada. Só aqui estamos desde ontem à noite e já estou a adorar tudo.

Saboreou outra colherada de caril e sorriu-lhe.

– E vocês?

Max reflectiu na pergunta por alguns momentos e, enquanto esperava que ele lhe respondesse, Alice descruzou as pernas pegajosas debaixo da mesa e acabou por lhe dar um valente pontapé na canela.

– Fod... quero dizer, ups – deixou escapar, afastando-se para longe dele. – Peço imensa desculpa.

Max nem pestanejou.

– Não senti nada – retorquiu, e sorriu-lhe com tanto ardor que Alice não pôde evitar pagar-lhe na mesma moeda. Alice teve a sensação de que o ar entre ambos crepitou de energia, e sentiu-se aliviada quando Jamal distraiu Max com uma sugestão de mandarem vir mais cervejas.

Então Maureen retomou a conversa do ponto onde Alice a havia deixado, e Max contou-lhes que o Sri Lanka encontrava-se na sua lista de prioridades há muito tempo – em especial porque também ele queria escalar o Pico de Adão.

– Conhecemos um tipo cingalês chamado Senura no último sítio onde ficámos – disse. – Ele disse-nos que escala o pico todos os anos com a sua avó de oitenta e seis anos.

– Oitenta e seis? – exclamou Alice.

– Incrível, não é? – Max riu-se. – Os cingaleses dão ao Pico de Adão o nome de *Sri Pada*, que julgo que pode traduzir-se por «pegada sagrada», ou coisa que o valha.

– Com efeito – confirmou Alice. – Dependendo da religião que se professe, tanto é a pegada de Buda como de Xiva ou de Adão.

Max estudou-a com um novo respeito.

– Não há dúvida de que sabes do que falas. És historiadora?

Alice abanou a cabeça e estava prestes a dizer-lhe qual era na realidade a sua profissão, quando Maureen os interrompeu.

– É curioso teres dito isso – disse para Max. – O namorado da Alice é professor de História. Aposto que é a ele que devemos agradecer pelos conhecimentos todos dela.

– Qual é? – admoestou-a Alice. – Só para teu governo, descobri tudo isto sozinha.

Foi acometida por um misto de culpa por não ter sido ela a introduzir Richard na conversa, e irritação para com Maureen por tê-lo feito. Não deveria ter importância o facto de Max e Jamal saberem da existência do seu namorado, mas por alguma razão Alice desejou que não soubessem. Pelo menos por enquanto. Em casa, estava muito habituada a ser uma das metades de Ali e Rich, e uma parte de si ansiara por ser apenas Alice durante uns tempos.

Lançou um olhar de esguelha a Max, perscrutando-lhe o rosto em busca de uma reacção, e quando ele sentiu os olhos dela pousados em si e se virou, Alice baixou o queixo para que o cabelo lhe caísse sobre o lado da cara onde tinha a cicatriz. *Os velhos hábitos nunca se perdem*, pensou.

Distraiu-se pegando na cerveja, bebericando-a e voltando a pousá-la. Esticou as pernas, riu-se de algo que Maureen estava a dizer, brincou com os talheres sobre o prato vazio. Contudo, quando não resistiu a lançar outro olhar furtivo a Max, verificou que este estava a sorrir-lhe. Pôde perceber que

Alice se sentia incomodada, e estava a dar o seu melhor para fazer que ela se sentisse mais à vontade. E, para surpresa de Alice, descobriu que Max havia conseguido.

¹ Trocadilho com o nome da personagem, que pronunciado soa idêntico a *more* (mais, em inglês). À letra, a tradução da frase seria: *Maur, não menos*. No entanto, para fazer algum sentido em português, optei pela expressão *nem mais nem menos*. (*N. da T.*)

Capítulo 8

Max

*Se eu morrer,
Fica a saber que foi em vão,
Teria sofrido,
Teria havido dor...*

O sonho sempre começava da mesma maneira, com luz e com gargalhadas, seduzindo-o com a sua promessa descomplicada de felicidade. Os membros de Max acalmavam, o seu coração sossegava e ele deixava-se levar flutuando no momento, entrando no calor das suas recordações imaculadas daquela altura.

Durante muito tempo, Max não tivera a certeza se possuía alguma onde aventurar-se. Era como se aquilo que veio depois tivesse erradicado todo o bem, como um punho deixado cair com força sobre uma vela a arder, extinguindo toda a claridade. Com o tempo, contudo, aprendeu como olhar para trás e procurá-las, como contemplar através dos espinhos escuros do horror e encontrar manchas de alegria pura e sincera. Isto porque nem tudo havia sido terrível; nem tudo fora em vão.

Contudo, assim que cedia, que libertava o medo e emergia nas águas rasas do sonho, o mundo de Max transformava-se e rodopiava em todas as direcções. Um lampejo incandescente, gritos, dor, tanta dor, dilacerando-lhe o corpo como se a sua alma estivesse em chamas, atirando-o pelos ares antes de o lançar na lama. Mais dor. Pó. Um som retumbante suficientemente alto para lhe chocalhar o cérebro dentro da cabeça. Gritos, os seus gritos. Dor, dor, dor, dor.

– Vá lá, Max. Companheiro, acorda. Está tudo bem, estás aqui. Estás bem. Estou contigo, estou contigo. Vá lá.

Max moveu-se para lhe esmurrar os braços, a sua compulsão em fugir era muito mais forte do que a vaga percepção de que Jamal se encontrava ajoelhado ao seu lado, com as mãos grandes e robustas nos seus ombros.

– Vá lá, companheiro – disse Jamal de novo, em voz baixa e firme. – Foi apenas um sonho.

Max pestanejou e esperou que o coração parasse de latejar descompassado. Respirou fundo, concentrou-se em Jamal, nos seus bondosos olhos castanhos e no seu sorriso.

– Merda – disse por fim. – Desculpa, meu.

– Deixa-te disso. – Jamal soltou os braços de Max. – Sabes bem que não gosto de pedidos de desculpas.

– Pensei que... – Max aquietou-se, embaraçado pelo suor nos lençóis amarfanhados e pelas lágrimas nas suas faces.

– Já entendi. – Jamal acenou a cabeça com simpatia. – Pensaste que o sonho tinha desaparecido, certo?

– Passaram-se meses. – Max contorceu as mãos. – Nem trouxe os comprimidos, porque tinha tanta certeza de que eu... – Voltou a interromper-se, furioso consigo, mas sabendo que não o deveria estar. Esta era a vida que escolhera para si, e cabia-lhe apenas a si aguentar as consequências dessa escolha. Não adiantava acumular mais pressão sobre si. Os comprimidos que engolia para dormir destinavam-se apenas às crises mais graves, e a cada mês que passava estas eram cada vez menos frequentes. Max pensou que afastar-se de casa poderia ajudar, que a sua mente teria tanta coisa em que se concentrar, tantas paisagens novas, cheiros e sons, que iria apenas olhar em frente e não para trás. Mas essa era a beleza mórbida da mente. Nunca se esquecia.

Jamal entregou-lhe uma garrafa de água semivazia.

– Toma – disse. – Está um pouco quente, mas sempre é melhor do que nada.

– Obrigado. – Max bebeu um gole e sorriu. Estava mesmo quente, tal como a água do banho que costumava engolir quando era pequeno, com a cabeça imersa sob a superfície à medida que escutava o estranho som do seu coração a martelar-lhe nos ouvidos.

Jamal voltou a sentar-se na beira da cama, e os seus olhos escuros procuravam os de Max, inquirindo sem espalhafato, feliz por fazer tudo o que Max precisasse. Max nunca parava de se espantar com a generosidade do amigo e com a paciência que demonstrava para consigo. Jamal não escondia as suas emoções e tinha sempre o coração ao pé da boca. Invejava o amigo por ter arranjado um emprego que tanto o apaixonava. Enquanto Max gostava de certos aspectos da vida de soldado, o exército nunca fora a sua paixão, e agora trabalhava no escritório da empresa de construção do pai, cumprindo ordens e organizando listas de pessoal. Era tão pouco estimulante como Max poderia imaginar que um emprego seria, mas fora-lhe impossível recusar quando o pai lhe fez a oferta. Como poderia desdenhar tal generosidade, depois de tudo o que os pais haviam feito por si?

– Estou bem. – Max tranquilizou Jamal. – A sério. Em forma. – Bateu no peito ao dizê-lo, desencadeando outra recordação ao fazer isso, uma memória que se encontrava enterrada o mais fundo que as suas forças lhe permitiam. Max sabia que havia mais do que um tipo de recordação, e esta percorria-lhe tanto a mente como os músculos. Perguntou-se se alguma vez a esqueceria e a poria para trás das costas.

– Volta a dormir – disse para Jamal, depois de lançar uma vista de olhos ao telemóvel que lhe dizia que ainda não eram seis da manhã.

Jamal inclinou a cabeça para um dos lados, um gesto que Max interpretou como sendo de leve troca.

– Estou bem – surgiu a resposta previsível. – Dormi como uma pedra durante o voo, não dormi?

Era verdade, tinha dormido. Max fora incapaz de se acalmar, as dores familiares intensificando-se pela falta de movimento e pela pressão no interior da cabina.

– Então, o que achas das nossas mais novas amigas?

Max ergueu os olhos para Jamal, que estava a tentar parecer displicente, porém sem o conseguir.

– Acho que só me farias essa pergunta se estivesse de olho numa delas – replicou Max, estendendo a mão para pegar na pequena caixa de madeira que havia na mesa ao lado da cama e deslizando a tampa para abri-la.

– Bolas, és capaz de me ler como um livro aberto – gemeu Jamal, dobrando as longas pernas debaixo do lençol com um sorriso. – Sou assim tão óbvio?

– Gostas da Steph, certo? – apressou-se Max a dizer, passando com destreza por entre os dedos as peças de dominó que tirara da caixa. Uma delas era um dois e a outra um cinco. Vinte e cinco – a mesma idade que ele tinha quando tudo aconteceu.

– Ela é mesmo o meu tipo – concordou Jamal, erguendo os olhos e contemplando a ventoinha no tecto, antes de voltar a olhar para Max. – Sabes muito bem que não sou capaz de resistir a uma bela loura.

O mesmo poderia dizer-se de Max, num tempo remoto, mas hoje em dia tudo o que o cabelo louro fazia era recordar-lhe a ex-mulher. Não que Steph se parecesse nem um pouco com ela, o que só podia ser uma coisa positiva. Faye era muitas coisas, mas veio a revelar-se que uma delas não era ser a mulher certa para Max.

– Fica a saber que acho que ela também gosta de ti – disse a Jamal. – Riu-se das tuas piadas da treta, para começar.

– Ora, ora. – Jamal atirou uma almofada na direcção de Max. – Ambos sabemos muito bem que eu sou a pessoa mais divertida que qualquer um de nós dois conhece.

– O que faz de mim o quê, o mais bonito? – zombou Max, e a sua gargalhada esmoreceu quase de imediato. – Oh, vá lá – insistiu, sorrindo para a expressão vazia do amigo. – Rir de mim é uma coisa positiva. Não é isso que sempre diziam em Headley?

Jamal resfolegou.

– Em Headley dizem toda a sorte de merdas. Mas o que está em jogo aqui é quem é a pessoa mais divertida, eu ou tu. E eu afirmo sem margem para dúvidas que sou eu.

– Como quiseses – replicou Max a sorrir. – Mas sabes bem que levo vantagem no que toca à palhaçada.

Jamal soltou uma risada contrafeito, recostando-se na almofada que atirara a Max e fechando os olhos.

– És um imbecil – suspirou.

– É preciso um para reconhecer outro – sublinhou Max em tom jovial.

– Então, agora desembucha – espicaçou Jamal.

– Desembucho o quê? – Max seleccionou mais três peças da caixa de dominó e começou a construir um Stonehenge em miniatura sobre o tampo da mesa. Gostava de construir coisas; o acto metódico envolvido ajudava a acalmar-lhe a mente.

– Em qual das raparigas estás de olho?

Max fez uma pausa de apenas um segundo, mas não por tanto tempo que Jamal não fosse capaz de detectar a sua hesitação.

– Não, não me digas – prosseguiu Jamal. – Deixa-me adivinhar. É a pequenina de cabelo castanho, não é?

Max sentiu um súbito rubor espalhar-se pelas faces ao visualizá-la.

– Por que dizes isso? – perguntou displicente, concentrando-se nas pequenas peças pretas e brancas que ia montando em vez de olhar para o amigo.

– Porque ela crescia cerca de trinta centímetros cada vez que lhe dirigias a palavra, companheiro – exclamou Jamal. – E porque eu te conheço de ginjeira, e porque seria demasiado fácil para ti partires para cima de Maur, que deixou bastante óbvio o quanto estava mortinha por te conhecer melhor.

Max permitiu-se visualizar Maureen. Com o seu cabelo escuro e brilhante, atraente, olhos de gata e autoconfiança, talvez ela fosse a escolha mais óbvia, mas havia algo em Alice que o tinha atraído. Não havia espaço na vida dele para joguinhos nem para raparigas sedentas de atenção – precisava de alguém em quem pudesse confiar num nível mais elevado do que a maioria das pessoas, e Max teve a sensação de que Alice podia muito bem ser uma dessas pessoas. Passara menos de duas horas na sua companhia, mas de algum modo soube que podia confiar nela sem que esta o julgasse. Sentiu-se à vontade, apercebeu-se, reconhecendo, ao fazê-lo, do quão rara era essa sensação. Já nem se sentia dessa forma com alguns membros da sua família.

Só se apercebeu de que estava a sorrir quando Jamal lho mencionou, rindo-se ao fazê-lo e espicaçando Max dizendo que lhe devia ter dado forte e feio.

O que quer que houvesse com essa rapariga, reflectiu Max, talvez fosse uma bênção que ela tivesse namorado, e que nada de romântico pudesse advir dali. Max não tivera muita sorte no que toca a arranjar uma companheira compatível, mas mostrava-se sempre disposto a fazer novas amizades, e já sentia que esta rapariga, Alice, era uma delas.

Capítulo 9

Alice esperou que Lurch se esgueirasse em silêncio de volta para a cozinha antes de apertar o nariz e emborcar o sumo de papaia de um só trago. Mesmo não sendo possível cheirá-lo, o sabor e a textura continuavam a ser asquerosos, e afivelou uma tal expressão de repulsa que Maureen começou a cacarejar não tardando a cuspir uma boa golfada do sumo pela mesa.

– Tretas! – exclamou, agarrando num guardanapo. – E eu estava tão ansiosa por beber aquilo também.

– Não faças cerimónia – declarou Alice impávida.

Há já uma hora que se encontrava sentada na zona de convívio, escrevinhando no diário as suas primeiras impressões sobre o Sri Lanka e actualizando a leitura a respeito do Rochedo de Sigiriya, não fosse dar-se o caso de lhe ter escapado alguma informação vital. A cada minuto que passava, a temperatura parecia aumentar e, apesar de ser ainda muito cedo, Alice podia sentir o suor a escorrer-lhe na parte de trás das pernas nuas. Um fino véu de neblina era quase imperceptível através da linha das árvores a leste, e o céu ao seu redor mostrava-se de um tom azul-pálido e ártico.

Antes de ir para a cama a noite passada, os cinco pediram a Lurch que lhes providenciasse um motorista para o dia seguinte, que deveria vir buscá-los a todos dentro de meia hora. Se Max e Jamal não se despachassem, perderiam o pequeno-almoço – e Steph também, já agora.

– O que *está* ela a fazer ali? – perguntou Alice a Maureen nesse momento, que olhou por cima do ombro da amiga para o carro vazio que partia do quarto das três e abanou a cabeça.

– Só Deus sabe. Deve ser por causa do cabelo. Estava tão frisado esta manhã, que fui forçada a perguntar-lhe se não se enganou e se ligou à corrente durante a noite em vez do carregador do telemóvel.

Alice fungou ao soltar uma gargalhada.

– Forte – disse –, mas engraçado.

Preparava-se para se pôr de pé e ir em busca da amiga tresmalhada quando uma porta se fechou com estrondo e Jamal surgiu contornando a esquina, com uma pequena mochila na mão e um rasgado sorriso na cara.

– Minhas senhoras – disse em jeito de saudação, dirigindo um aceno de cabeça a cada uma delas, antes de acrescentar: – Onde está a outra?

– Podíamos fazer-te a mesma pergunta – replicou Maureen, baixando-se a fim de dar uma palmada na perna para afugentar um insecto. Prendera o cabelo com grande facilidade numa espécie de coque alto que Alice só podia limitar-se a sonhar fazer igual, e as suas pernas com um bronzeado artificial saíam-lhe de uns calções curtos de ganga preta. O lenço vermelho às bolinhas que usava como bandolete fazia um contraste alegre com o *top* de alças roxo, e uns brincos de espigão com brilhantes

luziam-lhe nas orelhas. Maureen sempre exibia um ar muito chique e, ao que parecia, sem dar grande importância ao seu aspecto, ao passo que Alice tinha o mesmo ar que já tinha em criança, envergando roupas que não se ajustavam bem ao seu corpo e de cores que não a favoreciam em nada. Não ajudava o facto de ter sido abençoada com um traseiro de enormes proporções que fazia dos vestidos curtos e femininos o seu maior inimigo, nem o facto de possuir as pernas torneadas e musculadas de um pônei de Shetland. Hoje vestia uns calções caqui *Gap* e uma *T-shirt* com um motivo dos *Ghostbusters* na frente. *Sexy* era um conceito que se encontrava tão distante de Alice hoje como o deserto do mar.

– O Max deve estar a rebentar por aí – disse-lhes Jamal, virando os polegares para cima na direcção de Lurch ao mesmo tempo que o esbelto cingalês depositava um prato de pequeno-almoço na frente dele. Havia ovos mexidos decorados com minúsculas lascas de malagueta fresca, pãozinhos ainda quentes acabados de tirar do forno, um prato pequeno de *sambal* vermelho picante e um prato de banana e ananás cortados em rodelas. Alice, que se sentira tentada a lamber o prato depois de terminar de comer, contemplou a comida com inveja.

– Os sapatos práticos para andar não são lá muito atractivos, pois não? – resmungou Maureen, franzindo o sobrolho ao olhar para os que trazia nos pés. – Sinto-me como um daqueles excursionistas idosos que invadem o Suffolk todos os anos no Verão.

Alice, que adorava os seus novos sapatos para andar e que era adepta das excursões sem destino, não comentou. Achou que seria melhor levantar-se e ir buscar a mochila ao quarto, mas ficou pregada à cadeira devido ao calor da manhã, aos insectos que zumbiam por ali e à reconfortante sensação do estômago saciado.

– Bom dia!

Steph juntou-se a eles por fim, com um ar adorável nos seus calções vermelhos e blusa cor-de-rosa salpicada por flores azuis. O cabelo, tal como Maureen havia previsto, era óbvio que lhe deveria ter causado alguns amargos de boca, pois trazia-o apanhado de forma descuidada num coque apertado. No entanto, algumas madeixas esfarrapadas escapavam-lhe ainda sobre a cara, e Alice perguntou-se se as suas faces rosadas não seriam o resultado de se debater com elas no decorrer da última meia hora. O ar embaraçado de Steph parecia passar despercebido a Jamal que, contudo, lhe dirigiu um sorriso rasgado e se arrastou no banco de modo que ela pudesse sentar-se a seu lado. Maureen apercebeu-se deste gesto em simultâneo com Alice, e as duas trocaram um olhar sugestivo e cúmplice.

Quando haviam voltado para o quarto a noite passada, Steph confessara com modéstia ter achado Jamal atraente, e parecia que o sentimento era mútuo. Entretanto, Maur admitira que preferia Max, uma revelação que não constituía surpresa nenhuma para Alice. A sua amiga engatatona não acreditava em levar as coisas com recato, e Alice duvidava que houvesse alguém sentado àquela mesa a noite passada a quem pudesse ter passado despercebido quem havia sido escolhido para ser o alvo das atenções da amiga.

Steph estava agora a devorar os ovos com apetite e ignorou o *sambal*, e tanto ela como Jamal fingiam que o sumo de papaia não existia. Alice consultou o telemóvel. Faltavam dez minutos para a chegada do motorista e havia uma mensagem de Richard que acabara de chegar através do

temperamental *wi-fi*, perguntando-lhe se sabia onde ele havia deixado o saco de pesca. Alice soltou um suspiro de tolerância ao mesmo tempo que digitava uma resposta – deveria estar onde sempre estava, na prateleira do lado de fora da porta das traseiras, com o seu conteúdo verminoso e bichento o mais longe que era possível ficar de Alice. Richard havia tentado atraí-la para a pesca imensas vezes ao longo dos anos, mas Alice não tinha paciência para isso. Se estava ao ar livre, queria estar em movimento. Não conseguia suportar ficar imóvel, limitando-se a esperar que acontecesse alguma coisa. Richard e o pai eram capazes de ficar ali sentados horas, passando o tempo com conversas de chacha e comendo as sanduíches minúsculas de queijo e pickles que lhes havia preparado. No Inverno, levavam uma garrafa térmica de chá cada um e estendiam uma manta, com os pés enfiados nas galochas e embrulhados em várias camadas de meias, e as pontas dos dedos das mãos rosadas devido ao frio. Este era o espaço de Richard, e o seu tempo também – e Alice não gostaria de invadi-lo nem se tivesse um desejo incontável de empunhar uma cana de pesca e uma rede.

– Eis o homem – anunciou de súbito Jamal através de uma boca cheia de ovos, e Alice deu um pulo tão violento no assento que deixou cair o telemóvel para debaixo da mesa. Curvando-se de modo a apanhá-lo, viu os pés de Max surgirem no seu campo de visão, e percebeu que os sapatos de andar dele eram da mesma marca dos seus. Erguendo os olhos, vislumbrou uma canela peluda que conduzia a um joelho grosso e musculado e a uma coxa robusta, que desaparecia no fundo das suas bermudas cinzento-escuras. Do outro lado, onde deveria estar o tornozelo do rapaz, havia em seu lugar uma cavilha de metal que subia no interior de um invólucro de plástico do mesmo formato que uma caneleira. A zona do joelho encontrava-se obscurecida por uma reluzente esfera branca, que estava meio tapada pela bainha das bermudas, e à medida que contemplava aquilo, ia sendo acometida por uma súbita percepção, Alice lembrou-se de que o que Max lhe havia dito quando lhe dera um pontapé sem querer a noite passada – que não sentira nada – era verdade. Na realidade não sentira nada, porque a perna em que ela batera não passava de uma prótese.

Alice sentou-se com rapidez, com a cara em chamas, pousando o telemóvel em cima da mesa enquanto Max se encaminhava na direcção deles. Parecia feliz, bonito e cheio de energia, e sorriu quando os olhos de ambos se encontraram.

– Só espero que tenhas guardado um pouco de sumo de papaia para mim – foi tudo o que disse.

Capítulo 10

– Não fazia ideia. Tu sabias? Deves ter percebido, ficaste sentada ao lado dele a noite toda.

– Maur! – admoestou Alice, num tom de voz invulgarmente cortante. – Baixa a voz.

Maureen conseguira esperar até à chegada do minibus para despejar tudo aquilo em que estava a pensar – aquilo que, na verdade, as três estavam a pensar desde que Max saíra do chalé nessa manhã.

– Coitadinho – sussurrou Steph, dando voltas ao cinto de segurança emaranhado até este se endireitar. Do lado de fora do autocarro, Jamal estava a falar com Lurch e com o motorista baixinho e rijo, enquanto Max devorava o pequeno-almoço a uma velocidade recorde. Nenhum deles parecia ter-se apercebido de que Alice, Maureen e Steph estavam a falar à socapa de Max, mas Alice sentia-se culpada por estarem a fazê-lo.

– Acham que foi um acidente? – murmurou Maureen, arregalando os olhos imaginando a tragédia. – Deve ter sido. Talvez um desastre de automóvel ou coisa do género; uma colisão na montanha-russa!

– Não me parece que devamos estar para aqui a especular sobre o assunto – disse-lhes Alice, continuando a falar em voz tão baixa quanto era capaz. – Não é da nossa conta.

– É uma pena – afirmou Steph, parecendo desconsolada, e Maureen assentiu com a cabeça num gesto de concordância.

Alice, no entanto, começou a ficar eriçada de irritação.

– É uma pena porquê? – sibilou. – O que queres dizer com isso?

Steph olhou para ela, espantada.

– Só quero dizer que ele é um tipo tão bonito e que deve ter sido devastador para ele e para a família...

– Ele perdeu uma perna, não a vida – contrapôs Alice, e a centelha da raiva genuína que estava a sentir surpreendeu-a. – Ele é a mesma pessoa que conhecemos a noite passada.

– Aposto que é muito diferente da pessoa que costumava ser – interveio Maureen, que pelo menos teve a decência de parecer algo embaraçada. – É impossível passar pelo trauma de se perder uma perna e continuar a ser a mesma pessoa.

Alice lembrou-se de como os outros miúdos na escola costumavam lançar olhares inquiridores na sua direcção durante os meses em que as suas feridas continuavam a cicatrizar. Costumavam sussurrar com as mãos a tapar a boca, com os olhos cheios de piedade aliados a um resquício de nojo. Alice odiara isso – odiara cada um deles.

– Vocês as duas estão a esquecer-se do que aconteceu com a minha cara – sublinhou. – Parecem tal e qual a minha mãe na época em que eu passava a vida a entrar e a sair do hospital. Não parava de afirmar «nunca mais vais ser a mesma depois disto» e «esta é a pior coisa que alguma vez podia acontecer». Fazia-me sentir uma aberração.

Steph mordeu o lábio inferior.

– Nunca foste uma aberração, Alice... mas o acidente mudou-te *de facto*, não te lembras? Eras uma autêntica arruaceira quando éramos miúdas.

Alice odiava que lhe lembrassem como era a personalidade que tinha na infância e estava cada vez mais perto de perder as estribeiras, coisa que já não acontecia há muito tempo. A única pessoa com quem se zangava de facto era consigo, por isso era capaz de compreender por que razão as amigas estavam a olhar para ela neste momento assim tão abismadas. No entanto, não parecia estar a conseguir abafar os seus sentimentos, como era habitual acontecer. Tinha a certeza de que Max não precisava que ela travasse as suas batalhas no seu lugar – é óbvio que já havia ultrapassado algumas –, mas havia algo dentro dela que a impelia a protegê-lo apesar de tudo. Ver a prótese dele fora um choque, claro que fora, mas o primeiro impacte já passara e tudo o que restou a Alice foram os mesmos sentimentos que experimentara a noite passada. Max não havia mudado nada aos seus olhos; limitara-se a descascar uma camada e desvendar quem era na verdade e, em resultado disso, Alice sentia-se mais ligada a ele, embora ainda não tivessem proferido mais do que algumas poucas palavras um ao outro.

– Acho que estou assim irritada porque preciso dormir mais – disse, certificando-se de que a sua voz soava contrita.

A expressão de Steph mudou de imediato de uma criança ferida para uma amiga preocupada.

– Claro que é isso, coitadinha. Queres que vejamos se é possível adiar esta viagem por algumas horas para poderes fazer uma sesta?

– Não! – Alice abanou a cabeça num ápice. – Quero dizer, por favor não te preocupes. Vou ficar bem assim que nos pusermos em marcha.

– Se tu o dizes – replicou Steph, mas não parecia convencida.

Maureen estava agora a inclinar-se para a frente no assento para ver se descobria o que estava a reter os dois homens, e antes de Alice ter tempo para impedir a amiga de dizer algo inapropriado, Jamal subiu para o minibus a fim de se juntar a elas, seguido de muito perto por Max.

– Tudo a postos? – perguntou Max, ao deslizar a porta para fechá-la atrás de si, percorrendo-os com o olhar, antes de fixar os olhos em Alice.

Esta contemplou as rugas à volta dos olhos dele que sugeriam uma pontada de humor, a nova fiada de barba rala que lhe decorava o maxilar e a boca ampla e generosa, e sentiu a sua tensão começar a suavizar-se.

– Não poderia estar mais pronta – disse-lhe.



A compulsão de fixar os olhos na nuca de Max à medida que o carro prosseguia viagem era bastante forte, mas Alice obrigou-se a olhar antes pela janela, na direcção da paisagem colorida e desordenada do Sri Lanka que se desenrolava para lá do vidro. Eram quase oito horas da manhã, mas todas as lojas por onde passavam pareciam não só estar abertas como também apinhadas de gente. Embora o movimento fosse de longe menos caótico aqui em Habarana do que em Colombo, os *tuk-tuks* continuavam a serpentear a grande velocidade e a esmo por entre os autocarros e os automóveis,

escapando por pouco às motas abarrotadas de passageiros em grande número e com perigo. Alice sorriu surpreendida e deliciada quando viu uma família inteira agarrados uns aos outros: o pai a conduzir, a mulher no banco traseiro, duas raparigas atrás dela e um rapazinho seguro pelos guiadores, vislumbrando-se o cimo da sua cabeça escura entalada debaixo do queixo do pai.

O ruído do trânsito misturava-se com a música que vinha dos *tuk-tuks*, cada um decorado num estilo diferente. Alice viu toldos cor-de-rosa desbotados, borlas douradas, línguas de fogo pintadas e assentos verde-lima acolchoados. Os condutores eram na sua maioria magros como espetos e vestiam *jeans* rasgados, pólos de cores berrantes e chinelos puídos. Embora houvesse imenso barulho, gritos e buzinas a apitar, era tudo feito de modo amigável, e alguns quilómetros depois, Alice parou de se encolher cada vez que uma bicicleta mudava de direcção perto de mais ou um cão vadio atravessava a estrada à frente deles.

Jamal conversava em tom animado com Steph, que se inclinara para a frente no assento de modo a poder ouvi-lo acima do barulho, com o queixo apoiado nas mãos, que se encontravam ao pé do ombro dele. Pareciam tão à vontade, os dois, como se fossem amigos que já se conheciam há anos e não dois desconhecidos que se tinham conhecido apenas no dia anterior. Contudo, havia algo de bastante franco e acessível em Jamal. Parecia simpático e bastante confortável na sua pele – não havia nada de artificial nem de forçado nele. Steph merecia conhecer alguém assim, um homem com uma atitude positiva e espírito optimista em vez de um chato de marca maior que a puxasse para baixo. Já namorara com homens assim no passado, e a sua fantástica paciência sempre a persuadia a aturar mais idiotices do que de facto deveria, e tanto Alice quanto Maureen sempre a incitavam a procurar tipos simpáticos em vez de trastes.

O minibus saía da estrada principal e seguia agora por uma faixa estreita ladeada de árvores enormes. Alice não contava que o Sri Lanka fosse assim tão verde, nem tão luxuriante, e saboreava o ar adocicado e húmido à medida que este entrava em cascata pelas janelas abertas do veículo. Max apoiara o cotovelo na maçaneta interior da porta, com os dedos abertos de modo a deixar o vento percorrê-los e a cabeça pousada no encosto do assento. Hoje não aplicara nenhum produto no cabelo, e várias madeixas colavam-se umas às outras no alto da cabeça.

Alice lembrou a conversa que haviam tido na noite anterior, analisando cada palavra em busca de pistas que ele pudesse ter deixado escapar sobre o seu ferimento. Alice nunca precisou atrair as atenções para a sua cicatriz nem fazer alusões a esse respeito a pessoas que acabara de conhecer, pois ela estava ali à vista para quem quisesse ver. Há muito tempo que já se havia acostumado aos olhares demorados, às sobranceiras erguidas em ar de interrogação, às expressões de piedade, à intriga e ao fascínio. Perguntava-se agora se Max também estava habituado a isso, ou se a sua prótese era um complemento relativamente recente na sua vida.

Talvez fosse por essa razão que, de uma maneira inexplicável, se sentia atraída por ele – talvez uma parte dela tivesse reconhecido a nível do subconsciente uma alma gémea. Nunca conhecera ninguém com uma cicatriz tão grande ou tão proeminente como a sua, mas o ferimento de Max fazia que o dela, em comparação, se parecesse com um pequeno fragmento. Recordou os anos da sua adolescência, os anos de frustração em que chorara ao tentar em vão disfarçar o legado deixado pelo seu antigo eu – essa criança temerária e descontrolada que Alice desprezara durante tanto tempo.

Agora as suas atitudes histriónicas e exageradas pareciam do mais absurdo que havia. O que Alice tinha passado não era nada comparado com Max, e no entanto ali estava ele – alegre, tagarela, saudável e explodindo de um sentido de humor e energia contagiantes. Era inspirador.

Capítulo 11

O Rochedo de Sigiriya pairava sobre a paisagem circundante como o filho perdido de uma cordilheira montanhosa, deslocado e em sintonia com o ambiente que o rodeava, mas o resultado era o mais impressionante de tudo. No topo existia o que havia restado de uma antiga fortaleza, outrora sem dúvida resplandecente, mas hoje em dia um conjunto de alicerces em ruínas, escadarias gastas e terra seca. Contudo, tanto os visitantes estrangeiros como os locais continuavam a subir até ao topo os duzentos metros de degraus irregulares, escadas e passadiços aos milhares, porque, segundo se diz, a vista do cimo encontra-se entre as melhores do mundo.

Quando Alice contemplou o cume do carreiro centenas de metros mais abaixo, já se sentiu humilde pelo simples facto de estar ali. O seu guia de viagem calculava que a construção original terá tido início entre 477 e 485 d. C., coisa que Alice achou inacreditável. Era extraordinário estar assim tão perto de uma estrutura de tal maneira imbuída de história e, apesar do calor insuportável do dia, Alice estremeceu ao pensar nas coisas que ali devem ter acontecido, e nas histórias ocultas no meio das rachas da pedra desgastada pelo tempo. Sussurros de amor, de medo e de morte, e toda a sua vida não passava de uma pinta no tecido deste lugar e respectivo passado.

– Uma velhota imponente, não achas?

Alice virou-se e deparou-se com Max a seu lado, com os olhos focados no topo do Rochedo de Sigiriya.

– Oh, não sei – respondeu olhando de esguelha para ele. – Não é nada que se compare ao Pico de Adão.

– É verdade.

Max baixou os olhos examinando os sapatos, depois olhou para Alice, como que a desafiá-la a realçar o óbvio – que escalar uma montanha não era tarefa fácil para os mais fortes e robustos, quanto mais então para ele. Mas se a sua intenção era de facto essa, estava enganado, porque Alice não estava a pensar nada parecido com isso; estava apenas a vibrar com a expectativa do que estava por vir.

– A Steph ainda está na dúvida se se sente com coragem para enfrentar o Pico de Adão – disse-lhe. – Ainda não consegui convencê-la.

Max fez um gesto apontando lá mais para diante, para o sítio onde Jamal caminhava entre Steph e Maureen, com um braço casualmente colocado sobre o ombro de cada uma das raparigas.

– Deixa o assunto com o Jamal – disse Max, começando a andar para acompanhá-los. – Ele é capaz de ser bastante persuasivo, posso garantir-te.

Caminharam lado a lado num silêncio amigável durante um bocado, e Alice observava o estranho pó vermelho assentar sobre as suas botas novinhas em folha e Max ignorava os olhares dirigidos na

sua direcção pelos outros grupos de turistas por quem iam passando. Para poderem alcançar o sopé do Rochedo, teriam primeiro de atravessar os Jardins Reais – uma verdadeira manta de retalhos composta por quadrados de relvado bem cuidados, fontes ornamentais e as carcaças rústicas de pavilhões outrora grandiosos.

– Cum caraças! – exclamou Alice, apontando para o sítio onde uma tabuleta triangular de um amarelo-vivo avisava a respeito de ataques de vespas.

– Fica quieta e em silêncio – admoestou-a Max. – Assim tens menos hipóteses de ser picada quase até à morte.

Um pouco mais à frente, um outro letreiro, maior, exibindo a imagem de um homem a ser perseguido por insectos informava-os: «O ruído pode provocar ataques de vespas.»

– Ainda bem que deixei o trombone em casa – murmurou Max, e Alice soltou uma risada.

– Não tocas mesmo trombone, pois não? – perguntou ela, esforçando-se em vão por imaginar a cena.

Max deteve-se e dirigiu-lhe um sorriso travesso.

– Não... mas quem pode afirmar que não irei começar a fazê-lo? Posso apostar que seria óptimo nisso.

– Tenho a certeza de que serias – concordou Alice, não contrariando Max. – Mas se quiseses instigar um vespeiro, sugiro a tuba.

– Ou talvez o *didgeridoo*? – replicou Max.

– O melhor nome que alguma vez se inventou para um instrumento – disse Alice a rir.

Max ergueu uma sobrancelha.

– Da minha parte sempre gostei do órgão. Um belo e grande órgão.

– Ora, ora – repreendeu-o ela com ar divertido.

Verificou-se um curto momento de constrangimento quando chegaram ao primeiro lanço de degraus e Alice hesitou, à espera de ver se Max iria precisar de algum tipo de ajuda.

– Está tudo bem – garantiu-lhe ele, galgando-os a grande velocidade, antes de se virar para trás a fim de olhar para ela. – Os degraus são canja para mim... só não me peças para dar cambalhotas, por amor de Deus. Nunca fui capaz de fazer isso, nem quando ainda tinha as duas pernas.

– Dar cambalhotas é muito fácil! – insistiu Alice, já com o pé no próximo lanço de degraus. – Aposto que seria capaz de te ensinar.

– Aposto aceite! – Max estugou o passo atrás dela. – Mas se acontecer alguma coisa aqui ao *Mister T*, vais ter de levar-me às cavalitas mesmo até ao topo do Pico de Adão.

– *Mister T*? – indagou Alice.

– A minha perna – disse ele, curvando-se e dando umas palmadinhas nela com afecto. – O meu melhor amigo. T é a abreviatura de Total... em oposição a pernetas, entendes o trocadilho?

Alice fez uma careta de desagrado.

– Isso é horrível!

Max riu-se sem complexos.

– O humor é o melhor remédio – disse. – Ainda que seja um sentido de humor horrível e de péssimo gosto, como o meu.

Nesse momento passou pela cabeça de Alice, ao erguer os olhos para ele, que não havia humor suficiente na sua vida nos últimos tempos. Quando fora a última vez que ela e Richard se tinham rido juntos de alguma coisa, até ficarem com dor de barriga e as lágrimas a escorrer-lhes pelas faces? Lembrava-se de que isso acontecia com frequência nos primeiros tempos do relacionamento de ambos, mas com o passar dos anos ambos haviam crescido e tornaram-se demasiado sérios ao pé um do outro. Contudo, Max tinha toda a razão – o riso era o melhor remédio. Ninguém se rira na sequência do seu acidente, mas Max sem dúvida de que encontrara uma maneira de brincar com o dele. Era um testemunho de quem ele era enquanto pessoa, e convenceu-a da conjectura que já havia feito – que a sua piedade não era algo que ele quisesse. É provável que não quisesse a pena de ninguém – mas o coração de Alice ainda continuava a sangrar um pouco por causa dele, pela sua perda e pelo que deve ter tido que superar.

Max, que continuava a olhar para ela, parecia ter pressentido o que Alice estava a sentir, pois baixou os olhos e virou-lhe as costas.

– Vamos – disse, arrancando-a ao curso dos seus pensamentos melancólicos. – Se o Jamal nos bater e chegar primeiro ao topo, tenho sermão e missa cantada para o resto da vida.

Alice tomou a dianteira rumo ao próximo troço da subida, que era composto por uma escada em caracol extremamente periclitante e instável. Max avançava muito mais devagar ao longo destes degraus bambos e estreitos em comparação com o que fizera nos de pedra mais largos, e Alice fazia pausas constantes a fim de esperar por ele. Não queria que ele pensasse que estava a ser condescendente ao fazer isso, mas também odiava a ideia de o deixar para trás. Quando por fim chegaram ao topo e alcançaram os outros, Maureen correu até eles para os saudar.

– Cá estão vocês! – exclamou, com as faces rosadas. – Nunca vão adivinhar o que nós encontramos... venham ver.

– Espero bem que não seja um vespeiro – sussurrou Max para Alice, fazendo que ela resfolegasse ao soltar uma gargalhada que poucos segundos depois se transformou num grito de prazer, pois ali, sentado com a maior displicência no cimo de um muro mesmo à frente deles, estava um macaco.

– Oh, olhem para a carinha dele – disse Alice, contemplando o animal extasiada.

O macaco era todo castanho-claro com excepção da barriga branca, e possuía uma cauda comprida, focinho estreito e preto, e olhos amendoados. Numa das patas dianteiras minúsculas e nodosas apertava uma maçaroca de milho meio comida, enquanto a outra estava pousada no muro.

Uma multidão de turistas sobreexcitados focava as câmaras fotográficas no macaco, mas este não parecia nem um pouco incomodado com isso. *Quando muito*, pensou Alice, *estava com um ar bastante aborrecido com toda aquela charada.*

Alice nunca antes vira um macaco como este a não ser num jardim zoológico e era tão maravilhoso ver o pequeno mamífero à solta, sabendo que fora por vontade própria que trepara até ali e confraternizava com todas aquelas pessoas. É óbvio que os macacos gostam de comida, e quase com toda a certeza os turistas representavam uma grande quantidade de alimento, mas, mesmo sabendo disso, nada tirava o brilho da sensação de estar ali na frente de um. Alice sacou do telemóvel do bolso traseiro dos calções e tirou uma fotografia hesitante, dando o seu melhor para apanhar o máximo possível da paisagem deslumbrante na fotografia.

Jamal, que era muito menos cauteloso, encaminhou-se destemido até ao lugar onde o animalzinho se encontrava empoleirado e tentou tirar uma *selfie* com ele, só que o macaco olhou para ele com ar carrancudo e desatou a correr escapando dali.

– Deve ser uma fêmea – gracejou, contemplando o animal com tristeza.

– Oh, tu aí, pára de tentar conquistar elogios – replicou Maureen, e Max aplaudiu-a.

Alguns dos turistas ali reunidos pararam de tirar fotografias ao macaco e olhavam agora boquiabertos para a prótese de Max. *Podiam pelo menos tentar não ser tão óbvios*, pensou Alice de mau humor, dando um passo em frente de modo a interpor-se entre Max e os olhares curiosos.

– Desculpe – disse para a mulher mais próxima do grupo. – Não se importa de me tirar uma fotografia com os meus amigos, por favor?

A mulher aquiesceu, e Alice entregou-lhe o telemóvel antes de chamar os outros pedindo-lhes que se juntassem ao pé do muro. O macaco já se tinha posto a mexer, deixando a maçaroca parcialmente mastigada no meio do lixo.

Jamal pôs os braços em torno de Alice e de Steph, puxando-as para o seu peito, o que deixou Maureen livre para se pendurar em Max. E quando ele lhe passou o braço pela cintura, os seus dedos roçaram pelas costelas de Alice, e esta sentiu uma onda de calor gradual espalhando-se pelo corpo sob a mão dele.

Assim que os cinco proferiram o grito obrigatório *cheese* e Alice guardou o telemóvel, Maureen enfiou o braço no de Max e começou a afastar-se com ele na direcção do próximo lanço de degraus. O primeiro pensamento de Alice foi correr atrás deles, mas Steph surgiu a seu lado antes de ter tempo para se mexer.

– Importas-te de vir comigo? – perguntou. – Sinto que mal falei contigo desde que aterrámos.

Havia uma expressão estranha no rosto da amiga que Alice não soube muito bem como decifrar, mas que apesar de tudo lhe pareceu bastante carregada. Estaria preocupada por ela estar a passar algum tempo a sós com Max? Steph já devia conhecê-la para não se pôr a pensar parvoíces. Afinal de contas, seria a primeira pessoa a quem Alice telefonaria quando ela e Richard marcassem a data. Estivera ao seu lado durante todos os altos e baixos da relação entre os dois, vira-a crescer transformando-se numa pessoa fiável e equilibrada, uma rapariga que já não se arriscava mais. Steph conhecia-a melhor do que qualquer outra pessoa.

Enquanto prosseguiam a subida, conversando sobre banalidades que preenchiam o fosso de tensão implícita que Alice pôde perceber ter sido cavado entre ambas, reflectiu bem sobre o assunto.

Se Steph tinha motivo para se sentir embaraçada, deveria Alice preocupar-se também?

Capítulo 12

Max

*Se eu morrer,
Elimina o pó,
Lava o sangue
A cor da ferrugem...*

Max foi encontrar Alice sentada num muro baixo de pedra no lado oeste do cume de Sigiriya, com as pernas penduradas e a baloiçar sobre o parapeito e um olhar distante na face. Recordou-se do que Steph havia dito na noite anterior sobre a alcunha dela ser *Alice no País das Maravilhas*, e sorriu para com os seus botões. Os outros andavam de um lado para o outro a tirar fotografias tolas no ponto mais alto, e as raparigas soltavam gritinhos quando Jamal fingia começar a persegui-las. Maureen insistira em tirar uma fotografia sozinha com Max, segurando no telemóvel à distância do braço e dizendo-lhe para sorrir. Não que ela precisasse fazê-lo. Era difícil não sorrir ao pé de Maureen – era divertida, exuberante e cheia de uma energia maravilhosa, já para não falar que era linda, e noutros tempos Max teria correspondido aos avanços dela com o mesmo entusiasmo.

– Há aí espaço para um rapaz solitário? – perguntou, reparando como o rosto de Alice se iluminou quando olhou para ele.

– Claro que sim. – Alice deu uma palmadinha no muro ao lado dela e Max sentou-se, usando as mãos para se equilibrar e tomando uma atenção redobrada para não esbarrar nela com a prótese da perna.

– A vista aqui em cima é um espectáculo, não achas? – aventurou-se ele, seguindo-lhe o olhar rumo ao horizonte.

Avistavam-se montanhas bem ao longe, assim como centenas de hectares de vegetação luxuriante, florestas e um vasto lago salpicado de luz. Um aglomerado de nuvens baixas pairava como espuma de *cappuccino* por cima.

– É fácil de ver por que razão o rei Kassapa o escolheu – disse Alice, fazendo um gesto na direcção do seu guia turístico aberto. – Ao que consta, assassinou o pai para usurpar a coroa, depois construiu um palácio aqui em cima para se esconder daqueles que procuravam vingança.

– Não há dúvida que daqui se veriam quando eles chegassem... trata-se de um fantástico ponto estratégico – disse Max, esfregando a parte superior da coxa com as duas mãos.

A subida final fora bastante dura para ele, e o calor abrasador do dia fazia que se acumulasse humidade à volta do coto. O que na verdade deveria fazer era tirar a prótese e lavar o membro afectado com o que restava da sua garrafa de água, mas não queria que Alice se sentisse incomodada. Sem dúvida que era uma rapariga fixe, Max estava convencido disso, mas também testemunhara a

reacção dos seus amigos mais chegados sempre que tirava a prótese. Os olhares não incomodavam Max tanto quanto os esforços para não olhar. «Podem olhar à vontade», dizia muitas vezes às pessoas. «Acabem com isso.»

– Não queres saber? – perguntou então Max a Alice, com as ideias confusas e aos trambolhões dentro da cabeça e deixando-as sair pela boca antes de estar perfeitamente ciente do que estava a pensar.

Alice virou-se para ele, não compreendendo de imediato a pergunta. O sol causara-lhe umas quantas sardas salpicadas aqui e ali no nariz e nas faces, e o seu lábio superior encontrava-se coberto de gotículas de suor. Pelo menos não era só ele a sofrer com o calor.

– Saber o quê? – perguntou, batendo com os calcanhares no muro. Havia algo de criança travessa em Alice, concluiu Max. Talvez essa fosse outra das razões por que simpatizava com ela... era o rebelde que havia dentro dele reconhecendo um companheiro idêntico.

– O que aconteceu com isto – replicou Max, apontando para baixo para o sítio onde a metade inferior da perna direita estivera em tempos. Já se haviam passado quase oito anos desde que Max a perdera, mas às vezes ainda hoje se surpreendia a olhar para baixo e a verificar que a perna já não existia. Era normal, no entanto, tinham-lhe garantido. O seu sistema nervoso central ainda jogaria à apanhada com ele e lhe pregaria algumas partidas durante mais algum tempo.

– Não queria... quero dizer, não preciso... – Alice interrompeu-se, fazendo uma careta.

– Está tudo bem. – Max tocou-lhe no braço por breves instantes. – Não me importo de te contar. Mas só se quiseres que te conte, está bem de ver. Queres?

– Quero se quiseres contar-me – replicou Alice. – Mas não te sintas na obrigação de o fazer. Na verdade não é da minha conta. Quero dizer. Oh, tu sabes o que eu quero dizer.

Max sorriu, tentando tranquilizá-la com os olhos. Um pássaro de um azul-intenso e com uma plumagem de um vibrante tom de vermelho no peito pousou no chão a poucos centímetros deles e inclinou a cabeça, como se esperasse que Max prosseguisse.

– Bem, parece que aqui este sujeito quer mesmo saber – disse Max com ar displicente, e Alice emitiu um suave ruído de divertimento.

Max sabia muito bem que estava a fazer o que nunca quis fazer e que estava a deixá-la incomodada, mas agora já não havia volta a dar. Queria partilhar algo com ela, e já se passara muito tempo desde que sentira tal compulsão.

– Tudo aconteceu em Maio de 2009 – começou Max por dizer. – Tinha comemorado o aniversário dos meus vinte e cinco anos há muito pouco tempo. Bem, tanto quanto se pode comemorar alguma coisa quando uma pessoa se encontra encurralada numa zona de conflito.

– Estiveste no exército? – perguntou Alice, parecendo quase receosa, com os olhos azuis esbugalhados apesar do brilho intenso do Sol. Max calculou que ela já deveria ter considerado todas as razões possíveis para a ausência do seu membro inferior, e que aquela que estava prestes a contar-lhe deveria ter sido a mais horrenda em que a rapariga havia pensado. As pessoas tendem a optar em primeiro lugar por um desastre de automóvel, como se essa fosse de alguma forma uma ideia mais fácil de assimilar do que a realidade de longe mais violenta.

– Estive, sim – contou-lhe Max. – Durante muito tempo. Desde os meus dezoito anos, na verdade. Quando todos os meus amigos foram para a universidade, eu segui as pisadas do meu irmão mais velho e alistei-me nos Welsh Gunners.

– Mas tu não és galês – sublinhou Alice, corando quando ele se riu dela.

– Não é preciso ser-se galês para se alistar – retorquiu Max. – É apenas uma alcunha dada ao regimento; fazemos parte da Artilharia Real.

Alice assentiu com um aceno de cabeça.

– Armas – limitou-se ela a dizer.

– Havia montes de armas – concordou Max. – Não que isso fizesse grande diferença no meu caso. A única coisa que pode armar-nos contra um inimigo soterrado debaixo da terra é a sorte, e infelizmente para mim e para uns quantos membros da minha equipa, a sorte não abundou no dia em que percorríamos por acaso aquele troço de estrada no Afeganistão.

Alice empalideceu, e Max pôde ver os pêlos dos braços dela eriçarem-se apesar do calor. Não disse nada, esperou apenas que ele continuasse a contar a sua história. Max esforçava-se para manter o tom de voz o mais despreocupado possível, mas era difícil quando chegava a esta parte da história, sempre era. Durante muitos meses, Max não foi capaz de pensar no que acontecera, muito menos articulá-lo por meio de palavras, mas à medida que o tempo ia passando, e recebeu a ajuda de que precisava para aceitar o facto e seguir em frente, as palavras tornaram-se menos assustadoras. Não era falar sobre o assunto que podia magoá-lo, já percebera isso, mas ainda tinha medo dos detonadores inesperados que podiam transportá-lo de volta para aquele lugar. Sabia que era apenas uma questão de tempo até que um deles o alcançasse.

– Foi um DEI – disse em tom prosaico, com voz calma apesar do quadro medonho que podia ver agora na sua mente. – É a sigla para designar um dispositivo explosivo improvisado, caso não saibas.

Alice voltou a assentir com a cabeça; os seus ombros pareciam tensos. Corria uma ligeira brisa no cume, e algumas madeixas do cabelo dela agitavam-se com suavidade sobre a testa. Max resistiu a um forte impulso de estender a mão e prender-lhe o cabelo atrás da orelha.

– Seguíamos numa coluna militar, eu e mais três tipos no *Wolfhound*, trata-se de um grande veículo blindado, transportando munições e material, e passámos por cima daquela maldita coisa.

Max estava próximo o suficiente de Alice para senti-la estremecer.

– Fez um barulho do catarino e um estrago do caraças, era só sangue por todo o lado, tal como podes imaginar – prosseguiu ele, pigarreando de modo a aclarar a garganta.

Acontecia sempre a mesma coisa quando contava esta história; sentia que a boca ficava, de algum modo, cheia do pó estranho e fino que cobria tudo naquele funesto lugar, e que se entranhava em cada ranhura, recanto e orifício, enchendo botas vazias e destruindo câmaras, telefones e rádios portáteis. Max costumava acordar amiúde de um desses pesadelos com o sabor desse pó na boca; era o sabor da morte.

– Era uma bomba de um tamanho razoável – prosseguiu, contemplando as nuvens deslizarem e flutuarem sobre o lago. – Partes do *Wolfhound* desfizeram-se na explosão e havia bocados do camião engastados no meu pé e tornozelo direitos. Um ferimento superficial, chamou-lhe o médico, mas que

no fundo se traduziu numa perna ferida que estava de tal maneira danificada que não podia ser salva. Os médicos fizeram tudo o que puderam, mas não restava nada viável que lhes permitisse trabalhar e salvar.

– Sinto muito. – Alice parecia a ponto de desatar a chorar, e Max sentiu o impulso de a puxar para si num meio abraço reconfortante.

– Oh, não sintas – disse-lhe Max junto ao cabelo. – Eu dei-me bem. Os dois miúdos que iam à frente não sobreviveram; e o outro ainda hoje não consegue ouvir como deve ser. Tal como eu disse, um estrago do caraças.

Ficaram ali sentados em silêncio durante alguns momentos e Max foi-se acalmando com a cadência ritmada dos batimentos do coração de Alice, que conseguia sentir através do braço que enlaçara em torno dela. Depois de a bomba ter explodido no Afeganistão e dos gritos terríveis e agudos dos camaradas que tombaram terem cessado, Max tentou concentrar-se nos batimentos do coração. Ali deitado no meio dos restos esmagados do veículo blindado, soube devido ao treino que recebeu que deveria tentar aplicar um torniquete na perna – ou no que sobrava dela – e lembrava-se de ter levado a mão ao peito e ao bolso onde ele estaria, apenas para descobrir que a sua mão estava vermelha e a pingar. Os dedos recusavam-se a fazer o que lhes mandava e a dor era insuportável. Era demasiado difícil estar no presente, lidar com esse momento e arrancar um pensamento coerente de puro sentimento, por isso retraiu-se dentro de si até ao sítio onde o coração lhe batia como um relógio – um-dois, um-dois, um-dois – e ficou ali, escondido, até tudo ficar preto.

Deve ter deslizado por momentos para o interior das suas recordações, porque a próxima coisa de que Max tomou consciência foi Alice a afastar-se com suavidade do seu abraço.

– Não sou capaz de imaginar o quanto isso deve ter sido assustador – disse ela, procurando os olhos dele com os seus.

Era estranho, pensou Max, *no quanto se sentia desarmado na companhia desta rapariga*. Pressentia que neste momento também ela começava a baixar um pouco a guarda junto dele. Já não parecia estar com ar constrangido, tal como acontecera quando começou a contar-lhe a sua história mórbida. Os ombros dela descaíram e a expressão na sua cara era franca. Sentia pena dele, sim, mas havia algo mais além de mera piedade ou até de admiração equivocada – havia compreensão.

– Pensei que vir até aqui ao Sri Lanka era uma coisa assustadora para eu fazer – admitiu Alice, evitando olhar para ele ao mesmo tempo que o pássaro azul e vermelho na frente deles sacudia as penas e levantava voo uma vez mais. – Para te ser franca, ando sempre com medo nos dias que correm. É ridículo, na verdade... devias ter-me visto quando eu era pequena. Era um verdadeiro pesadelo.

– Oh? – apressou-se Max a exclamar em voz baixa, satisfeito por a suposição que fizera acerca dela ser correcta.

– Costumava meter-me em todo o tipo de sarilhos – contou-lhe Alice. – Antes de começar a andar, costumava gatinhar tão depressa que a minha mãe às vezes perdia-me de vista. Quase me afoguei aos dois anos, porque desatei a correr para dentro do mar e não parei.

Max riu-se com esse comentário.

– Grande doída!

– Era mesmo – concordou Alice, mas Max reparou que ela não parecia divertida. – Suponho que achava que era invencível. Consequia não me magoar com demasiada frequência, portanto não tinha muitos incentivos para parar.

– Por que paraste? – perguntou, com os olhos a piscar sobre o antigo ferimento na cara dela.

Sarara na perfeição, mas não havia dúvida de que era visível, e podia perceber que devia ter sido bastante grave quando sucedeu.

Alice tocou na cicatriz com o dedo e olhou a direito.

– Magoei-me – limitou-se a dizer, num tom de voz tímido. – A casa dos meus pais tem uma saliência lisa no telhado, e eu tinha a mania de trepar até lá pela janela do meu quarto. Isso deixava a minha mãe com a cabeça em água... as poucas vezes que me apanhou com a boca na botija, costumava gritar-me para descer, ameaçava que me punha de castigo até aos dezasseis anos, esse tipo de coisas. Mas nem por isso eu parei. Recusei-me a ouvi-la. E devo ter feito isso centenas de vezes, mas nesse dia tinha estado a chover e perdi o equilíbrio.

– Merda – disse Max, inspirando o ar através dos dentes com uma careta de estremecimento.

Alice virou-se para ele.

– A estufa amorteceu a queda – disse-lhe, apontando de novo para a cara. – Trinta e tal pontos e dois enxertos de pele.

– Que idade tinhas? – perguntou Max.

– Dez anos – respondeu Alice. – A idade exacta em que uma rapariga começa a preocupar-se com a aparência, por isso não foi a altura mais apropriada.

– Aposto que apesar disso voltaste a empoleirar-te naquela saliência, estou certo? – gracejou Max, e ficou surpreendido quando Alice abanou a cabeça.

– Por Deus, não. A minha mãe ter-me-ia trancado a sete chaves. Depois do que sucedeu, mal me perdia a mim e ao meu irmão mais velho de vista. Coitado do Freddie... passou de um estado em que gozava de total liberdade para um rígido recolher obrigatório durante a noite, e não tinha feito nada de mal. A minha mãe ficou de tal maneira traumatizada com o que me tinha acontecido, que me fez jurar pela vida dela que nunca mais voltaria a fazer nenhuma estupidez nem nenhuma imprudência, e não fiz; bem... – Alice deteve-se, lançando um olhar por cima do ombro como se estivesse a verificar se havia alguém por perto que pudesse ouvi-la. – O que eu quero dizer é que sou muito mais cautelosa desde então.

– Bem, conseguiste chegar até aqui na boa – disse-lhe Max. – Não tiveste medo destes degraus raquíticos, pois não? Isto porque eu cá tive.

– Não. – Alice exibiu um sorriso fugaz. – Não me sinto assustada aqui, sinto-me é... diferente.

Alice franziu o nariz como se tivesse ficado confusa com as suas palavras.

– Não me refiro a isso como uma coisa má. Desculpa, não estou a dizer coisa com coisa, pois não?

– Nem por isso – replicou Max, com um sorriso a bailar-lhe nos lábios. – Mas não faz mal. Ainda tens mais duas semanas para chegar a uma conclusão.

Alice anuiu com um aceno de cabeça, inspirando fundo pelo nariz e olhando para os pés, lado a lado, e a articulação metálica onde o tornozelo de Max estivera em tempos cintilava ao sol da manhã. Este percebeu pela primeira vez que Alice usava uns sapatos práticos para andar iguais aos seus,

ainda que de longe mais pequenos e muito mais limpos. Max gostava de estar aqui sentado na companhia dela; gostava da maneira como Alice o fazia sentir-se a ele. Não o Max que se alistara no exército e fora pelos ares, não o Max que era um fardo para a sua família, mas quem ele era de verdade, aquele que quase ninguém conhecia.

– Deveríamos ir à procura dos outros – disse Alice. – Achas que estarão preocupados sem saber onde estamos?

Assim que acabou de proferir estas palavras, Jamal surgiu atrás deles, e Max reparou na expressão de alívio estampada na cara do amigo. Era indiferente o número de anos que se havia passado desde que se conheceram naquele dia em Headley Court, Jamal continuava a sentir a necessidade de olhar por ele. E, por mais que Max detestasse o facto de estar mais vulnerável desde o ferimento que sofrera, gostava da sensação de segurança de ter Jamal consigo nesta viagem. Era uma das poucas pessoas na vida de Max que entendia de verdade tudo o que ele estava a passar, e sabia qual era a melhor forma de lidar com ele. Os amigos e a família tentavam, mas na realidade não compreendiam – como poderiam?

Alice já estava de pé e Max começou a subir de forma desajeitada atrás dela, encolhendo-se ao de leve com a dor causada pelo coto a mover-se dentro do encaixe da prótese. Jamal e Alice estenderam o braço na direcção dele por instinto quando Max tropeçou, agarrando-o com as mãos enquanto ele se endireitava.

– Obrigado, pessoal.

Seria imaginação sua, ou teria Alice parecido quase triste por ter soltado a sua mão? À medida que a observava a caminhar à sua frente a fim de se reunir às amigas, percebeu que uma grande parte dele esperava que de facto estivesse.

Capítulo 13

O telefonema surgiu pouco depois de o minibus ter deixado Jamal e Max de volta no alojamento. O alegre motorista esperara enquanto Alice, Steph e Maureen mudavam de roupa com rapidez, e neste momento iam a caminho dos templos da gruta na vizinha Dambulla, deixando os seus novos amigos para trás à procura de um lugar para almoçar. A comida, neste momento, vencera a disputa contra prosseguirem as visitas turísticas.

– Olá – disse Alice quando atendeu, antes de acrescentar para as outras duas: – É o Rich.

Steph preparou-se para acenar, mas Maureen debruçou-se até a boca ficar junto ao bocal e gorjeou:

– Olá, Dickie!

Alice ouviu o namorado suspirar.

– És capaz de dizer à Maureen que Dickie *não* é o meu diminutivo? Nunca foi e nunca será.

– Acho que ela já sabe disso – respondeu Alice soltando uma risada, virando as costas à amiga que ria à gargalhada.

Maureen nunca fora capaz de se conter no que tocava a espicaçar Richard. Achava o seu lado sério infinitamente interessante e divertido, e gostava de ver até onde os limites dele a deixavam ir. Não muito longe, conforme veio a descobrir.

– Diz-lhe que fica a dever-me uma cerveja como compensação – acrescentou Richard. Alice pôde ouvir uma batedeira a trabalhar em pano de fundo e calculou que Richard aproveitara para lhe ligar enquanto preparava um dos seus famosos batidos de pequeno-almoço: uma banana, três morangos, uma mancheia de espinafres, uma colher de sopa bem cheia de iogurte natural e meia chávena de aveia. Depois, se estivesse a sentir-se mais aventureiro do que o habitual, uma generosa quantidade de mel também.

– O que tens feito por aí? – perguntou Alice, e depois ouviu com delicadeza Richard desbobinar uma história qualquer sobre uma visita de estudo da escola que fizera com os alunos no dia anterior.

– Fui apanhar um monte de miúdos a fumar nas traseiras do museu – grunhiu. – Qualquer um poderia pensar que pretendem dar cabo dos pulmões e acabarem por vir a sofrer de impotência prematura.

– O mais provável é que estejam a fazer isso só para que os achem fixes – disse Alice, e Richard grunhiu enjoado.

– Seja como for – disse por fim, desligando a batedeira. – Que tal é isso aí? Já andaste de elefante? Oh, não tens bebido água da torneira, pois não?

Alice soltou uma gargalhada.

– Claro que não... quem pensas que sou?

– Fico preocupado – replicou Richard. – É meu dever preocupar-me.

Alice preparava-se para responder, quando lhe ocorreu que nunca se preocupava com Richard. Jamais. Apenas não era o tipo de pessoa para se meter em sarilhos, por isso nunca tivera motivos para se sentir preocupada. Seria uma namorada terrível? Rich estava sempre a dizer que se preocupava com ela – deveria ser cansativo.

– Não precisas preocupar-te connosco – garantiu-lhe Alice, e reparou que Steph e Maureen trocaram um olhar. O minibus parara de repente numa estrada empoeirada que indicava que deveriam cortar para um parque de estacionamento decrépito e a cair aos bocados.

– Acho que chegámos – disse Maureen alto e bom som e Alice encolheu-se ao telefone.

– As meninas parecem bastante atarefadas – constatou Richard, fazendo os possíveis para parecer displicente, mas falhando rotundamente. O coração de Alice compadeceu-se dele; sempre fora um péssimo actor.

– Escuta, Rich – disse Alice. – Eu depois ligo-te quando não estivermos na estrada, e conto-te tudo sobre o macaco que vimos hoje.

– Estavam a ver-se ao espelho na altura? – gracejou ele.

– Ah, ah! – Alice não estava com disposição para se rir de verdade. – Muito engraçadinho. Agora vai mas é trabalhar... vai apanhar mais miúdos a fumar. Põe-nos a todos de castigo. Falo contigo mais tarde. Sim, para ti também. Adeusinho.

Maureen ainda estava a rir-se com o seu comentário «Dickie» cinco minutos mais tarde, enquanto subiam os degraus em direcção aos templos da gruta. Uma vez que se tratava de um lugar religioso, a pele nua (a não ser as caras, as mãos e os pés) era proibida no interior das áreas mais sagradas, e Alice sentiu-se satisfeita por ter levado um par de calças leves. Maureen e Steph, contudo, foram obrigadas a embrulhar as saídas de praia à volta da cintura, e agora iam a bambolear-se ao longo do pátio aberto defronte do Museu Budista como duas gueixas desajeitadas.

Bem acima das suas cabeças, uma gigantesca estátua dourada de Buda sentava-se de pernas cruzadas no telhado, com uma expressão severa e nobre no rosto e um minúsculo macaco a correr-lhe por um dos ombros. Alice ergueu a sua grande e dispendiosa máquina fotográfica a fim de captar a imagem. Ainda não lhe parecia real o facto de estar ali, no Sri Lanka, rodeada por toda esta História, natureza e cores incríveis. Não sabia se tinha algo a ver com o perpétuo brilho do Sol, mas o país parecia quase vibrar com as *nuances* mais brilhantes e arrojadas do espectro de cores. Os amarelos não se limitavam a cintilar, pulsavam; os vermelhos não eram apenas poderosos, eram apaixonados; e o azul interminável do céu por cima da cabeça de Alice zunia com uma beleza infinita.

Só estavam no Sri Lanka há dois dias, mas Alice já sabia que estava a armazenar recordações que revisitaria vezes sem conta, não só pelo seu valor estético mas também pelas emoções associadas. Tal como admitira diante de Max no cume do Rochedo de Sigiriya ao início do dia, estar no Sri Lanka começava a fazer que se sentisse diferente, da melhor maneira possível. Era como se tivesse estado adormecida dentro de si durante imenso tempo, e agora estivesse a despertar. É evidente que o mais provável é que Max tivesse pensado que estivera a balbuciar uma catrefa de baboseiras sem sentido, mas ainda assim foi muito bom contar a alguém como estava a sentir-se. O Sri Lanka era demasiado especial para guardar só para si, pensou Alice. Era sua opinião que a natureza deste lugar e as suas gentes tinham tudo a ver com franqueza, gentileza e bom humor.

– Uau, olhem só para este tipinho medonho – exclamou Maureen, estacando ao fundo de um longo lanço de degraus de pedra.

Alice pestanejou e desviou o olhar dos olhos sábios do Buda dourado para o rosto muito menos enigmático do macaco esquelético. Encontrava-se agachado no primeiro degrau, agarrado a uma pequena banana e fitando-as com franca malícia.

– Parece o Donald Trump – disse Alice, fazendo que Steph e Maureen guinchassem de hilaridade.

– Oh, meu Deus... não é que parece mesmo?! – Steph soltou uma gargalhada, curvando-se para tirar uma fotografia. – Tem a mesma poupa sinistra e tudo.

– Pobre Trump-caco – lamentou-se Maureen, espreitando para a encosta da colina. – E pobres de nós, por termos mais escadas malditas para subir.

– Pensa nos teus glúteos – disse-lhe Steph, passando com cautela pelo macaco amuado. – Vais ficar com um cu de aço quando voltarmos para Suffolk.

O sufocante calor da tarde subjugava-as à medida que iam subindo em direcção às grutas, parando de tantos em tantos metros a fim de tirar fotografias de mais macacos ainda de todos os formatos e tamanhos. Alice ficou encantada ao avistar uma progenitora com uma minúscula cria agarrada à sua frente no cimo de uma das árvores, e os olhos do animal brilhavam travessos e o seu pêlo macio formava um halo fofo à volta da cabeça. Maravilhou-se com a rapidez com que uma pessoa era capaz de se acostumar às coisas novas, apercebendo-se de que se sentia bastante feliz e à vontade no meio deste pelotão de macacos.

Demoraram cerca de vinte minutos para chegar ao cimo das escadas, onde a entrada para os templos da gruta se encontrava assinalada por uma série de prateleiras de madeira abarrotadas de sapatos. Alice, que trazia um saco com ela, descalçou as havaianas e guardou-as, ao passo que Steph e Maureen enfiaram as respectivas sandálias numa das prateleiras do meio. O ar era mais fresco aqui em cima, o mármore que revestia o chão era agradavelmente fresco apesar do calor, e Alice folheou o guia de viagem para tentar descobrir há quanto tempo teria sido ali colocado.

Uma vez no interior das grutas, podiam sentir o cheiro do passado. Era o mesmo odor bafiento que Alice associava às igrejas e aos museus, como se as partículas do ar estivessem impregnadas dos vestígios dos anos passados. No interior da primeira gruta havia uma estátua enorme de um Buda reclinado, que o letreiro as informava de que media mais de quatro metros de comprimento e estava esculpido na rocha sólida. Caminhando ao longo da sua extensão, deram por si sentindo-se meras anãs junto a dois pés gigantescos, cujas plantas haviam sido decoradas com coloridas volutas.

– Faz-me lembrar o Espirógrafo que tinha quando era miúda – disse Steph, detendo-se ao lado de Alice. – Nos bons velhos tempos antes dos jogos de computador terem sido inventados.

– Ugh – grunhiu Alice. – Malditos jogos de computador. Juro que o Richard é viciado no *Call of Duty*.

– Tu sabes quem seria óptimo no *Call of Duty* – disse Maureen. – O Max.

– Suponho que era capaz de ser – concordou Alice, fingindo indiferença.

– Ele contou-te? – perguntou Maureen.

– Estás a referir-te à perna? – alvitrou Alice, e Maureen assentiu.

– Contou, sim. Aconteceu no Afeganistão há oito anos; foi uma bomba inesperada na estrada.

– Cum caraças! – exclamou Steph. – Coitadinho.

Alice abriu a garrafa de água que trazia e bebeu um gole.

– Eu sei. Pois é.

Maureen estava com ar pensativo.

– Acho que ainda me aventuraria. Vocês sabem, com o Max – declarou. – No início chocou-me um bocado, pensar nisso, mas ele está em tão boa forma.

Alice contemplou o pé desenhado do buda reclinado, sem saber muito bem como responder.

– Descobriste se ele é solteiro? – prosseguiu Maureen.

– Não – respondeu Alice em voz baixa, abanando a cabeça. – Mas não me falou nada a respeito de nenhuma namorada e não usa aliança. No entanto, isso não significa que não possa ser comprometido.

– Deve ser difícil – disse Steph. – Quero dizer, é óbvio que ele já passou por grandes apuros. É provável que namorar seja a menor das suas preocupações.

– Tretas! – riu-se Maureen. – Continua a ser um homem e todos os homens no fundo não passam de monstros de lascívia.

Alice odiava o modo como estavam todas reduzidas a um mero lugar-comum, aqui de pé como um bando de velhas mexeriqueiras, proclamando que todos os homens eram iguais, motivados pela pura libido. Max não lhe dava a impressão de ser um homem desesperado para agarrar tudo o que olhasse na sua direcção; era muito menos garoto do que Maureen o considerava. *Mas também*, pensou Alice, culpada, tinha-o monopolizado a manhã inteira. *Talvez se Maureen passasse mais tempo com Max, também ela pudesse então reparar nas suas subtilezas.*

– Posso tentar descobrir pelo Jamal, se quiseres – ofereceu-se Steph, corando bastante ao mencionar o nome dele. – Mas não posso prometer-te que ele não vá despejar tudo nos ouvidos de Max.

– Não me ralo se ele fizer isso – declarou Maureen sonhadora. – Acho que é melhor ser sempre sincera quando se gosta de um homem, em especial quando o tempo é de vital importância.

– Vá lá – disse-lhes Alice, mudando de assunto com toda a firmeza. – Chega de conversa sobre homens, por favor. Existem cento e cinquenta e três estátuas de Buda nestas grutas, e ainda só vimos uma.

Antes de Steph e Maureen terem tempo para responder, já Alice passara por elas, saindo para a luz do Sol do exterior.

Capítulo 14

Max

*Se eu morrer,
Não digas que fui corajoso,
O pó foi a minha couraça,
E a vida foi tudo o que dei.*

Max acordou ao som do telemóvel a vibrar. Esfregando os olhos, pegou nele e semicerrou-os ao ler a mensagem no visor. Era do irmão, Anthony, sem dúvida alguma piada horrível que ouvira dos rapazes. Ant regressara não há muito tempo de chefiar um exercício de treino em Gibraltar, e sempre voltava para casa com um arsenal de piadas medonhas depois de passar algum tempo com os jovens recrutas.

Ao carregar com o dedo no botão, Max ficou agradavelmente surpreendido ao encontrar em vez disso uma fotografia de Ant, da mulher dele, Tina, e de Poppy, a filha de ambos, de cinco anos, todos irradiando alegria com a suposta mais recente aquisição da família – um cachorrinho *Springer Spaniel* de orelhas caídas.

Cedi por fim, dizia a mensagem que acompanhava a imagem, e Max riu-se para com os seus botões. Ant Davis podia ser um capitão do exército que era capaz de levar um homem adulto às lágrimas com um mero olhar demolidor, mas era um verdadeiro otário no que respeitava às mulheres da sua vida – tanto a mais velha como a mais nova. A exemplo de Max, Ant também se deixava infernizar pela outra mulher da vida de ambos, porque a próxima mensagem que chegou dizia o seguinte:

A mãe pergunta se estás a cuidar bem de ti.

Ant adicionara o *emoji* de um macaco com as mãos a tapar os olhos, o que era uma escolha-padrão. A capacidade para chatear que a mãe de ambos possuía era algo com que tanto ele como Ant gozavam juntos desde que eram adolescentes, e o ferimento de Max só viera exacerbar as coisas. A mãe seria capaz de o embrulhar em algodão e andar com ele ao colo se pudesse e não se passava um dia desde que acordara no hospital de Birmingham, com a mãe a soluçar junto à cama, em que Max não se sentisse culpado pelo que a havia feito passar. A necessidade que ela tinha de o vigiar e de andar sempre de volta dele fora uma das razões por que Max se mostrou tão determinado em viajar até ao Sri Lanka – precisava afastar-se tanto quanto ela precisava de uma pausa na preocupação exagerada com ele.

Diz-lhe que me caiu a outra perna, escreveu Max como resposta, intercalando um *emoji* de rosto sorridente. Depois, reparando nas horas, acrescentou Por que raios ainda estás acordado a uma hora destas?

O raio do cachorro não dorme, replicou Ant. Estou no jardim agora, à espera que ele se despache a fazer o que tem de fazer e a congelar os tomates no entretanto. Está tudo bem contigo?

Max sorriu ao imaginar a cena. Adorava ir a casa do irmão no sudeste de Londres, com o seu enorme e caótico jardim e estreitos corredores vitorianos. Poppy ainda era pequena o suficiente para ser adoravelmente franca com o tio, e fazia-lhe perguntas intermináveis acerca da sua perna.

Quando a sobrinha tinha apenas três anos, Max acordou um dia e descobriu que ela se esgueirara para dentro do quarto de hóspedes e roubara *Mister T* enquanto ele dormia, arrastando-a até ao quarto dela onde a embrulhara numa das *pashminas* da mãe e a rebaptizou como *Cynthia*, antes de fazer de conta que lhe servia chá a par do resto dos seus brinquedos de peluche. Tina ficara horrorizada e mortificada, mas Max e Ant soltaram sonoras gargalhadas até as lágrimas lhes escorrerem pelas faces.

Max soergueu-se apoiando-se nos cotovelos e ajeitou a almofada numa posição mais confortável debaixo da cabeça, escancarando a boca num bocejo enquanto enviava mais umas quantas mensagens a Ant, garantindo-lhe que sim, estava ótimo, e que o Sri Lanka era um país tão frenético e lindo como esperava que fosse. Quase acrescentou um texto final sobre Alice, mas absteve-se de o fazer. O que iria dizer? Que tinha conhecido uma rapariga de quem gostava e que tinha um namorado, mas que, assim como assim, isso não fazia a menor diferença porque Max só queria ser seu amigo? Parecia bizarro até dizer chega, e Ant iria com toda a certeza gozar com ele. O irmão estava a par dos problemas que Max tinha no que tocava a relacionamentos. Demorara dois anos a superar o colapso do seu casamento com Faye e depois passara-se mais um ano antes de ser capaz de voltar a sair com raparigas.

O principal problema de Max agora parecia ser o tipo de raparigas que atraía. Ou demonstravam uma curiosidade mórbida pela sua perna e perdiam o interesse assim que a viam de perto, ou então eram do tipo maternal que o viam como uma espécie de cachorrinho ferido que precisava ser apapicado. Max não queria uma namorada que defendesse o membro que lhe faltava ou que se apiedasse dele por o haver perdido – queria encontrar uma companheira para todos os momentos, alguém que o desafiasse, que o fizesse rir, que lhe ralhasse caso se queixasse em demasia e que o amasse pelo homem que era. Era um sonho muito simples, mas que já começava a pensar que nunca iria concretizar-se.

Não, era melhor concentrar-se na verdadeira razão que o trouxera até ao Sri Lanka. Esta viagem nada tinha a ver com conhecer raparigas; era suposto ser sobre Max provar alguma coisa – a si e à sua família. Qualquer coisa além disso só iria complicar a situação. Sim, tinha de admitir que Alice era intrigante, e não parecia ser nem demasiado curiosa nem enjoativamente complacente, mas era comprometida, e Max respeitava isso. Não iria ser, e não poderia ser, motivo de desgosto de outra pessoa. E isso, pensou Max, afastando o lençol e pegando nas canadianas, era claro como água.

Uma vez de pé, dirigiu-se à casa de banho e lavou e enxugou o coto com todo o cuidado. O homem alto que dirigia aquele lugar não tecera nenhum tipo de comentário acerca da perna de Max quando este ali chegara com Jamal e os conduziu até ao quarto pela primeira vez, mas Max ficara sensibilizado ao descobrir que ele pusera um pequeno banco de plástico para si na casa de banho enquanto os dois amigos jantavam. Era muito mais fácil para Max lavar-se, barbear-se e lavar os

dentes se tivesse algo onde pudesse sentar-se, muito embora se orgulhasse da sua capacidade de equilíbrio. Fora Jamal quem insistira para que levassem as canadianas desdobráveis na viagem, ignorando os protestos de Max dizendo que na realidade não precisava delas para nada.

Não adiantava discutir com Jamal no que respeitava a questões de saúde – Max aprendera isso no primeiro dia passado em Headley Court – e admirava com relutância o seu amigo fisioterapeuta por ser tão inflexível no que dizia respeito à recuperação. Jamal vira Max nos seus piores momentos, enrolado sobre si no chão depois de ter caído pela milionésima vez, uivando lágrimas de raiva, de dor e de frustração, e suportara tudo aquilo com a sua irrepreensível disposição alegre e despreocupada. «Conseguirei pôr-te de pé e a correr até à Noite de Guy Fawkes», prometera ele nessa primeira tarde do mês de Junho, fitando Max olhos nos olhos enquanto ambos se encontravam defronte do grande espelho pendurado na parede. Nessa altura, achara algo impossível, mas Jamal não se enganara. Max devia muito a este seu amigo e sentia uma tal dívida de gratidão para com ele que, às vezes, imaginava poder sentir o peso dessa mesma gratidão a sufocá-lo. Devia muito a todos quantos haviam cuidado de si e o haviam feito recuperar desde aquela explosão para poder tirar o máximo partido do seu futuro. Max tinha sede de verdade, de felicidade e de um escape da culpa perpétua que se espalhara pela sua vida como uma nódoa – e esta viagem constituía um passo gigantesco rumo à obtenção desses objectivos.

Quando terminou de se arranjar, Jamal também já havia tomado um duche e encontrava-se vestido, e o seu optimismo habitual mostrava-se algo dominado pelo efeito das sete ou mais garrafas de cerveja *Lion Lager* que emborcara na noite anterior. Os cinco tinham ido a um restaurante próximo, mas quase não chegavam inteiros. Depois de andarem aos tropeções pela estrada escura que partia dos chalés à procura de *tuk-tuks*, encontraram-se frente a frente com uma vaca que deveria ter escapado de um dos campos ali perto. Maureen guinchara de medo, Jamal gritara ainda mais alto, e a vaca fugiu assustada, quase atirando Steph e Alice para uma vala de água pútrida ao passar por elas a trote. Max, que ficara alguns passos atrás deles a fim de consultar uma bússola, saiu ileso daquela aventura, e adorou passar o jantar a meter-se com Jamal por ter gritado como uma mulher.

– Estás pronto para ir visitar a cidade velha? – perguntou Max ao amigo nesse momento, depois de fecharem a porta do quarto à chave atrás deles.

Jamal sorriu.

– Já me conheces, companheiro, estou sempre pronto para tudo.

– Excepto para as vacas – referiu Max, baixando-se a fim de se esquivar ao soco amigável de Jamal. – Não vais desatar aos berros se virmos alguma, pois não? – espicaçou ele, estugando o passo na direcção do sítio onde as raparigas estavam sentadas, cada uma delas a fitar com abjecto horror os pratos cheios de papaia que havia em cima da mesa defronte delas.

– Muito engraçadinho – respondeu Jamal, curvando-se para dar um beijo de cumprimento a Steph.

Os dois haviam trocado por fim um beijo de despedida a noite passada, e agora pareciam incapazes de se largar. Max fingiu diante do amigo que a sua lamechice era repugnante, mas na verdade achava que Jamal e Steph faziam um par adorável. Era bom ver os dois com um ar tão feliz.

– Qual é a piada? – indagou Maureen, e Max lançou um olhar para o sítio onde ela estava sentada, com as suas pernas intermináveis à mostra como de costume, a sorrir para ele.

Trazia o cabelo solto, que lhe serpenteava pelos ombros como uma cortina lustrosa. Alice calçara de novo os sapatos práticos, assim como vestira uns calções de ganga e uma *T-shirt* grande de mais com um *gangster* em forma de panda na frente. Max gostava do estilo arrapazado dela – ficava-lhe bem. Era raro conhecer uma rapariga cujas roupas podíamos imaginar como tendo sido emprestadas em contraste com o oposto. Quando ele e Faye começaram a namorar na adolescência, esta fizera uma razia tal no seu roupeiro que Max fora obrigado a sujeitar-se a ficar com as roupas que Ant não usava mais e que eram demasiado grandes para si.

– Estava apenas a reviver o encontro viril de Jamal com a vaca – disse-lhes Max, sentando-se e empurrando o prato de papaia com firmeza para o lado. – Só gostava que alguém tivesse filmado aquilo.

Jamal escarneceu.

– Como queiras, *He-Man*, há-de chegar a tua vez. Ouvi dizer que há uns lagartos enormes no Sul.

– Nesse caso vais estar no teu ambiente – riu-se Max à socapa, sem perder o ritmo, enquanto Jamal pegava num pãozinho e se preparava para lho atirar à cabeça.

– Então, então! – ralhou Maur. – Parem de fazer asneiras e comam a minha papaia toda como bons meninos.

Rindo, Max fingiu enfiar dois dedos na garganta num gesto de horror simulado, conseguindo apenas com isso que Maureen lhe respondesse soprando-lhe um beijo vagaroso na sua direcção.

Em vez de lhe retribuir o gesto, Max lançou um olhar rápido a Alice. Estava a olhar na direcção oposta, para o sítio onde Jamal, o cretino lamechas, estava a dar pedaços de banana na boca de Steph, por isso não pode ter visto nada. Max apercebeu-se da onda de alívio que o percorreu, e soube o que isso significava, também. Não deveria importar-se se Alice os via, a ele e a Maureen, a flirtar um com o outro, mas importava-se. Essa percepção fez que se sentisse culpado, insinuando que estava a desenvolver sentimentos especiais por essa rapariga, quando não deveria fazê-lo, uma vez que ela já era comprometida. Ou talvez estivesse apenas a fazer uma tempestade num copo de água, concluiu, libertando-se com suavidade do anzol metafórico. Já se passara muito tempo desde que conhecera uma rapariga que sentisse no mesmo instante como sendo uma amiga, portanto isso confundiu os seus sentimentos. No entanto, tudo o que ela podia ser era sua amiga.

Capítulo 15

O autocarro até Kandy deveria partir às onze horas da manhã, e apesar de terem dado uma margem de mais de meia hora para percorrer o trajecto de dez minutos de *tuk-tuk* da pousada em Habarana até à paragem mais próxima, Alice, Steph e Maureen chegaram em cima da hora. A partida das raparigas foi atrasada a princípio pela despedida privada de Steph e Jamal, que teve lugar no quarto do rapaz e se prolongou por muito mais tempo do que seria conveniente para quem estivesse à espera. Fez Alice lembrar-se dos seus inebriantes primeiros tempos com Richard, quando os dois ficavam enfiados no quarto da casa que partilhavam na universidade durante dias seguidos, saindo apenas para fazer fornadas de torradas ou para ir à casa de banho. Na altura Alice sentiu-se como se cada segundo passado com ele devesse ser guardado como um tesouro, e costumava entrar em pânico só de pensar em deixá-lo – até nos curtos períodos de tempo que demorava a percorrer os corredores para tomar um duche e mudar de roupa. Essa sensação há muito que se desvanecera, e hoje em dia Alice tinha a sensação de que os dois se esforçavam ao máximo para arranjar tempo afastados um do outro, Richard com a sua pesca e Alice com as suas demoradas corridas. Não que isso a preocupasse em demasia – o relacionamento que mantinham agora era muito mais saudável, e gostava mais de Rich desta maneira.

Quando Steph surgiu por fim, com a cara vermelha e com os botões da blusa todos abotoados de forma desencontrada, Maureen insistiu então em gravar o seu número nos telemóveis de Max e Jamal, e vice-versa, embora já tivessem marcado um ponto de encontro em Kandy.

– Não vá o diabo tecê-las – disse-lhes, embora Alice soubesse que o que a amiga estava na realidade a fazer era garantir que podia contactar Max quando muito bem lhe apetecesse. Só ficariam separadas dos dois homens por uma noite, mas Maureen já devia ter tramado uma estratégia de sedução na sua cabeça. A distância cortês que Max mantivera até agora só agiria como um cacho de bananas diante de um macaco faminto – Maureen queria o seu banquete, e faria o que fosse preciso para o obter.

– Não se ponham para a aí a conhecer outras raparigas e não se esqueçam de nós, combinado? – gritou Maur da lateral aberta do *tuk-tuk* à medida que se afastavam aos solavancos, e Alice esforçou-se ao máximo para não se encolher.

A próxima coisa que as deteve foi o motorista do *tuk-tuk*. Como era costume, o homem pôs-se a regatear com elas assim que entraram na estrada principal, dizendo-lhes com confiança que era «muito melhor» continuarem no seu *tuk-tuk* o caminho todo até Kandy, e que lhes faria um «preço especial.»

– Não, obrigada – repetiu Alice, sorrindo ao mesmo tempo que abanava a cabeça para sublinhar o seu ponto de vista. O homem pode ter-lhes pedido apenas 3000 rupias, o que rondava as quinze

libras, mas o autocarro só custaria 400 rupias pelas três – menos de duas libras. Além disso, Alice garantira às outras raparigas que apanhar o autocarro seria muito mais proveitoso para todas em termos de cultura e de experiência. Queria sentar-se no meio das pessoas cingalesas, conversar com elas e ouvi-las falar umas com as outras. Observara os autocarros abarrotados chocalhando pelas ruas de Colombo e ansiava por ser uma passageira – parecia-lhe uma coisa de longe mais autêntica para se fazer do que alugar um carro com motorista.

– Desculpe! – berrou Alice ao motorista do *tuk-tuk* que continuava a suplicar, segurando a mochila no colo porque não teve tempo de a pôr às costas. O autocarro estava parado ocioso na berma do passeio e o jovem condutor, debruçado através da porta traseira apoiado num dos braços, fazia-lhes sinal para que se apressassem.

– Vamos embora! – disse Alice apressando Steph e Maureen, que continuavam a vaguear junto ao *tuk-tuk*. – Ainda perdemos o autocarro!

Por fim, percebendo que Alice iria entrar no autocarro com ou sem elas, as duas raparigas correram pela estrada atrás dela, soltando exclamações de surpresa quando o condutor saltou para o chão e atirou as mochilas delas sem cerimónias para o compartimento das bagagens, onde aterraram com um baque surdo em cima de algumas gigantescas sacas de legumes. As três subiram os degraus a trote, quase rolando por eles abaixo segundos depois quando o autocarro estremeceu ganhando vida e partindo com velocidade pela estrada, quase não parando para esperar por uma aberta num fluxo contínuo do trânsito.

– Cum caraças! – gritou Maureen, rindo-se quando as outras duas caíram em cima dela. – Isto é de loucos!

Alice soube no mesmo instante que haviam tomado a decisão acertada. O autocarro era velho e a cair aos bocados, com filas de assentos puídos estofados em couro vermelho rachado. A música cingalesa saía em altos berros por altifalantes instalados ao longo das paredes, e, à frente, um grande ecrã de televisão estava pendurado de forma precária mesmo por cima da cabeça do condutor. Havia decorações no interior do autocarro – fiadas coloridas de flores de papel e *posters* de Buda, e o ambiente era de alegria e frivolidade.

Alice puxou as outras duas na direcção de três lugares vazios ao fundo do veículo, e depois vasculhou a mochila à procura de dinheiro para pagar os bilhetes.

– Obrigado, senhoras! – gritou o condutor por cima da música, e elas ficaram a vê-lo deambular pela coxia central com uma calma jactância.

– Estou a adorar! – declarou Alice, exibindo um sorriso radiante para as amigas. – Não é o máximo?

Steph estava a acenar para uma criança pequena sentada na frente delas, e os olhos escuros da rapariguinha mostravam-se sérios sobre os seus lábios abrindo-se num sorriso tímido. Duas longas tranças de cabelo preto e brilhante caíam-lhe sobre os ombros, e os dedos dela estavam entrelaçados com força entre os de uma mulher de idade que usava um sari cor de laranja-vivo.

– É uma loucura, sem tirar nem pôr – disse Maureen, mas Alice pôde perceber que também ela estava fascinada com o espectro de cores e de barulhos que explodia à volta delas.

– Vamos lá, meninas – acrescentou, inclinando a cabeça sobre o ombro de Alice. – Fotografia!

Alice pensou num inevitável *post* no Instagram, e como Richard ficaria feliz ao ver uma bonita fotografia delas as três. Exibiu um sorriso rasgado, chegando a erguer os polegares por precaução. Era uma bela fotografia – todas pareciam felizes e bafejadas pelo sol, tão diferentes entre si com os respectivos cabelos louro, castanho-escuro e castanho-claro, mas tão em sintonia e à vontade umas com as outras que podiam muito bem ser irmãs. Alice lamentara-se muitas vezes pelo facto de não ter uma irmã. Adorava Freddie com todas as forças, mas perguntava-se se outra rapariga teria mudado a dinâmica em casa. Será que Alice teria sido menos estouvada e maria-rapaz se tivesse tido uma irmã mais velha sensata, em vez de um atlético irmão mais velho? Alice tinha de chegar à conclusão de que se calhar teria, sim. Freddie nunca pregara sustos aos pais na mesma medida que Alice o fizera, contudo, e por isso ele crescera menos mimado. Enquanto a mãe de Alice ficara delirante ao recebê-la de volta em Sudbury depois de ter terminado a faculdade, dizendo na época que aproveitaria a oportunidade para manter a filha debaixo de olho, por outro lado encorajara Freddie a mudar-se para a capital. A ambição e a motivação dele provinham sem dúvida do mesmo lugar de onde em tempos vieram as tendências temerárias de Alice, mas enquanto os impulsos de Freddie o levaram para o caminho do êxito e da segurança financeira, Alice acabara no hospital em resultado do seu temperamento.

Vasculhando o interior do saco e repescando o telemóvel lá de dentro, Alice enviou uma mensagem rápida ao irmão, dizendo-lhe que o Sri Lanka era maravilhoso e que se encarregaria de lhe levar qualquer coisa feita com estrume de elefante. Sentia saudades do irmão musculado, bondoso, a cheirar a chulé e com quem gostava de se meter. Freddie trabalhava muito nos tempos que corriam. Para além dos almoços mensais na casa da família, Alice quase não conseguia passar algum tempo com ele, e os telefonemas esporádicos que trocavam não eram suficientes. Quando regressasse a Inglaterra, iria visitá-lo, decidiu naquele exacto momento.

– Estás a mandar uma mensagem ao teu irmão? – perguntou Maureen, levantando a voz para que Alice pudesse ouvi-la acima da mistura do rádio do autocarro, do rugido do motor e das incessantes buzínadelas, a que o condutor recorria com uma regularidade alarmante.

– Hum-hum – confirmou Alice, divertida ao aperceber-se que a amiga estivera a bisbilhotar como quem não quer a coisa.

– Ele continua em forma como sempre? – Maureen exibia um brilho familiar no olhar.

Alice visualizou o irmão, com os seus dentes certinhos, cabelo curto e penteado e olhos verdes rasgados e acolhedores. Tinha deixado crescer a barba no ano passado, mas depois chegou à conclusão com sensatez de que lhe ficava que era um horror e voltara a rapá-la.

– Não chega a ser esquisito teres uma queda pelo Freddie – informou Maureen. – Apenas é... errado.

– Oh, mas ele está longe de ser errado seja de que maneira for – prosseguiu Maureen. – E também é rico, certo? Ouro sobre azul.

– Peço-te o favor de parares de fazer planos para seduzir e depois depenar o meu irmão – repreendeu-a Alice em tom zombeteiro.

– Gaita! – exclamou Maureen deitando-lhe a língua de fora. – És uma chata!

– Muito pelo contrário – retorquiu Alice a sorrir. – Deverias agradecer-me por te poupar ao pivete que ele deita dos pés. A sério! O dinheiro dele não compensa o fedor a queijo podre. É uma verdadeira provação.

– Ela não está a gozar – interveio Steph, abanando-se com um mapa dobrado.

O autocarro fizera uma travagem forçada para recolher mais passageiros, e o calor quando o ar deixou de entrar pelas janelas abertas passou a ser intenso. Estava mais um dia lindo, e Alice deliciou-se com a mancha de luz solar que brilhava sobre o banco onde estava sentada. A temperatura aqui tornava de facto mais difícil o facto de que pudesse sentir-se demasiado stressada. Em casa, Alice sentia-se muitas vezes com os nervos em franja, dormindo mal com frequência e a cabeça a zumbir com uma ansiedade que só podia ser mitigada mergulhando da prancha mais alta, ou correndo por veredas escuras e arborizadas com tanta velocidade que os pulmões lhe ardiam em forma de protesto. Aqui, no Sri Lanka, sentia como se todo o calor e alegria a houvessem envolvido num abraço reconfortante.

Steph estava agora a contar a Maureen uma história sobre a primeira vez que dormiu em casa de Alice, e como Freddie insistira em enfiar-lhe os seus pés fedorentos debaixo do nariz enquanto viam o filme *O Professor Chanfrado*.

– Quase vomitei as pipocas – disse com sinceridade, com os caracóis louros a baloiçar de um lado para o outro à medida que o autocarro rodava a grande velocidade.

O cabelo de Steph estava um bocadinho menos espetado do que o do Doutor Brown no filme *Regresso ao Futuro*, reflectiu Alice; a amiga devia estar a aclimatar-se à humidade por fim.

– Posso sempre usar uma mola no nariz – declarou Maureen, recusando-se a ser dissuadida.

– É tal e qual o que um homem quer ver numa rapariga enquanto está a ter sexo com ela – afirmou Steph prosaica e com frieza.

– Irra! – Alice tapou os ouvidos com as mãos. – Não ponham sexo e o meu irmão na mesma frase, por favor!

– Acham que o Max ainda é capaz de... vocês sabem? – ponderou Maureen, assim que Alice afastou as mãos.

– De ter relações sexuais? – perguntou Steph. – Não vejo por que não.

– Bem, não sabemos até que ponto ficou ferido – prosseguiu Maureen.

O bom humor de Alice evaporou-se como água da chuva sobre uma estrada a esquandar.

– Acho que isso não é da nossa conta – disse-lhes, cruzando os braços. – Não estão à espera de que ele vá contar a um bando de raparigas que acabou de conhecer os pormenores mais íntimos da sua vida, ou estão?

– Bem visto – concedeu Maureen, antes de acrescentar com ar manhoso: – Depois conto-vos se conseguir descobrir.

– Maur! – criticou-a Alice. – Não podes ir para a cama com ele por mera curiosidade.

– Não é por essa razão que quero fazer isso – teimou Maureen. – Eu sei que vocês as duas acham que sou uma espécie de viciada em sexo, mas penso que ele é fixe. Há imenso tempo que não sinto uma conexão genuína com um tipo para além de me atrair, e gosto mesmo do Max.

Alice virou-se para a janela e observou um cão vadio a coxear pelo passeio, com uma das patas no ar como se estivesse magoada. Uma banca de cocos vergava-se sob o peso da sua carga, palmeiras oscilavam ao vento, e o pó que saía debaixo das rodas do autocarro bailava no ar entre elas.

– Perguntei ao Jamal – disse então Steph, baixando a voz com ar de conspiração. – Vocês sabem, se o Max andava ou não com alguém.

– E? – Maureen quase espumava pela boca.

– E não há dúvidas de que é solteiro – contou-lhe Steph com satisfação.

– Bom trabalho, Steph! – disse Maureen. Era óbvio que a rapariga estava encantada. – Já apanhei o Max a olhar para mim várias vezes, não sei se sabem. Pensei que podia estar a imaginar coisas, mas talvez não estivesse... talvez ele estivesse a tirar-me as medidas.

– Tenho a certeza de que deve ter feito isso – retorquiu Alice. – Afinal de contas, é apenas humano.

Não fora sua intenção soar assim tão sarcástica, e Maureen apressou-se a virar-se para ela de imediato, semicerrando os olhos confusa.

– Pensei que ficarias satisfeita – afirmou. – Sempre é melhor o Max do que o Freddie, certo?

O que podia dizer em relação a isso? Em todo o caso, Alice tentou rir-se do comentário de Maureen, mas as suas entranhas reviraram-se ao perceber que só de imaginar Maureen e Max atracados um ao outro era na verdade bem pior do que a imagem da amiga com Freddie – e o que isso implicava era de mais para Alice conseguir processar.

– Acho que deves partir para cima do Max se de facto pensas que ele está pelos ajustes – disse, com a boca seca. – Até sou capaz de interceder a teu favor, se quiseres. O que achas?

– Serias capaz? – Maureen deu-lhe um beijo no maxilar rígido. – Adoro-te mesmo, sabes bem disso, Alice... mesmo que te recuses a deixar-me saltar para a cueca do teu irmão.

Alice abanou a cabeça com um desespero simulado, evitando de forma deliberada fitar as duas amigas olhos nos olhos.

Estava a fazê-lo de novo, pensou. Estava a fazer promessas que não fazia a menor intenção de cumprir. Mentir a Richard e à sua mãe já era péssimo o suficiente, e agora também se punha a contar mentiras às amigas.

Capítulo 16

Apesar de ter lido com atenção o aviso no guia de viagem sobre o terminal rodoviário Goods Shed de Kandy ser um dos pontos de paragem mais movimentados de todo o país, Alice, Steph e Maureen continuavam em estado de choque com o cenário que as acolheu quando chegaram.

– Este lugar é absolutamente genial! – exclamou Steph, prestes a cair para os lados ao fundo das escadas do autocarro quando uma vaga de pessoas quase lhe passou por cima na sua pressa de embarcar.

Alice não respondeu, porque estava demasiado ocupada a correr até à parte traseira do autocarro a fim de ir buscar as respectivas bagagens, e as três mochilas já haviam sido atiradas para o asfalto quase no preciso momento em que o condutor travou a fundo.

– Dêem-me uma ajuda – gritou para as outras, arrastando duas das mochilas e empurrando a sua para a frente com um dos pés. Não parecia haver uma área destinada ao desembarque, e corriam um perigo genuíno de serem esmagadas pelo próximo autocarro que estivesse prestes a chegar. Todas as pessoas que haviam viajado com elas tinham desaparecido, e Alice olhou em vão a toda a volta à procura de uma tabuleta que lhes indicasse a direcção que tinham de seguir. O ar estava denso devido ao cheiro a *diesel*, o calor era asfixiante, e tudo o que Alice conseguia ouvir era buzinas de automóveis, gritos e motores a trabalhar. Achara a capital Colombo movimentada, mas Kandy era algo à parte. Mal conseguia pensar como deve ser, mas em vez de se sentir receosa, achou que se sentia extasiada por todo aquele caos que se desenrolava diante dos seus olhos.

– Sim, por favor – ouviu Maureen dizer, e então virou-se deparando-se com um homem cingalês na frente delas, com um sorriso no rosto e um pólo vermelho-vivo muito esticado sobre a sua barriga proeminente. Já tinha na mão a mochila de Maureen e agora estendia a mão na direcção da de Alice.

– Eu levar para si – ofereceu-se, mas ela abanou a cabeça.

– Eu cá me arranjo, obrigada.

O homem assentiu com a cabeça, sem nunca abandonar o amplo sorriso no rosto, e depois disparou a toda a velocidade na direcção de uma torre do relógio alta e em betão.

– É o motorista do nosso *tuk-tuk* – explicou Maureen impotente, antes de correr atrás dele por entre as multidões e deixando Steph e Alice sem outra alternativa a não ser ir no seu encalço. Serpentearam no meio de grupos de crianças de escola, saltaram por cima de cães, esquivaram-se a sacas de legumes e de arroz, e por pouco não tropeçaram numa série de gaiolas empilhadas contendo galinhas amontoadas e a cacarejar. Uma vaga compacta de condutores de *tuk-tuk* afastaram-se para deixá-las passar, gritando cada um deles uma saudação de *Ayubowan* e uma tarifa que rivalizavam entre si à medida que passavam por eles.

Demoraram apenas cinco minutos a chegar ao táxi de três rodas que lhes cabia, mas foi o suficiente naquela tarde de intenso calor para que Alice sentisse as costas humedecerem de suor. Aqui o calor era muito diferente daquele a que estava acostumada nas praias de Espanha ou da Grécia – quase parecia que alguém as havia trancado dentro de uma imensa sauna e regulara o botão da temperatura no máximo. Sem mais nem menos, os seus pensamentos dirigiram-se para Max – como conseguiria circular no meio de todos estes empurrões e cotoveladas? Desde que lhe contara como havia perdido

a perna, Max tornara-se mais vulnerável aos seus olhos, e a realidade do que ele havia passado era algo que Alice não podia ignorar, por mais que pensasse que era isso que ele queria que fizesse. Max era um homem que ficara destruído, tanto física como mentalmente, e os sentimentos de preocupação que Alice nutria por ele eram muito naturais. Que espécie de pessoa seria ela se não sentisse empatia por ele, se não quisesse protegê-lo de mais sofrimento? Qualquer pessoa que o conhecesse sentiria a mesma coisa, ou não?

Uma veia saliente surgiu de repente na testa do condutor do *tuk-tuk* ao tentar espremer as três mochilas enormes das raparigas no pequeno espaço que havia atrás do assento, mas em vez de praguejar de frustração, pareceu achar todo aquele cenário hilariante.

– Demasiados sapatos! – riu-se o homem, apontando com uma assustadora precisão matemática para o saco de Maureen. – As senhoras sempre têm muitos, muitos sapatos.

– Não podemos pôr uma das mochilas debaixo dos nossos pés? – sugeriu Alice, dando um passo em frente antes de Maureen ter hipótese de instruir o motorista sobre a importância de ter um par de sapatos de meio salto para cada ocasião. Essa ideia pareceu agradar ao homem, e alguns minutos mais tarde partiram, serpenteando por entre a fervilhante afluência de tráfego, e Alice, Steph e Maureen seguiam com o queixo entre os joelhos.

– Gostam de música? – berrou o motorista.

– SIM! – gritaram todas em coro, e no segundo seguinte as costas delas vibravam com o som do baixo que vinha de um potente altifalante oculto num painel atrás do assento.

– Não admira que não haja lugar para as nossas mochilas – gritou Steph por cima do que só podia ser descrito como um martelar de tambores e cânticos. – Ele tem um sistema de som *Dolby* instalado aqui.

– Gosto disto – declarou Maureen, reforçando o seu comentário com um grito quando quase colidiram com uma mota. O rapaz que a conduzia berrou algo que pareceu amigável para o condutor, exibiu duas fileiras de dentes, e avançou disparado a toda a velocidade. Os olhos de Alice arregalaram-se quando espreitou pela borda do toldo preto do *tuk-tuk* e viu o focinho peludo de uma cabra a olhar para ela através da janela aberta de um carro. *Adoro este lugar maluco*, pensou, e a felicidade fê-la erguer os cantos da boca num sorriso.

O centro de Kandy fervilhava de actividade, mas assim que conseguiram passar e prosseguir caminho e começaram a subir aos soluços e com ruído uma encosta íngreme, toda a atmosfera se transformou num cenário muito mais sereno. Uma vez que havia muitos lugares a visitar nesta viagem ao Sri Lanka, as três raparigas concordaram em dividir a tarefa de reservar os alojamentos entre todas, e a escolha para as duas noites seguintes fora feita por Steph. A exemplo de Alice, ela favorecia as pousadas em detrimento dos hotéis, e Alice ficou satisfeita ao ver que a amiga se empenhara em fazer uma boa pesquisa sobre Kandy. Assim que emergiram numa nuvem de poeira na frente da bonita casa de dois pisos a que iriam chamar-lhe a título temporário, soltou um audível suspiro de alívio. Valia todo o dinheiro gasto em viagens de *tuk-tuk* para ficarem alojadas tão longe da cidade. Ali reinava a desordem, ao passo que aqui a paz e a tranquilidade encontravam-se na ordem do dia.

Alice pagou ao motorista enquanto as outras arrastavam para fora as mochilas entaladas no banco, e o estado de espírito alegre e optimista em que se encontrava levou-a a dar-lhe uma polpuda gorjeta.

– Obrigado, obrigado – disse o homem agradecido, unindo as mãos. Era revigorante e agradável a maneira como os homens falavam por estas bandas. Nunca havia um vislumbre de engate ou de sordidez, apenas pura amabilidade com um toque de malícia – em especial no que tocava a regatear um preço. Alice não contara sentir-se mais segura aqui do que no seu país – mais especificamente por ocasião das raras viagens que efectuava a Londres, onde havia sido insultada por homens de pavio curto e desdenhosos demasiadas vezes para ser capaz de se recordar de todas.

– Vamos? – disse para Maureen e para Steph, enquanto o *tuk-tuk* se bamboleava encosta abaixo. Com as mochilas às costas, as três raparigas empurraram o portão de madeira branca de modo a abri-lo e entraram num jardim imaculado. Flores de todas as cores e tamanhos irrompiam de canteiros bem tratados, um aspersor inactivo encontrava-se ao centro de um relvado impecável, e por cima das suas cabeças os ramos das árvores gemiam com o peso dos cocos maduros. Até o calor era menos opressivo aqui, e o ar era de algum modo mais puro e vivo com a soberba fragrância da natureza. Em Kandy, era mais provável que inalassem fumo e gases de gasolina em vez de aromas florais, e nesse momento Alice inspirou fundo e com alívio algumas vezes à medida que se encaminhavam ao longo de um carreiro empedrado em direcção à porta principal.

– Sapatos – disse Maureen, apontando para um par abandonado de sandálias masculinas e algumas havaianas mais pequenas e mais delicadas. Alice, que calçava ténis, ajoelhou-se devagar a fim de os desapertar, tomando cuidado para não deixar que o peso da mochila a desequilibrasse e caísse para o lado. Antes de ter tempo de se pôr de pé outra vez e bater à porta, esta abriu-se de par em par à frente delas e um homem cingalês de uma certa idade estendeu as mãos num gesto amplo.

– Stephanie, Melissa e Alison – declarou, afirmando mais do que perguntando.

– Quase isso – replicou Maureen com um sorriso.

– Ah, chegaram cedo – disse o homem, batendo as palmas. – Venham, a minha mulher está aqui. Irá preparar-vos algo para comer. Estão com fome? Vieram de comboio? Há quantos dias estão no Sri Lanka?

Alice limitou-se a abrir e a fechar a boca em vão, à medida que o homem as ia conduzindo através de uma sala de estar incrivelmente limpa e arrumada, tagarelando sem cessar e sem esperar uma resposta delas. Os suaves ladrilhos brancos produziam uma maravilhosa sensação de frescura debaixo dos dedos nus e Alice fincou os pés no chão como faria numa aula de ioga, encorajando a sensação agradável a espalhar-se pelos membros inferiores. Sempre se considerara uma adepta da luz solar, mas até Alice precisava admitir que aqui esta se tornava esmagadora – em especial quando transportava um peso morto às costas.

– Chamo-me Chatura – disse-lhes o homem, parando ao fundo de um lanço de escadas de madeira e fazendo sinal à mulher para que saísse de trás de uma cortina de missangas que escondia a cozinha da vista. Era baixinha e de formas arredondadas, com cabelo grisalho apanhado num coque baixo e possuía uns olhos grandes como castanhas-da-índia.

– Esta é a minha Monisha – proclamou o marido com orgulho, olhando para a mulher diminuta como se ela fosse a coisa mais bonita que alguma vez vira na vida.

Monisha sorriu com timidez e acenou, antes de voltar a recuar e desaparecer por detrás das missangas.

– Ela gosta de se esconder – disse Chatura com alegria, soltando uma risada enquanto começava a subir as escadas. – É assustadiça como um gato.

O homem parecia achar isso hilariante, e soltou uma sonora gargalhada enquanto percorria, descalço, o estreito corredor. Havia três portas, que abriu uma de cada vez – a primeira conduzia a um quarto contendo um beliche com duas camas, uma pequena cama individual e um toucador; a segunda era a casa de banho, que era grande, quadrada, antiquada e básica, e a terceira abria-se para uma comprida varanda.

– Oh, uau – exclamou Alice sem ar, debruçando-se sobre o ombro de Steph para poder apreciar a vista.

– A melhor vista do Sri Lanka – disse-lhes Chatura com solenidade, com a mão agarrada ao parapeito de metal que se estendia ao longo do rebordo exterior da varanda. Lá em baixo Alice pôde ver a extensão de flores que decoravam o jardim das traseiras do seu anfitrião, e para além dele a paisagem afunilava-se encosta abaixo numa miscelânea estonteante de verdes, amarelos e vermelhos. Ao longe, do outro lado da cidade, assomavam vastas colinas, enquanto acima delas se viam algumas nuvens esfumadas e salpicadas, metade brancas, metade cinzentas, e o céu em torno delas apresentava um tom de azul como que lavado de fresco.

– O pôr do Sol aqui é muito bonito – informou-as Chatura, sem dúvida satisfeito com as expressões idênticas de assombro na cara das três. – Venham até aqui às seis horas. Eu trago chá, e podemos ver o Sol a pôr-se.

– Uma excelente ideia – replicou Steph, olhando para Alice e para Maureen, que concordaram. Nesse momento eram só duas da tarde, por isso ainda disporiam de algumas horas livres para explorar.

Chatura deixou-as sozinhas para que se instalassem, mas não sem antes explicar num inglês macarrónico e recheado de pormenores como funcionava o chuveiro, como era importante que fechassem a porta da varanda à chave todas as noites antes de irem para a cama, e onde se encontravam armazenadas as garrafas de água, cortesia da casa. Alice assimilou tudo com um sorriso, depois instalou-se no beliche inferior, enquanto Maureen foi refrescar-se um pouco e Steph deu um salto lá fora para tirar fotografias do jardim. A cada minuto que passavam nesta casa – bem, neste país glorioso para ser mais exacta – Alice sentia-se mais à vontade e mais relaxada, mas também revigorada.

Sabia que se deixara acomodar a uma rotina medíocre em Inglaterra. O seu emprego na autarquia local já não a desafiava, enquanto o seu relacionamento com Richard transcorria de forma bastante agradável, mas já se passara muito tempo desde que Alice sentira necessidade de experimentar coisas novas. Quando falava com Steph sobre isso, confessando-lhe a preocupação que sentia de que as coisas entre si e Richard se haviam tornado demasiado previsíveis, a amiga costumava revirar os olhos e dizia-lhe para não ser tão parva.

Na opinião de Steph, Alice tinha sorte em ter um relacionamento tão confortável, e devia sentir-se abençoada por não ter dramas de espécie nenhuma na sua vida, mas Alice começava a perguntar-se

se o pouco que tinha, no caso deles, não podia acabar por se transformar num «tarde de mais». A centelha que via com tanta nitidez entre Steph e Jamal, a mesma que Maureen imaginava iluminar o espaço entre ela e Max, não era algo que Alice pudesse recordar sentir há já muito tempo.

Bem, pensou com uma pontada de culpa, tirando o telemóvel da parte superior da mochila, *pelo menos, não com Richard*.

Alice esperava ver uma catadupa de mensagens surgir no telefone assim que se ligou ao *wi-fi* de Chatura e Monisha, mas o visor permaneceu obstinadamente vazio de pequenas caixas cinzentas de mensagens de texto. Nada de novo de Richard, e não obtivera nenhuma resposta de Freddie.

Ajeitando a almofada para poder encostar-se à parede com todo o conforto, Alice abriu o Instagram e foi percorrendo a conta de Maureen. A última fotografia que a amiga havia postado foi uma das três no autocarro para Kandy, todas de caras luminosas e felizes, e Alice fez duplo clique e viu o pequeno coração vermelho aparecer por baixo da imagem. Mais em baixo, descobriu uma fotografia de alguns pedaços de papaia num prato, a que Maureen acrescentara um *emoji* verde, prestes a vomitar. Soltando uma risada, Alice também assinalou Gosto nessa, e depois continuou a descer e sentiu o sangue aflorar-lhe às faces ao avistar Max. Estava de pé no cume de Sigiriya, com o braço envolvendo com naturalidade o ombro de Maureen e a cara inclinada para cima para a *selfie*. Alice pôde ver o reflexo do Sol e das árvores nas lentes dos óculos escuros dele, e o rapaz exibia um sorriso rasgado debaixo deles. Alice usou os dedos para ampliar a imagem, olhando de perto para os seus dentes brancos, para a barba rala no queixo, para a curva perfeita das suas orelhas. Clicando com o dedo em baixo, Alice viu que Maureen fizera o que desejava e rotulou Max na fotografia. *BoyBrooke*, leu, franzindo a testa ao de leve. Tinha a certeza de que Max lhes havia dito que o seu apelido era Davis.

Abandonando o Instagram e abrindo a aplicação do Facebook, Alice percorreu o perfil de Maureen e verificou quem eram os seus mais recentes amigos. Sim, lá estava ele, Max Davis, a sorrir como se tivesse estado a rir-se na fotografia do seu perfil. Então, perguntou-se, a que propósito viria esse *BoyBrooke* afinal? Seria talvez uma alcunha dos tempos do exército?

Alice voltou ao Instagram e desta vez foi à procura da conta de Max, ignorando o rasto de suor culpado que começava a salpicar-lhe o peito. Estava só a ver. Não havia mal nenhum nisso. Nem estava a gostar de nada – e também não havia começado a segui-lo. E, seja como for, ponderou, Max era seu amigo, por isso não havia qualquer problema em percorrer algumas das fotografias dele.

Alice depressa descobriu que um grande número das fotografias dele exibia uma menina amorosa, com ar determinado, que descobriu ser Poppy, a sobrinha de Max ao ler as legendas. Havia um homem em algumas dessas fotografias que só podia ser o irmão mais velho de Max. Era muito parecido com ele, mas era mais alto e mais entroncado e com menos traços simétricos. Tinham o mesmo cabelo castanho-claro, o mesmo olhar intenso, e ambos pareciam passar muito do seu tempo a fazer parvoíces, pelo que Alice pôde ver.

Mais para baixo, passando instantâneos da família, fotografias de comida, uma árvore de Natal e fotografias de grupo de Max com um monte de colegas com ar musculado, Alice descobriu uma fotografia de Max a cruzar a meta na Maratona de Londres há alguns anos, com lágrimas a escorrer-lhe pelas faces. Havia outra fotografia dele sentado no que parecia ser uma cama de hospital, com

uma cadeira de rodas ao seu lado e um tubo de soro a sair debaixo das cobertas. Mostrava os polegares erguidos para a câmara, mas Alice estremeceu ao reparar no quanto as suas faces estavam encovadas, e no quanto as omoplatas estavam salientes por baixo da *T-shirt*. Max acrescentara uma legenda nesta fotografia onde se lia «#TBT de quando acordei em Selly Oak. Afivelando uma cara corajosa mas cagando nela (não literalmente, mãe!). Mais uma vez obrigado à incrível equipa médica e de enfermagem que nunca esquecerei – e desculpem por ter escondido no armário aquela salada de carapau que tentaram obrigar-me a comer e me ter esquecido dela. Isso é para vos ensinar a não ministrar os analgésicos como se fossem rebuçados!»

O *post* tinha mais de 200 Gostos, e tantos comentários que Alice teve de ir descendo para poder lê-los. Muitos eram piadas dos colegas, mensagens escritas em gíria militar que Alice não compreendeu, mas também havia expressões de afecto, e de orgulho dos profissionais de saúde que tinham feito parte da equipa que cuidou dele. Um utilizador do Instagram chamado «JayÉoTal», escreveu «Chega-te de bajulações?» e Alice sorriu ao clicar no registo baseada num palpite e descobriu que se tratava de facto de Jamal.

Era uma sensação estranha ver Max assim, quando ainda era um desconhecido para si. Ocupara a sua mente a tal ponto nas últimas vinte e quatro horas que a ideia de não o conhecer lhe parecia absurda. Mesmo que nunca mais voltasse a vê-lo depois destas duas semanas – e, com o coração pesado, aceitou que seria o cenário mais provável – Alice sabia que a confortaria saber apenas que ele existia no mundo. O facto de Max fazer parte dele tornava-o melhor. Não sabia por que motivo se sentia desta maneira, nem por que tinha tanta certeza disso, mas a verdade é que era assim.

– Alice? – A porta do quarto abriu-se com estrondo para revelar Maureen, com o cabelo molhado a pingar sobre os mosaicos e as faces rosadas do que deveria ser efeito de um duche quente.

– Estás outra vez perdida no *País das Maravilhas*? – gracejou a amiga, espreitando na penumbra. Alice tinha fechado as gelosias de madeira, na intenção de mudar de roupa, mas depois acabou por se distrair com o telemóvel.

– O Chatura trouxe um pouco de bolo de banana – prosseguiu Maureen. – E depois diz que nos levará até ao Templo do Dente Sagrado.

– Dá-me só dez minutos – disse Alice, pensando em enviar uma mensagem rápida a Richard, dizendo-lhe que tinham chegado a Kandy em segurança. No entanto, quando voltou a olhar para o telemóvel, percebeu horrorizada que tinha clicado sem querer no Gosto sobre a fotografia de Max na cama de hospital. Uma fotografia que ele havia postado há mais de dois anos.

Foi apenas por saber que o doce e pequeno Chatura se encontrava do lado de fora da porta que impediu que Alice praguejasse em voz alta.

Capítulo 17

Max

*Se eu morrer,
Não sepultes o que resta,
Transforma o meu corpo em cinzas,
E dissemina-me como chuva...*

Verificava-se uma dor surda e insistente no coto de Max. Já há alguns dias que o atormentava, e esperava que a culpa fosse apenas do longo voo, no entanto a dor não mostrava sinais nenhuns de abrandar. Na verdade, Max aceitava-a com uma careta: estava pior. Tal como um médico no Selly Oak Hospital lhe explicara no início do longo período de recuperação, a dor era uma continuação deste tipo de ferimento. A perda de um membro nunca era um simples corte, junção, sutura e depois seguir em frente; era o princípio de um processo de cura que se prolongava para o resto da vida.

Frustrado pelas limitações que a sua situação difícil lhe impôs, Max no início mostrou-se ansioso em continuar com a reabilitação e poder movimentar-se por todo o lado sem ter de recorrer a uma cadeira de rodas. A sua determinação, assim como a absoluta força de uma vontade férrea, puseram-no de pé com a ajuda de uma bengala num espaço de quinze dias, e a partir daí era apenas uma questão de tempo até ser feito um molde para a sua primeira prótese.

Infelizmente, tal como Max não tardou a aprender desde cedo, a mais pequena mudança ou alteração no coto ainda em fase de cicatrização podia significar um retrocesso de dias ou até mesmo de semanas. Era indiferente o número de vezes que os profissionais de saúde lhe haviam dito com toda a paciência que teria de contar com novas regras no que tocava ao seu membro residual, que o fluxo sanguíneo seria limitado e, por conseguinte, a recuperação demoraria mais cinco ou seis semanas, que os seus ossos estilhaçados poderiam deteriorar-se mais ainda, que poderiam ocorrer ulcerações e danos no tecido no interior da perna, que até a menor alteração no seu peso poderia fazer que a articulação não se encaixasse como deve ser, tornando o acto de caminhar sozinho sem auxílio de novo impossível. Apesar de tudo isso, Max não desistiu de batalhar.

Houvera dias sombrios e dias mais optimistas – uma infecção retardara a cicatrização dos enxertos de pele retirada da parte interior das coxas de Max, obrigando-o a permanecer acamado, mas depois, duas semanas mais tarde, sentiu-se como se tivesse conquistado uma montanha ao conseguir subir uns quantos degraus sem o auxílio das canadianas. Cada obstáculo superado, Jamal dissera-lhe, com os seus sérios olhos castanho-escuros ao nível dos de Max, por mais insignificante que fosse, era um triunfo. No entanto, e isto era vital, se Max sentisse alguma vez qualquer espécie de dor ou até um ligeiro desconforto, não deveria guardar isso para si.

Max conhecia as regras. Chegaria ao ponto de afirmar que era um mantra – algo que era tão absoluto na sua importância que não deveria pôr em dúvida o seu dever em obedecer-lhe mais do que o simples facto de inspirar e expirar. Mas hoje, e com esta dor, Max não as professava. Não era um homem por natureza teimoso – muito longe disso –, mas Max estava cansado de não sentir mais o seu corpo como se fosse seu. Pela sua vida passaram tantos médicos, enfermeiras e fisioterapeutas, e durante muito tempo teve a mãe a ajudá-lo a lavar-se, a urinar, a barbear-se, a fazer todas as coisas que ela não deveria ser obrigada a fazer. A única maneira de Max conseguir aceitar isso era dissociar-se da sua forma física, vedar essa parte da sua mente que o fazia sentir-se humilhado e insignificante. A lógica argumentava com ele dizendo que se tratava da sua mãe, a mulher que o havia dado à luz, que o criara, que o conhecia e que o amava mais do que qualquer outra pessoa – mas ainda assim esta era uma situação muito perto do insustentável. O fardo que lhe impusera assombrava Max até hoje, e não havia dúvida de espécie nenhuma na sua mente que a culpa era sua e de mais ninguém. Nenhuma mãe deveria ter de aguentar o que a de Max suportara. Nenhum pai, irmão, irmã, filho ou até mesmo amigo, aliás. Era tudo tão bárbaro – o estilo de vida que escolhera, o ferimento que se seguiu e o trauma que deixou como rasto.

À medida que os anos iam passando e a recordação abrasadora e arrasadora dessa época diminuía um pouco, Max aprendera a libertar-se de muitas das coisas que no início lhe pareceram tão intoleráveis. Compreendeu que havia perdido a capacidade de ser tão espontâneo como fora em tempos, reconheceu que precisava manter o peso vigiado por causa do efeito que qualquer oscilação pudesse exercer no seu coto, aceitou o trauma mental com que ficara e lidou com ele o melhor que pôde, e perseverou na prática do auto-exame, contemplando-se ao espelho até as cicatrizes lhe parecerem familiares.

Demorou muito tempo até Max se sentir à vontade o suficiente para ter intimidade com alguém, mas quando esse momento chegou por fim – com uma instrutora de equitação chamada Eve no casamento de um colega de faculdade – correu surpreendentemente bem. Eve não pareceu sentir repulsa nem curiosidade em relação ao seu coto; limitou-se a dar uma rápida vista de olhos e disse: «Oh, está ótimo e cicatrizou na perfeição», antes de avançar e despir o sutiã. Para Max, que vinha a preparar-se para esse momento há anos, o encontro foi um suspiro de alívio.

Deu uma olhadela pelo autocarro agora, para o lugar onde Jamal estava sentado, com a cabeça recostada na janela empoeirada, a dormir a sono solto apesar do batuque da música e da cacofonia do barulho do trânsito, e perguntou-se por que raio tinha sido tão estúpido e não contara ao amigo sobre a dor que sentia. Iria contar, decidiu Max, assim que abandonassem o Pico de Adão. Logo que provasse a si mesmo e a todas as outras pessoas que ainda era capaz de escalar montanhas – e Max sabia que isto era importante para ele tanto a nível figurativo como literal –, então render-se-ia e deixaria Jamal observá-lo como deve ser. Seja como for, já só faltavam alguns dias – até que ponto poderia piorar de facto neste minúsculo espaço de tempo?

Max concentrou a sua atenção no *notebook*, franzindo o sobrolho ao reler o início de outro poema. Iniciara a colectânea do seu trabalho inspirado em *The Soldier* de Rupert Brooke enquanto se encontrava destacado no Afeganistão há tantos anos, e o tom dos seus poemas era sem dúvida lúgubre. Fora buscar a última e famigerada abertura do poeta, *Se eu morrer*, para começar cada um

dos seus esforços, mas nunca parecia ultrapassar os quatro versos. Servir no exército proporcionou a Max uma perspectiva complicada sobre a morte, na medida em que foi forçado a aceitar o seu conceito, mas ao mesmo tempo também o fez sentir por ela um enorme desdém. Morrer era perder, tão simples quanto isso, e Max sabia muito bem que uma perda terrível sempre acompanhava a morte, que sempre se sentaria mesmo ao lado da morte na sua carruagem enquanto as almas eram arrebatadas. Max não sentia respeito por nenhuma delas – a vida era tudo o que importava.

O que ele queria era escrever poesia sobre a beleza, o amor e a alegria – mas as palavras desintegravam-se na página aberta sempre que o tentava. A verdade era, e Max reconhecia-o com uma espécie de relutância triste, que quando chegava ao fundo de si a fim de retirar, explorar e partilhar o que se encontrava no seu coração, só poderia encontrar dor, mágoa e rancor. Se em tempos ali houve um amor puro, às vezes receava que pudesse estar demasiado oculto para se recordar. Talvez o fim atribulado do seu casamento com Faye o tenha afugentado, ou talvez a morte o tenha levado para longe com a sua perda e o medo. Max não tinha a certeza, mas o que sabia com segurança era que a ideia de se abrir para alguém de novo o assustava. A questão não era que tivesse perdido a esperança no amor, era mais o facto de não se sentir nada preparado para procurá-lo.

Ao olhar para baixo, contemplando a página em branco com olhos de quem não vê, Max pensou em Alice, e no modo como se sentia ligado a ela quando partilharam histórias em Sigiriya. Não voltaram a ficar a sós desde então, e Alice limitou-se a proferir uma breve despedida quando as raparigas partiram para Kandy na manhã anterior. Max reparara na maneira furtiva como ela baixara os olhos para o chão, os erguera para as árvores, os baixara de novo para os seus dedos nervosos – para qualquer coisa, ao que parecia, para evitar olhar para ele.

Max estava acostumado a esta reacção, porque para começar as pessoas novas muitas vezes reagiam de forma estranha consigo, e Max não teria pensado muito sobre o assunto se acreditasse que Alice se sentia constrangida ao pé de si. Só que não achava que fosse por causa disso – estava a acontecer mais alguma coisa que a fazia sentir-se incomodada ao pé dele. Talvez devesse perguntar-lho de maneira directa. Afinal de contas, iria estar com ela dentro de poucas horas. Os cinco haviam combinado encontrar-se na entrada principal dos Jardins Botânicos de Peradeniya em Kandy depois do almoço, com um plano de irem dar um passeio por ali, antes de se encaminharem para o lago no centro da cidade. Havia um bar não muito longe dali chamado Slightly Chilled, que todos os guias de viagem recomendavam.

Max apercebeu-se de que estava a sorrir quando um rapazinho cingalês lhe retribuiu um sorriso radioso do outro lado da coxia do autocarro, antes de apontar para *Mister T* e dizer algo ao pai em cingalês. O homem mais velho ergueu os olhos e abanou a cabeça para Max como que a pedir desculpas, antes de sussurrar ao ouvido da criança. Era muito natural que as crianças se mostrassem curiosas, e, na verdade, Max não se importava nada com isso. A sua sobrinha Poppy chegara a levá-lo um dia com ela para a escola primária para exhibi-lo perante os colegas, coisa que Max apreciara sobremaneira. Os adultos andavam sempre a pisar em ovos no que respeitava às questões difíceis, demonstrando uma gentileza despropositada e um medo de ofender sem querer que os impedia de dizer o que na realidade estavam a pensar – mas a geração mais nova não tinha tais pruridos.

– Apitas no aeroporto?

- Essa perna derretia se tomasse banhos de sol com ela?
- Doeu-te quando a tua perna foi pelos ares?
- Choraste?
- As pessoas riem-se de ti?
- Ficaste muito chateado com as pessoas que fabricaram a bomba?

Max respondera a todas as perguntas com a máxima honestidade de que foi capaz, admitindo que sim, que chorara imenso, e que não, não estava chateado, porque estar chateado desperdiçava demasiada energia, e nos tempos que corriam ele precisava de toda a energia que pudesse obter. Deveria fazer mais coisas desse género, pensou, observando num estado de semitranse quando o autocarro travou de repente para se esquivar a um homem que estava a rebocar uma vaca do meio da estrada na maior descontração. Visitar mais escolas e sensibilizar mais crianças sobre a realidade de viver com uma prótese. A curiosidade era importante, e Max odiava a ideia de essas crianças crescerem com uma lacuna de conhecimento que podia com a maior das facilidades transformar-se em indiferença e menosprezo, ou pior, em julgamento.

Era mais fácil ter uma prótese agora do que deveria ter sido há dez anos, graças a coisas como os Jogos Invictus criados pelo príncipe Harry, os Jogos Paralímpicos, e às celebridades como Jonnie Peacock participando no programa *Strictly Come Dancing*. As pessoas de uma maneira geral aceitavam, e Max raramente se sentiu insultado ou ultrajado, se alguma vez isso aconteceu, mas também nunca se sentiu à vontade com o conceito de um membro artificial ser usado como uma espécie de medalha de honra. Ser amputado implicava muito mais coisas do que apenas superar uma anomalia física, e Max acreditava que era importante mostrar às pessoas o cenário completo, não apenas os contornos positivos e que chamam a atenção. O público queria um fim feliz para as histórias dessas pessoas, sendo um herói caído a ganhar uma medalha apenas um de entre muitos aspectos, mas a verdade era bastante mais subtil e complicada.

Max inspirou fundo, reprimindo um bocejo e esticando os braços por cima da cabeça. O trânsito do lado de fora da janela começava a avolumar-se, e supôs que em breve chegariam a Kandy. Consultando o relógio, calculou que ele e Jamal talvez dispusessem de uma hora para localizar e dar entrada no hotel, antes de se porem a caminho rumo aos Jardins Botânicos ao encontro das três raparigas que os aguardavam. Sabia que Jamal ardia de excitação só de pensar em voltar a ver Steph, e Max também sentia uma espécie de borboletas a voar na barriga.

Capítulo 18

Alice sentou-se num banco baixo no lado de dentro à entrada dos Jardins Botânicos de Peradeniya, à espera que Steph e Maureen regressassem da loja. Era Sexta-Feira Santa no Sri Lanka, mas o ritmo em Kandy não parecia ter abrandado em nada. É óbvio, concluiu Alice, que a maioria das pessoas no Sri Lanka – mais de setenta por cento, de acordo com o guia de viagem – era budista, enquanto os cristãos rondavam apenas os cerca de oito por cento. Alice não era religiosa, não fora educada como tal, mas sempre respeitara a fé individual de cada um. O budismo, pelo que lera, parecia bastante razoável e moderado. Era bem capaz de abraçar o conceito de não magoar nenhum ser vivo, não roubar e não ficar demasiado inebriado com drogas ou com bebidas alcoólicas – mas também não achava que nenhum budista que se preze a acolhesse de braços abertos. Isto porque, o que fez Alice encolher-se por dentro só de pensar, o budismo proibia estritamente as mentiras de qualquer tipo.

Como podiam as pessoas passar pela vida sem dizer nem que fosse algumas mentirinhas piedosas? Alice achava tal coisa muito difícil de conceber. As mentiras eram necessárias se quiséssemos evitar magoar as pessoas. Se Alice confessasse à mãe que continuava a agir de forma irresponsável de vez em quando apenas para esvaziar o balão de ansiedade que se lhe acumulava dentro do peito, a coisa acabaria numa discussão.

Tentara uma vez ser de uma total e inabalável honestidade acerca do seu comportamento. Confessou a Richard que no fim-de-semana em que desaparecera da faculdade, com o pretexto de ir fazer uma pesquisa para um trabalho, fora na verdade frequentar um curso de mergulho intensivo. Esperara compreensão – talvez até mesmo admiração – mas ele ficara horrorizado. Desde então, a percepção de que o havia enganado disseminara-se como ervas daninhas pelo relacionamento de ambos, estrangulando a liberdade por que ansiava e sufocando as suas aspirações de fazer alguma coisa que a pusesse em risco. A necessidade que sentia de ser aventureira e de permitir que a versão mais nova e menos fiável de si voltasse a irromper com violência na sua vida e a desencaminhasse, quase lhe custou a perda de Richard. Alice tentara enterrar com toda a firmeza todos os resquícios dessa versão de si desde essa altura até hoje. Nos dias em que fracassava, como por exemplo na ida recente até à prancha de saltos da piscina, limitava-se a ocultar as informações. Era mais fácil dessa forma, e melhor para todos também.

Mais cedo nessa manhã, Alice acordou antes das outras e escapuliu-se até à varanda de Chatura e Monisha, instalando-se numa das quatro espreguiçadeiras e contemplando a paisagem até ao ponto onde o Sol começava a erguer-se resolutamente por detrás das montanhas. À medida que o dia se desenrolava como flores na Primavera, descobriu que era capaz de ouvir seis ou sete cantos de pássaros diferentes. Uma brisa suave e muito agradável agitava as folhas mais altas das árvores, e uma fina neblina via-se suspensa a meia distância. Lá em baixo, o jardim era uma vívida selva de cor

– os vermelhos lutavam com os amarelos, ao passo que os tons rosados acariciavam os seus vizinhos roxos, e os insectos zumbiam de contentamento enquanto se deslocavam das pétalas até ao caule.

Tivera notícias de Richard mais tarde na noite anterior, e a mensagem dele apitou ao chegar assim que regressaram à pousada e o telemóvel captou o sinal de ligação ao *wi-fi*. Não adiantava grande coisa, tirando o facto de lhe dizer que a casa estava muito silenciosa sem ela, e para não se esquecer de lhe telefonar no dia do seu aniversário. Esta seria a primeira vez que Alice não passaria o dia dos seus anos com ele em mais de dez anos, além de que era um aniversário importante também. Faria trinta anos – uma adulta real e inequívoca, oito anos mais velha do que a mãe quando esta se casou, e cinco anos mais velha do que a idade que Richard em tempos lhe disse que gostaria de ter quando se casassem. Andara a esquivar-se a conversas sobre casamento desde que se conheceram – e para quê? O que havia assim de tão terrível em envergar um vestido branco e em ter o que era, em essência, uma bela festa? Contudo, Alice sabia que não eram os elementos separados desse dia específico que a preocupavam; era o que vinha a seguir, assim que os papelinhos fossem varridos e as taças de champanhe voltassem para a empresa de *catering* – era o depois, o para sempre, que a deixavam a sentir-se apreensiva.

Steph falava quase com nostalgia do grandioso casamento que esperava ter um dia, ao passo que Maureen parecia ver o casamento mais como uma transacção comercial, mas não havia dúvida nenhuma nas mentes das suas duas amigas que era algo que ambas queriam – um objectivo que deveriam alcançar nesse sentido. Alice pensava com frequência que deveria haver algo de intrinsecamente errado consigo, porque não se encontrava mais desesperada para casar do que em voltar a cair através do telhado de uma estufa de novo. A ideia de ser a mulher de Richard era reconfortante, não era excitante. Sabia que se supunha que um casamento fosse o dia mais feliz da nossa vida, sendo apenas ultrapassado pelo momento em que se tem um filho. Era isso que toda a gente dizia, e compreendia porquê, mas nunca ansiara de verdade por isso.

Pobre Richard, pensou Alice ao sentar-se na varanda, cruzando os tornozelos na cadeira e piscando os olhos à medida que o Sol subia cada vez mais alto no céu. O calor estava a vencer a batalha contra essa misteriosa neblina matinal, e enquanto Alice ia contemplando, a vista lá em baixo ganhava clareza e sumptuosidade. Havia tantos tons de verde, de azul e de branco – sentiu-se como se estivesse a dar uma volta pelo cenário de um filme em technicolor da década de 1950.

Se ao menos um tornado a arrebatasse do chão e a levasse pelos ares, tal como fizera a Dorothy Gale em *O Feiticeiro de Oz*. Se ao menos pudesse ser transportada até uma praia distante, onde o mundo real já não existisse e fosse ali deixada, nessa realidade alternativa. Mas não – disse para consigo com firmeza –, esse era um desejo egoísta. O fascínio da espontaneidade podia ser forte, mas implicava pôr a sua felicidade à frente da de todos os outros. Quando era pequena, Alice mostrava-se de prontidão cada vez que a aventura estalava os dedos, e basta ver aonde tudo isso havia terminado. Tinha vontade de combater esses pensamentos e concentrar-se no futuro que já estava traçado para si, por mais previsível que pudesse ser.

Nesse momento ergueu os olhos do lugar onde se encontrava sentada no banco do Jardim Botânico e sorriu quando viu quem se aproximava. Deveriam ter-se encontrado todos lá fora. Jamal já tinha o braço em volta de Steph, e esta estava ruborizada num cor-de-rosa mais vivo do que os joelhos de

Alice queimados pelo sol, enquanto Maureen conversava com entusiasmo com Max, e o seu flirtómetro disparou para o dez ao agitar o cabelo escuro por cima do ombro soltando uma gargalhada em resultado de algo que Max havia dito. Neste dia ele vestia umas bermudas largas e uma *T-shirt* às riscas, com o cabelo escondido debaixo de um boné de basebol azul-marinho e um par de óculos escuros numa das mãos.

Alice pôs-se de pé quando eles se aproximaram e Max ergueu a mão livre numa saudação, sorrindo-lhe com o que pareceu a Alice ser um afecto genuíno. Estava feliz em vê-la, assim como ela estava em vê-lo.

– Belo *top* – elogiou Max, e Alice olhou-se de alto a baixo.

– Os Nirvana ainda não foram eclipsados em termos de música, na minha opinião – replicou Alice, afagando a imagem impressa de Kurt Cobain.

– Então, isso quer dizer que não és fã dos One Direction? – perguntou Max, e Alice abanou a cabeça.

– Ugh! – riu-se ele, fingindo limpar a sobrancelha com o dedo. – Isso poderia ter significado o fim da nossa amizade aqui e agora.

– Qual é o problema com os One D? – exclamou Steph. – Para teu governo, Zayn Malik é o homem mais bonito à face da Terra.

– Hum-hum – disse Jamal, soltando-a do seu amplexo. – Acho que queres dizer o *segundo* mais bonito.

Steph olhou-o de alto a baixo com ar teatral.

– Não – disse com doçura. – O Zayn continua a levar vantagem.

– Bem, acabaste de ser riscada da minha lista de cartões de Boas-Festas, minha menina – gracejou ele, e depois voltou a atraí-la a si e deu-lhe um beijo rápido nos lábios.

Maureen começou a pôr os rapazes a par da manhã divertida que passaram em Kandy. Chatura insistira em levá-las à cidade fazendo uma paragem pelo caminho na loja de pedras preciosas do amigo, que vieram a descobrir depois possuir um museu em miniatura na cave, e as três raparigas sentiram-se obrigadas por uma questão de delicadeza a comprar algumas jóias antes de partirem.

– O que escolheste? – perguntou Max a Alice, e esta levou a mão à parte da frente da *T-shirt* e tirou a sua nova aquisição: um pendente de pedra-da-lua numa corrente de prata.

Dando um passo em frente, Max pegou-lhe para observar melhor, e Alice sentiu a respiração dele na sua garganta.

– Bonito – disse, lançando um olhar de esguelha para Jamal. – Quase tão bonito como o Zayn dos One Direction.

– Cuidadinho, Davis – replicou o amigo, e Max riu-se descontraído.

– Eu comprei um anel – disse Maureen, levantando a mão na direcção do rosto.

Das três raparigas, Maur fora quem gastara mais – 200 libras num anel com uma safira rosa – e esta cintilou à luz do Sol quando Max se curvou a fim de examiná-lo. Alice não ficou surpreendida ao ver a amiga tirar partido da situação entrelaçando os dedos nos dele, mas Max não mordeu o isco. Limitou-se a dar-lhe os parabéns pela escolha que fizera, e em seguida apertou-lhe a mão com delicadeza antes de deixá-la cair.

– Vamos embora, então – disse Jamal, que tinha agora o braço a rodear a cintura de Steph. – Vamos lá explorar.

Ele e Steph foram à frente ao longo do caminho de gravilha em direcção a uma estufa enorme, com uma placa no exterior que os informava de que se encontrava repleta de orquídeas, e todos eles entraram.

– Ooh! – assobiou Maureen, observando tudo em volta extasiada. – Olhem para todas estas cores.

Alice observou com atenção os diversos botões em tons de rosa, creme, lilás e vermelho que se encontravam mais próximos de si, e tentou inalar o aroma que desprendiam através do ar denso e húmido. Estava ainda mais quente no interior do que lá fora e um pequeno lago mais à frente revelava uma colecção de carpas *koi*. Sacou da máquina para tirar uma fotografia para Richard, sabendo que ele se mostraria muito mais interessado nos peixes do que nas flores, e em seguida virou-se e olhou para Max, observando-o tirar o boné e passar a mão pelo cabelo. Era evidente que estava a sentir os efeitos da intensa humidade, assim como todos os outros, e Alice manteve os olhos fixos no rapaz à medida que ele se afastava em direcção à saída.

Alice hesitou, apenas por um ou dois segundos, incapaz de evitar pensar em Richard e no que ele diria se estivesse aqui, se pudesse ver a maneira como os olhos dela procuravam este desconhecido uma e outra vez. Depois, respirou fundo e foi atrás dele até à saída.

Capítulo 19

– Não és apreciador de orquídeas?

Max encolheu os ombros ao mesmo tempo que Alice deixava a porta fechar-se atrás de si.

– E tu não és uma fã incondicional?

– Acontece que fico nervosa perto de estufas, só isso – gracejou Alice, e Max soltou uma risada.

– Alice, a rebelde – disse ele com leveza, quase melancólico, antes de acrescentar: – Está um pouco quente aqui para o *Mister T*.

Ambos baixaram os olhos para a perna direita dele.

– Se isto transpirar em demasia – bateu no encaixe com o dedo –, tenho de tirar a perna e lavar o coto, o que é uma estopada que de bom grado prescindiria.

– Oh! – disse Alice.

– Imagina que pões o pé dentro de um saco de plástico, e depois andas por aí com ele assim o dia inteiro, com este calor – disse-lhe Max.

Alice fez uma careta.

– Olarila! – sorriu Max. – Uma nojeira, certo?

– Aposto que nem de longe te comparas ao meu irmão – disse-lhe Alice, apontando para um lugar à sombra debaixo de uma árvore próxima. – Vamos?

Max assentiu com um aceno de cabeça e foi atrás dela.

– O Freddie tem os pés mais malcheirosos do mundo... se calhar do universo – explicou Alice.

– Irmão mais velho? – perguntou Max. – Não são sempre os piores?

Alice voltou a pensar com uma pontada de culpa nas fotografias que bisbilhotara na conta do Instagram de Max. Ele ainda não mencionara nada, mas sem dúvida que já deveria ter visto a notificação, ou será que não?

– O Freddie costumava chatear-me até à medula – admitiu Alice, interrompendo-se e erguendo os olhos para os ramos sobre as cabeças de ambos. Impusera a si mesma como condição inspeccionar sempre as árvores do Sri Lanka à procura de macacos, mas infelizmente esta encontrava-se desabitada. – Contudo, tornámo-nos amigos inseparáveis à medida que fomos crescendo. Hoje em dia vejo-o muito menos do que gostaria, porque ele trabalha na City.

– Comigo e com o Ant sucedeu a mesma coisa – disse-lhe Max. – Também houve uma altura há muito tempo em que servimos juntos no exército, mas ele não se encontrava por perto quando fui ferido. Hoje em dia treina os novos recrutas... pobres coitados.

– O treino é duro? – indagou Alice, e Max elucidou-a, contando-lhe sobre a sua experiência com todos os pormenores.

– É um trabalho duro como o diabo, mas ao mesmo tempo foi a melhor coisa que alguma vez fiz na vida, entendes?

Alice achou que entendia, e disse-lho, mas Max pareceu ter ficado mais pensativo ao relatar os primeiros anos que passou no exército.

– Ainda hoje não me dou muito bem sozinho – admitiu. – Sinto-me melhor em grupo, por isso suponho que o exército me institucionalizou de certa forma.

– Eu prefiro estar sozinha – confessou Alice, empurrando a poeira e o lixo com o pé.

– Por que razão? – perguntou Max, fitando-a com o seu olhar pragmático e directo.

Alice abriu a boca para mentir, mas descobriu que não era capaz. Não lhe saíam as palavras.

– É porque não és compreendida? – sondou Max, e Alice corou de surpresa.

– O que queres dizer com isso?

– Só quero dizer que às vezes é mais fácil estar sozinho, porque é nessas alturas que podemos ser nós mesmos. Vai por mim, passei anos a tentar ser um tipo duro do exército, tal como o meu irmão, mas não consegui aguentar. Sempre fui o mais sensível quando éramos miúdos, mas mantive essa minha faceta muito bem disfarçada até... bem, até agora.

Alice tirou a fita do cabelo e este caiu-lhe sobre os ombros. De repente sentiu-se agitada, como se os mosquitos que era capaz de ver a pairar no ar em torno deles estivessem de facto debaixo da sua pele.

– Suponho que eu... – Interrompeu-se, incapaz de articular por palavras o que estava a sentir.

Max tocou-lhe nas costas da mão, apenas por breves instantes.

– Está tudo bem – disse-lhe. – Não precisas falar sobre isso.

– Não. – Alice abanou a cabeça e raspou a poeira do chão com o pé. – Eu quero, só não consigo. Nem sei por onde começar.

– Alice? – disse Max com doçura e em voz baixa.

Alice sabia que ele estava a olhar para si, mas não era capaz de levantar o queixo. Tinha medo de que, se o fizesse, ele pudesse ver o que se passava dentro dela. As palavras dele fizeram-na pensar sobre si durante a infância. Max fora uma criança sensível, ao passo que ela fora uma doidivanas. Ambos tinham crescido esforçando-se ao máximo para rejeitar e pôr de lado o que surgia de forma natural, mas enquanto ele o fizera com o desejo de se enquadrar, Alice sabia que havia trilhado esse caminho por puro medo. Medo e dever. Sempre acreditara que a sua atitude despreocupada e estouvada deveria manter-se trancada a sete chaves, mas e se estivera enganada este tempo todo? E se todo este turbilhão interior era apenas o seu verdadeiro eu, tentando irromper de volta à superfície?

– Acho que existe uma faceta aventureira tua que tentas reprimir – prosseguiu Max. – Pude perceber o quanto estavas emocionada e entusiasmada em escalar o Sigiriya... havia um fogo nos teus olhos.

Alice abanou a cabeça, remetida ao silêncio pela observação dele. Não adiantava negar, porque Max tinha razão. Ficara excitada.

– Sabes... – disse Max, arrancando uma pequena folha de uma sebe próxima e esfregando-a entre os dedos. – Muitas pessoas partem do princípio de que se eu pudesse entrar numa máquina do tempo

e voltar àquele dia no Afeganistão... ou até muito antes disso, ao momento em que me alistei no exército... o faria num piscar de olhos. Faria escolhas diferentes e ainda teria as duas pernas. Mas o facto é que não faria nada disso. Sinto orgulho de ter sido um soldado e de ter servido o meu país... e apesar de toda a dor, também houve alguns momentos óptimos. Se a vida não tivesse tomado o rumo que tomou, então eu não seria o homem que sou hoje. Não estaria aqui hoje, debaixo desta árvore, a conversar contigo.

Alice olhou para ele.

– Não mudarias mesmo nada? – perguntou. – Nem mesmo o...

– Ferimento? – completou Max, e abanou a cabeça. – Não, nem isso. Se me tivesses feito essa pergunta quando me encontrava na reabilitação, nessa altura talvez tivesse respondido que sim, mas hoje em dia aceito o facto e pronto. Também não tenho muito por onde escolher e, tal como te disse antes, fui um dos sortudos.

Alice ficou atónita. Passara anos a desejar que alguém pudesse atrasar o relógio e deixá-la viver de novo o dia em que sofreu o acidente. Mais do que isso, ansiara pela oportunidade de poder renascer sem aquela faceta problemática que existia dentro de si. Sempre desejou ser outra pessoa.

– Suponho que não hesitarias um segundo em entrar na máquina do tempo – disse Max, lendo-lhe o pensamento, mas Alice abanou a cabeça.

– Sabes que mais? – disse-lhe, permitindo-se fitá-lo olhos nos olhos de uma vez por todas. – Há cinco minutos, sim... mas agora... – Alice encolheu os ombros impotente e sorriu-lhe.

Antes de Max ter tempo para responder, a porta da estufa de orquídeas abriu-se de novo e Maureen surgiu, semicerrando os olhos ao avistar os dois assim tão perto um do outro.

– Olá – chamou Alice com rapidez, dando um passo inconsciente e afastando-se de Max.

– Estava demasiado quente lá dentro – disse para Maureen quando a amiga chegou junto deles, mas Maur limitou-se a erguer as sobranceiras num gesto que podia ser interpretado como «se tu o dizes», depois esgueirou-se para o lado de Max e enfiou o braço com firmeza por um dos dele.

– Gentil cavalheiro – disse com recato.

Max sorriu.

– Senhora minha.

Os outros já tinham saído e vieram ao seu encontro, e o grupo embrenhou-se no meio dos jardins, parando para tirar fotografias de um enorme lago circular coberto por nenúfares e delicadas flores brancas, folhas perenes em forma de cone circundadas por corriolas-escarlate de uma cor intensa, além de milhares de rosas num arco-íris de tonalidades. Max sabia os nomes de muitas das plantas só de vê-las, explicando que desenvolvera um interesse fugaz por botânica durante o tempo em que esteve internado em Headley Court.

– Fazia parte do tratamento, de certa forma – disse-lhes, quando fizeram uma pausa para admirar uma extensa alameda onde sobressaíam de ambos os lados enormes palmeiras. – Para nós fazia sentido cuidar de algo, da semente até aos rebentos; fazia-nos lembrar que a vida continua, e que as coisas demoram o seu tempo. No exército, é tudo uma correria tão grande que quando nos puxam o tapete debaixo dos pés, por assim dizer, o reajustamento pode ser difícil.

– Eu não poderia tê-lo dito melhor, companheiro – disse Jamal, antes de dizer para as raparigas: – O jardim de Headley foi ampliado no ano em que eu e o Max ali estivemos; todo o centro o foi, na verdade. Havia imensos ferimentos causados por explosões nessa altura e tanto eu como aqui o Max fomos inaugurar as novas instalações ao mesmo tempo.

– Foi isso que vos uniu? – perguntou Steph, pousando a cabeça num gesto afectuoso no ombro de Jamal enquanto contemplavam as árvores majestosas.

– Bem, sim... isso e o facto de que ele se sentiu atraído pela minha beleza e sentido de humor estonteantes.

Max riu-se.

– Calma aí, companheiro.

– Já te disse antes e volto a dizer-te de novo – replicou Jamal. – Não te vejo dessa maneira, Max. Sou uma paixão não correspondida.

Max encolheu os ombros de forma exagerada.

– Um homem pode sonhar.

– Estou sempre a arranjar homens que não correspondem à minha paixão – murmurou Maureen. – Tenho imensos encontros isolados – explicou aos rapazes.

– Porquê apenas encontros isolados? – Max mostrou-se intrigado, e Alice preparou-se para uma revelação inevitável.

– Sou bastante esquisita – esclareceu-o Maureen. – Estou à procura de alguém empolgante, e tudo o que pareço encontrar são chatos.

– Coitados – riu-se Jamal da expressão de Maureen de indignação fingida. – Quero dizer, falando na qualidade de homem, nem sempre se pode ganhar. As raparigas dizem que querem um tipo simpático, mas se as tratamos bem então passamos para a esfera de «apenas amigos». Se enveredamos por outro caminho e as tratamos mal, não nos largam e não se fartam de nós.

– Isso não é verdade! – declarou Steph. – Eu gosto de tipos simpáticos.

Jamal virou-se e deu-lhe um beijo na ponta do nariz.

– A menina, Miss Winters, é um caso raro.

– Então e tu, Max? – perguntou Maureen enquanto prosseguiram a conversa. – Preferes as raparigas simpáticas e chatas ou as malcomportadas como eu?

Max ponderou na pergunta.

– Uma mistura das duas coisas – respondeu com diplomacia. – Mas defendo que simpático não quer necessariamente significar chato. Podes ser divertida e simpática, ou não?

– Seria de boa vontade o que quer que tu quisesses que eu fosse – respondeu-lhe Maureen com ousadia, e Alice voltou costas tão vermelha como as flores da árvore Orgulho da Birmânia.

Verificou-se um instante de silêncio incómodo, que Jamal se apressou a quebrar soltando uma gargalhada sonora e divertida, dizendo a Maureen para «parar de tentar engatar o meu namorado – pois sabes bem que ele só tem olhos para mim». Alice esforçou-se ao máximo para se rir com eles, mas o seu esforço não revelou grande convicção, e desviou o olhar para ir encontrar Steph a fitá-la de modo muito semelhante àquele que fizera no cimo de Sigiriya.

– Acabei de me lembrar que trouxe um *Frisbee* comigo – disse Max então, apressando-se a mudar de assunto. Começou a abrir a mochila. – Quem alinha num jogo?

Todos proferiram em coro um entusiástico «eu», e Alice pousou a mochila na relva e correu disparada através do extenso relvado. A sugestão de Max não podia ter vindo num momento mais oportuno – desde a conversa que tiveram no exterior da estufa, Alice sentira uma familiar pontada de ansiedade começar a ferver, e foi um alívio poder correr e descartá-la. Apesar do calor, jogou com mais entusiasmo do que alguma vez fez, e continuava de pé muito tempo depois de as outras duas raparigas se deitarem de costas, com as faces rosadas de exaustão.

– És um demónio! – disse-lhe Max, quase tropeçando ao tentar, e fracassar, alcançar um dos seus lançamentos oblíquos e com efeito do *Frisbee*. – Estás ciente de que só tenho uma perna, certo?

– Desculpas, desculpas – retorquiu Alice com displicência, fazendo um gesto com a mão no ar. – Só estás a jogar essa cartada, porque estás a ser derrotado por uma mulher.

Jamal aplaudiu no momento em que a boca de Max se abriu num ar de divertimento pasmado, e Alice levantou os braços, um de cada vez, e beijou os respectivos bíceps para reforçar o ponto de vista.

O Sol estava a começar a pôr-se quando alcançaram por fim a saída dos Jardins Botânicos, todos eles suados, queimados pelo sol e afogueados devido ao jogo. Ao avistar uma geladaria do outro lado da rua, Maureen encaminhou-se para lá na companhia de Max e de Jamal, deixando Alice sozinha com Steph.

– Não te apetece um gelado? – perguntou Steph, acenando com a cabeça na direcção dos outros.

– Não estou muito certa de que lavem bem as colheres de servir os gelados – elucidou Alice. – O Rich contou-me uma história pavorosa sobre uma mulher que acabou por desenvolver uma intolerância à lactose depois de ficar exposta à água contaminada.

Steph soltou uma risada com bonomia.

– Parece bem coisa dele.

– Ele só se preocupa – respondeu Alice de forma automática. – Já te disse que ele instalou um travão de segurança no armário dos medicamentos?

– Não! – exclamou Steph. – Quem pensa ele que está a proteger?

– Não faço a mínima ideia – respondeu Alice a rir. – Tu conheces-me... limito-me a manter a boca fechada e deixo-o fazer o que quer.

– De facto conheço-te – concordou Steph, mas o toque de humor fugiu-lhe do tom de voz. Nesse momento, estava a olhar para Alice pensativa, como se estivesse a ponderar se deveria ou não aprofundar o assunto.

– Como estão as coisas entre ti e o Rich? – perguntou, fracassando em cheio na sua tentativa de se mostrar indiferente.

– Óptimas. – Alice escutou as palavras dele de novo na sua mente: «marcar a data.»... e acenou com firmeza com a cabeça. – Melhores não poderiam estar.

– Não há nada que queiras contar-me? – pressionou Steph, e Alice olhou para ela, simulando confusão.

– Como por exemplo?

– Vocês os dois estão juntos há tanto tempo – começou Steph por dizer. – A ideia de alguém novo parecer excitante faz todo o sentido.

Alice visualizou Richard, com a sua coleção de canas de pesca e o estojo dos óculos marcado com o seu nome, e de repente sentiu vontade de chorar. Queria dizer a Steph para não ser tão estúpida, mas a mentira parecia implicar demasiado esforço. Começava a aprender que a honestidade, por mais incômoda que fosse, por vezes era muito mais fácil.

– Estou a ser uma idiota – disse por fim, num fio de voz. – Acho que é apenas uma reacção ao facto de o Rich me ter dito que devíamos marcar a data... do casamento.

– Ele disse isso? – Steph parecia delirante, mas Alice só conseguiu acenar com a cabeça.

– Também já estava mais do que na hora – acrescentou Steph, agarrando então na mão de Alice. – Essa é uma notícia fantástica, não é?

Alice tentou esboçar um sorriso que se transformou numa careta.

– Não sei. Quero dizer, deveria ser.

Nesse momento, os outros já vinham de regresso preparando-se para atravessar a rua. Alice pôde ver o gelado de um azul-intenso de Max por entre o aglomerado de *tuk-tuks*.

– Promete-me apenas uma coisa – disse Steph, baixando a voz uma oitava.

Alice virou-se para a amiga.

– Continua.

– Não faças nada de que possas vir a arrepender-te mais tarde... algo que não possas remediar nem retirar.

O que Steph pretendia dizer era muito claro, e por mais que Alice soubesse que ficaria ofendida pela suposição, tinha de admitir que Steph estava certa em fazê-la. Estava a voltar cada vez mais à sua antiga maneira de ser à medida que o tempo ia passando, e a necessidade impetuosa que sentia em forçar os limites encontrava-se agora em perigo de se sobrepor ao seu lado sensato.

Sabia o que Max iria dizer – dir-lhe-ia para seguir em frente, para mergulhar de cabeça, para ser ela e que se lixassem as consequências. *Podia muito bem fazer tudo isso*, pensou Alice, *mas o que iria acontecer ao seu relacionamento com Richard se o fizesse?*

Capítulo 20

Se a cidade de Kandy era uma corrida de obstáculos urbana, então o seu lago central era o troféu no fim da meta, e Alice sentiu-se acalmada quase de imediato pela visão da água formando uma suave ondulação. Ela, Steph e Maureen viram o lago ao longe quando visitaram o Templo do Dente Sagrado ao fim da tarde anterior, mas não tiveram tempo de passear pelas suas margens.

Bancas ladeavam a rua que abraçava a beira da água, vendendo de tudo desde gelados a cocos, bebidas gaseificadas, água, frutos secos, pipocas e recordações, e os cingaleses atravessavam-se com frequência no seu caminho, oferecendo-lhe bilhetes para um espectáculo de dança, uma visita por Kandy, ou panfletos anunciando um bar ali próximo. Havia mais habitantes locais sentados em bancos de pedra, os homens de camisa branca e calças escuras, e as mulheres com os seus lindos vestidos, todos desfrutando em silêncio da paisagem à medida que o Sol em declínio desprendia um brilho cor de alperce sobre os edifícios e as copas das árvores.

As sombras disseminavam-se e o trânsito retumbava, um homem com sandálias puídas conduzia um pónei por uma das margens relvadas para que o animal pudesse pastar, e Alice deixou que os outros seguissem à sua frente enquanto parava de modo a assimilar tudo aquilo. Podia haver confusão no seu coração, mas isto continuava a ser uma aventura, e o Sri Lanka, com toda a sua beleza e mistério, mantinha viva a sua alegria. Não podia evitar sentir-se divertida com os corvos barulhentos que arrancavam galhos das árvores e os deixavam cair à sua frente; nem tão-pouco conseguia deixar de sorrir à menina que estava a dar de comer aos peixes numa das margens, enfiando a mão vezes sem conta no saco de plástico cheio de sementes, enquanto uma mulher idosa se encontrava de pé ao lado dela apontando para as bocas escancaradas que não paravam de subir até à superfície da água.

Aqui também não havia macacos, mas Alice retomou a marcha quando pressentiu um movimento abaixo de si e se virou mesmo a tempo de ver um enorme varano-malaio, também chamado lagarto-monitor-de-água, passar por ela. Devia medir pelo menos dois metros de comprimento, com uma pele de desenho intrincado e olhos pequenos e duros. Para todo o lado para onde olhava, parecia haver vida, e para além do lagarto também pôde ver patos-mosqueados, graciosas garças-brancas, corvos-marinhos de penacho e até um pelicano solitário.

Alcançou os outros na extremidade mais setentrional do lago, soltando uma exclamação ao reparar num marco do correio vermelho não muito longe da beira da água. Parecia igualzinho aos que havia em Inglaterra. Max estava a meio de uma explicação dizendo a Maureen que os marcos do correio na China eram verdes, o que fez que Jamal começasse de imediato a desbobinar uma lista de países, apenas para testar o amigo.

– E então na Índia?

– Vermelhos, suponho. – Max mordeu o lábio pensativo. – Tal como aqui.

- E na Austrália? – indagou Maureen.
- Vermelhos mais uma vez – replicou Max.
- Quer dizer então que já lá estiveste, é isso? – perguntou Steph, e Jamal desatou a rir.
- Se calhar já lá vai um certo tempo, hã, companheiro?

Max corou ao de leve com esse comentário, e Steph dirigiu a Jamal um olhar austero meio brincalhão.

– Estive lá há muitos anos com a minha família – retorquiu Max, escolhendo com cuidado as palavras para não se sentir tentado a responder à letra às provocações idiotas de Jamal. – Mas quero muito voltar.

– Está mesmo no topo da minha lista de prioridades – concordou Alice. – A Austrália e a Nova Zelândia.

Steph olhou para ela surpreendida.

– Desde quando?

– Desde sempre. O Rich ficou bastante entusiasmado com a ideia até fazer algumas pesquisas e perceber a quantidade de coisas que nos pode matar por aquelas bandas. Está convencido de que, se formos, acabaremos com cancro da pele ou comidos por um crocodilo.

– O teu namorado é hilariante – interrompeu Maureen, virando-se para os outros. – O Rich manteria a Alice presa numa trela de criança se achasse que sairia impune dessa.

Alice não disse nada, mas sentiu os olhos de Max procurando os seus.

Completaram o circuito do lago no momento em que o Sol começava a preparar-se para se recolher durante a noite, e encontraram dois *tuk-tuks* que os levaram colina acima até ao bar Slightly Chilled, que proporcionava uma vista deslumbrante da cidade da sua varanda, além de uma mistura de cozinha cingalesa, chinesa e britânica.

– Será que vão todos censurar-me se pedir uma batata assada recheada? – perguntou Maureen, descalçando as havaianas com um safão dos pés e pousando os dedos nus na trave inferior da cadeira de Max.

Tinham arranjado uma mesa junto à varanda, mas era um tanto ou quanto apertada para cinco, e Alice puxou a cadeira indo embater sem querer nos joelhos de outro ocupante de mochila sentado atrás deles.

– Desculpe! – disse ela, mas o tipo louro de ar nórdico mal pestanejou. A clientela no Slightly Chilled era composta por uma mistura eclética de cingaleses, ingleses, australianos e pessoas de outras nacionalidades, com idades oscilando entre os dezoito anos e a meia-idade.

Não muito antes de Alice ter ido para a faculdade, havia planeado fazer uma viagem de sonho pela Ásia e pela Austrália. Sempre fora sua intenção tirar um ano sabático após os estudos, mas Richard viera a revelar-se um grande entrave, e não quis ir. Nunca lhe disse que deveria prescindir dos seus planos, tal como também nunca lhe diria o que fazer agora, mas o seu desagrado implícito pela ideia era óbvio. Alice sabia que ir significaria aborrecer a sua mãe, que continuava a gostar de mantê-la por perto, e comprometer a relação que tinha com Richard. Não queria correr o risco de perdê-lo.

No entanto, sentada ali e naquele momento, rodeada por mochileiros, Alice sentiu uma forte inveja dos turistas maduros de mochila sentados às outras mesas, com os seus bronzeados de seis meses,

rástas de cabelo com contás e expressões envelhecidas. Não se importava com o facto de ser provável que já não dormissem nas respectivas camas há meses, ou que usassem, com toda a probabilidade, a mesma roupa interior pelo quarto dia consecutivo – o que importava isso quando estavam a fazer algo tão real e tão divertido? Lembrava-se de ter lido em tempos uma citação que lhe ficara gravada na memória: «Viajar é a única coisa que se compra que nos torna mais ricos.» Se ao menos Richard concordasse em tirar um ano de licença no trabalho para explorar o mundo com ela. Só que isso não iria acontecer. Nem adiantava perguntar.

Depois de todos terem mandado vir a comida e de haver uma rodada de cervejas *Lion Lager* em cima da mesa, Alice pediu desculpa e foi à procura da casa de banho, passando por cima de dois enormes buldogues que haviam adormecido nas escadas. Pôde perceber pelo seu reflexo no espelho rachado por cima do lavatório que estava queimada do sol, e as faces e a testa ficaram rosadas, apesar da cuidadosa aplicação de protector solar factor trinta de tantas em tantas horas. Era evidente que se aplicavam aqui regras diferentes da Europa, onde uma única dose de loção proporcionava protecção durante meio dia pelo menos.

Lavou a cara e as mãos com a barra de sabonete cinzento de aspecto duvidoso que encontrou no lavatório, antes de apanhar de novo num rabo-de-cavalo o cabelo que se soltara. Havia sempre pedaços que se soltavam e lhe emolduravam o rosto, e Alice afastou-os quando empurrou a porta para abri-la e quase chocou com Max, que tinha a perna saudável esticada por cima de um dos cães que dormitavam ali.

– Eh, lá! – disse ele, recorrendo a Alice e à parede para se endireitar. – Quase me fizeste dar uma palhaça aqui.

– Desculpa – disse Alice, ciente de que estava a corar.

Max passou a outra perna por cima dos cães e ficou defronte dela, não se desviando para entrar na casa de banho dos homens.

– Estás bem? – perguntou Max. – Pareces, não sei, um bocadinho mal-humorada esta noite.

– Só estou cansada de te dar uma coça no *Frisbee* – respondeu Alice, e Max sorriu, inclinando a cabeça ao de leve para um dos lados.

– Então, quanto a essa tua lista de prioridades – começou ele por dizer. – O que mais consta dela?

Alice pensou por um momento.

– Adoraria mergulhar algures num lugar fantástico – disse-lhe. – Eu e o Rich fizemos um curso uma vez durante umas férias, há já alguns anos, mas ele odiou a experiência, e nunca mais mergulhei desde então. No entanto, adorei ficar debaixo de água... tudo lá em baixo é tão silencioso e calmo.

– Não me pareces ser do tipo silencioso e calmo – replicou Max, encostando o ombro à parede.

Estava tão perto que Alice era capaz de sentir o cheiro dos vestígios do desodorizante que ele usava misturado com o odor acre do suor. Era um cheiro agradável e almiscarado, e ela sentiu a cabeça a andar à roda.

– Não lá no fundo, em todo o caso.

– Tenho os meus momentos – admitiu Alice. – Mas sou calada e calma na maior parte do tempo. Isso mantém-me afastada de sarilhos.

– Azar o teu. Que parvoíce – disse Max com leveza, e Alice pigarreou.

– Suponho que se possa dizer isso.

Muito devagar, Max estendeu a mão e tocou-lhe na cicatriz, com uma expressão indecifrável à medida que o seu polegar a afagava com delicadeza. Alice congelou, sem saber muito bem como reagir.

– Apanhaste sol hoje – disse Max por fim, com os olhos procurando os seus. – Estás cor-de-rosa como um flamingo.

O maior dos bulldogues escolheu esse preciso momento para acordar do sonho empolgante e inquieto que estava a ter, e depois desatou de imediato a correr em círculos atrás da sua cauda inexistente. Era o comportamento mais activo que Alice vira um cão exhibir desde que chegara ao Sri Lanka, e soltou uma gargalhada quando Max retirou a mão da sua cara, deixando-a cair.

– Alguma vez sentes que estás a fazer aquilo? – perguntou ela.

– A fazer o quê?

– A correr atrás da tua cauda.

Parece-me que não faço outra coisa, pensou Alice. *Ando às voltas sem parar no mesmo sítio e sem chegar a lugar algum.*

Max soltou uma risada.

– Às vezes, sim... em especial quando estou a fazer alguma coisa aborrecida no emprego. E tu?

– A toda a hora e a todo o momento – admitiu Alice, e Max parou de rir de repente.

– Precisas do que aqui este camarada precisa – disse, olhando para o cão e não para ela. – De alguém que te atire uma bola.

Capítulo 21

Max

*Se eu morrer,
E perder essa luta,
Corre atrás da escuridão,
Procura apenas a luz...*

Max pousou o lápis e em seguida pegou na chávena de chá preto.

Os seus poemas eram menos sombrios agora do que eram no início da viagem. Onde antes houvera apenas escuridão, agora estava a descobrir esperança, e apesar da dor incómoda e persistente no coto, apercebeu-se de que o seu estado de espírito era de contentamento. Era como se soubesse, sem qualquer sombra de dúvida, que tudo iria correr bem – embora não fizesse a mínima ideia porquê.

Fora dormir a pensar em Alice, sorrindo para si ao visualizá-la a correr atrás do *Frisbee*, tão animada e cheia de energia. Essa faceta colidia com aquela a que ela parecia agarrar-se – a sensata e cautelosa – e Max começava a aperceber-se de que Alice era uma espécie de alma perdida. Gostaria de poder espalhar todas as peças do quebra-cabeças que descobrira sobre ela – dessa maneira teria mais hipóteses de juntá-las e de obter a pessoa real, ou pelo menos de obter uma percepção melhor sobre quem ela era.

Max já não podia fingir que não se sentia atraído por Alice, mas a questão não era apenas sentir-se atraído por ela, ou intrigado, ou até perplexo. Não era nenhuma dessas coisas, mas ao mesmo tempo eram todas elas, também.

Do que se apercebera a noite passada, quando Alice lhe revelara por acaso tanta coisa sobre si, foi que ela se sentia encurralada pela rotina da sua vida actual. É provável que essa fosse uma boa parte da razão por que se sentia enredado – queria ajudá-la a libertar-se. Max já passara por isso, demorara anos a tentar ser a pessoa que achava que esperavam que fosse, e não quem era na verdade. Sabia melhor do que ninguém como podia ser difícil ser feliz quando uma grande parte da sua vida tinha o sabor da mentira.

Mas será que Alice queria essa ajuda? Será que se apercebia do quanto podia ser destrutivo enterrar uma parte de nós na esperança de que esta se limitasse a desaparecer? Sempre fora da natureza de Max proteger. Era o rapaz no recreio da escola que defendia os miúdos que sofriam *bullying*, o primeiro dos colegas a intervir se tinha início uma briga numa saída à noite e tentava apartá-la, e era o tenente a quem os camaradas costumavam recorrer primeiro se estivessem preocupados, ou perturbados, ou debatendo-se com o horror implacável e incessante da vida numa zona de conflito. Era assim que ele era, e quanto mais tempo passava na companhia de Alice mais sentia esse seu lado a ser invocado.

Max estava despedaçado, pois não queria apenas provar a Alice que havia outro caminho – um caminho mais honesto – para ser feliz; também queria outras coisas dela. E não era capaz de se aventurar por esse caminho, nem se o quisesse, nem se *ela* o quisesse. Alice nunca tentara fingir que não tinha namorado, mas também andara a vasculhar a sua conta no Instagram. Max ficara satisfeito em receber a notificação.

Considerara por breves instantes mencionar o assunto de Alice a Jamal, mas o amigo era a favor da ideia de Max e Maureen se envolverem. Depois de se terem despedido das três raparigas na noite anterior, Jamal começara a apregoar a sua aprovação aos quatro ventos. Max acenara com a cabeça em concordância e mostrara-se complacente tentando fazer-lhe a vontade, mas não podia mentir e dizer que gostava de Maureen mais do que uma amiga neste momento. Era uma rapariga lindíssima, muito confiante, divertida e fogosa, mas não havia ali uma conexão. Max prestara atenção quando Maur admitira andar à procura de um homem empolgante, e isso deixou-o desconfiado. Embora odiasse a ideia de uma rapariga não gostar dele e de o repudiar por causa do seu ferimento, não estava interessado em ficar com uma pessoa que o quisesse apenas por achar fascinante a falta da parte inferior da sua perna direita.

Desistira de dormir mais pouco tempo depois do nascer do Sol, tendo a dor no coto vencido a batalha contra a sonolência, e encontrava-se agora sentado no jardim do pátio do Hotel Sunflower em Kandy, com um pequeno-almoço composto por umas panquecas de uma cor amarela-vivo num prato à sua frente. Tinham de partir a fim de apanhar o primeiro comboio para Hatton em menos de uma hora, e dali haveria um autocarro ou um táxi até Dalhousie, a pequena aldeia no sopé do Pico de Adão. Sempre que pensava na caminhada até ao cume dessa montanha, Max era acometido por uma mistura de inquietação e de euforia que lhe embrulhava as tripas. Seria difícil ir, tanto trepar como descer aqueles 5500 degraus, mas Max mostrava-se inflexível achando que esse era outro marco que precisava conquistar. Meteu na cabeça que iria concluir a Maratona de Londres, e conseguira-o. Quando muito, este desafio deveria ser mais exequível.

Em Headley Court tantos anos antes, as escadas sempre foram o calvário de Max. Sentia-se como uma fraude quando lutava tanto para manter o equilíbrio – em especial quando havia tipos com amputações bilaterais que faziam que essa empreitada parecesse fácil. Uma e outra vez, Max caíra; vezes sem conta sentira-se como se metade do mundo fosse feito de areia movediça. O chão parecia desmoronar-se diante de si, e sentia algo onde não deveria, dor onde não havia nada, e era bombardeado pelos sussurros desagradáveis e maldosos na sua mente que lhe diziam que nunca seria capaz, que era demasiado difícil, que era mais fácil desistir.

No entanto, Max não havia desistido – lutara com coragem, e continuava a lutar.

– Vais comer isso?

Era Jamal, parecendo mais repousado e animado do que nunca. Estava a apontar para as panquecas de pequeno-almoço de Max.

– Sim, companheiro... vou mesmo – disse-lhe Max com ar divertido. – Vai buscar umas para ti.

– Prestam para alguma coisa? – perguntou Jamal, apertando o nariz antes de emborcar de um só trago o sumo de papaia que o esperava.

Max pegou na faca e no garfo e cortou uma fatia das panquecas enroladas. Eram húmidas, deliciosas e escorriam açúcar mascavado.

– *Xão buoas* – respondeu enquanto mastigava.

– Noite má? – foi a pergunta seguinte de Jamal, mas disse-o de ânimo leve.

Max encolheu os ombros.

– Foi apenas um pesadelo – mentiu. – Nada de demasiado sinistro.

– Deverias ter-me acordado – replicou o amigo, agradecendo ao empregado de mesa que acabara de trazer outro prato de panquecas, além de uma quantidade de macarrão de arroz, ovos mexidos e um pequeno prato de *sambal* cor de laranja-vivo. A mistura de coco ralado e malagueta era tão comum numa mesa cingalesa como o seriam o sal e a pimenta nos países ocidentais, e os dois homens polvilharam-na por cima da comida com entusiasmo. Tal como acontecia em muitos hotéis e pousadas no Sri Lanka, não havia uma ementa de pequeno-almoço – as pessoas limitavam-se a comer o que lhes era servido.

– Tê-lo-ia feito se fosse um pesadelo terrível – garantiu-lhe Max, mas pôde perceber que Jamal não estava convencido com a sua ensaboadela descontraída.

– Não há mais nada, pois não? – teimou Jamal, encarnando a sua personalidade de fisioterapeuta. – Algum tipo de dor ou desconforto?

– Sinto-me fresco que nem uma alface. – Max deu uma palmadinha no encaixe da prótese por baixo da mesa. – Aqui o *Mister T* está com a corda toda e pronto para entrar em acção, tal como eu.

– Não é o *Mister T* que me preocupa, companheiro – disse Jamal, pegando na colher e tirando uma boa dose de ovos mexidos, deitando-a depois no meio dos seus bolinhos de macarrão de arroz. – O que aí está é uma obra de engenharia no valor de milhares de libras... foi construída para durar. Acontece que no caso do teu membro residual, a história é bem diferente.

Max respirou fundo de modo a não denunciar a irritação que sentia.

– Estou a falar a sério – disse Max, fitando o amigo com o que esperava ser uma expressão convincente. – Sinto-me em óptima forma.

Jamal deu mais umas quantas garfadas antes de replicar, sorvendo o chá e observando Max com atenção por cima do rebordo da chávena.

– A ulceração ocorre quando um músculo distendido já não consegue recuperar por si – começou por dizer, e Max revirou os olhos.

– Não precisas dar-me uma palestra sobre os pormenores do tecido destruído – insistiu. – Já passei por isso e senti na carne tudo isso, estás lembrado?

Jamal abanou a cabeça, exasperado.

– Eu sei, companheiro... e é por isso que estou a falar sobre isso agora. Quero que escales essa montanha amanhã, mas não vale a pena colocares-te em risco por causa disso. As úlceras de pressão são como um atirador furtivo no interior do teu coto... sabes muito bem disso. Só te apercebes de que lá estão quando te abatem, e nessa altura será tarde de mais. Queres ficar imobilizado numa cama outra vez?

Max resmungou baixinho.

– Sabes muito bem que não quero isso.

Jamal pousou os talheres e começou a tamborilar com os dedos sobre a mesa. Max pôde perceber que o amigo estava frustrado, mas também sabia que desta vez Jamal não iria convencê-lo a desistir. Andar ainda era possível, e escalar também o seria. Max não iria permitir que uma estúpida câibra muscular o impedisse de alcançar a única coisa a que se propôs quando reservou esta viagem. E era isso que a dor era, tinha a certeza – uma simples e insignificante câibra muscular.

– É melhor despachares-te a comer – disse Max para Jamal, apontando para o que sobrava das panquecas. – Não vais querer que a Steph se vá embora sem nós, pois não?

Só de mencionar a sua mais nova pessoa favorita, Jamal animou-se visivelmente, mas Max sentiu os olhos do amigo a observá-lo com muita atenção quando se levantou para se ir embora e pagar a conta.

Só mais um bocadinho, pensou Max, e então chegariam à costa e poderia descansar a perna quanto quisesse. Só teria de provar a Jamal que não havia motivo nenhum para se preocupar.

Capítulo 22

– Alice, dá-me aqui uma ajudinha, pode ser?

Maureen parecia em genuíno sofrimento ao debater-se para apertar a faixa da cintura da mochila, e Alice pousou a mochila no beliche inferior antes de correr a auxiliar a amiga.

– Comi demasiados malditos *rotis* de coco! – lamuriou-se Maureen, e Alice tentou, sem conseguir, agarrar no fecho para encaixá-lo no sítio certo.

Monisha preparara-lhes um verdadeiro banquete para o derradeiro pequeno-almoço das três raparigas na pousada, e para além dos *rotis* de coco, também se atafalharam de pão branco com as côdeas aparadas, compota de maçã, panquecas enroladas, ovos estrelados e uma enorme bandeja de frutos cortados, tudo empurrado com sumo de maracujá e chá preto adoçado com mel. Alice sentia-se como um dos anafados patos-mosqueados que vira a bambolear-se dentro do Lago de Kandy.

– Vou ter de ajustá-la... aguenta aí – disse Alice, curvando-se até ficar com os olhos ao nível da tira de lona.

Steph, que já se encontrava bem amarrada e pronta para partir, sacou do telemóvel e gravou um vídeo, rindo-se o tempo todo ao mesmo tempo que Alice e Maureen lhe mostravam o dedo do meio.

– Uma última história para o Instagram antes de perdermos a ligação ao *wi-fi* sabe lá Deus por quanto tempo – declarou, carregando num botão com um gesto teatral no momento em que Maureen se precipitou para diante para tentar tirar-lhe o telefone da mão.

– Agora me lembro – disse Maureen, quase com a cara roxa agora que Alice conseguira por fim amarrar-lhe a mochila. – Preciso verificar os meus *e-mails* antes de irmos.

– Tens cinco minutos – avisou-a Alice. – Ou corremos o risco de perder o comboio.

– Tens mesmo a certeza de que temos de escalar esta montanha? – confirmou Maureen, pelo menos pela vigésima vez segundo pareceu a Alice. A princípio mostrara-se empolgada com a ideia, mas desde que haviam chegado, o seu entusiasmo fora abalado pelo intenso calor.

– Vai ser divertido – disse Alice. – Uma experiência inesquecível, prometo.

– Preferia encontrar um homem em vez disso – escarneceu Maureen, desaparecendo na direcção da varanda demasiado depressa para poder ouvir a exclamação divertida de reprovação de Alice.

Steph sorriu para Alice.

– Ela só está frustrada porque não aconteceu nada entre ela e o Max a noite passada. De uma maneira geral, nunca precisa esforçar-se tanto.

Alice emitiu um ruído prudente como resposta.

Todos eles haviam ficado no bar Slightly Chilled durante mais tempo do que se calhar deveriam ter ficado, tendo em vista a longa viagem que teriam pela frente no dia seguinte, mas a tépida brisa nocturna e a cerveja gelada *Lion Lager* tinham sido uma combinação bastante persuasiva. Depois das

dez da noite, uma banda ao vivo começou também a tocar dentro do bar. Maureen continuara a flirtar com Max como se disso dependesse a felicidade futura da humanidade, mas não conseguira mais nada pelos seus esforços além de um casto e rápido beijinho na face ao entrarem nos *tuk-tuks* separados ao fim da noite. Alice estava a esforçar-se por não pensar no quanto se sentira aliviada por não ter acontecido nada e optou por se concentrar nos próximos dias que se avizinhavam.



– Chegámos primeiro para variar.

Max levantou-se do banco de pedra onde ele e Jamal haviam estado sentados à espera das raparigas no lado de fora da estação ferroviária, aceitando o beijo de saudação de Maureen e um abraço de bons-dias de Alice e de Steph, antes de retirar três bilhetes em papel cor-de-rosa do bolso traseiro dos calções coçados de ganga que vestia.

– Espero que estejam de acordo com a segunda classe, acham bem? – perguntou. – Pensámos que podíamos prescindir de grande conforto e irmos todos amontoados.

– Quanto vos devemos? – Alice já tinha a carteira na mão, mas Max abanou a cabeça.

– Dá para aí cerca de três libras a cada uma, ou coisa que o valha – disse Max. – Digamos que fica por minha conta.

Trazia de novo o boné de baseball nessa manhã, o que fazia que os seus olhos tivessem uma tonalidade mais índigo do que azul. Alice também vestira os seus fiéis calções de ganga, a combinar com um *top* preto liso e o colar de pedra-da-lua que comprara na loja de pedras preciosas. Optara pelos sapatos práticos para andar que trouxera, apenas porque eram mais pesados para transportar do que qualquer outro tipo de calçado que havia trazido, e previa que teria de carregar com a mochila mais tempo do que o habitual. Era um longo trajecto até Hatton, e os vários blogues de viagem que lera avisavam de que esta rota em particular era bastante concorrida. Não havia garantia de arranjar um lugar sentado no comboio, e Hatton ficava a quase três horas de distância.

Afinal, os boatos vieram a revelar-se bem verdadeiros quando os cinco subiram os degraus periclitantes que conduziam ao interior da carruagem do comboio e se depararam com o compartimento abarrotado com excepção de um solitário banco livre.

– Minhas senhoras. – Max abriu o braço, mas as três raparigas olharam para ele de soslaio.

– Eu fico bem de pé – declarou Maureen.

– Não olhes para mim. – Steph ergueu as duas mãos ao mesmo tempo que Jamal fez deslizar os seus longos braços em torno da cintura dela puxando-a para trás, para o lugar onde já estava a instalar-se numa pequena zona de malas empilhadas junto às portas.

Alice olhou para Max.

– Não te armes em herói – disse-lhe. – Senta-te por agora, mais tarde sempre poderemos trocar.

Alice pôde perceber que Max não estava nada satisfeito com a situação, mas não discutiu com ela. No entanto, insistiu em acondicionar a mochila dela na bagageira, e Alice fitou de modo irreflectido os músculos flectindo-se ao longo dos braços dele.

Maureen deixara a mochila com Jamal e com Steph e vinha agora a meio caminho descendo a carruagem, atarefando-se a travar amizade com um grupo de jovens rapazes britânicos que passavam

uma garrafa de *Jack Daniels* entre todos. O resto dos lugares sentados estava ocupado na sua maioria por cingaleses idosos, com os olhos fechados e com o cabelo branco a levantar-se das suas testas cada vez que as enormes ventoinhas do tecto completavam uma rotação.

– É um pouco cedo para um *Jack* – comentou Max com Alice enquanto os rapazes continuavam na galhofa, e esta fez uma careta de desagrado.

– Podes crer. Aposto em como não tarda nada alguém lhes prega um sermão – acrescentou ela, pensando nas rígidas regras budistas no que tocava ao consumo de bebidas alcoólicas.

Nesse momento havia mais passageiros a entrar no comboio, e todo o espaço para viajar de pé que havia disponível não tardou a encher-se assim como os lugares sentados, deixando Maureen encalhada junto dos bebedores e Alice com as coxas nuas comprimidas de encontro a Max. Este transmitia calor, solidez e uma presença maravilhosa, e o coração de Alice começou a bater mais depressa do que deveria. Quando o comboio deu por fim um solavanco, arrancou e começou a rolar com ruído pela estação de Kandy, havia uma viscosa película de humidade entre os dois no sítio onde a pele de ambos estivera em contacto, e Alice teve de se impedir por inúmeras vezes de se desequilibrar colocando a mão livre no ombro dele.

– Desculpa – não parava de dizer, até que os dois começaram a rir e Max lhe ofereceu o joelho como assento, fingindo parecer magoado quando Alice recusou.

– Eu não mordo – disse ele. – Bom, não com muita força, pelo menos.

O homem cingalês que ia sentado ao lado de Max fitava com uma curiosidade descarada a prótese da sua perna, mas Alice reparou que Max não parecia nem um pouco incomodado com isso. Já devia estar mais do que habituado aos olhares, pressupôs, mas às vezes deveria chateá-lo, ou não? Alice detestava que as pessoas olhassem estarecidas para a cicatriz que tinha na cara.

Passaram o tempo a conversar sobre a escalada iminente e a apontar coisas um ao outro através da janela. Demorou apenas alguns minutos até que os edifícios de Kandy desaparecessem atrás deles e surgissem as luxuriantes colinas e florestas. Passaram por casas que pouco mais eram do que barracas decrépitas, muitas delas com um cão ou uma cabra amarrados a um poste lá fora ao pé de pilhas de folhas de palmeira mortas ou em decomposição.

O comboio chocalhava com uma tremenda algazarra ao longo dos carris como algo saído de um filme antigo, e quando Alice curvou a cabeça para olhar, pôde ver o vapor do motor a sair em golfadas atrás deles. Todas as portas estavam escancaradas, e o ar que corria pela carruagem era fragrante com o aroma de terra, de fumo e de vegetação. O grupo de rapazes britânicos tratava de despachar a garrafa de *Jack Daniels* e Alice pôde ouvir as gargalhadas de Maureen pairando sobre os bancos. Se Max estava aborrecido por ela lhe ter dado uma trégua na campanha do seu determinado jogo de sedução, não dava mostras disso – hoje a atitude dele era quase serena, mantendo-se com os olhos fechados resguardando-se do sol que entrava a rodos pela janela e exibindo um meio sorriso de contentamento nos lábios. Alice invejou-o – sentia-se como se todo o seu corpo tivesse sido esticado como uma corda e depois atado com vários nós.

Mais ou menos meia hora depois, uma chiadeira de travões anunciou a chegada à primeira paragem, e um número ainda maior de nativos amontoou-se no interior do comboio, alguns com crianças pequenas e outros com sacas enormes que equilibravam sobre os ombros. Se antes quase

não havia espaço para uma pessoa se mexer, agora este era inexistente, mas Alice abanou a cabeça de novo quando Max deu uma palmadinha no seu colo em jeito de convite. Não é que não quisesse aceitar a oferta dele; o problema é que estava cheia de vontade de o fazer. Sentia uma tremenda hipersensibilidade ao pé dele, e cada réstia de contacto físico desencadeava um novo tremor por todo o seu corpo. Agora que o comboio se embrenhava mais ainda na região rural e ganhava velocidade, arremessava toda a gente de um lado para o outro, e as mãos, pernas e corpo de Alice chocavam vezes sem conta com Max.

– Já deve estar na hora de trocarmos de lugar – comentou Max em voz baixa, depois de ela ter dado um solavanco enorme para a frente que quase lhe deu uma cabeçada.

O que Alice tinha vontade de dizer era que não iria permitir de maneira nenhuma que ele viajasse de pé, que já era difícil o suficiente manter o equilíbrio neste comboio sem se ter o factor adicional de um membro artificial, mas em vez disso contentou-se em abanar-lhe a cabeça.

– Estou a divertir-me – disse-lhe Alice com entusiasmo. – Estou a viver aqui a autêntica experiência do Sri Lanka.

Max sorriu. Levava de maneira constante a mão à parte superior da prótese, e não parava de esticar o pé à sua frente.

– Dói-te? – perguntou Alice, corando com a franqueza da pergunta quando Max ergueu os olhos na sua direcção.

– Não muito – respondeu Max. – Durante muito tempo depois do que sucedeu, continuei a sentir a minha perna aqui, muito embora ela já não existisse. Era bastante esquisito.

– Não consigo nem imaginar – afirmou Alice com a máxima sinceridade, virando a cabeça por breves instantes quando ouviu Maureen soltar um guincho de regozijo particularmente agudo.

– O sistema nervoso central demora um bocado a perceber o que aconteceu – explicou Max. – Passei vinte e cinco anos com dois pés, e depois de repente um deles desapareceu. Percebes o que se pretende dizer com é preciso tempo para uma pessoa se habituar às coisas que não entende, não percebes?

Alice assentiu com um aceno de cabeça.

– É isso que o meu cérebro tem sido obrigado a fazer... habituar-se aos poucos a esta reviravolta bizarra e inesperada dos acontecimentos.

– És fantástico – deixou Alice escapar, antes de se apressar a acrescentar: – Pois então, só estava a referir-me à maneira franca e aberta como reages a tudo isto. Eu costumava fazer tudo o que podia para evitar responder às perguntas sobre o ferimento na minha cara.

Max reflectiu antes de responder.

– Nem sempre fui tão aberto – admitiu. – Durante anos, tudo o que eu queria era ficar escondido no meu quarto, e a dor constituía um problema; era crónica e nunca mais parecia ter fim, não dava tréguas. Bebia em demasia como uma forma de lidar com o assunto, e depois também isso se tornou um problema. Sou o exemplo clássico de uma criança problemática.

Max sorriu com esse comentário, mas o sorriso não lhe chegou aos olhos.

– O que mudou? – perguntou Alice, praguejando e rindo depois quando o comboio fez uma curva a toda a velocidade e chocou com Max outra vez.

– Foi uma mistura de várias coisas, na verdade – disse-lhe ele, ajudando-a a endireitar-se.

– A minha mulher abandonou-me. – Max observou a expressão atónita de Alice. – Sim, eu era casado. Agora sou divorciado.

– Uau – foi tudo o que Alice conseguiu dizer como resposta.

– Já percebi tudo, certo? Como se alguém fosse louco o suficiente a ponto de casar comigo – disse Max, nitidamente divertido com o «uau» espontâneo de Alice como expressão de desacordo. – Eu e a Faye éramos namorados desde a infância, mas ela teve dificuldade em aceitar o facto de eu passar tanto tempo ausente de casa. Na verdade, mais tarde vim a descobrir que ela me traía muito antes de a bomba ter explodido, e depois ficou comigo motivada apenas pela culpa, e não por amor. Quando se tornou insuportável viver comigo, ela foi-se embora. Suponho que hoje em dia não a culpo de verdade, mas na altura foi um choque. Sabia que podia afundar-me ainda mais a pique na bebida, ou podia utilizar a separação como um catalisador para resolver o problema de uma vez por todas. Escolhi a última opção.

– Deve ter sido horrível – declarou Alice, estabelecendo um paralelo na sua cabeça mais uma vez entre a situação de Max e a sua. Passara por momentos terríveis depois do seu acidente, mas estes mal pesavam na balança quando comparados com os dele.

– Na verdade foi Jamal quem veio em meu auxílio nessa altura – prosseguiu Max. – Pôs-me em contacto com uma ONG intitulada Blesma, que fornece apoio a veteranos amputados como eu, e através das pessoas que ali existem encontrei ajuda, além de um grupo de homens e de mulheres com quem podia conversar, pessoas que estavam a passar pela mesma situação que eu... ou pior. Constituíram uma autêntica luz ao fundo do túnel durante uns bons anos, e continuo a manter um contacto regular com eles agora. Se não fosse a Blesma, é provável que ainda estivesse onde me encontrava há oito anos... sentado no meu quarto a sentir pena de mim.

– Acho que tens todo o direito de sentir pena de ti – argumentou Alice com doçura. – Aquilo por que passaste é mesmo... – Interrompeu-se de forma abrupta, surpreendida pela súbita emoção que se acumulara no fundo da sua garganta.

– Pareces a minha mãe a falar – replicou Max, olhando pela janela. Neste momento, estavam rodeados por uma densa floresta, de ambos os lados do comboio, e Alice pôde sentir o cheiro do perfume húmido das árvores através da janela aberta.

Visualizou a mãe, debruçada sobre a sua cama de hospital, a soluçar à medida que assimilava os danos infligidos pelo telhado da estufa. Na altura, isso alarmara Alice, e mais tarde, quando cresceu, fê-la sentir-se cada vez mais culpada por ter sido ela a pessoa que preocupara tanto a sua mãe, o que lhe desencadeou uma torrente de lágrimas de medo. Tanto ela como a mãe acabaram por ficar traumatizadas por razões diferentes, e agora Alice percebeu que nenhuma das duas havia de facto superado o ocorrido.

– Coitada da tua mãe – disse para Max, com os nós dos dedos brancos agarrados ao topo do assento por detrás da cabeça dele. Max já havia tirado o boné de basebol, e revirava-o entre as mãos.

– Eu sei. – Max virou-se de modo a encará-la, exibindo uma expressão sombria. – Acho que essa foi a pior coisa de todas, sabes?, ver a minha mãe transtornada. Ela nunca pára de se preocupar... às

vezes parece que não sou capaz de respirar devido à culpa.

Ciente de que Alice havia posto o dedo na ferida sem querer, e impressionada pela maneira como os dois eram parecidos, Alice fincou os pés no chão da carruagem e agachou-se até ficar com os olhos ao nível dos dele.

– A culpa não é tua, sabes disso – disse Alice, tentando pôr a mão no braço dele, mas perdendo o equilíbrio por causa de mais uma guinada do comboio e optando por se agarrar ao joelho esquerdo de Max.

Max fitou a mão dela com o olhar perdido.

– Eu escolhi alistar-me no exército – limitou-se a dizer. – Foi uma decisão minha.

– E depois? – Alice aventurou uma gargalhada. – Eu escolhi acordar hoje... isso significa que é culpa minha se eu tropeçar numa pedra solta do passeio e partir o nariz?

Max ergueu uma sobrancelha.

– Sim.

– *Okay*, está certo, foi um péssimo exemplo – exclamou Alice, mudando a posição da planta dos pés. – Mas não foste tu quem me disse ontem que não mudarias o passado, mesmo se tivesses oportunidade? Podias ficar aí sentado o dia inteiro a tentar identificar quem na realidade é o culpado pelo que aconteceu... se és tu, ou os insurgentes que colocaram a bomba, ou o exército, ou o governo, ou as pessoas que mandavam antes deles, ou antes desses? Vais acabar por endoidecer se pensares assim.

– Andei lá muito perto – admitiu Max, e Alice achou que o seu coração se despedaçaria diante da solenidade dos olhos dele. Odiava que Max se sentisse dessa maneira e teria dito qualquer coisa para aliviar um pouco da sua culpa despropositada, mas também sabia que estava a ser hipócrita só de pensar nisso... afinal de contas, não era a culpa a consequência do seu ferimento que a mantivera de asas cortadas durante tantos anos? Não transportaria ela o fardo da culpa por todo o lado como um peso morto?

– Sabes que mais? Sou um monte de merda que está para aqui a dizer uma carrada de baboseiras – disse Alice, e a sensação de dizer isso era tão boa que desatou a rir... a rir com gosto, deixando correr as lágrimas que tinham estado ocultas e enxugando-as das faces à medida que Max olhava para ela, perplexo com a sua reacção.

– Acho que és capaz de ter enlouquecido – admitiu com um sorriso de esguelha. – Mas não és um monte de merda, nem dizes baboseiras, Alice.

Alice não conseguia dizer nada, por isso optou por abanar a cabeça.

– A maioria das pessoas que conheço só tem pena de mim – prosseguiu Max. – Algumas estão cheias de uma curiosidade mórbida e querem ouvir todos os pormenores sórdidos, depois há algumas que se limitam a agir como se nada tivesse mudado, como por exemplo os meus colegas mais antigos da escola. Sou capaz de entender a razão que os leva a fazer isso, e aprecio o esforço, mas o facto é que eu mudei.

Alice havia parado de rir. Era capaz de sentir os joelhos a retesar-se e sabia que em breve teria de se pôr de pé.

– Mas tu – declarou Max, pousando a mão no braço dela. – Tu és a primeira pessoa, se calhar depois do Jamal, para falar a verdade, a chamar a minha atenção para algumas destas coisas. És muito... – Max franziu a testa enquanto procurava a palavra mais adequada. – Honesta – disse. – É isso... és o oposto absoluto de ser um monte de merda ou de dizer baboseiras. É por isso que sou capaz de falar contigo com tanto à-vontade.

Alice engoliu em seco. Se ao menos ele soubesse. Honesta não era uma palavra que utilizaria para se descrever, mas também agia de maneira muito diferente com Max. Havia a aura isenta de mentira e de conversa fiada em torno dele que ela respeitava e que – percebeu agora – admirava. Admirava de verdade. Era refrescante ser capaz de falar com franqueza e sem medo, e Alice adorava o facto de Max ter reconhecido isso nela. Por que era tão fácil ser honesta quando se encontrava ao pé de Max, quando não era capaz de o ser com Richard, nem com a família, ou com as suas melhores amigas?

– Gosto muito de conversar contigo – disse Alice, começando a levantar-se e por isso a mão de Max soltou-se do seu braço. Os travões do comboio guincharam de protesto quando entraram e pararam noutra estação, e a família cingalesa que estava sentada mais perto deles levantou-se a fim de recolher a respectiva bagagem.

Max esperou que o homem curioso que viajara sentado a seu lado se dirigisse para a porta, depois lançou um olhar a Alice e deu uma palmadinha no banco vazio.

– Então vem cá e vamos conversar mais um pouco.



O comboio continuou a rolar, e o som ritmado dos pistões retumbantes entrava intempestivo pelas janelas abertas trazido pelo ar denso e húmido. Alice conseguia sentir o cheiro a pinheiro, aparas de madeira e fumo, e tinha a *T-shirt* colada às costas, que se comprimiam de encontro ao banco. Maureen viera juntar-se a eles pouco depois de terem abandonado a última estação, algo tocada e soltando risadinhas devido ao seu quinhão de *Jack Daniels*. Steph e Jamal, entretanto, estavam sentados a uma das portas abertas do comboio, com as pernas penduradas e a baloiçar lado a lado e as mãos entrelaçadas no colo de Steph. Alice fora ver se eles queriam ocupar dois dos lugares vagos no interior da carruagem, mas os dois garantiram-lhe que estavam bastante satisfeitos no chão.

Em circunstâncias normais, Alice teria sentido uma pontada de ciúmes da posição invejável de ambos, mas nesse dia não se importava. Em grande medida porque, admitiu com uma certa culpa para consigo, gostara de ter Max só para si durante algum tempo. Max mostrava-se diferente quando os outros estavam por perto, e tanto quanto Alice podia perceber, parecia reservar as conversas sérias para ela.

Enquanto Max virava as peças de dominó que levava para todo o lado nas mãos, Maureen pô-los ambos a par das anedotas que ouvira os seus novos amigos contar, amigos esses que dormiam agora a sono solto nos respectivos lugares mais adiante na carruagem, com as alças das mochilas enroladas à volta das pernas por precaução. Não que fosse provável que alguém aqui os roubasse, pensou Alice. Ainda não se sentira nem um pouco ameaçada em nenhum momento desde que haviam chegado, excepto talvez pelo trânsito louco de Kandy.

– Baz, que é aquele ruivo, afirma que Unawatuna é o melhor lugar para se ir na costa sul. Ao que parece, existem ali bares a toda a extensão da praia.

Max sorriu por educação, fingindo não reparar no pequeno arroteio que Maureen conseguiu abafar por uma unha negra por detrás da mão. Alice mal podia acreditar que a amiga se deixara embriagar assim tão cedo. Era um pouco de mais, mesmo para Maur.

– Ouvi dizer que é uma região muito turística – replicou Max, virando-se para Alice em busca de confirmação. Esta lera a mesma coisa, mas ainda não queria deitar um balde de água fria no entusiasmo da amiga.

– Existem montes de lugarejos ao longo da costa – declarou Alice de forma pragmática. – Podemos percorrê-los um após o outro até encontrarmos um sítio que nos agrade.

O comboio deu uma guinada.

– Não me sinto bem – sussurrou Maureen entredentes e Max chamou a atenção de Alice.

– Toma. – Alice abriu o fecho da mochila e tirou a garrafa de água.

– Ugh, está quente! – gemeu Maureen. Estava a mostrar-se inusitadamente refilona e chorona, e Alice desconfiava que a culpa era do uísque.

– É pegar ou largar – limitou-se a dizer para Maureen, e Max disfarçou uma gargalhada com um ataque de tosse.

Maureen aceitou, apenas para se queixar logo a seguir de que era como se estivesse a beber a água do banho. Por cima dos ombros curvados da amiga rabugenta, Alice observou mais árvores a surgir como relâmpagos através das grandes janelas, e depois de repente a paisagem ficou para trás e um profundo vale surgiu debaixo deles, tão luxuriante e verde como a Terra Média. Max, que também o vira, fez menção de se pôr de pé.

– Vou até ali adiante dar uma olhadela pela porta – disse, coxeando ao de leve à medida que se afastava, e Alice resistiu ao impulso de saltar do assento como uma mola e desatar a correr atrás dele. Estava à espera que Maureen lhe desse nas orelhas e lhe fizesse um interrogatório querendo saber sobre o que ela e Max tinham estado a conversar, mas a amiga aparentava agora uma calma e um silêncio invulgares – devia estar mesmo a sentir-se doente.

– Deveremos chegar dentro de menos de uma hora – disse Alice em tom jovial, e Maureen respondeu com um meio sorriso frouxo e hesitante.

– Fixe.

– Estás bem? – perguntou Alice. – Pareces um bocadinho, bem, fora de ti.

Maureen evitou o olhar dela e fez uma careta.

– Estou ótima.

– Fiz alguma coisa? – pressionou Alice, perguntando-se se a amiga estaria aborrecida com ela por ter monopolizado Max. – Se fiz, peço desculpa.

Maureen franziu o sobrolho.

– Achas que fizeste alguma coisa?

– Hum, não. Nem por isso. – Alice começou a rir com nervosismo.

– Pois então. – Maureen sacudiu a mão num gesto desdenhoso. – Não peças desculpa. Pedes desculpas demasiadas vezes, é esse o teu problema.

– Desculpa – disse Alice de novo, soltando uma gargalhada quando a amiga gemeu de exasperação.
– Minhas senhoras.

Alice ergueu os olhos e deparou com Max, de volta da sua pequena incursão até às portas abertas do comboio. Trazia o telemóvel e o boné de basebol numa das mãos.

– Quem é vivo sempre aparece – disse Maureen com doçura, e todos os vestígios do seu estranho mau humor haviam desaparecido. Imitou o gesto que Max fizera antes e deu uma palmadinha no banco a seu lado.

– Vem sentar-te ao pé de mim; tenho a sensação de que quase não te pus a vista em cima hoje.

Alice sabia que Max olharia para si, por isso apressou-se a baixar os olhos para o chão do comboio. Não queria hostilizar Maureen nem indispor-se com ela, ainda para mais estando a amiga com um estado de espírito esquisito, e pressentiu que se Max lhe prestasse algum tipo de atenção directa, isso iria quase de certeza enfurecer a amiga. Estava convencida de que Maureen mentira quando lhe disse que não se passava nada. Alice era capaz de ver a desonestidade nos outros com tanta clareza como a sentia fervilhar dentro de si – era uma especialista. No entanto, isso não explicava o que havia azedado a sua disposição alegre da manhã, nem por que razão se mostrava renitente em contar a Alice a verdade sobre o assunto. Se tinha alguma coisa que ver com Max, por que não dizia e pronto? Não era nada coisa de Maureen não dizer o que pensava, e era isso que mais incomodava Alice.

Passou o resto da viagem a olhar em silêncio pela janela, acenando de volta às criancinhas que se aglomeravam ao lado dos carris, à espera que o comboio passasse. Havia sempre tantas caras sorridentes aqui, para onde quer que uma pessoa olhasse. Estar neste comboio a desconjuntar-se fez Alice lembrar-se de quando vira o filme *O Comboio Que Levava Saudades* quando era pequena, ela e Freddie com os seus joelhos esfolados lado a lado debaixo de uma manta, e aromas de bolos no forno que vinham da cozinha. Sempre que Alice visualizava a mãe nessa época, esta estava sempre de avental, e as manchas de farinha e nódoas de manteiga faziam tanto parte dela como as suas mãos macias e sulcadas e a sua expressão severa. Nessa altura, Alice sentia como se estivesse a desempenhar um papel, concordando em ajudar a bater a massa para fazer bolachas e fingindo que estava a gostar, quando a verdade é que preferia estar agachada perto de um dos lagos nos prados de aluvião, esforçando-se ao máximo para apanhar uma rã, ou apenas a observar com reverência um piolho-aquático a deslizar pela superfície.

Alice fazia com frequência piqueniques em família quando era pequena, e ainda era capaz de se lembrar como costumava escapulir-se para ficar deitada na relva alta do prado assim que tinha oportunidade, aventurando-se a ficar o mais quieta possível, até quase fazer parte da paisagem. Sentia um estremecimento de emoção quando os insectos de passagem caminhavam sobre os seus braços nus, tão perto da sua cara que Alice conseguia divisar os intrincados padrões que exibiam. Certa vez, arrastara-se de barriga ao longo do prado em perseguição de um exército de formigas, apenas para acabar por dar um trambolhão e rebolar sem querer pelas margens lamacentas do rio. Quando a mãe a chamou para voltar para a manta, e uma Alice toda molhada surgiu envergonhada com o vestido cheio de nódoas por todo o lado, a mãe erguera as mãos para o céu em desespero.

– Oh, Alice! – dissera, procurando por todo o lado algo que pudesse usar como toalha. – Por que tens sempre que te meter em sarilhos?

Isto ocorrera anos antes do dia fatídico em que Alice caíra do telhado, e ainda era capaz de se lembrar do quanto ficara confusa. Freddie andava sempre todo sujo de lama. Chegava a entrar na água e deixá-la flutuar por cima do topo das galochas, e nunca fora repreendido por isso. Se o comportamento de Freddie não era considerado problemático, então por que razão o seu era?

Até pouco antes do acidente, Alice ignorava os ralhetes que a mãe distribuía a torto e a direito, e continuou a meter-se em todo o tipo de sarilhos. É provável que também nunca parasse de fazê-lo se não fossem aquelas telhas escorregadias do telhado. Até que ponto a sua vida teria sido diferente? Teria crescido e ter-se-ia tornado uma instrutora de mergulho em águas profundas, ou um soldado, ou até apenas alguém que vivia à beira do abismo mais do que a conta? Só de pensar nisso entusiasmava-a e assustava-a em proporções iguais.

– Acho que chegámos – ouviu Max dizer para Maureen, e a sua vida imaginária estilhaçou-se em mil pedaços quando pestanejou e se virou, deparando-se com um sorriso a aguardá-la nos lábios do seu novo amigo. Maureen já estava de pé, corada que nem um tomate.

Por mais que tenha gostado deste passeio, Alice estava ansiosa por dar início à próxima etapa da viagem, e assim que os travões do comboio começaram a guinchar, pôs-se de pé e fez menção de agarrar na mochila, mas descobriu que as alças tinham ficado presas na rede da bagageira. Ainda estava a tentar desembaraçá-las quando um grito agudo ressoou por toda a carruagem.

Capítulo 23

Maureen aterrara de costas, e por sorte a mochila amorteceu-lhe a queda, evitando que a sua cabeça fosse esborrachar-se de encontro ao pavimento de cimento da plataforma da estação. Descera os degraus da carruagem de costas, ironicamente para a ajudar a equilibrar-se com mais facilidade, mas escorregou e só conseguiu com isso ficar com o tornozelo preso. Foi a dor que sentiu, e não o medo da queda em si, que fez que soltasse um grito. Jamal, que já se encontrava de pé na plataforma mas não conseguira ampará-la a tempo, estava agora acorrido aos pés dela.

– Dói-te? – perguntou, dobrando-lhe o pé com muito cuidado para o lado.

Maureen soltou um berro.

– *Okay*. – Jamal pousou devagar o pé magoado sobre o seu joelho, depois moveu os dedos em torno da articulação, erguendo os olhos de modo a avaliar as reacções de Maureen. Esta encolheu-se mas não voltou a gritar e Jamal acabou por soltá-la e ajudou-a a sentar-se.

– Não me parece que esteja partido – disse-lhe Jamal, erguendo os olhos para Alice, Steph e Max, que se encontravam todos na expectativa e de olhos postos nos dois cheios de preocupação. – Temos aqui uma entorse feia, mas não vamos ter de amputar.

– Muito engraçadinho! – Maureen bateu-lhe ao mesmo tempo que Max se ria, e mais uma vez Alice maravilhou-se com o sentido de humor algo macabro dos dois homens.

– Para tua sorte, tenho aqui isto – disse Max, tirando as canadianas desdobráveis do saco. – As minhas muletas de estimação, cá estão elas para servir em alturas de necessidade.

Apesar da dor evidente, Maureen conseguiu sorrir-lhe.

– O meu herói – exclamou com afectação, acrescentando em seguida: – Estou tão envergonhada.

– Não sejas parva – disseram todos em uníssono, e Jamal mudou de posição a fim de ajudá-la a livrar-se da mochila. A multidão de pessoas que se juntou à volta deles após a queda já havia dispersado, e agora encontravam-se sozinhos excepto alguns habitantes locais curiosos. Alice não tinha a certeza se era para a rapariga algo irritada e um bocadinho histérica estendida no chão que eles estavam a olhar, ou se para a perna de Max, mas agradou-lhe o facto de os cinco terem feito uma entrada triunfal.

– Tens a certeza de que podes prescindir delas? – perguntou Alice a Max, lembrando-se do modo como ele passara a viagem inteira a levar a mão à perna.

Hatton era apenas a primeira paragem no caminho até ao Pico de Adão – daqui precisariam de algum modo de chegar até Dalhousie.

– Ela precisa mais delas do que eu neste momento – garantiu-lhe Max, desviando o olhar enquanto Jamal partiu em busca de um táxi.

– Tenho a certeza de que deve haver por aí alguns ramos de árvores que possamos transformar em muletas se for preciso – disse Alice.

– Não precisas de me usar como pretexto se estás com vontade de te piores a trepar às árvores como um macaco – disse-lhe ele, com um sorriso insolente brincando-lhe nos lábios.

– Eu? – Alice fingiu surpresa. – Eu sou uma verdadeira dama, não sabias?

– Bom, no exército, todas as verdadeiras damas sabem trepar às árvores – contrapôs Max. – E sou capaz de apostar que és mais desse tipo do que do outro.

– Do outro? – indagou Alice.

– Tu sabes. – Max afivelou uma expressão reprovadora. – Todas unhas postiças, colares de pérolas e sapatos em que ninguém consegue dar um passo.

– Colares de pérolas? – exclamou Alice. – Não estamos no século XVIII.

Parou de se rir quando reparou na expressão na cara de Maureen.

– Como está isso? – apressou-se a perguntar, ajoelhando-se aos pés da amiga.

– Com dores – foi a resposta.

Steph olhou para Alice.

– Tenho uns comprimidos de ibuprofeno na mochila – disse. – Assim que o Jamal regressar, arranjam-te água para poderes tomar um. Tenho a certeza de que te sentirás melhor não tarda nada.

– Mas não a tempo de escalar o Pico de Adão – resmungou Maureen, e Alice abanou a cabeça.

– Merda, esqueci-me. Que chatice. Desculpa, Maur.

Maureen encolheu os ombros de forma efusiva.

– Hei-de superar o desgosto. Um dos rapazes que conheci no comboio também não vai... disse-me que é demasiado preguiçoso. Talvez possa sair com ele.

Alice apeteceu-lhe salientar que a escalada teria início às duas horas da manhã, o que significava que o mais provável é que tanto esse tipo como Maureen estivessem enfiados na cama, mas optou por ficar calada. Maureen ficara com os nervos em franja por causa da queda, e Alice quase podia sentir a fúria pairando no ar à volta dela. Mostrar uma atitude pedante em relação a alguma coisa neste exacto momento não seria bem recebido.

– Posso ficar contigo se quiseres, o que achas? – ofereceu-se Steph, e Alice corou. Deveria ter pensado em dizer a mesma coisa. A verdade, contudo, seria preciso um comboio a passar por cima de Maureen para impedir Alice de escalar essa montanha.

Maur, no entanto, abanou a cabeça.

– Não, nem pensar. Não vou deixar que nenhum de vocês tome conta de mim como se fosse um bebé. Bom, a menos que prefiras ficar na cama comigo em vez de subir a um pedregulho enorme e velho, que tal?

Maureen olhou para Max quando disse a última parte da frase, mas este soltou uma gargalhada bem-humorada.

– Não vou perder isso por nada neste mundo. Desculpa, Maur.

– Azar o teu – respondeu a amiga na brincadeira e Alice cravou os olhos nos sapatos dela.

Jamal estava de volta e fez-lhes sinal para que o seguissem, portanto Alice e Steph içaram Maureen entre as duas, ao passo que Max carregou com a mochila da rapariga e as muletas. Lá fora, no átrio

da estação, sucedia-se um caos previsível, com condutores de *tuk-tuk* atropelando-se uns aos outros de modo a chegar ao pé deles e propor-lhes uma tarifa, e os autocarros e automóveis cuspiam fumo enquanto se encontravam parados ociosos na poeira. De algum modo, no meio de tudo isto, Jamal arranjara-lhes um táxi a sério com espaço suficiente para oito passageiros, e todos se amontoaram lá dentro agradecidos. Havia lixo no chão e não havia ar condicionado nem cintos de segurança, mas sem dúvida que era um progresso em relação aos veículos de três rodas, e Maureen pôde utilizar um lugar vago para apoiar e descansar o pé.

– Agora és tu o meu herói – disse para Jamal.

– Sou um herói todos os dias – gracejou o rapaz, e Max começou a vaiar bem alto na parte da frente da carrinha.

– Dalhousie, todos? – confirmou o motorista, que mais parecia não ter idade suficiente para ter carta de condução.

– Sim, por favor! – exclamaram em coro, e com uma buzina de extralonga e uma boa dose de gritos amigáveis do condutor pela janela, partiram, circulando por entre o trânsito antes de saírem da cidade e serpentearem ao longo de uma estrada estreita com vista para um vale profundo.

A boca de Alice abriu-se num perfeito «O» ao espreitar por cima da beira do penhasco e apreciar o vasto lago azul centenas de metros mais abaixo, com uma superfície de um azul impenetrável de tinta derramada. A encosta altaneira na margem oposta estava salpicada de manchas de cor verde, e lampejos intermitentes de folhas ou de frutos de um vermelho-vivo – Alice não podia ter a certeza a esta distância – eram visíveis nas copas das árvores. As cores eram intensas e surgiam com nitidez, como se alguém tivesse tirado uma fotografia da paisagem e aplicasse filtro após filtro, acentuando o contraste e os níveis de saturação até a imagem parecer mais pintada do que real.

A estrada por onde circulavam descrevia curvas e contracurvas, e as pedras soltas na sua superfície ressequida estalavam debaixo dos pneus. O jovem cingalês conduzia só com uma das mãos no volante, despreocupado até mesmo nas curvas mais apertadas, e Alice quase não conseguia perceber o que ele dizia a Max acima do som das rajadas de vento. Estava a explicar o que Alice já sabia, que hoje era o Dia Poya da Lua Cheia Adhi Madin – o segundo dos dois dias de lua cheia no mês de Março, além de ser um feriado budista. Para além disso, era Sábado de Aleluia, e o último dia de Steph com vinte e tal anos. Havia imensas coisas a acontecer. Escutou o motorista explicar que a escalada que iriam fazer nessa noite seria bastante movimentada, uma vez que muitos cingaleses planeavam uma visita a coincidir com o Dia Poya, e aconselhou-os a partir com bastante tempo de antecedência.

– És capaz de escalar com esta perna? – Alice ouviu-o perguntar a Max, mas um condutor de *tuk-tuk* escolheu esse momento para passar por eles a toda a velocidade e buzinar, por isso não conseguiu ouvir a resposta.

Tinham mais uma hora de caminho até Dalhousie, e nessa altura os membros de Alice começavam a doer-lhe devido à falta de movimento. A combinação de analgésicos, *Jack Daniels* e humilhação embalara Maureen num estado de sonolência, e Jamal adormecera encostado ao ombro de Steph, mas Alice estava demasiado excitada para se sentir cansada. Estava a esforçar-se ao máximo para assimilar tudo aquilo, arquivar todas as recordações para um futuro que receava conter muito menos

animação, ruído e energia. No entanto, à medida que entravam em Dalhousie, a primeira impressão que teve não foi de deslumbramento nem de fascínio, tal como esperara que fosse. De imediato compreendeu que este era um lugar nascido de uma mera necessidade e não do desejo verdadeiro de alguém em fazer dele um lar.

– Cum caraças – disse Max. – Este lugar faz-me lembrar o Afeganistão.

O táxi parou numa zona de estacionamento improvisada que em essência não era mais que um lamaçal, e os cinco saíram um de cada vez, Maureen a cambalear ao de leve amparada nas canadianas emprestadas por Max. Três caminhos conduziam a direcções diferentes, e uma tabuleta escrita à mão informava de forma tosca que o da esquerda era o início da escalada, ao passo que o da direita os levava direitinhos aos hotéis. O último caminho trazia-os de volta ao mesmo sítio. A toda a volta das margens da zona de desembarque e estendendo-se ao longo de ambos os lados das estradas de terra batida havia bancas de vários formatos e tamanhos, que vendiam de tudo desde comida e bebidas até equipamento de alta tecnologia para caminhadas e acampamento. Tudo havia sido construído de forma tosca, como se tivesse sido erguido com grande pressa, e também aqui o ambiente era calmo e silencioso – a tal ponto que era quase sinistro. Alice nunca antes havia estado num bairro-de-lata, mas se tivesse de descrever Dalhousie, estas seriam as palavras que escolheria. Com a sua paleta discreta de cinzentos e castanhos, era tão diferente do resto do país que já vira até então que a princípio ficou chocada e sem palavras. Nunca antes na sua vida se sentira tanto no *País das Maravilhas* como agora.

– Mas que pardieiro – proclamou Maureen e Jamal desatou à gargalhada.

– Eu ia dizer «rústico» – replicou ele. – Mas és capaz de ter razão.

– Olhem – disse Steph, apontando na direcção da banca mais próxima. – Até se pode comprar brinquedos aqui.

Tinha razão. A loja de varejo estava apinhada até cima de bonecas de plástico em caixas, baldes e pás, camiões, carrinhos, ursinhos de peluche e até mesmo um pequeno triciclo.

– Está bem de ver que é mesmo de brinquedos que uma pessoa precisa quando vai escalar uma montanha – comentou Jamal abismado. No Sri Lanka as surpresas não paravam de se suceder, isso era garantido, e agora Alice entendia por que razão todos os blogues de viagem que lera antes de viajarem para ali recomendavam que se ficasse em Dalhousie por algumas horas, no máximo. Era apenas um matagal que servia de antecâmara à atracção principal, mas não tinha dúvidas de espécie nenhuma de que o Pico de Adão compensaria mais do que o suficiente o que estavam a ver agora. Podia ver nesse momento o cume da montanha, à medida que se encaminhavam em direcção à Pensão Daddy, erguendo-se por entre a neblina do fim da tarde. Parecia situar-se a quilómetros de distância, e também era alta para burro.

– Neste momento, começo a sentir-me agradecida pelo tornozelo inchado – comentou Maureen, que chegara ao lado de Alice e contemplava agora o topo. – Só tem cerca de dois mil metros?

– Penso que está mais próximo dos dois mil e trezentos, se a memória não me falha – disse Alice. – Mas o que são mais trezentos metros depois de já termos subido durante três horas?

– Antes vocês do que eu – replicou Maur.

Alice abanou a cabeça.

– Para ser franca, mal posso esperar – declarou, sorrindo para si enquanto Maureen abanava a cabeça incrédula e se afastava de forma desajeitada com as canadianas. Alice gostava do facto de Dalhousie ser um sítio estranho e desconcertante, porque era quase como se tivessem sido arrastados mesmo para dentro das páginas de um conto de fadas. Nada parecia sólido ou tangível aqui no sopé do Pico de Adão, e os contornos pareciam esfumar-se como num sonho. Um nevoeiro pouco significativo erguia-se num remoinho, o ar era denso e fazia que os seus ouvidos zumbissem, e esta noite a Lua iria brilhar no seu máximo esplendor e com mais intensidade. Alice sabia com uma doce certeza que estava prestes a embarcar num desafio físico como nenhum outro que já tivera ocasião de experimentar, e só o facto de saber disso era suficiente para a deixar empolgada. Não só isso, mas também iria partilhar esta experiência com alguém de quem aprendera a gostar, mais do que sabia que deveria. *Pelo menos por uns momentos*, pensou Alice, *poderia permitir-se acreditar na fábula, e dar-se ao luxo de ser livre*. Este era o seu momento, e queria olhar para trás e saber que passara cada momento dele sendo ela.

Capítulo 24

Max

*Se eu morrer,
Não procures quem culpar,
Eu escolhi esta aventura,
Transformei a mortalidade num jogo...*

Max esfregou os olhos para espantar o sono antes de entrelaçar os dedos e empurrar as mãos para a frente, sentindo as articulações a estalar e os ligamentos a arder com o esforço do movimento. Um bocejo escancarado levou o tão necessário oxigénio aos seus pulmões e clareou-lhe a visão fosca, e depois desrolhou a garrafa de água a fim de beber outro longo gole.

Alice estava ao seu lado, com os olhos a brilhar de determinação no escuro, com o olhar fito com firmeza no rasto de luzes que parecia subir directo até aos céus. O caminho da subida até ao Pico de Adão era iluminado; agora tudo o que precisavam fazer era seguir as bruxuleantes estrelas douradas até ao topo.

Jamal e Steph também ali estavam, de mãos dadas como sempre pareciam andar agora, tão à vontade na companhia um do outro apesar de se terem conhecido há menos de uma semana. Era bastante significativo que Jamal se mostrasse tão atencioso, porque embora sempre fosse de uma correcção irrepreensível para com as raparigas com quem andava – e Max sabia que se tratava de um número considerável delas –, de uma maneira geral também era descontraído. Steph entranhara-se de tal maneira na pele de Jamal como Max nunca antes vira acontecer com rapariga nenhuma, e preocupava-se com o que podia acontecer quando chegasse a hora inevitável de os dois se despedirem. Mas também, recriminou-se, o Suffolk não era assim tão longe de Londres – se Steph e Jamal quisessem continuar a ver-se, então calculava que iriam encontrar uma maneira de fazer que tudo desse certo. Caramba, se Jamal era capaz de pôr Max a trabalhar de novo, é provável que fosse capaz de qualquer coisa.

Todos haviam ido para a cama cedo na noite anterior, depois de ingerirem uma dose substancial de *kottu roti* cada um, e ficarem um bocadinho chateados ao descobrir que a cerveja estava banida da ementa por causa da lua cheia. Estar desidratado não seria muito benéfico para nenhum dos quatro nesta escalada, e para Max constituía um problema ainda maior. A dor persistente no coto fora de momento debelada com duas aspirinas, mas estava nervoso pensando como seria quando o efeito dos comprimidos passasse – em especial agora que não tinha as canadianas como apoio. Não passara pela cabeça de Maureen devolver-lhe as muletas quando foi a coxear para a cama e Max fora demasiado orgulhoso para lhas pedir.

Demasiado orgulhoso e demasiado estúpido, pensou nesse momento para com os seus botões.

Dalhousie era ainda mais estranha às duas da manhã do que lhes parecera à luz do dia, com pequenos grupos de pessoas aglomerados em torno das bancas que permaneciam abertas, e quase nenhum som para além do suave raspar dos ténis no solo enlameado. O que fez lembrar a Max de forma inevitável a partida para uma missão às primeiras horas do dia, os óculos de visão nocturna transformando os arredores do deserto árido e inóspito ainda mais numa espécie de planeta alienígena. Era capaz de se lembrar do latejar do seu coração agitado no peito, as veias a pulsar-lhe nas têmporas à medida que o medo e a adrenalina o percorriam de alto a baixo, e o som dos camaradas que seguiam à frente e atrás, cujas passadas se ouviam firmes e repetitivas.

Max fez estalar a banda elástica de encontro ao pulso e pestanejou de volta ao presente.

– Está fresco, não achas? – disse Alice. Estivera calada desde que saíram da pensão, à primeira vista satisfeita por assimilar tudo aquilo enquanto se dirigiam para o ponto de partida da escalada, mas agora levantou as mãos e esfregou as mangas do seu blusão com capuz.

– Até prefiro assim – admitiu Max. – Está a ajudar-me a acordar.

Max tinha uma camisola de reserva na pequena mochila que trazia às costas, mas por enquanto continuava de *T-shirt* para além de umas calças de combate compridas e largas. Alice correria o fecho até ao queixo do blusão roxo liso que vestira além de umas *leggings* pretas, e apanhara o cabelo num rabo-de-cavalo alto. Parecia ter no máximo quinze anos, pensou Max com afecto, não fossem algumas linhas finas em torno dos cantos dos seus olhos.

– Vai estar muito mais frio lá em cima – avisou Jamal, e todos ergueram os olhos para o ponto onde as luzes bruxuleantes davam lugar a estrelas verdadeiras. Max fez as contas, sabia que do sítio onde se encontravam até ao topo eram apenas cerca de seis quilómetros e meio, uma distância que noutros tempos seria capaz de percorrer sem verter uma gota de suor. Contudo, ao olhar lá para cima agora, quando o Pico de Adão os contemplava com ar majestoso, parecia muito mais alto. No entanto, chegaria ao topo, com dor ou sem ela. Tinha de fazê-lo.

Passaram por uma grande estátua do Buda encerrado por detrás de um vidro, e atravessaram uma ponte sobre algo que lhes pareceu água que corria veloz, mas que não conseguiam ver no meio da escuridão, antes de se juntarem ao fim de uma pequena fila de pessoas que aguardavam o início da sua peregrinação. Um casal cingalês encontrava-se em silêncio mesmo à frente deles, com um rapazinho entre ambos, que Max supôs ser seu filho. Não deveria ter mais de seis anos, mas exibia o mesmo ar devoto e determinado que qualquer um dos adultos que o rodeavam. Os três estavam descalços, e os olhos de Max desviaram-se para os pés, um cheio de ossos, músculo e carne e o outro um pedaço de madeira e espuma de uretano elaborado com a maior perícia. Calçava uma meia prostética lavada feita de lã para a escalada, que esperava pudesse ajudar a prevenir o excesso de transpiração e manter o membro residual o mais confortável possível. No entanto, dada a quantidade de trabalho que estava a exigir que ele fizesse, Max não se sentia tão confiante como gostaria, e sabia que iria ter de cerrar bastante os dentes ao longo das seis ou sete horas seguintes.

– Estás bem? – Alice passou-lhe um dedo pelo braço.

Parecia sempre saber quando ele sentia algum tipo de desconforto; devia ter a preocupação que sentia estampada na cara.

– 'Tou. – Max sorriu-lhe, empurrando-lhe o ombro com o seu. – Só estou ansioso por partir.

Deram um passo em frente e enfiaram algumas rupias numa caixa de donativos. Havia um monge vestido com uma túnica cor de laranja de pé num dos lados, e assim que as notas e as moedas foram deixadas na caixa, atou uma tira de lã branca à volta do pulso de cada um. Max observou a expressão de Alice a ficar séria quando passou os dedos pela sua e sorriu para consigo. É óbvio que esta escalada significava tanto para ela quanto para ele e, nesse momento, sentiu-se invadido por uma sensação de felicidade por irem passar por essa experiência juntos.

O caminho escuro já se encontrava cheio de gente, mas quase ninguém falava. A atmosfera era de contemplação silenciosa, quase como se fossem peregrinos concentrados na tarefa que se avizinhava poupando as suas energias para a subida em lugar de desperdiçá-las com conversa fiada. Degraus grandes e largos foram escavados por entre o lixo, constituindo cada um deles uma simples elevação, mas quando dobraram uma esquina e passaram por uma banca de grandes dimensões que vendia flores de plástico, o percurso foi ficando cada vez mais íngreme e mais exigente. Ao passo que antes as bocas haviam permanecido fechadas, agora estavam abertas e ofegantes e a respiração podia ser difícil. Max ainda não estava a sentir o esforço aeróbico, mas alguns dos cingaleses de mais idade que seguiam na escalada já começavam a abrandar a velocidade. Alice, que mantinha o mesmo ritmo de passada que Max, parecia estar com a corda toda e fervilhava nitidamente de energia. Max chegou à conclusão de que era muito provável que ela chegasse ao topo a correr se assim o entendesse.

– Pareces bastante em forma – comentou Max, abanando a cabeça quando uma mulher envolta em túnicas e com um chapéu de lã lhe ofereceu uma chávena de *chai*. Havia vendedores ao longo deste trecho do caminho.

Alice sorriu-lhe.

– Costumo correr muito – explicou. – E também nado.

– Eu costumava odiar a natação – admitiu Max. – Mas passei a interessar-me depois de... Bem, o que quero dizer é que é bom fazer algo quando não se tem de depender demasiado da perna, entendes?

Alice voltou a assentir com a cabeça com aquele sorriso característico que Max descobriu ter passado a adorar. Neste momento, Jamal e Steph seguiam alguns passos atrás deles, e Alice virou-se para trás de forma furtiva para olhar, quase como se estivesse a confirmar que eles não se encontravam ao alcance dos seus ouvidos.

– Gostaria imenso de experimentar o *surf*. É um desejo secreto meu – disse Alice em voz baixa. – É uma das razões por que sempre quis ir à Austrália.

– Por que fazes disso um segredo? – perguntou Max, sentindo a testa franzir-se numa ruga.

Alice subiu mais três degraus antes de responder, com uma expressão indecifrável.

– Queres mesmo saber a verdade? – respondeu. – Porque a minha mãe iria detestar a ideia, e calculo que o Richard se daria ao trabalho de compilar um *dossier* sobre todas as pessoas que já morreram ou que ficaram feridas enquanto cavalgavam na crista de uma onda.

– Desmancha-prazeres, os dois – declarou Max, mas Alice limitou-se a erguer os ombros em jeito de derrota.

– Queres saber um segredo a meu respeito? – perguntou Max, e agora foi a sua vez de olhar por cima do ombro para ter a certeza de que Jamal se encontrava longe o suficiente para não ouvir.

Alice estava à espera, com as faces afogueadas sob a luz que vinha das lanternas. Já estavam a caminhar há cerca de vinte minutos e o caminho sinuoso continuava a subir com toda a perseverança.

– Escrevo poemas.

– Oh? – A surpresa de Alice era evidente na sua expressão.

– Eu sei, certo? Eu disse-te que era uma alma sensível.

– São sobre o quê? – perguntou Alice.

Max contou-lhe sobre o seu herói e tema de inspiração Rupert Brooke, e como ler a sua obra levava Max a pegar numa caneta e aventurar-se ele mesmo nesse campo. Alice assentiu com a cabeça com conhecimento de causa – estudara Brooke no ensino secundário.

– O conteúdo depende do meu estado de espírito – admitiu. – Costumavam ser bastante sombrios, mas desde que aqui cheguei na verdade tornaram-se um bocadinho menos deprimentes.

– Isso deve ser um bom sinal – declarou Alice, e Max assentiu com a cabeça em sinal de concordância.

– Talvez te mostre alguns um dia destes – afirmou ele. – Mas esse é um gigantesco talvez. Nunca antes os mostrei a ninguém, e se te rires, é provável que nunca supere o trauma.

– Preocupas-te em demasia – replicou Alice com bonomia. Nesse momento, estava a começar a ficar com falta de ar, mas o seu ritmo aumentava, e Max estugou o passo de modo a acompanhá-la. Atrás deles, Jamal gritou algo que se assemelhou bastante a um: «Esperem por nós!»

Max não era capaz de acreditar que admitira a Alice esta sua faceta de livre e espontânea vontade. Escrever poesia não era uma coisa especialmente invulgar para se fazer, mas significava imenso para ele. Há já algum tempo que constituía a principal válvula de escape para as suas emoções, e escrever sobre a maneira como estava a sentir-se ajudava-o a compreendê-las. Durante as longas noites passadas no Selly Oak Hospital, quando não conseguia dormir por causa das dores que sentia no coto, Max rabiscara umas coisas no diário do doente junto à sua cama – o mesmo que o acompanhara de Camp Bastion, onde a primeira Equipa de Resposta de Emergência Médica, e depois os médicos no terreno, acrescentaram actualizações sobre o seu estado de saúde.

Escrever sobre a sua agonia tornara-a de algum modo mais tangível, algo a ser superado e não uma forma de ser. Então mais tarde, depois de ter ultrapassado com dificuldade as primeiras fases da reabilitação, Max começou a lidar com o ressentimento que o deixara de rastos, e com a raiva impotente com que ficara. Cada emoção que sentiu, tentou pôr em palavras, e quando Faye o abandonou foi buscar forças à raiva que sentia tanto dela como de si na sua poesia.

Para além de ser uma ferramenta útil, a poesia de Max fê-lo voltar a sentir-se como antes, a versão que tentara esmagar em benefício de se tornar um tipo duro. Só se apercebeu do quanto precisava do antigo Max quando o recuperou de novo.

No entanto, em momento algum durante este processo ocorreu a Max mostrar o seu trabalho a alguém. Sempre fora uma coisa muito privada e pessoal. Hoje em dia, depois deste tempo e por mais nenhuma razão a não ser o simples facto de querer partilhar algo significativo com ela, Alice tornara-se a primeira pessoa a saber o seu segredo.

Capítulo 25

Alice ergueu o queixo e semicerrou os olhos contemplando o padrão de luzes que tremeluziam por cima da sua cabeça. Naquele momento já estavam a subir há mais de duas horas, mas o topo do Pico de Adão nunca mais parecia ficar mais próximo. Após um início de facilidade moderada, o caminho começara a estreitar-se e os degraus foram ficando cada vez mais íngremes, e neste momento cada um deles encontrava-se ao nível do joelho ou mais alto ainda. Continuava escuro como breu por todo o lado excepto os poucos metros que tinham pela frente ou atrás deles, e Alice não conseguia perceber que distância haviam percorrido a subir a montanha, nem o que se encontrava na vegetação rasteira de ambos os lados do caminho. No entanto, uma coisa era certa, que era a certeza de que o único caminho era a subir. Não haveria desistentes neste trilho – por mais duro que pudesse tornar-se.

Max continuava junto de si, mas o último lanço de degraus fora suficientemente duro para abafar a conversa e substituí-la pela exaustão. Alice podia sentir os joelhos a tremer e os músculos das coxas e do traseiro gritavam de fadiga, portanto nem conseguia começar a imaginar o quanto deveria ser mais difícil para Max. Na realidade, só se lembrou quando já iam bem avançados no trajecto que Max deveria ter trazido as canadianas consigo por precaução, e Alice recriminou-se por não ter tido a clarividência necessária para pedir a Maureen que lhas devolvesse.

– Vamos descansar por uns momentos? – propôs Alice por entre a sua respiração entrecortada, e Max aquiesceu, parecendo agradecido. Haviam chegado a um ponto de paragem natural, e depararam-se com um espaço livre junto a um muro baixo em frente de uma pequena banca de madeira que fornecia refrescos. A brisa suave parecia fresca e refrescante ali em cima, e havia um aroma persistente a especiarias. Assim que Alice despiu o blusão com capuz, precisou vesti-lo logo em seguida para se manter quente. Max, entretanto, continuava a usar a sua *T-shirt* cinzenta, e Alice pôde reparar que os seus braços começavam a ficar com pele de galinha.

– Que cheiro é esse? – perguntou Max, aspirando o ar.

Alice apontou para o outro lado do carreiro.

– É *chai* – respondeu. – Queres um? Eu trouxe a carteira.

Max abanou a cabeça. O seu cabelo curto estava colado à testa devido ao suor, e ele levantou uma mão e enxugou o sobrolho.

– Sou capaz de esperar até subirmos mais um pouco. De certeza que deve haver uma casa de chá perto do cume.

– Consegues ver os outros? – perguntou então Alice, espreitando para baixo, para o meio das sombras. De vez em quando, mais uma ou duas cabeças emergiam da escuridão, à medida que mais pessoas conseguiam subir com esforço a montanha.

– Ainda não. – Max livrou-se da mochila e levantou os pés de modo a deixar passar um cão vadio. A princípio Alice ficara surpreendida ao ver tantos, mas agora já se habituara. Imaginava que também deveria haver macacos, escondidos por entre as árvores circundantes. Tinha a certeza de ter ouvido um há cerca de uma hora. Parecia que se encontravam no seu mundinho aqui em cima, tão afastados das suas vidas quotidianas.

Alice estremeceu, e Max encostou o seu corpo ao dela para a aquecer. O corpo dele era sólido, real e reconfortante, e Alice recostou-se nele, escutando durante todo esse tempo o seu coração a bater com estrondo em forma de protesto.

– Importas-te se ficarmos aqui sentados mais um bocado? – perguntou Max, abrindo o fecho da mochila e tirando de lá uma garrafa de água das grandes.

– Claro que não. – Alice abanou a cabeça e viu as horas. – Ainda dispomos de pelo menos uma hora e meia até ao nascer do Sol.

– Acho que preciso dar uma banhoca aqui ao meu amiguinho – disse Max e Alice corou.

– O teu quê? – exclamou ela, e Max pareceu ficar confuso por alguns momentos.

– Oh, não! Não estou a referir-me a *esse* tipo de amiguinho. Não que seja pequeno, ou que não esteja lavado.

Alice tapou os ouvidos com as mãos.

– Pára! – gritou, fechando os olhos. – Já entendi!

Max riu-se ao mesmo tempo que enrolava a perna direita das calças para cima.

– Vou tentar não ficar ofendido com essa reacção – gracejou, curvando-se de novo e baixando o que parecia ser uma meia comprida. Alice ouviu um estalido, e depois *Mister T* saiu do sítio e encontrava-se nas mãos de Max.

– Importas-te de mo segurar por uns instantes? – pediu Max, e Alice assentiu sem hesitação, estendendo as mãos como se ele estivesse a ponto de lhe entregar um bebé.

– Uau, é mesmo pesada – declarou, vacilando junto ao muro ao ajeitar melhor a perna nos seus braços.

– Tem de ser – disse Max. – É suposto ter o mesmo peso que a minha perna verdadeira teria. Dessa maneira o meu sistema nervoso central tem mais hipóteses de se habituar a ela.

– Faz sentido – retorquiu Alice, girando a perna para poder examiná-la com mais atenção. Qualquer tipo de embaraço que tenha sentido quando viu a prótese de Max pela primeira vez há alguns dias há muito que havia passado, e agora demonstrava um interesse genuíno em saber mais coisas acerca dela. Observou quando Max tirou outra meia branca de lã, pousando-a no ombro, antes de retirar por fim com todo o cuidado a última parte da prótese rodando-a com precisão sobre o joelho.

– Isto é o forro – explicou Max, mostrando-lhe. – Contudo, está um pouco suado, por isso não te aproximes muito. Lembras-te do que te disse sobre o saco de plástico?

– Não precisas de mo dizer duas vezes – garantiu-lhe Alice, abraçando *Mister T* com força de encontro ao peito. A parte de baixo do ténis de Max estava coberta por aquele estranho pó vermelho do caminho, e manchara-lhe as *leggings* de alto a baixo.

– Merda – praguejou Max ao aperceber-se disso, estacando com a garrafa de água nas mãos. – Desculpa.

– É apenas sujidade – disse Alice, embaraçada. – Não te preocupes com isso.

Alice apercebeu-se de que não era capaz de parar de olhar para o coto de Max, que este levantara tanto que estava agora todo espetado à sua frente. Várias pessoas que também haviam parado para retomar o fôlego olhavam estarecidas, e uma mulher de idade chegou a arfar de surpresa.

– Bela cicatriz, não achas? – disse Max, apontando para que Alice pudesse ver. A linha bem suturada percorria toda a parte inferior do coto dele e subia pelos dois lados.

– Tem o formato de um sorriso... muito melhor do que o meu – disse Alice, e Max sorriu.

– Houve vezes em que cheguei a desenhar nele olhos e um nariz para fazer rir a minha sobrinha – admitiu Max, voltando a baixar a perna e passando-a por água.

– Não precisas de sabão? – indagou Alice, mas Max abanou a cabeça.

– Ná, irrita a pele. A água simples é a melhor coisa, mas esqueci-me de uma toalha, por isso vou ter de deixá-la secar ao ar por uns momentos.

– Ainda é esquisito para ti? – perguntou Alice quando Max acabou de lavar a perna. Os poucos alpinistas que haviam parado a olhar boquiabertos para a perna estavam agora sentados no muro ao lado deles, bebericando *chai* e fingindo que não estavam a ver nada.

Max percorreu o coto com as mãos ao mesmo tempo que ponderava a pergunta.

– Às vezes – admitiu. – Aprender a conduzir com ela foi esquisito, e descobrir como podia... – Interrompeu-se, tossindo com o que pareceu ser embaraço.

– O quê? – perguntou Alice, embora pudesse adivinhar que sentido a conversa estava a tomar.

– Fazer sexo.

– Oh, estou a ver. – As faces de Alice ardiam de vergonha.

– Pode tornar-se um pouco complicado – acrescentou. – Quando a rapariga que estiver por cima se entusiasmar de mais. O equilíbrio nem sempre é possível.

– E conduzir? – perguntou Alice com firmeza, mudando de assunto antes de cair do muro.

Max soltou uma gargalhada, deliciando-se com o acanhamento dela.

– Posso mostrar-te – disse. – Dá-me isso.

Alice entregou-lhe *Mister T*, e Max encostou-o com cuidado ao muro.

– Agora flecte o joelho direito e senta-te sobre o pé... isso mesmo. Senta-te com força sobre o pé até este começar a ficar dormente.

Alice fez o que Max lhe dizia, tentando não pensar no pó vermelho que neste momento devia estar espalhado pelo rabo.

– *Okay*, agora imagina que vais ao volante de um carro.

Alice ergueu as mãos e agarrou-se a um volante imaginário.

– Certo, agora acelera.

Alice olhou para ele, e depois baixou os olhos para o joelho flectido. A parte inferior da sua perna continuava presa debaixo do seu traseiro.

– Não sou capaz – respondeu, sentindo-se estúpida.

– Isso é porque estás a usar os olhos – disse Max. – Fecha-os e tenta de novo.

Alice não entendia como podia isso fazer alguma diferença, mas fechou os olhos e tentou imaginar o pé a pressionar o pedal, como sentiria as vibrações de encontro à parte inferior do sapato.

– Consegues sentir? – perguntou Max, em voz baixa junto ao seu ouvido.

Alice sorriu.

– Consigo. Acho que consigo!

Quando abriu os olhos outra vez, Max estava a olhar para ela com tanta atenção que Alice achou que não seria capaz de encarar o olhar dele.

– É claro que consegues – disse-lhe Max. – E acho que também *me* entendes.

Alice abriu a boca para replicar, para lhe dizer que ele estava certo, que conseguia ver nela o que ela nunca mostrava a ninguém – nem mesmo às pessoas que mais importavam na sua vida –, mas as suas palavras perderam-se quando Jamal e Steph surgiram no cimo dos degraus abaixo deles e aplaudiram.

– Já não era sem tempo – espicaçou Max, enrolando de novo o forro sobre o coto tão depressa que Alice nem teve tempo para ver por que ordem ele calçava as meias. – Aborreci-me tanto de esperar, que resolvi tirar a perna.

– Carente de atenção – contrapôs Jamal que, por mais bizarro que pudesse parecer, não aparentava estar ofegante.

Steph só conseguia abrir e fechar a boca em vão, estava esgotada, e Jamal tirou a garrafa de água de Max de cima do muro e deu o que sobrava à sua arrasada parceira de escalada.

– Bebe tudo, minha linda – disse-lhe com doçura. – Ainda falta um bom bocado.

Max procurou os olhos de Alice antes de se pôr de pé com uma energia renovada.

– Malditos fisioterapeutas – disse para as raparigas. – Autênticos tiranos, todos eles.

– Acho que vou morrer – arfou Steph, sendo óbvia a cor rosada das suas faces mesmo no escuro. Alice recordou-se da história que Max contou sobre Senura, o empregado de mesa cingalês, e como a sua avó de oitenta e seis anos escalava a besta deste rochedo todos os anos.

– Vamos lá, menina aniversariante. – Alice ofereceu o braço a Steph, na esperança ao fazê-lo que a amiga se sentisse demasiado cansada para sondá-la em relação ao tempo que passara a sós com Max. – O último a chegar ao topo do próximo lanço de degraus vai ter de pagar um chá aos outros.

Virou-se para começar a contar até três, mas Max e Jamal já se haviam posto a mexer, galgando os enormes degraus como se fossem meras rachas no pavimento.

– Por que não fui eu a cair daquele maldito comboio? – lamuriou-se Steph, enquanto as duas observavam os rapazes desaparecer numa nuvem de poeira, conseguiu deixar escapar um sorriso.

– É o teu destino – replicou Alice, respirando fundo ao preparar-se para enfrentar o primeiro degrau. Teria sido o destino que as conduzira até aqui ao Sri Lanka? Que as colocara naquela pousada em Habarana ao mesmo tempo que Max e Jamal? Teria sido o destino a derrubar Maureen do comboio para que ela não pudesse estar com eles nesta montanha? Teria o destino colocado a bomba que privou Max da sua perna? Havia algumas coisas que aconteciam na vida que ninguém podia controlar. Mas também havia, percebeu Alice, rangendo os dentes ao mesmo tempo que as coxas ardiam em forma de protesto, decisões que só nos competiam a nós, atitudes que escolhíamos tomar e sentimentos que nos permitíamos desenvolver.

A maneira como estava a começar a sentir-se quando se encontrava na companhia de Max não podia ser atribuída como culpa ao destino – a verdade era tão crua quanto inegável era o chão debaixo dos seus pés. Mas o que ela escolhesse fazer com esses sentimentos poderia afectar o destino de muitas outras pessoas.

Capítulo 26

Max

*Se eu morrer,
Deixa que digam,
Ele combateu com o coração,
Manteve-se forte, nunca fugiu...*

Max baixou-se com cautela até ficar sentado ao lado de Alice no degrau. O cume do Pico de Adão situava-se agora a poucos metros do lugar onde se encontravam, atraindo a sua atenção no meio de todas as outras pessoas que faziam a sua peregrinação neste Dia Poya. Steph e Jamal tinham ficado lá mais abaixo, esperando um pouco mais de tempo no calor relativo do quiosque mais alto da montanha onde se vendia chá, e que se situava ao fundo dos degraus. Depois de todos terem efectuado com enorme esforço a subida há meia hora, um cingalês de sorriso radiante com protectores para as orelhas e casaco acolchoado saudou-os batendo na palma da mão de cada um e anunciou que só «faltavam mais trezentos e sessenta e cinco degraus».

– Só! – repetiu Alice com uma alegria forçada, e Max soltara uma gargalhada apesar da dor na perna. Era difícil não pensar nisso de forma constante agora, mas o facto de Alice estar ali ajudava imenso. Esta virou-se para ele então, com um ar inquiridor estampado no rosto.

– Conta-me mais sobre os teus poemas – incitou-o Alice, envolvendo os joelhos erguidos com os braços. – Falam todos do tempo que estiveste no exército?

Max franziu a testa.

– A maioria deles, sim. E, para ser franco, são todos um pouco deprimentes também. – Max tentou rir-se, e Alice deu-lhe uma cotovelada ao de leve.

– Aposto que não são tão deprimentes como pensas – disse ela. – Talvez sejam apenas tristes. Há uma diferença, julgo eu.

Max pensou sobre a sua tristeza, sobre o quanto se sentira confuso quando começou a escrever os seus poemas e sobre o medo que o acometera. O conceito da morte tornara-se muito real para ele enquanto servira no exército, e fê-lo sentir vontade de extravasar – de espernear, de gritar e de se agarrar com força à estrutura da sua cama em Camp Bastion vezes sem conta para não voltar a ser colocado em situação de perigo. No entanto, não havia lugar para a cobardia nas Forças Armadas; era preciso pôr mãos à obra e fazer o tinha de ser feito – mesmo que isso viesse a implicar a morte.

– Bem, suponho que sempre é melhor triste do que fatela – admitiu Max. – A última coisa que me apetece é ser piroso. Não há nada de romântico na guerra. Se as lentes por onde enxergamos o mundo estão pintadas, então é com o sangue dos camaradas que tombaram e não com as cores das rosas.

– Ora, ora, isso na verdade é poético – comentou Alice e Max soltou uma risada de reconhecimento.

– Pelos vistos não conheço os meus talentos.

– Já escreveste algum poema sobre o Sri Lanka? – perguntou-lhe Alice, com os olhos desviando-se dos dele e dirigindo-se para a profunda cortina de um céu azul-marinho por cima deles.

Max ergueu os olhos e sentiu o calor do ombro dela encostado ao seu.

– Ainda não – replicou. – Mas se já alguma vez houve uma paisagem que me inspirasse...

– Nunca vi tantas estrelas como agora – declarou Alice. – É como se estivéssemos num planeta diferente.

Max levou um momento para assimilar a vista.

– Como eram os céus no Afeganistão? – perguntou Alice, unindo os dentes num sorriso contrito assim que Max olhou para ela. – Desculpa. Se calhar não queres falar sobre este assunto. Peço desculpa por ter perguntado.

Contudo, Max parecia divertido.

– Pedes desculpa demasiadas vezes – informou-a. – E não me importo de falar sobre isso... em especial contigo. O facto é que – disse ele –, o Afeganistão é um país lindo.

Alice afivelou uma expressão de incredulidade e Max assentiu com um aceno de cabeça.

– A sério! Tem uma péssima reputação, pelas razões óbvias... e tudo bem, houve momentos em que parecia lúgubre e árido... mas houve outras alturas em que pude apreciá-lo. Lembro-me de estar sentado no exterior da tenda da messe em Camp Bastion, a beber cerveja e a contemplar dois pássaros a brincar no meio da poeira. Todas aquelas coisas terríveis estavam a acontecer à volta deles, mas aquelas duas pequenas almas estavam ao abrigo de tudo isso. Fez-me lembrar que, mesmo nos recantos mais escuros, sempre existe luz... sempre existe esperança.

Alice assentiu com um aceno de cabeça. Parecia ter sido remetida ao silêncio por esse pensamento.

– Quando saíamos em missão – prosseguiu Max –, por vezes ficávamos estacionados onde o diabo perdeu as botas, no meio do nada, apenas com as longínquas cadeias montanhosas e as estrelas por companhia. O pó pairava sempre no ar e fazia que tudo tivesse uma cor sépia, como uma fotografia tirada noutro país ou algo do género. Adorava e odiava aquele lugar e ele assustava-me e emocionava-me, tudo ao mesmo tempo.

Max fez uma pausa, ciente de que começara a divagar.

– Deves achar que só digo disparates – declarou.

Alice endireitou-se no assento.

– Não sejas parvo – disse-lhe. – Nós somos seres humanos, e não robôs, por isso é claro que somos capazes de sentir uma miríade de emoções todas ao mesmo tempo. Eu falo por experiência própria.

Max sentiu vontade de lhe pedir que citasse um exemplo, mas Alice já estava a contemplar o céu outra vez.

– Quantas estrelas pensas que estão ali em cima? – perguntou-lhe passados alguns momentos, em voz baixa.

– Ora vejamos. – Max ergueu o dedo e fingiu contá-las. – Pelo menos mil.

– Mil estrelas – proferiu num sopro de voz, fazendo das suas palavras quase um poema por direito próprio, de tão hipnotizadoras que eram. Max teve a sensação de que se encontravam sozinhos no topo desta montanha, numa bolha criada por eles, onde estavam em segurança e sempre estariam.

– E tu – afirmou Max, sorrindo quando Alice se virou de modo a encará-lo.

– E eu o quê? – perguntou, com uma expressão de franqueza.

O que poderia dizer? Que se sentia como se Alice fosse a única coisa que lhe importava nesse exacto momento, só ela, neste degrau, sob aquelas estrelas? É claro que não poderia fazê-lo.

– Estou muito contente por estares aqui – optou por dizer, tentando transmitir através dos seus olhos o que era incapaz, de repente, de exprimir por palavras. Max pensou que o que quer que escolhesse dizer num momento como aquele seria errado, ou inapropriado ou então apenas banal.

Enquanto Max continuava a dar voltas a este enigma na sua mente, Alice pousou a mão a medo sobre a dele.

– Também estou contente por estares aqui.

Ficaram onde estavam a contemplar o céu transformar-se do mais profundo tom de mirtilo e adquirir o mais pálido tom de azul-celeste. À medida que a noite se dissipava, a paisagem começou a emergir por baixo deles. Max pôde ver os picos das montanhas mais pequenas e as copas de árvores distantes, e cada forma misteriosa ia-se revelando devagar centímetro por centímetro, com a neblina matinal pairando sobre a paisagem que nem fios de prata finamente tecidos. Às seis e meia da manhã em ponto, a palpitante linha vermelha da alvorada surgiu no horizonte, perseguida pelo Sol, e feixes de luz brilhante percorreram o terreno agreste a fim de saudá-los.

Por detrás deles, bem no alto do cume, começaram sinos a tocar, e verificou-se um suspiro colectivo de alegria quando toda a gente se pôs de pé para contemplar o nascer do Sol. Fileiras de tecido com coloridas bandeiras budistas esvoaçavam e ondulavam ao vento por cima das suas cabeças, e o som acrescentava uma suave percussão aos sinos etéreos e às mensagens sussurradas de amor que Max podia ouvir a serem trocadas.

Alice continuava a segurar-lhe na mão, e quando Max baixou os olhos viu que ela tinha as faces molhadas.

– Então – murmurou em jeito de consolo, passando-lhe o braço sobre os ombros. – O que se passa?

– Nada. – Alice abanou a cabeça, apenas para contrair o rosto à medida que mais lágrimas se seguiram.

– É um tanto ou quanto impressionante, não é? – disse Max com suavidade. – Tudo isto. O nascer do Sol, o templo, todos estes monges.

Alice abriu a boca num sorriso e esfregou os olhos.

– É tudo tão lindo – disse, abanando a cabeça de novo como se não pudesse acreditar no que estava a ver. – Põe todas as outras coisas num chinelo, todas as merdas, todas as tolices.

Foi forçada a fazer uma pausa e depois deixou escapar um pequeno soluço, e Max apertou-a ainda mais de encontro a si.

– Este é um daqueles momentos – disse-lhe. – Não se obtêm muitos destes ao longo da vida, mas sabemos quando acontecem. Nunca nos abandonará, esta sensação, esta que estamos a sentir neste exacto momento.

Alice emitiu uma fungadela abafada.

– Limita-te a apreciá-lo– incitou-a ele. – Assimila-o, guarda-o a sete chaves. Deixa-te consolar por ele.

– Não há dúvida de que és mesmo um poeta – murmurou Alice, apertando-lhe a mão. – E muito longe de ser piroso.

– Obrigado – disse Max, mas quase se assemelhou mais a um suspiro. Aproximando-se um tudo-nada mais dela, pousou a face no alto da cabeça dela.

Neste momento, o Sol estava quase no seu apogeu, e a temperatura aumentava a cada respiração que Max sentia Alice inalar. Toda a gente em redor se atarefava a tirar fotografias, mas os dois ainda não se haviam mexido do mesmo lugar. Max não queria quebrar o feitiço em que ambos se encontravam, e também não queria soltar Alice. Pôde sentir que os soluços já haviam cessado, mas ela parecia contente por se encontrar abraçada a ele.

– Devíamos ir andando – ouviu-a dizer, e Max baixou o ouvido na direcção da boca dela no momento em que Alice virou a cabeça. Antes de ter tempo de perceber o que estava a acontecer, os lábios de ambos haviam roçado ao de leve, o lábio superior dele no lábio inferior dela.

Alice afastou-se, baixando os olhos para o chão empoeirado enquanto Max sussurrou um «desculpa». Tudo o que lhe ocorria pensar é que não estava arrependido – nem um pouco. O encontro fora muito breve, durara menos do que um piscar de olhos, mas sentira-o por todo o lado – ainda conseguia senti-lo neste momento, nos pêlos eriçados na nuca e no bater descompassado do coração.

Observou Alice esticar os braços, fechar os olhos enquanto a luz do Sol lhe inundava o rosto.

– Pronto para ir? – perguntou, virando-se de modo a encará-lo.

– Não – replicou Max com franqueza, pensando no número de degraus que os aguardava. – Mas o que sobe e tudo o mais...

Alice sorriu ao ouvir aquele comentário, com o que parecia ser uma expressão de alívio, e Max rangeu os dentes ao dar o primeiro passo para descer. A dor fez-lhe ricochete por todo o coto, mais insistente do que nunca, mas já não era a única coisa que obrigava Max a fazer uma pausa para pensar. Isto porque a mesma certeza que tinha de que o Sol lhe aquecia as faces, de que ouvia a agitação das bandeiras ao vento e de que cheirava o aroma adocicado das especiarias do *chai* no ar, Max sabia que a intensa centelha de afecto que se havia acendido dentro de si no dia em que conheceu Alice acabara de explodir em chamas – e não fazia a mínima ideia de como extingui-las.

Capítulo 27

Alice não se lembrava de algum dia se ter sentido tão exausta. Os músculos das suas coxas tremiam de fadiga e sentia as articulações do tornozelo e do joelho rígidas, sensíveis e quebradiças, como se pudessem estalar e quebrar com facilidade. A escalada ao Pico de Adão fora árdua porém gratificante, ao passo que a descida de regresso parecia interminável. Até mesmo os macacos, que avistara por fim a espiá-los por entre os ramos das árvores circundantes, pouco fizeram para arrebitá-la. Contudo, Alice sabia que não era apenas o seu corpo extenuado que a fazia sentir-se à beira de um precipício; era também tudo o que lhe rodopiava dentro da cabeça.

Max também estava a achar a descida difícil. Não proferira uma única palavra de protesto, mas reparara que ele estremeceu e se encolheu todo quando se deparou com os degraus mais íngremes um pouco abaixo do cume. Ao chegar-se mais perto dele para lhe dar a mão, Alice ficou surpreendida quando o rapaz abanou a cabeça em silêncio para recusar a ajuda que lhe oferecia. Era ridículo da parte dela sentir-se tão espicaçada, mas fora isso que a rejeição dele a fizera sentir – a ferroadada de um chicote, fustigando-lhe a garganta e fazendo-a engrossar de dor. Depois disso, Alice passara a manter-se a uma pequena distância dele, descendo os degraus à pressa até ficar mais ou menos uns vinte passos à frente dele.

Teria imaginado aquele momento lá em cima no cume da montanha? Será que invocara a sensação dos lábios de Max a roçar os seus, e a expressão nos olhos dele quando a segurara nos braços? Sabia que não, mas agora tudo entre ambos parecia diferente, e Alice não era capaz de compreender o que teria feito de errado.

– Espera por mim!

Virou-se para trás e deparou-se com Steph, com as faces rosadas e a arfar à medida que descia os degraus apressada na sua direcção.

– Desculpa. – Alice esperou que a amiga a alcançasse. – Estava no mundo da Lua ali em cima.

– Nem parece teu – gracejou Steph, a sorrir apesar do peito agitado pela respiração acelerada. E em seguida: – Tens alguma coisa para me contar?

Alice franziu o sobrolho.

– Hum...

Steph cruzou os braços sobre o peito.

– Um segredo que tens mantido guardado a sete chaves?

Será que Steph viu Max abraçá-la no cume do Pico? Teria a amiga a capacidade de ver o que se passava dentro da cabeça de Alice?

– Não – respondeu, abanando a cabeça. – O que queres dizer com isso?

– Oh, não sei, como por exemplo o segredo sobre o presente fantástico que me compraste!

Alice riu-se aliviada, visualizando os bilhetes para o espectáculo no West End que Steph queria ver há meses, que se encontravam encafuados numa das bolsas laterais da mochila lá na pensão.

– Oh, isso. Bem, pensei no balanço dos aniversariantes agarrados de pés e mãos – disse. – A menos que prefiras que seja o Jamal a proporcionar-te isso...

– Bem, não diria que não – replicou Steph, com um ar de recato estampado no rosto. – E este já está a transformar-se num aniversário que nunca esquecerei. – Fez um gesto abarcando tudo em redor. – Quero dizer, que lugar incrível para se fazer trinta anos.

– Foi uma das melhores ideias da Maur – concordou Alice. – Tenho imensa pena que ela esteja a perder tudo isto.

Mas grata também, reconheceu algo culpada.

– Achei que iria sentir-me esquisita, sabes, quando entrasse na casa dos trinta – admitiu Steph, seguindo Alice quando esta começou a descer o próximo lanço de amplos degraus. – Achei que ficaria triste, que me faria lembrar do facto de que sou solteira e não tenho filhos. Mas, na verdade, sinto-me bastante feliz. Aliviada, até.

– Em rigor, já não és solteira – salientou Alice com ar dissimulado, e Steph corou mais ainda, ficando vermelha como um tomate.

– Não é nada oficial – declarou.

– A maneira como o Jamal olha para ti é oficial – garantiu-lhe Alice. – O rapaz está mesmo apanhadinho.

– Achas mesmo? – A voz de Steph transmitia uma esperança genuína... a tal ponto que Alice foi obrigada a rir-se.

– Sabes muito bem que sim – disse-lhe. – Às vezes estas coisas são claras como água.

Steph não teceu qualquer comentário, e durante os minutos seguintes prosseguiram a descida num silêncio de companheirismo. Os pensamentos de Alice divagaram mais uma vez recaindo em Max, e olhou várias vezes por cima do ombro com dissimulação para ter a certeza de que ele continuava atrás delas, soltando a respiração que não se havia apercebido de ter estado a suster sempre que o avistava. Estava preocupada achando que o ferimento dele pudesse impedi-lo de caminhar, mas Max continuava com o mesmo ar determinado que mostrara durante a subida.

Alice só se apercebeu de que tinha parado de caminhar quando Steph chegou ao pé de si e lhe deu uma palmadinha ao de leve no braço.

– Claro como água, não é? – espicaçou-a, seguindo o olhar de Alice, contudo havia um vestígio inegável de aviso no seu tom de voz.



Chegaram ao hotel decrépito pouco antes das dez horas da manhã e foram encontrar Maureen à espera deles no amplo terraço, com uma cafeteira de café em cima da mesa e as canadianas de Max encostadas a uma cadeira. Quando a comida chegou, todos se precipitaram sobre ela agradecidos, e Alice tinha tanta sede que chegou a emborcar o sumo de papaia sem se queixar. Puseram Maureen a par dos acontecimentos dessa noite, e as duas raparigas fizeram questão de não ser muito enfáticas sobre a beleza incrível que fora observar o nascer do Sol. Não queriam que a amiga se sentisse ainda

mais descoroçoada do que na realidade já se sentia. Maureen, no entanto, parecia ter recuperado a sua maneira de ser despreocupada, alegre e optimista, e não tardou a insistir para que Steph bebesse uma cerveja a acompanhar o pequeno-almoço.

Max também parecia mais animado, segundo Alice reparou aliviada quando lhe retribuiu o sorriso que ele lhe dirigiu quando se sentaram à mesa. O que quer que tivesse acontecido para azedar o estado de espírito do rapaz no Pico de Adão, parecia estar agora ultrapassado, o que deixou mais uma vez Alice a perguntar-se se não estaria a inventar coisas. Tinha de parar de ser tão hipersensível.

Max e Jamal tinham acabado de sair a fim de ir tomar um duche quando o telemóvel de Alice se iluminou com o toque de uma chamada.

– Dickie! – gritou Maureen encantada, mas desta vez Alice tinha a mão pousada com firmeza sobre o auscultador do telefone.

– Olá – gorjeou, com uma voz inusitadamente aguda. – Estás a ligar muito cedo.

– Não conseguia dormir – murmurou Richard. Um suspiro mal-humorado ouviu-se do outro lado da linha. – Como estão as coisas?

– Pois é, estão óptimas! – mentiu Alice com exuberância, e depois fez uma pausa a fim de pigarrear. – Na verdade, acabei de voltar depois de ter escalado uma montanha.

– Alpinismo? – Richard estava horrorizado.

– Não, não... não foi nada desse tipo. O que eu queria dizer é que era mais uma colina, na verdade. Um pico. Era muitíssimo seguro.

– Diz a rapariga que caiu de um telhado – gracejou ele com dureza, e Alice soltou uma gargalhada demasiado sonora como resposta. De uma maneira geral, era capaz de tolerar a superprotecção de Richard, mas nesse dia exasperou-a. Por que tinha sempre de pensar o pior em relação a ela? Virou-se e deparou-se com o olhar inquiridor de Maureen, abanando a cabeça ao de leve de modo a transmitir que agora não era o momento apropriado para piadas. Era capaz de perceber que o namorado tinha alguma fígada, e preparou-se para o que vinha por aí.

– Então – começou Richard por dizer, no seu estudado tom de voz informal. – Vocês as três conheceram alguém por aí?

Alice abanou a cabeça com redundância.

– Não, nem por isso.

– Nesse caso, quem são os dois tipos que surgem no Instagram de Maureen? – prosseguiu Richard, e Alice encolheu-se ao telefone.

– Oh, estás a referir-te ao Max e ao Jamal. Ficaram na mesma pousada que nós em Habarana, por isso fomos todos juntos ao Rochedo de Sigiriya, e o Jamal está caidinho pela Steph, por isso, tu sabes...

– Jamal é o tipo negro? – supôs Richard, e Alice confirmou que sim. – Por conseguinte, suponho que se ele anda atrás da Steph, a Maureen anda atrás do outro, não?

– Conheces as minhas amigas bem de mais – respondeu Alice, e uma mistura de culpa e de alívio percorreu-a quando se apercebeu de que o namorado não desconfiava de que ela pudesse gostar de

nenhum dos dois homens. Nesse momento, Steph e Maureen estavam a olhar para ela, com as sobrancelhas erguidas com ar de interesse ao ouvirem mencionar o nome de ambas.

– Não deve ser lá muito divertido – prosseguiu Rich. – Fazer de pau-de-cabeleira. Pensei que esta era uma viagem só de raparigas, certo?

– E é! – garantiu-lhe Alice. – Mas não andamos coladas umas às outras o tempo todo.

– Pois não é o que parece – declarou Richard.

Embora estivesse a discutir com ela, a intensidade do seu tom de voz não se alterara. Estava a usar com ela o tom de voz de professor de História, e uma vez mais Alice sentiu a irritação começar formigar dentro de si.

– Como está tudo por aí? – perguntou Alice, preferindo ignorar o último comentário de Rich, e o seu humor glacial derreteu um pouco quando lhe contou sobre uma perca que pescara no rio Stour no dia anterior.

– Tiveste notícias do teu irmão? – perguntou Richard passado um bocado, e Alice admitiu que não tivera notícias nenhuma, lembrando-se então de que Freddie nunca chegara a responder à mensagem que lhe havia enviado. Já fora há dois dias.

– Tínhamos combinado encontrar-nos este fim-de-semana – estava Richard a dizer-lhe. – Falámos por alto, mas ele podia ter-me enviado uma mensagem de texto para me informar de que havia mudado de ideias. Fiquei plantado no apartamento a manhã inteira à espera dele.

– Sinto muito – disse Alice de forma automática. – Pobrezinho.

Não era justo, mas de repente a história de Richard sobre o peixe e a sua previsível linha de interrogatório passivo-agressiva sobre Max e Jamal pareceram ridículas. Rich era tão previsível – sempre soubera disso. Isso costumava confortá-la, mas começava a ficar farta. E farta dele também, se quisesse ser honesta, ou melhor, brutal. Seria terrivelmente desleal comparar Richard a Max, mas Alice não pôde evitar fazê-lo. Os dois homens não poderiam ser mais diferentes. E agora Rich prosseguia com a sua ladainha queixando-se de Freddie, do tempo que perdeu e da falta de educação, e Alice não estava com disposição nenhuma para continuar a ouvi-lo.

– Rich – disse, num tom de voz tão duro como o dele fora há alguns minutos. – Preciso desligar. Temos de apanhar um comboio daqui a pouco.

– Nunca parece ser boa altura para ligar – queixou-se Richard, e Alice rangeu os dentes.

– Lamento muito pelo meu irmão, mas na verdade não tenho nada que ver com isso. Devias ligar-lhe e esclarecer o assunto.

Fez-se silêncio à medida que Richard digeriria as palavras dela, assim como também era possível que estivesse a ter dificuldade em assimilar o que acabara de ouvir, uma vez que era raro, se é que alguma vez aconteceu, Alice repreendê-lo. Alice não sabia se era devido à exaustão por causa da escalada ou se era pelo facto de Richard ter trazido o tema de Max à baila, mas, fosse lá pelo que fosse, estava farta.

– É óbvio que não te apetece falar – declarou Richard, e Alice pôde visualizar o ar magoado estampado no rosto dele.

– Rich, desculpa. Acontece que eu...

– Não te preocupes – retorquiu ele categórico. – Volta para os teus amigos.

Empregara tamanha ênfase sarcástica na última palavra que só podia estar a referir-se a Max e a Jamal, mas antes de Alice ter tempo de inventar uma resposta apropriada, Rich já havia desligado.

Capítulo 28

Ainda não se passara um dia inteiro desde que os cinco viajaram no comboio, mas para Alice parecia que fora há várias semanas. Max acertara em cheio nessa manhã, quando lhe dissera que ela estava a vivenciar um momento muito especial, inesquecível, até mesmo mágico – e agora estava sentada numa das portas abertas do comboio, contemplando um ponto fixo ao longe no mesmo pico onde estivera há apenas algumas horas. Afastando-se dele assim com tanta velocidade fazia que parecesse que o momento deslizara com rapidez – uma mera página na sua história. Contudo, para Alice fora muito mais do que apenas isso. Estar lá no topo, tão isolada do resto do mundo e de toda a gente que o compõe, fizera-lhe lembrar a imensa quantidade de beleza que havia no mundo, e do quanto desejava desesperadamente conhecer um pouco mais dessa beleza.

Partiram de Hatton num comboio apinhado de gente por volta da hora do almoço, passando pela estação de Nuwara Eliya mais ou menos uma hora mais tarde, onde um número suficiente de pessoas havia desembarcado de maneira a libertar uns quantos lugares sentados no interior da carruagem. Exaustos devido à escalada e à falta de dormir, Jamal e Steph não tardaram a adormecer com os braços entrelaçados um no outro, enquanto Max se afundou no assento e encostou a cabeça à janela e Maureen desapareceu atrás da capa dura do mais recente romance de Marian Keyes. Quando a águia do Sri Lanka levantou voo, faltavam apenas cinquenta e quatro quilómetros para Ella, onde passariam a noite, mas o comboio demoraria pelo menos mais três horas a lá chegar por causa das cadeias montanhosas por onde teria de passar pelo caminho.

Alice debatera-se para se acomodar no assento de plástico do comboio, remexendo-se num esforço inútil para arranjar uma posição confortável e roendo as unhas já de si roídas até ao sabugo. O telefonema desastroso de Rich daquela manhã martelava-lhe dentro da cabeça, a par de uma série de outras coisas que não se atrevia a analisar, e passado um bocado fora sentar-se junto à porta aberta, e o seu plano era que a vista e a brisa pudessem espantar o desconforto que sentia.

Alice pegou na câmara e começou a fotografar alguns enquadramentos do pico, fazendo *zooming*, mas achando impossível focar a imagem devido aos solavancos e à barulheira do comboio debaixo dela.

– Há espaço para mais um?

Alice virou-se e deu de caras com Max de pé a seu lado, com uma expressão indecifrável e o cabelo espetado num dos lados onde a cabeça estivera encostada à janela do comboio. Alice afastou-se para o lado sem proferir uma palavra, e esperou enquanto ele se baixava devagar, antes de se curvar para a frente de modo a apoiar o pé prostético num dos degraus de madeira que se projectavam da carruagem.

– Como estás a sentir-te? – perguntou Alice, recordando-se da maneira como Max se havia retraído enquanto efectuavam a descida do Pico de Adão.

– Como se não dormisse há cerca de três dias – respondeu Max, com um enorme bocejo, que transformou num sorriso. – Mas valeu o esforço.

– Não posso acreditar que tenha chorado – disse então Alice, ruborizando-se. – A culpa é da minha velhice iminente.

– Ei! – Max deu-lhe uma cotovelada. – Que raio de conversa é essa de velhice? Tenho mais três anos do que tu, será que estás lembrada?

– Pois olha que não aparentas nem um dia mais do que os cinquenta e oito anos que tens – retorquiu Alice, e Max soltou uma gargalhada.

– Então – começou Max por dizer, fazendo uma pausa para acenar a duas crianças pequenas quando o comboio passou por uma minúscula aldeia. – Fazes anos daqui a dois dias... o que queres?

Alice inclinou a cabeça, intrigada pela pergunta.

– Vá lá... não podemos deixar que faças trinta anos sem assinalar a data de alguma forma. E que tal um coco esculpido de modo a assemelhar-se a um macaco? Ou talvez um abastecimento de papaias durante um ano?

– Ambas as hipóteses parecem incríveis – respondeu Alice, incapaz de não lhe sorrir. Estava satisfeita por voltarem a brincar um com o outro.

– Mas o que queres? – perguntou Max, e desta vez Alice descobriu que não era capaz de detectar nenhum vestígio de humor na expressão dele. Os seus olhos debaixo da franja castanho-clara estavam raiados de vermelho devido à fadiga, mas mostravam-se bastante sérios.

– Não faço a mínima ideia – respondeu Alice em voz baixa, algo desencorajada pela súbita intensidade nos olhos dele e pelo possível peso da pergunta. – Já não sei o que quero.

– Dei um anel à minha ex-mulher Faye no seu aniversário – disse Max, levantando a voz para que ela pudesse ouvi-lo acima do barulho do comboio.

Alice sentiu algo contorcer-se no interior das suas entranhas.

– Era novo e estava apaixonado – contou-lhe com uma espécie de sorriso triste. – Vinte e dois anos, por Deus. Não tinha nada que ter casado com ninguém nessa idade.

– O que te levou a isso? – perguntou Alice.

– Achei que estava apaixonado, é esta a resposta, tão simples como isso – replicou, roendo pensativo a unha do polegar. – Ia partir em missão com o exército e julguei que estava a ser romântico.

– Tenho a certeza de que estavas – garantiu-lhe Alice, mas Max fez uma careta.

– Nessa época era um miúdo imaturo – insistiu. – Eu e a Faye andámos juntos na escola, não conhecia mais nada do mundo, pareceu-me o mais natural.

– Pelo menos não tiveste medo de tentar – disse Alice, encostando-se para trás de modo a evitar ser fustigada no rosto por umas silvas nos carris.

Já não se via o Pico de Adão ao longe, e ao invés passavam agora por densas florestas. Alice respirou fundo e detectou o aroma fresco dos eucaliptos por baixo do perfume mais forte dos pinheiros.

– Foi um casamento pomposo? – perguntou, mas Max abanou a cabeça.

– Não, casámos na Câmara Municipal de Islington, em Londres, depois o copo-d'água foi junto dos cães.

– Dos cães? – Até Alice ficou surpreendida com essa revelação.

Max soltou uma risada.

– O pai da Faye andava envolvido num negócio de corridas de cães, e depois era ele quem pagava. Além disso, nenhum de nós fazia grande questão em ter uma cerimónia de pompa e circunstância, portanto...

– Continuas a vê-la? – perguntou Alice, e o sorriso de Max esmoreceu nos cantos da boca.

– Não desde que nos separámos – afirmou. – Ela continua com o tipo com quem me traiu, por isso suponho que ele era a pessoa certa para ela.

– Lamento. – Alice entrelaçou os dedos no colo.

– Não lamentos. – Max pareceu resoluto. – Ela fez-me um favor quando me abandonou. O que significou que era menos uma pessoa com quem tinha de me sentir culpado. Se ela tivesse ficado comigo em nome de algum tipo de sentido de dever, então o nosso casamento não teria passado de uma boa merda, desculpa a expressão.

Por um momento, Max pareceu constrangido, e Alice assentiu com a cabeça de modo a tranquilizá-lo.

– Ninguém quer merdas na vida – suspirou, depois calou-se quando um vendedor local de «petiscos» surgiu atrás deles no comboio, apregoando a sua selecção de produtos sobrepondo-se ao ruído das ventoinhas que havia sobre as suas cabeças e dos pistões sobrecarregados.

– Não me parecees ser do tipo de pessoa que aguenta qualquer merda – disse Max, e Alice riu-se, porque ele não podia estar mais longe da verdade.

– O que foi? – instigou Max. – Onde está a graça?

– Não sei por que estou a rir-me – respondeu Alice, virando a cabeça para o outro lado. – Não tem piada nenhuma.

– Agora perdi-me – disse-lhe Max, parecendo confuso.

– O facto é que... – Alice respirou fundo, e depois continuou antes de perder a coragem – eu sou uma merda pegada. Ainda esta manhã, menti ao meu namorado sem razão nenhuma. Sem razão de espécie nenhuma.

Fez-se um breve silêncio enquanto Max assimilava estas informações. Alice estava à espera de que ele lhe pedisse pormenores sobre o assunto, ou talvez mesmo que olhasse para ela desapontado, mas não o fez. Limitou-se a soltar um suspiro profundo, e depois estendeu a mão como se fosse entalar-lhe uma madeixa de cabelo atrás da orelha, antes de pensar duas vezes em fazê-lo.

– Alguma vez me mentiste? – perguntou.

Alice moveu o queixo devagar para cima e para baixo.

– É provável.

– Compreendo.

– Mas não acerca de nada importante – apressou-se a acrescentar, ansiosa para que ele não interpretasse mal o significado das suas palavras. A verdade é que fora mais honesta com Max do

que era com montes de pessoas, e era importante para Alice que Max soubesse disso. – É estranho, mas a verdade é que não consigo mentir-te... não sobre o que de facto importa.

Nesse momento, Max estava com ar de quem não acreditava nela, e provou isso alguns momentos depois quando perguntou:

– Como posso ter a certeza de que não estás a mentir neste exacto momento?

– Não podes, suponho eu – respondeu Alice, frustrada pela sua incompetência em transmitir a sua mensagem. – Mas é verdade.

Max fitou-a com atenção, com a cabeça inclinada para o lado. A luz do Sol que se infiltrava através das árvores reflectia sombras cruéis por todo o rosto dele.

– Tenho uma ideia – disse Max por fim. – E que tal se eu te fizer algumas perguntas, e tu respondes-me com sinceridade.

Alice sentiu uma fria pontada de medo.

– *Okay* – resmungou, não querendo parecer desmancha-prazeres. Max devia ter algum propósito com tal proposta... ou então talvez depois de a ex-mulher lhe ter mentido de forma tão catastrófica, preferia apenas pessoas que tivesse a certeza que lhe diriam a verdade. Seria isso?

Max ergueu uma sobrancelha.

– Muito bem, vamos começar por uma pergunta fácil. O que mais desejas no mundo?

– Essa *não* é uma pergunta fácil – gracejou Alice, franzindo-lhe o sobrolho.

– Vá lá – instou-a ele. – Se eu tivesse o poder de me fazer nascer asas nas costas e tirasse uma varinha de condão da cartola, o que desejarias?

– Mais aventuras – disse Alice, com um sorriso equiparado ao dele. – E viajar. O Sri Lanka implantou oficialmente esse bichinho dentro de mim.

– Estás a ver? – Max sorriu-lhe devagar. – Não é tão difícil como pensavas, pois não?

– Suponho que não – reconheceu Alice. – Mas o que eu quero e o que posso ter na realidade são duas coisas muito diferentes.

Max ignorou o último comentário dela, tamborilando com os dedos da mão direita no encaixe rígido abaixo do seu joelho. Estava de calções, com *Mister T* à mostra e cintilando à luz do Sol.

– Estou aqui a pensar – disse, e Alice desenhou uma ténue linha de divertimento com a boca.

– Certo – disse Max pouco depois. – Pergunta número dois: és feliz com o teu namorado?

Alice corou de surpresa. Intuíra que Max pudesse aventurar-se por aquela linha de interrogatório, mas ainda não tivera tempo para preparar uma resposta que fosse honesta e ao mesmo tempo neutra o suficiente para não o afugentar a ponto de não querer dirigir-lhe a palavra de novo.

– Não percebo porquê – começou ela por dizer. – Quero dizer, acho uma tolice...

– É uma pergunta que implica sim ou não como resposta – sublinhou Max com suavidade. – Basta escolher uma delas.

– Não gosto deste jogo – declarou Alice, tentando esquivar-se com uma resposta em jeito de piada, mas Max permaneceu inabalável.

– Concordaste com os termos – limitou-se a dizer. – Além de que perdi muitos pontos da minha faceta machista quando te contei que a minha ex-mulher jogava sujo pelas minhas costas. Isto é só

para manter o equilíbrio, por isso faz-me o favor de me fazer a vontade. E, além disso – acrescentou –, não está aqui mais ninguém a não ser eu e tu... mais ninguém poderá ouvir-te.

O que ele não parecia compreender, pensou Alice, era que ela estava ali. Ouviria a resposta que sairia da sua boca e não tinha a certeza de estar preparada para isso. Não deveria haver uma pausa entre a pergunta dele e a resposta «afirmativa» dela, mas aqui estava ela, escancarada na sua mente como uma caverna.

– Acho – começou Alice por dizer, e Max olhou para ela encorajador.

Alice fitou as sobrancelhas espessas e rectilíneas dele, os seus olhos azuis por cima daquele nariz bonito e os lábios carnudos, e tentou arrancar de dentro de si a força que podia ver em Max.

– Acho que a minha resposta vai ter de ser um sim.

Capítulo 29

– *Ayubowan!* Filhas, filhas, bem-vindas! E filhos, entrem. São bem-vindos, todos muito bem-vindos.

– Obrigada. – Steph foi a primeira a falar, apertando as mãos estendidas do diminuto homem cingalês postado nos degraus à frente deles. Havia uma pequena nódoa amarela na parte da frente da sua camisa branca e as calças vermelhas e douradas estavam dobradas para cima na bainha.

– Eu sou o doutor Perera – comunicou o homenzinho. – E esta é a minha casa, mas são todos muito bem-vindos. Muito bem-vindos.

Alice descalçou os ténis empoeirados recorrendo apenas aos pés e empurrou-os com cuidado para um dos lados. Max e Jamal vinham mesmo atrás delas, tendo apanhado um *tuk-tuk* separado na estação ferroviária de Ella até à Pousada Sunshine Lodge, e assim que o seu entusiasta anfitrião acompanhou Alice, Steph e Maureen até ao interior da casa, avistou a prótese de Max e exibiu um sorriso rasgado.

– Venha, venha – disse fazendo sinal, tão ansioso em conduzir Max até ao sofá que não pareceu importar-se com os seus sapatos imundos nos mosaicos brancos. Tudo naquela sala de estar em espaço aberto parecia ser branco, desde as paredes, passando pela enorme ventoinha do tecto, até ao canapé de couro e às cadeiras a condizer – até as almofadas eram brancas. Alice, que estava com calor e coberta de pó devido à longa viagem, empoleirou-se acanhada na beira de uma cadeira de madeira de costas rígidas, que se encontrava encostada à parede.

– Esteve no exército, certo? – constatou o médico sem preâmbulos, e Max assentiu com um aceno de cabeça bem-humorado.

– Bom palpite.

Sem esperar por convite, o doutor Perera ajoelhou-se no tapete branco e começou a enrolar a bainha dos calções de Max com as suas duas minúsculas mãos.

Maureen soltou uma risada de nervosismo, ao passo que Jamal arqueou uma sobrancelha com ar de perplexidade.

– Ah, sim – disse o médico, franzindo o sobrolho ao examinar *Mister T* com mais minúcia, e depois começou a resmungar para com os seus botões em cingalês.

Steph e Alice trocaram um olhar.

O médico parecia perdido nos seus pensamentos, com a cabeça grisalha ligeiramente inclinada para o lado e um olhar distante no rosto enrugado. Quando ficou claro que não iria deixar Max em paz, Jamal deu um passo em frente e fez um aceno amigável.

– Podemos registar-nos? – perguntou, parecendo mais divertido do que outra coisa qualquer. – Andamos enfiados dentro de um comboio há cerca de uma semana, ou pelo menos é a sensação que

dá.

– Sete dias, sim – bradou o médico, explodindo numa gargalhada ao mesmo tempo que se dobrava sobre si.

Que diabo se passava com os anfitriões de meia-idade do Sri Lanka?, pensou Alice com os seus botões. *Com Chatura lá em Kandy fora a mesma coisa, sempre a sorrir e prestes a soltar uma gargalhada. Era enternecedor.*

– É muito longe. Vieram de Kandy?

– Hatton – disse-lhe Max. – Subimos ao Pico de Adão esta manhã.

– Você? – exclamou o doutor Perera, e Max anuiu.

– Sim, até mesmo eu.

– Mas eu não – interveio Maureen que, ao contrário de Alice, já se pusera à vontade aconchegando-se na poltrona. – Magoei o tornozelo quando caí do...

– Muito bom – gritou o médico, interrompendo-a. – Chá, sim?

Todos eles responderam «sim, por favor», calculando que recusar seria inútil, e assim que o doutor Perera desapareceu da vista, Alice libertou o riso que estivera a conter.

– Ele é genial! – sussurrou o mais alto que se atreveu. – Que cromó.

Max começou a enrolar os calções sobre o coto outra vez, mas depois pensou melhor.

– Duvido que já tenha desistido de mim – disse, olhando para Alice, e esta devolveu-lhe o sorriso.

– Chá. Muito bom – disse o doutor Perera, voltando a entrar por uma porta aberta alguns minutos mais tarde. A bandeja que trazia nas mãos era quase tão grande como ele, e Jamal correu em seu auxílio.

– Obrigado, filho.

O médico sentou-se no sofá e presenteou-os com um sorriso rasgado.

– Posso servir o chá, então? – perguntou Steph, e mais uma vez Alice foi obrigada a tapar a boca com a mão a fim de abafar o riso que teimava em sair.

O doutor Perera olhava para Max como se este fosse o Buda em pessoa, e quando todos pegaram numa chávena de porcelana fina e sorveram o chá preto aromatizado com baunilha, o homem explicou num inglês macarrónico que era um cirurgião reformado e que trabalhara com várias amputações.

– O Sri Lanka possui muitas minas terrestres – comentou com tristeza, apontando na direcção das janelas com a mão que não estava a segurar na chávena. – Tentamos desactivar todas, mas muitas estão escondidas.

Deu uma palmadinha no joelho direito de Max.

– Mina terrestre? – perguntou, e Max assentiu com um aceno de cabeça.

– DEI – respondeu Max. – Sabe o que isso é?

– Sim. – O médico aquiesceu desolado. – Muito mau.

Max encolheu um dos ombros.

– Está tudo bem – afirmou. – Já aconteceu há muito tempo.

– Quer que examine? Verificar se está tudo bem depois da escalada? – indagou o doutor Perera esperançoso, e Alice apercebeu-se de imediato do desconforto de Max.

– Talvez mais tarde – respondeu. – Depois de tomar um duche.

Pensando talvez que Max estava preocupado em sujar o sofá branco, o médico começou a abanar a cabeça e a sorrir, dizendo-lhe para não se preocupar e que isso não constituía problema algum. Max olhou para Jamal em busca de auxílio, mas o amigo limitou-se a arregalar os olhos com ar derrotado.

– Podemos ir para o nosso quarto se... – começou Alice a dizer, fazendo menção de se pôr de pé, mas o médico já estava a apalpar a coxa de Max até ao sítio onde a parte superior do forro estava esticada de encontro à sua pele. Havia uma ténue divisão entre ser encantadoramente excêntrico e ser inconveniente e, neste momento, pensou Alice, o doutor Perera caminhava ao longo dela.

– Muito bem. – Max cedeu. – Jamal, importas-te de ir buscar as canadianas, companheiro?

Alice observou Max a remover a prótese com todo o cuidado, não lhe escapando o quanto Steph e Maureen se mostravam intrigadas com todo aquele processo. Como é óbvio, nenhuma delas estivera presente quando Max retirara *Mister T* a meio caminho da subida do Pico de Adão, por isso a reacção delas até tinha a sua lógica.

Assim que a perna foi retirada, o médico tornou a ajoelhar-se no tapete impoluto e deslizou o dedo pela cicatriz em forma de sorriso de Max.

– Muito bom, muito bom – disse, arrebitando as orelhas com o sorriso que exibiu. Depois percorreu uma mão exploratória em torno do coto e deu umas palmadinhas de cada lado, antes de pousá-la na sua mão aberta. Foi nesse momento, em que a base do membro residual de Max entrou em contacto com a palma da mão do doutor Perera, que Max se retraiu. Não foi um safanão nem um tremor, mas foi qualquer coisa – e Alice não foi a única pessoa a reparar nisso.

– Está tudo bem aí, companheiro? – perguntou Jamal, ajoelhando-se ao lado do doutor Perera antes de Max ter tempo de reagir.

– Ótimo. – Max desviou o coto para o lado, mas Jamal foi rápido de mais para ele, estendendo a mão e apertando a base com os dedos.

Lá estava ele outra vez, aquele estremecimento de desconforto. Desta vez no rosto de Max assim como no movimento do seu corpo. Jamal, cuja expressão já perdera todo o vestígio de humor, levantou o membro para poder observar melhor.

– Merda – disse, soltando-o antes de se virar para Max. – Há quanto tempo te dói?

– Não dói.

Alice mudou de posição na cadeira. Podia perceber que Max não estava a ser honesto.

O médico, apercebendo-se, ao que tudo indicava, de que uma espécie de discórdia estava a ganhar força na sua sala de estar, esgueirou-se na direcção da cozinha, resmungando qualquer coisa acerca de uns biscoitos.

– Por favor, não faças isso – disse Jamal com um suspiro, sentando-se sobre os calcanhares ao mesmo tempo que Max pegava nas muletas.

– Não estou com dores.

– É mesmo? – Jamal parecia incrédulo. – É mesmo, companheiro?

– Escuta, não é nada, só uma pequena câibra – disse então Max, com um rubor a começar a subir-lhe às faces.

Alice desejou poder levantar-se e dar aos dois um pouco de privacidade, mas como nenhum dos quartos estava pronto, estavam ali presos.

– Quem me dera poder acreditar em ti – Jamal suspirou. – Mas já passámos por isto, estás lembrado?

– Esquece isso, está certo? – Max já começava a ficar farto, e a expressão aflita no seu rosto foi suficiente para convencer Alice a levantar-se da cadeira e atravessar o tapete à pressa em direcção ao sofá, onde se sentou ao lado de Max e pousou a mão tranquilizadora sobre o ombro dele.

– Não te preocupes – disse-lhe, sem saber o que mais poderia na realidade dizer, mas querendo que ele soubesse que estava ali, que estava a seu lado.

– Ele tem muito com que se preocupar – disse Jamal, virando-se para Alice. – Se está tão desejoso de manter a dor oculta de mim, então está tudo muito mal.

– Eu só acho que devemos todos arrefecer os ânimos aqui – sugeriu Maureen. – Não vamos começar a acusar ninguém nem a descarregar em cima dos outros.

– Há quanto tempo? – perguntou Jamal outra vez, ignorando-a, e Alice viu os olhos de Maureen semicerrar-se.

– Pára com isso, *okay*? – disse Max cortante, e a óbvia raiva dele fez Alice gelar.

Jamal desviou-se quando o amigo pegou nas canadianas para se levantar.

– Doutor Perera – disse Max alto e bom som, e abriu-se uma fresta na porta da cozinha. – Importa-se de nos conduzir aos nossos quartos, por favor?

– Sim, sim... desculpe. Já vou. – O médico começou a rir-se de novo, sem dúvida alheio à atmosfera gélida que se instalara na sala.

Chocalhou um molho de chaves na mão.

– Filhas – disse, fazendo sinal a Alice, a Steph e a Maureen para que o acompanhassem saindo de novo pela porta da rua.

Alice hesitou. Max estava de costas para ela, ao passo que Jamal abanava a cabeça. Não havia mais nada que pudesse fazer aqui – não precisavam dela.

– Vemo-nos ao jantar daqui a algumas horas? – perguntou a Jamal, e este assentiu com um aceno de cabeça, mal registando as palavras dela.

Fosse o que fosse que Max andava a esconder, devia ser grave para ter irritado o afável Jamal a tal ponto. A mera ideia de Max estar com dores fez o estômago de Alice contorcer-se em nós de infelicidade. Sabia que, se pudesse, eliminaria a dor que ele sentia – cada molécula dela.

Capítulo 30

Max

*Se eu morrer,
Não desaparecerei,
O meu corpo pode estar ausente,
Mas a minha alma perdurará...*

Max sentou-se no pequeno banquinho debaixo do chuveiro, com a água morna achatando-lhe o cabelo e entrando-lhe para os olhos. Pestanejou com rapidez várias vezes a fim de desanuviá-los, levantando a mão para enxugar as gotículas que se lhe haviam acumulado no nariz. A espuma do gel de duche acumulara-se no tufo de pêlos escuros da barriga, e mais abaixo as suas pernas esticaram-se para a frente sobre os azulejos, uma delas inteira, forte e grossa com músculos, a outra disforme, inchada e reduzida. Nesse momento, e pela primeira vez desde há muito tempo, Max odiou a sua deficiência física com uma raiva incandescente que lhe fez sentir vontade de gritar com a injustiça de toda aquela situação.

Jamal estava furioso com ele e Max podia avaliar muito bem porquê. O amigo compreendia melhor do que ninguém o quanto seria devastador para Max se fosse parar de novo ao hospital e, na verdade, Max pensou com um suspiro que também não era nenhum bicho-de-sete-cabeças, pois não? Escuta o teu corpo, presta atenção às irregularidades e não ignores, em hipótese alguma, a dor de qualquer espécie. Max quebrara as regras e agora estava a pagar o preço.

Para além da dor latejante que lhe formigava na extremidade do membro residual, também havia uma zona mole que parecia ser tecido inchado, e uma mancha vermelha que se assemelhava a um salpico de tinta. Max não queria pensar no pior, que a terrível hemorragia subcutânea que sofrera há vários anos tinha voltado, a par do que muito facilmente poderia ser uma ulceração. Esta última era de longe o problema mais grave das duas hipóteses, e Max esperava que, ao invés, o inchaço não passasse apenas de uma irritação temporária que voltaria ao normal depois de alguns dias de repouso.

Já era capaz de ouvir a voz da mãe no seu ouvido e as reacções dela eram bastante previsíveis.

– Eu bem te disse que nunca deverias ter feito essas férias... Por que tinhas de ir logo escalar uma montanha?... Meu pobre bebé!

Max sabia que se fosse parar ao hospital de novo, então seria indiferente o que dissesse ou o quanto suplicasse, a mãe estaria ali, desde o primeiro minuto até lhe darem alta, e depois insistiria em tirar uns dias no emprego para poder tornar-se de novo a sua enfermeira. Já era mau o suficiente ainda viver em casa dos pais – embora fosse no anexo da avó especialmente adaptado ao fundo do jardim dos pais –, mas agora, aceitou Max com relutância, iria causar à família ainda mais

preocupações e problemas. Se a dor fosse o que temia, nesse caso isso poderia implicar uma nova cirurgia ao coto e *Mister T* poderia deixar de servir. E esse nem era o pior cenário.

Demorara tantos anos e tantas garantias – com a mãe, em especial – para chegar ao ponto em que os pais conseguiram parar de andar sempre atrás dele dominados por uma preocupação constante. Qualquer coisa grave o suficiente para atirá-lo de novo para uma cama de hospital iria arruinar todo esse progresso, e seria obrigado a recomeçar tudo do princípio mais uma vez. A mãe continuava, passados oito anos, a efectuar pesquisas incessantes sobre novas cirurgias a que o filho poderia ter sido submetido – procedimentos particulares que custavam mais do que o suficiente para garantir uma nova hipoteca da casa. Isso era do mais ridículo que podia haver e Max não estava nem um pouco interessado em nenhuma dessas hipóteses, mas o que mais o exasperava era o motivo exclusivo da mãe por detrás disso – queria que ele «voltasse de novo ao normal». Tanto quanto sabia, era mais ele mesmo agora do que fora antes do ferimento – e não seria isso normal o suficiente? E, de qualquer modo, o que significava «normal»? Para a mãe, significava estar inteiro outra vez, e isso nunca iria acontecer.

Max tentara inúmeras vezes explicar-lhe que podia ter perdido um membro, mas que nos anos que se seguiram ganhara muito mais, além de que crescera e amadurecera muito mais. Era mais homem agora do que era quando partiu para o Afeganistão, altura em que desempenhava um papel de durão o tempo todo, mas continuava sendo filho dela. Embora a mãe o escutasse, assentisse e lhe desse palmadinhas na mão, as suas palavras sempre pareciam cair em saco roto. A frase favorita da mãe sempre fora: «Sou tua mãe e sei o que é melhor para ti.» Papagueava essa frase desde que era pequeno, e receava que na cabeça dela, pelo menos, ainda fosse um garoto, ainda por cima um miúdo destruído. A mãe parecia incapaz de olhar para ele sem se fixar no que lhe faltava a nível físico e Max ansiava pelo dia em que ela fosse capaz de ultrapassar esse ridículo bloqueio mental.

Max sabia que a mãe se culpava pelo que lhe havia acontecido, muito embora isso não fizesse o menor sentido. Nunca tentara conversar com ele sobre o alistamento no exército e por conseguinte carregava o fardo da culpa pelo que veio a seguir. Parte da razão por que viajara até ao Sri Lanka para começar foi para lhe mostrar o quão «normal» continuava a poder ser, e agora, graças a esta nova e desgraçada dor, o seu plano fora por água abaixo.

A água do duche começava a ficar fria enquanto continuava ali sentado em estado contemplativo e Max esticou o braço, culpado, e fechou a torneira. Jamal ainda teria mais razões para ficar aborrecido com ele agora que esgotara sem querer toda a água quente. No entanto, quando saiu da casa de banho no meio de uma nuvem de vapor alguns minutos mais tarde, o amigo não se via em parte alguma. A mochila de Jamal estava aberta em cima de uma das camas individuais, com o respectivo conteúdo espalhado em cima do lençol e também no chão, e o seu telemóvel estava ligado a um carregador em cima da mesinha-de-cabeceira. Era provável que tivesse ido ficar mais um pouco ao pé da aniversariante.

Max pôs-se também a revolver a mochila à procura de roupas limpas quando ouviu uma pancada hesitante na porta.

– Max? – chamou uma voz de rapariga.

– Só um momento – gritou, ajustando melhor a toalha em volta da cintura. – Entra.

Partira do princípio de que seria Alice, por isso quando a porta se abriu e Maureen entrou com descaramento no quarto, Max ergueu as sobrancelhas surpreendido.

– Oh, olá!

– Desculpa. – De repente, a rapariga parecia pouco segura de si. – Estavas a contar que fosse a Alice.

– Não, não. – Max mostrou-se arrependido. – De todo. O que posso fazer por ti?

– Ora aí está uma pergunta capciosa – replicou Maureen, dardejando-o com aquele sorriso atiradiço que ele se acostumara a ver. Não pôde deixar de se sentir lisonjeado por ela gostar dele. Maureen era uma rapariga muito bonita, e fulgurante também. Podia ter-lhe calhado coisa bem pior.

– Para dizer a verdade, vim ver como estavas – prosseguiu a rapariga. – A tua, hum, perna está mesmo *okay*?

Max inspirou fundo pelo nariz.

– Nem por isso – admitiu com o sobrolho franzido, percebendo nesse momento que já não adiantava nada continuar a mentir. – Mas vai ficar, espero eu. Só está um bocadinho inchada, mais nada.

Maureen desviou os olhos para a parte inferior da toalha de Max, para o local onde um pé molhado reluzia. Recorrera às canadianas para ir da casa de banho até à cama, e equilibrava-se nelas agora, ali de pé diante dela.

– Estás em excelente forma – sublinhou Maureen, e Max riu-se.

– Benza-te Deus.

Max não se sentiu nada embaraçado, reflectiu o rapaz, ainda que ambos soubessem que ele estava nu não fosse pela toalha. Embora Max se sentisse hiperactivo sempre que Alice estava consigo, Maureen fazia aflorar o seu lado mais irreverente. Esta rapariga irradiava diversão e frivolidade, ao passo que Alice ficava muitas vezes calada e aparentava ser mais ponderada. Partia do princípio de que era por isso que a amizade entre as duas raparigas resultava, porque eram capazes de se equilibrar uma à outra. Se Max tivesse de adivinhar, diria que Steph era a mãe-galinha do grupo. Havia algo de bastante pragmático e calmo nela – Steph e Jamal tinham essa característica em comum.

– Tenho de me manter relativamente em forma – disse-lhe Max, sentando-se na cama mais próxima e fazendo sinal a Maureen para que lhe seguisse o exemplo. – Aborrecido, mas verdadeiro. Se puser demasiado peso sobre a perna, ou se o perder em demasia, corro o risco de a prótese não me servir. Pode demorar meses para solicitar a substituição de um encaixe à clínica, e não são nada baratos. Não quero ser um fardo maior para o SNS do que sou.

– Bom – disse Maureen, olhando para ele por debaixo das pestanas. – Estás muito bem.

– Podia chatear-te o dia inteiro dando-te uma palestra sobre conteúdos calóricos – disse-lhe Max, pegando numa segunda toalha mais pequena, e usando-a para enxugar a parte superior do corpo.

– Não seria nada que já não tivesse ouvido – garantiu-lhe Maureen. – Acho que falo sobre calorias desde que tinha mais ou menos doze anos... deprimente, mas verdadeiro.

Max observou-a através de uns olhos semicerrados.

– Também estás muito bem, como sabes – disse Max, devolvendo o elogio.

Maureen não corou com as palavras dele, tal como Max supunha que aconteceria com Alice; limitou-se a sacudir dos ombros o seu rabo-de-cavalo como se fosse uma cobra e sorriu.

– Isso é porque estou sempre muito ocupada – explicou Maureen. – Pratico ioga, mas é só.

Max escutou enquanto ela tagarelava um bocado sobre as virtudes do *Cão Invertido* e da meditação, enfiando uma *T-shirt* pela cabeça e esfregando o cabelo molhado com a segunda toalha. Queria vestir as cuecas, mas não queria parecer deselegante pedindo a Maureen que lhe desse um pouco de privacidade. Por mais que gostasse dela, havia uma certa dose de esforço por detrás da conversa – o diálogo não fluía da mesma maneira como quando estava na companhia de Alice. Maureen estava agora a bombardeá-lo com histórias acerca dos vários namorados que tivera e acerca dos homens que repudiara por serem demasiado carentes, demasiado pobres, demasiado possessivos, ou – como num caso intrigante – demasiado simpáticos. Era o mesmo tópico que já escolhera antes, quando andavam a explorar os Jardins Botânicos de Kandy e Max partiu do princípio de que esse devia ser a primeira opção a que ela recorria quando falava com membros do sexo oposto. Max sabia que não estava a contribuir muito para a conversa, mas não era capaz de reunir energia suficiente para tentar.

– O que compraste para dar à Alice no aniversário dela? – perguntou Max, escolhendo um assunto em que pudesse pelo menos mostrar-se mais interessado.

Maureen fez uma careta.

– Eu faço anos primeiro!

Max levantou as mãos numa rendição simulada.

– Desculpa... claro que sim. Planeaste fazer alguma coisa?

– Bem, era mais ou menos sobre isso que vim falar contigo – começou Maureen por dizer. – Estava aqui a pensar se querias fazer alguma coisa, tu sabes, só nós os dois.

A expressão dela fez que Max tomasse ainda mais consciência de que estava nu debaixo da toalha.

– Como o quê, por exemplo? – perguntou Max, esfregando o cabelo de novo para não ser obrigado a olhar para ela.

Maureen hesitou.

– Não vamos todos ao Parque Nacional de Pudumayaki amanhã? – perguntou Max. – Não foi esse o combinado?

– Sim, mas... – Maur calou-se de novo, com as faces a ruborizar-se ao de leve. – Estava a referir-me à noite. Jantar, talvez, ou apenas umas bebidas.

– Isso é... – A voz de Max esmoreceu. Não sabia muito bem o que dizer sem parecer grosseiro, e perguntou-se se não deveria concordar e pronto. Ao fim e ao cabo, era apenas um jantar e umas bebidas. Não fazia tenções de fazer mais nada além disso. E mesmo que fizesse, por que se importava?

No entanto, era inútil, e Max sabia porquê.

– Escuta, Maur – disse, forçando-se a fitar bem no fundo dos olhos verdes dela. – Fico lisonjeado, mas não acho que fosse justo para com os outros. Fazes trinta anos... a Steph e a Alice nunca me perdoariam se me escapulisse contigo nessa noite.

– Ora, isso não passa de um monte de tretas – replicou Maureen, endurecendo a expressão da sua cara. – Se não te agrado, basta dizeres.

– Não é que não me agrades. Quero dizer, és fantástica... qualquer homem se sentiria sortudo em...
– Max percebeu que as suas palavras estavam a exercer o efeito contrário em vez de apaziguá-la. Neste momento, Maureen parecia furiosa.

– É por causa da Alice? – perguntou, e Max corou contra a sua vontade. Percebeu que a raiva dela não lhe era dirigida.

– Não, claro que não.

– Ela alertou-te contra mim... foi isso?

Max riu-se com gosto da pergunta, porque era o exacto oposto de qualquer coisa que podia imaginar Alice alguma vez a fazer. Maureen pôs-se de pé de forma abrupta, com os olhos a faiscar de ressentimento.

– Sabes que mais? – disse Maureen, com a voz embargada de amargura. – Acho que a Alice está com o Dickie há tanto tempo que se esqueceu de como é ser solteira. Só porque o relacionamento dela é uma chatice, acha certo meter-se na vida de toda a gente.

– A Alice não me disse nada sobre ti – disse Max com toda a honestidade, apressando-se a engolir a pergunta que lhe apetecia fazer, sobre a relação de Alice com Richard ser, ao que tudo indicava, entediante. No comboio dissera-lhe que era feliz, mas Alice não parecia ser o tipo de rapariga que se contentava com a estagnação. – Em boa verdade, o problema é todo meu. Acontece que não estou nada interessado em conhecer ninguém de momento... melhor dizendo, nada além de uma amiga. Lamento – acrescentou Max, ao mesmo tempo que o temperamento decidido de Maureen se dissolvia em humilhação, desviando os olhos para o chão.

– No entanto, até podemos sair juntos – prosseguiu Max. – Estou a precisar de uma bela noitada, verdade seja dita... algo que desvie o meu pensamento da boa e velha perna.

Maureen olhou para o espaço abaixo da bainha da toalha, quase como se se tivesse esquecido do membro que lhe faltava, e por um segundo o coração de Max compadeceu-se dela. No entanto, antes de ter tempo de abrir a boca para tentar consertar as coisas, Maureen já voltara costas e encaminhava-se na direcção da porta.

– Podemos sair esta noite. – Maureen fez uma pausa, suavizando os seus modos. – Todos juntos, quero dizer. Mas só se estiveres a sentir-te bem o suficiente para isso.

Max pensou no coto inchado e dorido. Nas horas de sono que perdera nas últimas vinte e quatro horas e no conjunto de pintas vermelhas que se espalhavam pela junção enrugada da cicatriz.

Depois imaginou Alice, a sorrir-lhe.

– Não perderia isso nem por todo o chá do Sri Lanka – afirmou.

Capítulo 31

Já anoitecera quando saíram da pousada do doutor Perera e efectuaram o curto percurso de *tuk-tuk* colina abaixo em direcção ao centro rudimentar da pequena vila de Ella. O Sol que Alice e Max viram nascer nessa manhã estava quase pronto para deslizar por detrás das montanhas distantes, e a sua esfera incandescente exibia agora a cor dourado-escura de um caril de lentilhas. A paisagem nesta região do Sri Lanka era imponente, com extensos vales de um verde cor de trevo, plantações de chá nas encostas das colinas e o reflexo ocasional de um rio muito abaixo das estradas. O ar da noite estava húmido e alguns graus mais fresco do que estivera no Triângulo Cultural.

Alice deixara o blusão com capuz em cima da cama no quarto que partilhava com as outras raparigas, e estremeceu de frio quando o ar se infiltrou pelas laterais abertas do *tuk-tuk*. Era agradável sentir um arrepio de frio – dava-lhe a ideia de que estava de volta ao Pico de Adão. A experiência já lhe parecia ter sucedido há vários dias, e não há apenas algumas horas, e foi acometida pelo medo de que em breve essa recordação esmorecesse e se esquecesse de como se tinha sentido ao chegar ao cume e ao ver a luz do dia jorrar como melaço brilhante pela paisagem. Sabia que para o resto da vida recordaria o mês em que completara trinta anos e não sentiria um único arrependimento sobre a aventura que sempre associaria a ela.

Alice nunca fizera nada de tão especial e de tão significativo como aquela caminhada montanha acima, nem durante todos os anos passados com Richard. Tentou imaginar como teria sido escalar o pico com ele, em vez de Max, e o contraste entristeceu-a. Rich não se teria divertido – mostrar-se-ia demasiado preocupado com a possibilidade de ambos poderem contrair uma qualquer infecção bacteriana nas casas de banho rudimentares por onde passassem para apreciar a beleza do lugar e das pessoas. Nunca a incomodara muito o facto de ela e Richard terem interesses muitíssimo diferentes – limitara-se a aceitar com naturalidade que lá por ele ser o seu namorado, isso não queria dizer que fosse obrigado a ficar do seu lado o tempo todo. Contudo, o que Alice estava a começar a perceber agora era que queria partilhar experiências com alguém. Podia com toda a facilidade ter escalado o Pico de Adão sozinha, mas teria sido assim tão mágico? Não seria esse o objectivo principal dos relacionamentos – e do amor? Ter alguém ao lado com quem partilhar aventuras e saber que essa pessoa queria estar presente nesse momento connosco?

Rich nunca iria mergulhar com ela, nem escalar com ela, nem viajar pelo mundo com ela. Mas era verdade que a amava – disso, pelo menos, Alice tinha a certeza. Quando muito, Richard amava-a em demasia. Era por isso que sentia uma necessidade tão forte de protegê-la, de si mesma mais do que de qualquer outra coisa.

Foi transportada de volta do *País das Maravilhas* para a realidade assim que fizeram uma curva a toda a velocidade, e caiu de repente em cima de Steph, que por sua vez espremeu Maureen. Jamal e

Max seguiam no *tuk-tuk* atrás do delas – Alice ainda conseguia ouvir o ronronar nasalado do motor. Ficou aliviada por Max também vir com eles, mas isso estava a fazê-la sofrer de um duplo ataque de culpa. Em primeiro lugar, porque estava preocupada com a dor que ele sentia na perna direita, e sabia que o mais provável era que ele devesse ter ficado a descansar, e em segundo lugar porque não devia, com toda a franqueza, ansiar pela companhia dele tanto quanto ansiava. Tinha querido ir ver como ele estava mais cedo, depois do confronto que Max tivera com Jamal, mas Maureen insistira em ir ela, dizendo a Alice que podia ter a primazia de usar o duche. O doutor Perera instalara os melhores chuveiros que Alice alguma vez vira – não apenas no Sri Lanka – e fora uma bênção enfiar-se debaixo do jorro de água quente e sentir as dores e os desconfortos da árdua escalada a aliviar.

Steph desempenhara à risca o papel da aniversariante e convenceu Alice a usar um vestido muito mais justo do que por norma vestiria, enquanto uma Maureen inusitadamente distraída ajudara a coagir o seu cabelo sempre liso em ondas desarranjadas e estivais, que Alice não parava de remexer enquanto iam agora no carro. Na verdade, nunca fora uma rapariga que gostasse de se vestir para impressionar, mas hoje apeteceu-lhe ter um ar diferente, mais adulto. Também se sentia diferente, mas sabia que não era apenas porque estava a aproximar-se de uma idade marcante. O seu lado rebelde e imprudente, que conseguira com êxito, na sua maioria, ocultar debaixo de uma tampa hermética desde o acidente que sofrera, estava a fazer um esforço concertado clamando por liberdade. Podia senti-lo ali, mesmo debaixo da superfície, e estava a perder com rapidez toda a propensão de que dispunha para travá-lo. O mero facto de ter concordado em usar um dos vestidos pretos mais justos e mais curtos de Steph nesta saída à noite era a prova de que a Alice sensata ficara no comboio algures entre Hatton e Ella. A Alice malcomportada saíra da casca pronta para o jogo esta noite, e a mera ideia de tomar as rédeas da sua vida uma vez mais era excitante, ainda que soubesse bem lá no fundo que o mais provável é que isso fosse uma reacção automática à discussão que tivera com Richard ao telefone. Este não ficaria nada impressionado ao vê-la com tanta base na cara e censuraria o tamanho reduzido do vestido. O argumento a que recorreria era que esta não era ela, que não precisava de nenhum destes artifícios para ficar bonita – e até podia ter razão nos dois aspectos. Mas esta noite, por alguma razão, Alice sentia uma certa necessidade disso. Apetecia-lhe barrar as suas emoções confusas com gesso metafórico.

O condutor do *tuk-tuk* deixou-os a meio da rua principal que serpenteava através do coração de Ella, certificando-se de que aceitavam um dos seus cartões-de-visita para poderem ligar-lhe mais tarde para os vir buscar. Alice já tinha uma boa colecção deles, e enfiou este novo na bolsa de fecho da mala com os outros. Havia bares, restaurantes e lojas espalhados pela rua inteira, a maioria com telhados de colmo e soalhos de madeira, e a maior parte das pessoas que Alice podia ver a passear por ali pareciam mais turistas do que locais. Ella era um ponto de passagem bastante popular para todos quantos efectuassem a viagem para o sul do país vindos do Pico de Adão ou de Kandy, e estava ansiosa por começar a explorar. Maureen mostrou-se inflexível dizendo que teriam de arranjar um tempo para ir às compras, ao passo que Alice estava ansiosa para ir fazer um safari no dia seguinte. Steph, como sempre, ficava feliz em alinhar em qualquer das excursões que optassem por fazer,

embora Alice desconfiasse que o que o seu amigo apaixonado queria era ficar um tempo a sós com o novo objecto da sua paixão.

Observou Jamal nesse momento a sair do segundo *tuk-tuk*, estendendo a mão para agarrar nas canadianas de Max. Os dois homens pareciam ter voltado a estar bem, mas Alice ainda não conseguira apanhar Max a sós para lhe perguntar se estava bem. Maureen garantira-lhe que sim, mas o aparecimento das canadianas não podia ser ignorado. Odiava a ideia de ver Max a sofrer.

– Vamos até ali dar uma olhadela? – sugeriu Maureen, ajeitando a parte inferior das calças de ganga *sexy*. Também ela deixara o casaco na pousada, e Alice podia ver-lhe a pele de galinha nos braços.

Todos olharam para o outro lado da rua, onde um bar de dois pisos chamado Kamikaze cintilava com luzes convidativas. Era de fachada aberta e com um terraço que se assemelhava a uma casa de árvore no último andar, e a música escapava por entre as mesas abarrotadas de jovens mochileiros. Depois de subir os degraus, não tardaram a ser acompanhados até uma grande mesa circular por um empregado de mesa barbudo vestido com umas calças douradas e camisa vermelha. Alice, que estava determinada a comer apenas comida local enquanto estivesse no Sri Lanka, ficou desanimada quando o empregado desbobinou uma lista de pratos ocidentais, incluindo hambúrgueres de carne de vaca e massa carbonara.

– Tem *kottu roti*? – perguntou, sorrindo quando o empregado assentiu com um gesto de cabeça. – Com ovos, frango e uma dose extra de malaguetas, por favor.

– Lembra-me outra vez o que isso é – pediu Steph, com o cabelo louro emoldurado num halo de caracóis.

– Pão cortado... bem, pão ázimo – replicou Alice. – Depois é frito, e adiciona-se o recheio que se quiser.

– *Yum* – disse Steph, sempre fácil de agradar. – Quero o mesmo.

Maureen estava prestes a mandar vir um caril de peixe quando o telemóvel de Alice se iluminou com a chegada de uma mensagem. Distraída, pegou-lhe e deslizou os dedos pelo visor, apenas para revirar os olhos.

– De quem é? – perguntou Steph.

– Da minha mãe – informou Alice os restantes integrantes da mesa. – A verificar se ainda estou viva, como de costume.

– Oh, abençoada senhora Brockley – disse Steph compassiva, mas Alice não a ouviu.

– O Freddie ainda não respondeu à mensagem que lhe enviei – declarou Alice, ouvindo o tom de preocupação da sua voz assim que se apercebeu disso.

– Tenho a certeza de que ele está apenas muito ocupado e esqueceu-se – foi a resposta rápida de Steph, acrescentando em seguida para Jamal: – O Freddie é o irmão mais velho dela.

Max acabou de fazer o pedido de uma espetada de frango cingalesa e tocou no braço de Alice.

– Os homens são uma nulidade a responder às mensagens de texto – garantiu-lhe, mas Alice abanou a cabeça.

– O Freds nunca se esquece... faz um escarcéu dos diabos se alguma vez o deixo pendurado. Talvez não tenha sido entregue ou algo do género... sou capaz de lhe enviar outra mensagem agora –

decidiu Alice.

– É bom que tenhas ficado preso debaixo de alguma coisa pesada, incapaz de chegar ao telefone – leu Alice em voz alta à medida que ia digitando –, ou vais pagá-las bem caras, meu menino.

Steph soltou uma risada.

– Pronto. – Alice voltou a enfiar o telemóvel na mala e bateu as palmas. – Deve ser suficiente.

Maureen rangeu os dentes com um ar que parecia ser de irritação e Jamal lançou um olhar na direcção dela.

– Está tudo bem? – perguntou.

– Está tudo óptimo – respondeu ela, sacudindo a trunfa de cabelo escuro a toda a volta como um pónei rabugento e pegou numa garrafa de cerveja *Lion Lager* que o empregado de mesa havia depositado à sua frente. – Então, vamos embebedar-nos, ou quê?

Capítulo 32

Foi um grupo de cinco pessoas arrasadas que atirou as mochilas para dentro do minibus na manhã seguinte, e Alice agarrou-se à cabeça com as duas mãos depois de ter subido com esforço até ao seu lugar à janela. Sentir-se absolutamente de rastos quando era preciso levantar-se às seis da manhã no dia seguinte não foi a melhor ideia que Alice já teve – mas tinham-se divertido bastante. Bom, as partes da noite de que conseguia lembrar-se, melhor dizendo. Sabia que tinha havido cantoria, e quantidades copiosas de cerveja, e quase de certeza um jogo de Verdade ou Consequência.

– Sinto-me enjoada – murmurou Steph atrás dela e Alice abafou o riso atrás da mão.

Maureen que estava de pé no seu lugar habitual ao lado do motorista e a usar um crachá que dizia «aniversariante» pregado ao *top*, abriu a janela para permitir a entrada de um pouco de ar na carrinha, e deixou escapar então um longo gemido de ressaca.

O doutor Perera viera até à porta despedir-se deles, insistindo para que todos tirassem uma fotografia com ele para o seu livro de hóspedes.

– Todos meus filhos e filhas – disse para Alice com orgulho, dando uma palmadinha na capa de couro castanho do livro.

Esta perguntou-se o que o havia incentivado a abrir as portas da sua bela casa a desconhecidos estrangeiros depois do que supunha ter sido uma longa e cansativa carreira profissional. Mas também estava a aprender que esta era a maneira de ser no Sri Lanka; todas as pessoas que havia encontrado até ao momento abriam as suas casas com a mesma franqueza e boa vontade como o faziam com os seus corações.

Levariam pelo menos três horas a chegar ao Parque Nacional de Pudumayaki, e por essa altura Alice esperava que a dor de cabeça persistente já tivesse vencido a batalha contra os dois compridos de paracetamol que tomara ao pequeno-almoço. Reparara que Max também engolira o que parecia ser analgésicos, mas supunha que estes seriam mais para combater a dor na perna do que para mitigar os efeitos secundários da ingestão excessiva de álcool. Na verdade, não parecia estar a sofrer muito nesse aspecto, e garantira-lhe que se sentia «fresco como uma alface, obrigado» quando lhe perguntara se estava bem.

À medida que o minibus continuava a serpentear por entre as montanhas, a mente de Alice embotada pelo álcool começou a sentir-se acalmada pela paisagem. Deixaram para trás os vales profundos e as folhas escuras e brilhantes das plantações de chá e passavam agora por planícies alagadas de água. As montanhas ainda eram visíveis, mas encontravam-se muito distantes neste momento, com os contornos irregulares esborratados pelo calor dançante. Quanto mais para sul viajavam mais trânsito encontravam, e mais denso e mais húmido se tornava o ar que jorrava através das janelas abertas.

Jamal abriu um pacote de batatas fritas e passou-as a toda a volta, metendo umas quantas de imediato na boca aberta de Steph. Presenteara-a com um lindo sarongue como prenda de aniversário no dia anterior e prometera levá-la a jantar ao South Bank em Londres quando voltassem a encontrar-se em Inglaterra. Isso fez que Alice matutasse sobre que presente de aniversário é que Rich teria comprado para ela este ano. Nos anos anteriores, quase sempre renunciava aos gestos românticos em detrimento de prendas práticas, oferecendo-lhe mimos tais como um liquidificador, novos calços de travões para o seu velho e decrépito *Mini* e uma assinatura anual para o English Heritage. Eram prendas úteis, ainda que muito pouco *sexy*, e Alice apreciou a intenção de Richard quando lhas deu. No entanto, teria apreciado que de vez em quando ele contrariasse a tendência e lhe escolhesse uma peça de *lingerie*, ou que até lhe oferecesse um perfume. No entanto, isso não era de Rich. Se não fosse um objecto útil e quotidiano, então não veria qual era a vantagem de desperdiçar o seu dinheiro. Alice, que se conhecia o suficiente para saber que o seu desejo por frivolidades provinha da faceta da sua personalidade que Rich não gostava de ver, sempre fizera todo os possíveis para ignorar estes desejos.



Chegaram por fim ao Parque Nacional de Pudumayaki pouco antes de terem reservado o passeio de safari das dez da manhã, ansiosos para sair para a luz solar e esticar as pernas depois da longa viagem. Max recorreu às canadianas para descer da carrinha até ao solo empoeirado, apenas para voltar a atirá-las para o chão do minibus pouco depois. Alice viu Jamal abanar a cabeça, mas optou por não tecer qualquer comentário.

Tratava-se de uma excursão por que todos tinham ansiado, e Maureen não pretendia abrir mão de verem não só os prometidos elefantes mas também leopardos e ursos-beiçudos – apenas porque era o dia do seu aniversário. Alice esperava em segredo que pudessem ver todos esses animais, quanto mais não fosse para animar um pouco a amiga. Embora Maur na verdade não tenha dito grande coisa, Alice reparou que ela não aparentava a sua habitual personalidade enérgica – já andava assim desde a viagem de comboio de Kandy até Hatton – e continuava a não fazer ideia porquê.

Assim que as portas do minibus foram trancadas e o motorista se instalou numa espreguiçadeira ali próxima, Steph e Maureen escapuliram-se para a casa de banho das senhoras – infelizmente pouco mais era do que uns quantos buracos no chão rodeados por vedações pouco sólidas e sem telhado – enquanto Jamal se dirigiu à cabana onde funcionava a bilheteira para saber qual o jipe que lhes estava reservado. Alice e Max ficaram sozinhos, salvo por um macaco curioso, que espreitava para eles por entre os ramos de uma árvore pendente.

– Como está a cabeça? – perguntou Max, empurrando-lhe o pé com o seu.

Alice olhou para ele de esguelha através dos óculos escuros.

– Melhor do que estava antes. E a tua?

Max bateu com os nós dos dedos na têmpora.

– Nem um resquício de ressaca – disse, parecendo orgulhoso. – Todos aqueles anos no exército a beber a sério transformaram o meu fígado em ferro.

– Que legado... – gracejou Alice como resposta.

– Ou isso ou uma perna que já não se vê – observou ele sarcástico, e Alice soltou uma risada ao mesmo tempo que lhe atirou por traquinice um monte de poeira com o pé.

– Más notícias. – Jamal estava de regresso, e esperou que Steph e Maureen se aproximassem o suficiente antes de continuar. – Há dois grupos grandes de turistas alemães prestes a chegar a qualquer momento, e também eles reservaram com antecedência, ao que parece, por isso vamos ter de partilhar o jipe com eles.

– Não faz mal – começou Max por dizer, mas Jamal abanou a cabeça.

– Não vamos caber todos num jipe só; o tipo diz que há lugar para três num e para dois no outro, por isso...

– Raparigas e rapazes? – sugeriu Maureen, não parecendo muito entusiasmada com o cenário.

Steph mal podia esconder o beicinho de desagrado diante da perspectiva de ficar separada de Jamal.

– Seja de que maneira for, não me importo – declarou Alice pragmática, olhando para Max, que encolheu os ombros.

– Por que não tiramos à sorte? – declarou Jamal, arrancando uns galhos dos ramos mais baixos da árvore dos macacos. – Os mais curtos vão dois num, e os mais compridos vão três no outro, *okay*?

Parecia justo, mas Alice revirou os olhos quando viu Jamal torcer um dos galhos que ofereceu a Steph. Não percebeu por que não se limitara a dizer de início que ele e Steph iriam juntos num dos jipes. Os homens às vezes eram desconcertantes.

Maureen, de forma algo previsível, instalou-se entre Max e Alice quando subiram por fim para o jipe que lhes competia, mas quer fosse por um desejo de ficar perto dele ou para se manter o mais afastada possível do tipo alemão enorme e peludo que ocupava a fila de trás, Alice não conseguiu saber ao certo.

Partiram ao longo de um caminho enlameado salpicado por buracões enormes. Maureen, Alice e o alemão peludo iam todos em pé agarrados ao varão de metal no centro do jipe, e Max ia sentado com *Mister T* esticado, com os óculos de sol postos e um sorriso de satisfação estampado no rosto. O vento levantava-lhe a franja curta, soprando-lhe as mechas de cabelo castanho-claro para cima e para a direita, e Alice observou-lhe o antebraço musculado, que mantinha curvado do lado de fora da lateral aberta do jipe. As veias da mão dele estavam salientes com o esforço de se agarrar, os nós dos dedos brancos sob a pele e a mochila, que encostara à parede, deslizou pelo chão entre os seus ténis quando aceleraram.

– Vejam – disse Maureen, e Alice ergueu os olhos culpados mesmo a tempo de ver um lagarto enorme a desaparecer no matagal à frente deles, com a cauda a baloiçar como um leme.

– Acho que já namorei com ele em tempos – acrescentou Maureen, e Max fungou de riso por baixo delas.

Depois do lagarto, parecia que havia criaturas vivas em todo o lado para onde olhavam, desde famílias ruidosas de macacos, passando por pássaros de cores vivas até borboletas com padrões intrincados, e todos eles pareciam imperturbáveis diante de um jipe a abarrotar de turistas boquiabertos quase a rasá-los. Os pássaros que não passavam de um borrão de cor nas copas das árvores mais altas transformaram-se através da objectiva da máquina de Alice em majestosos

guarda-rios, abelharucos cor de esmeralda e caudas-de-leque de olhos pequenos e cintilantes. Avistaram papagaios verdes, pavões e centenas de lagartos-toupeira, que se deslocavam tão depressa que Alice ficou a duvidar se os teria na realidade visto.

A caravana de dois jipes continuou ao longo da margem de um rio amplo e de água agitadas, que era ladeado de ambos os lados por árvores, cujos ramos se entrelaçavam apertados como se fossem mãos enganchadas. Nos lugares onde os densos matagais eram menos abundantes, Alice avistou pequenos prados salpicados de flores, ou árvores dispersas em forma de cogumelos. A vida parecia prosperar aqui, e Alice sentiu-se encorajada pela enorme quantidade de vegetação, de odores, e de natureza. Uma e outra vez, disparava a máquina, tentando captar através de imagens aquilo que sabia que seria incapaz de recordar assim que partisse do Sri Lanka – a sensação eufórica de experimentar algo novo.

Por fim, quando Alice se preparava para começar a preocupar-se com o facto de a bateria não tardar muito a descarregar, o jipe desviou-se do caminho acidentado entrando numa clareira e ali, situado a não mais de seis metros de distância deles, encontrava-se um elefante.

O motorista travou a fundo e em seguida virou-se para trás no assento.

– Ah! – disse-lhes com orgulho. – Elefante! Um macho... jovem touro.

O elefante olhou na direcção deles, com a tromba suspensa por debaixo de um ramo semidesguarnecido, pronto para arrancar mais umas quantas folhas. Com a sua boca formando um meio sorriso e olhos tristes, Alice achou que parecia mais um brinquedo gigante do que um animal selvagem, mas também era majestoso. Vê-lo ali de pé, no seu ambiente natural, a petiscar enquanto olhavam para ele como os intrusos indesejados que eram, era uma sensação milagrosa e ao mesmo tempo traiçoeira. Alice não sabia se devia sentir-se arrebatada ou envergonhada.

– É um animal e tanto, não é? – sussurrou Max, que se pusera de pé ao lado dela. Maureen, que acabara de filmar um vídeo deles para a sua história no Instagram, estava a usar os dedos para fazer *zoom* sobre o elefante com a câmara do seu *iPhone*.

– Toma. – Alice ofereceu-lhe a sua máquina. – Podes vê-lo bastante bem através daqui.

Max agradeceu-lhe e semicerrou os olhos através do visor. A alça da máquina ainda estava ao pescoço de Alice, por isso foi forçado a aproximar-se mais ainda dela, e Alice sentiu umas picadas dispararem por todas as partes do seu corpo que tocavam no dele. Sentia-se tão alerta quando estava na companhia de Max – alerta e viva. Maureen estava sempre a pregar-lhes um sermão sobre os benefícios da plena consciência, sobre estar num determinado momento e saboreá-lo, apreciá-lo. Era assim que Alice se sentia ao pé de Max, como se cada momento único e isolado pudesse ser esticado como uma pastilha elástica. Desejava poder agarrar um desses momentos e ficar ali, suspensa no tempo, segura no conhecimento de que não teria de voltar para a realidade da sua vida quotidiana.

Estavam apenas a meio do tempo que iriam passar no Sri Lanka, mas Alice já se sentia em pânico só de pensar no fim das férias, e em ter de regressar a casa.

Capítulo 33

Depois de deixar para trás o solitário elefante macho na clareira, o motorista de Alice, Maureen e Max informou-os com satisfação assim como aos passageiros alemães de que a próxima paragem seria num dos reservatórios centrais de água do parque, um lago enorme onde grande parte da vida selvagem se reunia para tomar banho, beber e, no caso dos elefantes, confraternizar. No entanto, à medida que iam chegando mais perto aos solavancos, tornou-se claro com bastante rapidez que era também o local onde todos os jipes convergiam, e Alice ficou chocada ao ver tantos veículos numa área assim tão pequena. Havia imaginado que o safari seria uma experiência mais tímida e reservada, e que o jipe onde seguiam sempre se manteria a uma distância segura e respeitosa dos animais, mas estava a ficar horrivelmente evidente que não era isso que acontecia com nenhum dos motoristas do santuário.

Era muito fácil entender qual a razão que os tinha atraído a todos até esse lugar, pois havia pelo menos entre sessenta a setenta elefantes naquela zona, com as mais variadas idades e tamanhos, já para não falar da vasta colónia de tântalos-indianos, grandes pelicanos barrigudos e centenas de garças de pernas arqueadas. Alice achou que se assemelhavam a médicos em miniatura com a sua abundante plumagem toda branca, e comentou isso mesmo com Maureen e com Max quando os três se puseram a observar os pássaros a caminhar pé ante pé sobre as respectivas patas negras fininhas em redor das manadas de elefantes enormes que pastavam ali perto.

O motorista parou o jipe a uma distância discreta da beira da água, antes de lhes explicar num inglês macarrónico que as garças se encontravam ali naquele local para apanhar os insectos que caíam das bocas cheias de erva arrancada pelos elefantes. Alice observou extasiada quando uma elefanta progenitora pegou num molho de erva, sacudiu-o devagar para cima e para baixo a fim de remover possíveis bichos, passando-o depois para a boca expectante da sua cria. Os elefantes bebés mantinham-se muito perto das progenitoras, enquanto as fêmeas mais velhas do grupo formavam um círculo exterior de protecção à volta deles. *Tal como eu*, pensou Alice, divertida com a imagem de si como um elefante bebé – tirando o facto de não ter crescido como uma criança pegajosa; fora mimada de modo a tornar-se uma.

À primeira vista, a cena era quase tranquila, mas também havia outra sensação – um limite que Alice podia pressentir ao invés de ver. Baixando os olhos num gesto instintivo para ver como era a reacção de Max, constatou que também ele parecia tenso, com os olhos esbugalhados e os punhos cerrados. Pousou a mão hesitante sobre o ombro dele.

– Está tudo bem? – perguntou Alice em voz baixa.

Max assentiu com a cabeça uma vez, mas não sorriu, e Alice reparou numas gotas de transpiração no meio da barba rala sobre o seu lábio superior. Todo ele irradiava nervosismo, e saber isso

deixava Alice nervosa também. Maureen, por outro lado, retomara o bom humor e estava no seu elemento, fazendo inúmeras perguntas ao motorista e implorando aos alemães lá à frente que tirassem fotografias dela com toda a sorte de vida selvagem visível em pano de fundo.

– Quer aproximar-se mais para as fotografias? – perguntou o motorista, desejoso por agradar, e Maureen bateu as palmas com um «hurra» de deleite ao mesmo tempo que Alice abanava a cabeça, sendo os seus protestos abafados pelo barulho do motor quando começou a trabalhar de novo. Rodaram devagar pela erva, centímetro a centímetro num movimento furtivo, e Alice retraía-se por dentro incomodada quando ficaram quase ao mesmo nível que três elefantes com ar bastante engelhado, antes de continuarem em frente em direcção ao ponto em que o lago fazia uma curva em forma de colher rasa. Nesse momento, deveria haver ali pelo menos trinta jipes, segundo Alice contou por alto, sendo a culpa por estar ali muito maior agora do que a alegria que sentia ao ver animais tão incríveis assim tão de perto. Eram imensos. Alguns rasavam também o *capot* do carro, havendo alguns elefantes do mesmo grupo familiar encurralados de ambos os lados, incapazes de passar e de se juntar aos outros. Pôde ver que muitos deles começavam a agitar as trombas e a balançar-se de um lado para o outro num estado de agitação.

– Isto não me agrada – disse Alice em voz alta, e Max pôs-se de pé outra vez, com a mão húmida quando roçou na dela.

– Nem a mim – concordou ele, com uma expressão severa.

Maureen olhou para os dois, com um ar algo perplexo.

– Não se preocupem – disse. – Os elefantes devem estar acostumados a estes jipes. Afinal de contas, vêm até aqui todos os dias.

Era um ponto de vista lógico, mas pouco fez para mitigar a sensação incómoda de formigueiro que Alice sentia na nuca. Max nem se deu ao trabalho de responder, limitando-se a franzir o sobrolho com ar de concentração nas costas do motorista, como que a instigá-lo a levá-los dali para fora por intermédio da mera força da sua vontade. Infelizmente, contudo, o condutor estava a gostar em demasia de manter os passageiros felizes para se dar conta disso, e apontava agora para um novo grupo de elefantes que acabara de surgir no meio do matagal e se encaminhava na direcção deles.

– Esta aqui, a grande senhora – disse, apontando para o imponente elefante na retaguarda da manada. – Chama-se *Kane Hila*. Significa «buraco no ouvido». Ficou assim depois de ter sido ferida por um comboio um dia. Atropelou o bebé dela. – O homem bateu as palmas. – Banguê. Morto. Acabou-se o elefante.

– Que horror! – gritou Maureen, e o motorista anuiu com um aceno de cabeça.

– Sim, muito triste. Desde esse dia, *Kane Hila* gosta pouco de pessoas e comboios – acrescentou, lançando um olhar ao elefante que se aproximava antes de prosseguir. – Às vezes fica zangada e faz ameaças... é por isso que devem ficar sempre aqui, no jipe. Não saiam.

– Cum caraças – resmungou Max em voz baixa, sem nunca desviar os olhos da manada que se aproximava. Alice podia ver que ele se encontrava em estado de alerta máximo... quase conseguia ouvir o coração a martelar-lhe dentro do peito... e teve vontade de estender a mão e tranquilizá-lo com o seu toque.

– Por que está a fazer aquilo? – murmurou Maureen, virando-se para Alice e depois de novo para o sítio onde *Kane Hila* se encontrava agora, a pouco menos de três metros de distância, balançando o corpo de um lado para o outro com uma regularidade alarmante.

– Está irritada – replicou, embora isso fosse bem evidente.

– Ei, desculpe – disse Maureen chamando o motorista, e a sua voz por norma calma estremecia com a trepidação. O motorista não a ouviu; estava demasiado ocupado a tirar fotografias aos alemães e a contar uma história sobre como vira uma águia atacar uma raposa nas margens do lago.

– Apanhou-a... zás... bem no ar, e a raposa não parava de gritar e de berrar, e eu gritei, mas depois a...

Alice nunca chegou a ouvir como terminava a história, porque a próxima coisa de que se apercebeu foi de um sonoro guincho de terror no seu ouvido, seguido por um estrondo. O chão pareceu desaparecer debaixo dela, foi atirada para o lado com força, e a sua cabeça foi atirada para a frente e chocou com a de Max. Houve um segundo estrondo, seguido por um urro e pelo som de buzinas de carros, montes delas. Alice sentiu a cara húmida, levantou a mão e viu que havia sangue. Sentia o nariz a latejar, e soltou um soluço de terror quando olhou para a direita e viu o elefante enraivecido, *Kane Hila*, olhando furioso para ela e com a tromba erguida. Investira de encontro ao jipe com tal violência que quase o derrubou. Essa percepção atingiu Alice em cheio e estendeu o braço num gesto impensado, mas ao invés foi bater com a mão no chão de metal do veículo.

Neste momento, o motorista desatou a gritar com o elefante, empunhando um enorme pau de madeira nas mãos trémulas, mas Alice preferiu não olhar. Pôde ver que Maureen estava a ser protegida com o corpo pelo alemão peludo, com as mãos a tapar a cara, enquanto toda a gente que se encontrava no jipe e nos outros que o rodeavam gritavam e berravam.

– Max! – disse Alice com premência, baixando-se numa posição ajoelhada e encostando-se a ele.

A princípio, pensou que devia tê-lo deixado inconsciente quando caiu, pois Max não se mexia, mas depois de observar mais de perto viu que ele tremia com violência, quase em convulsões. Enrolara-se quase como um novelo apertado no chão, com a cabeça escondida aninhada dentro de um emaranhado dos braços e os joelhos puxados para cima numa posição fetal.

– Max – disse outra vez, desta vez mais baixinho, afagando-lhe de forma desajeitada o cabelo, o ombro e o antebraço enrolado com força.

– Está tudo bem – acalmou-o ela, embora não estivesse nada certa de que estava.

Erguendo os olhos, ficou aliviada ao ver que *Kane Hila* estava por fim a recuar afastando-se do jipe, ainda com a tromba a abanar. Todas as mulheres gritavam, e alguns dos homens também, e o motorista estava cinzento de susto quando voltou a sentar-se ao volante. Alguns segundos mais tarde, Alice sentiu o motor rugir ao voltar à vida debaixo dela e começaram a afastar-se com rapidez dali.

Max continuava em silêncio, ainda a tremer, e Alice enxugou com a mão as lágrimas de medo e de alívio.

– Ei – disse, enlaçando-o com os braços o melhor que pôde no meio daquele espaço exíguo. – O elefante já se foi embora. Já acabou. Estás em segurança.

Sem saber o que fazer, Alice limitou-se a repetir as mesmas palavras vezes sem conta, sentindo-se idiota mas sabendo, de algum modo, que Max precisava ouvi-las. Recordou-se de um artigo que lera

uma vez sobre PPST – perturbação de pós-*stress* traumático. Teria sido isso que presenciara agora?

– Estás em segurança – disse-lhe outra vez, com a boca junto ao ouvido dele. – Estás no Parque Nacional de Pudumayaki. Um elefante investiu contra o nosso jipe, mas estás bem. Toda a gente está bem. Agora estamos em segurança.

Max não se mexeu e Alice sentiu as lágrimas ameaçarem brotar de novo. Sentia-se tão estúpida agora por ansiar por aventura com tal veemência, por perseguir aquela adrenalina ilícita que resultava do alívio da sua ansiedade. Nem todas as experiências eram boas e Max passara por uma das piores que um ser humano era capaz de suportar. Desejou ser capaz de eliminar todo o sofrimento e todo o medo de dentro dele, tomá-lo para si, nem que fosse apenas por um único dia, para que ele pudesse ter um momento de descanso. Não fazia sentido, sabia isso, mas também não era justo que Max fosse obrigado a enfrentar tudo sozinho.

Alice ouviu outro alvoroço e gelou de medo, mas desta vez não era nenhum elefante a investir de encontro ao jipe, era Jamal.

– Alice – disse ele, sem fôlego, com os olhos escuros muito sérios quando a fitaram e viu os braços dela em volta de Max. – O teu nariz...

– Estou ótima – respondeu ela, com toda a sinceridade. Esquecera-se do nariz na sua ânsia de cuidar de Max, mas ao baixar os olhos viu que sangrara manchando a *T-shirt* toda.

Jamal trepou pela parte lateral do jipe e agachou-se ao lado dela.

– Posso? – perguntou, inclinando a cabeça em direcção ao vulto enrolado de Max, e Alice desviou-se devagar abrindo caminho a Jamal, com relutância em soltar Max.

Jamal procurou o pulso de Max e puxou a faixa elástica que ele sempre usava ali, soltando-a com força de novo de encontro à pele do amigo.

– Max – disse em voz alta. – Estás aí, companheiro?

Estalou o elástico mais uma vez.

– Vai para o teu lugar, companheiro. Vai para lá até te sentires seguro. Eu estou aqui. Vou ficar à tua espera.

Alice sentiu uma mão no seu ombro, ergueu os olhos e deparou com Maureen, com os olhos húmidos devido às lágrimas recentes e as faces coradas. Não disse nada, mas a preocupação que sentia estava espalhada por todo o seu rosto. Alice sorriu de modo a tranquilizá-la, e depois olhou para trás no momento em que Max começava por fim a desenrolar o corpo. Jamal estava acorado ao lado dele, falando com o amigo em voz baixa e com autoridade, mas Max fitava um ponto para lá dele com olhos vazios.

Fosse qual fosse o horror que ele revivera nos últimos momentos, Alice soube com uma certeza decepcionante que seria algo que nunca seria capaz de compreender – não por inteiro. Podia ter cicatrizes muito próprias, tanto mentais quanto físicas, mas não eram nada comparadas com o que Max havia suportado. Mostrava-se sempre tão disposto a desdramatizar o facto de lhe ter custado a perna e falava sobre isso de uma maneira tão natural que quase chegara a convencer Alice. Agora, no entanto, tinha outra opinião. Max continuava magoado, continuava a sofrer, e saber isso de maneira tão inequívoca fê-la sentir-se como se o coração estivesse partido ao meio.

Tinham sido tão francos um com o outro, os dois, mas até ao momento Alice havia sido capaz de se convencer de que o que a atraía para Max eram apenas as coisas que partilhavam em comum – as feridas que exibiam, a culpa descabida que suportavam e o impulso que sentiam em definir para si mesmos desafios que teriam de superar. Contudo, o que Alice estava a sentir agora, enquanto ali estava com as pernas trémulas a observar a luz voltar devagar aos olhos de Max, era muito mais complicado do que isso.

Capítulo 34

Max

*Se eu morrer,
Liberta o teu sofrimento,
A minha vida não foi mais do que uma dádiva,
Que tive a sorte de tomar como empréstimo...*

Max sabia que estava a fitar os olhos bondosos e escuros do seu amigo, mas ainda continuava sem ver Jamal, não no sentido completo da palavra ver. Podia senti-lo, ou cheirá-lo, ou ouvi-lo. Era como se os seus ouvidos estivessem cheios de água, como se a onda de choque tivesse voltado e fizesse ricochete por todo o seu corpo, fazendo que o tecido nos seus pulmões entrasse em convulsão e os globos oculares inchassem no interior da sua cabeça. Abriu a boca para falar, para dizer a Jamal que estava bem, mas as palavras ficaram soterradas debaixo de pilhas de poeira, de areia, de gravilha e de estilhaços – todos os detritos que o DEI aspirara e cuspira de volta, cobrindo Max e os seus homens tombados com destruição e desespero.

A escuridão era melhor, mais fácil. Max fechou os olhos e tentou mergulhar sob as ondas de escuridão, até ao lugar onde se sentia seguro. Uma voz abafada dizia-lhe para se mexer, para abandonar esse lugar e procurar outro, onde pudesse sentar-se inundado pela luz do Sol, com o irmão ao seu lado, os dois apenas crianças, de joelhos nus e esfolados pelas brincadeiras, um atacador desapertado e a arrastar pelo chão, gargalhadas e inocência aquecendo o ar. Um riacho correndo ali perto por baixo deles, a luz a dançar como divertidos bobos da corte à superfície.

Vai até lá, instigou-se a si mesmo. *Senta-te até o ruído esmorecer, até a dor diminuir, até o medo ser afugentado.*

Neste momento, era capaz de ouvir água a correr e o som do irmão, Ant, a rir no seu ouvido ao esticar um braço e arrebatrar uma sanduíche da mão de Max. Max tentou imaginar a que saberia ela, como seria a sensação do pão a ser espremido para dentro dos intervalos entre os seus dentes. Faltava-lhe um dente. Era isso. A fada dos dentes deixara uma brilhante moeda de uma libra debaixo da sua almofada a noite passada. A recordação desse momento fez que os seus ombros relaxassem, e os cantos da sua boca arquearam-se num sorriso. *Está tudo bem,* pensou. *Vai ficar tudo bem.*

Max abriu os olhos.

– Estás bem, companheiro? – perguntou Jamal, colocando as suas mãos quentes de ambos os lados da cara de Max.

Max engoliu em seco, ciente ao fazê-lo de que havia uma dor aguda no alto da sua cabeça. Erguendo a mão, esfregou o sítio dorido.

– O que aconteceu? – resmungou, olhando para lá de Jamal para o lugar onde Alice e Maureen se encontravam sentadas no assento do jipe, a olhar para ele com os olhos arregalados. Já vira essas mesmas expressões muitas vezes antes, e reconheceu piedade nelas.

– Foi um maldito elefante que investiu de encontro ao jipe – contou-lhe Jamal de ânimo leve. – Pareceu bastante assustador do lugar onde me encontrava, por isso só Deus sabe como todos vocês se sentiram.

– Foi horrível – disse Maureen com secura e Jamal aventurou uma risada.

– Um bocadinho maior do que uma vaca, hem, companheiro? – disse, dando uma cotovelada a Max.

– E agora, que tal ajudar-te a levantar do chão?

Max fez uma careta.

– Posso fazer isso sozinho.

Max içou-se de volta até ao banco usando as mãos e os cotovelos como alavanca, esforçando-se para não se retrair com a dor que sentia na perna.

– Grande treta – disse, olhando para cada um dos seus três amigos, um de cada vez. – Desculpem por me ter passado dos carretos.

Jamal abriu a boca pronto para replicar, contudo Alice adiantou-se.

– Não sejas parvo – disse ela. – Não precisas pedir desculpa por nada. Foi terrível como o caraças.

– Onde está o nosso motorista? – indagou Max, e Jamal riu-se.

– Está a levar uma desanda de um dos guardas do parque. E com toda a razão, aliás... passou com todos vocês por cima das patas daquele pobre elefante.

– Pobre elefante? – Max conseguiu soltar uma gargalhada que se transformou num profundo bocejo.

– E então este pobre aleijadinho que sou eu?

– Estás a apelar ao sentimentalismo, é isso? Lindo – replicou Jamal, fitando Max olhos nos olhos e sorrindo. – Não achas que já tiveste atenção suficiente para um dia só?

– Idiota – replicou Max.

– Paspalho – disse Jamal com ar brincalhão.

Max tentou olhar para lá do amigo, para o lugar onde Alice se encontrava, percebendo nesse instante que nem lhe tinha perguntado nem a Maureen se estavam bem. Saíra-se um belo amigo da onça em momentos de crise – deveria ter sido ele a protegê-las, em vez de se ter enrolado num novelo de medo no meio do chão. Max sabia que estas reacções eram coisas que não conseguia controlar, e a lógica dizia-lhe que não havia culpas a atribuir a ninguém, o que não impediu que um desagradável rubor de humilhação se espalhasse por todo o seu rosto. Não queria que Alice ou Maureen o achessem um fraco.

– Todas as outras pessoas estão bem? – perguntou, e Alice assentiu com um aceno de cabeça.

– Toda a gente excepto aqui o Aurik, cuja camisa ficou toda ranhosa por causa da Maur – gracejou Alice, fazendo um sinal com a cabeça na direcção do alemão peludo.

– Merda! – Max endireitou-se melhor no assento ao reparar nos salpicos de sangue na cara e na *T-shirt* de Alice. – Estás ferida!

Alice baixou os olhos olhando-se de alto a baixo.

– Bati com o nariz na tua cabeça quando me desequilibrei – explicou. – A propósito, desculpa lá isso. Aconteceu tudo tão depressa, que me vi no chão antes de ter tempo para reagir.

Max ergueu a mão insegura.

– Por favor, nada de pedidos de desculpa. A minha cabeça está ótima. O teu nariz está bem... está partido?

– Ela está fina – interveio Maureen, espreitando a cabeça por cima do ombro de Alice. – Não tem nada partido.

– Muito bem. – Jamal virou-se de modo a encarar Alice. – Deixa-me dar uma olhadela. Posso ser apenas um modesto fisioterapeuta, mas sei reconhecer um nariz esborrachado quando vejo um.

Max prestou atenção quando Jamal a observou com rapidez e eficiência, espreitando-lhe pelas narinas e mandando-a seguir o seu dedo com os olhos enquanto o deslocava de um lado para o outro.

– Está tudo bem contigo – concluiu. – Esse nariz ainda há-de resistir a outra cabeçada no Max num outro dia qualquer.

– Não foi minha intenção! – protestou Alice em voz estridente, ao mesmo tempo que Jamal se ria de forma descarada.

Max abafou outro bocejo. Sentia-se exausto, como se tivesse sido esvaziado de todas as derradeiras migalhas de energia. Era sempre a mesma coisa quando passava por um destes episódios – a perturbação catastrófica do seu equilíbrio mental deixou-o tonto. Jamal, que já assistira a muitos destes ataques de pânico de Max, também teria perfeita consciência disso. E, tal como Max havia previsto, o amigo não tardou a debruçar-se para dar uma palavrinha ao motorista, assaz envergonhado, dizendo-lhe naquele seu jeito pragmático e directo, porém educado, que deveriam regressar o mais depressa possível. Em circunstâncias normais, Max teria interferido garantindo-lhes a todos que estava ótimo, mas agora sentia-se demasiado cansado. Sabia que a única maneira de voltar a sentir-se o mais perto do normal possível era descansar, e há muito que aprendera que não adiantava nada lutar contra a necessidade de desligar depois de sofrer um episódio semelhante.

Desejava que Alice se sentasse a seu lado para poder pousar a cabeça no ombro dela. Tinha uma vaga recordação de sentir os braços dela à sua volta, e calculou que ela deve ter tentado consolá-lo antes de Jamal ter entrado no jipe. Fosse o que fosse que sentia por ela, Max conseguia sentir este complexo emaranhado de emoções a ganhar peso. Estava a começar a sentir como se os dois estivessem presos um ao outro por um cordel, e quanto mais longe Alice se encontrava de si mais apertado este se fechava em torno do seu coração.

No entanto, Max não veria concedido o seu desejo desta vez, porque o outro jipe que transportava Steph acabara de se pôr ao lado do deles, e Alice já estava a passar para lá a fim de ocupar o lugar de Jamal. Max contemplou-lhe a nuca, ansioso para que a rapariga se virasse para trás, e depois, no momento em que o motor do veículo começou a rugir ganhando vida e se afastaram aos solavancos pelo parque, Alice olhou para ele e sorriu-lhe.

Capítulo 35

Quase no mesmo momento em que deram entrada no modesto hotel no centro de Tissamaharama, Max desculpou-se perante as raparigas e dirigiu-se em seguida para o quarto que partilhava com Jamal. Alice pôde perceber que ele estava quase cinzento de fadiga sob o bronzado da pele, uma vez que o episódio que sucedera no jipe tinha-lhe sugado os últimos resquícios de energia, e esperava que Max ficasse bem sozinho. Não podia negar que ficara desapontada por ele não poder passar a noite com eles, mas compreendia em igual medida a necessidade que ele sentia de repouso. Na verdade, Max estava tão confuso e aturdido que nem pareceu ouvir quando Alice lhe desejara uma boa noite um tanto ou quanto à pressa – e isso não era do feitio de Max.

Só iriam ficar na cidade por uma noite, antes de se dirigirem para a costa sul na manhã seguinte, mas ainda era o aniversário de Maureen, e por isso outra sessão na borga era algo inegociável. Da sua parte, Alice só lhe apetecia recolher-se cedo para descansar. Fora um dia longo e a cena que presenciara no Parque Nacional de Pudumayaki – já para não falar de como se sentira depois – deixara-a de rastos. A investida do elefante contra o jipe onde seguiam fora aterradora, mas o que mais assustara Alice fora a sua reacção imediata. A sua preocupação automática e esmagadora não fora pela sua segurança, nem pela de Maur – fixara-se apenas em Max. Também ficou chocada com a pouca importância que Richard assumira nesse momento – ou depois disso. Com certeza que a sua reacção à quase morte por um elefante deveria ter sido telefonar ao namorado e contar-lhe tudo, recorrer à pessoa que amava para o informar de que ainda estava viva. No entanto, Richard nem lhe passara pela cabeça até esse momento, horas depois, quando se perguntava por que razão tal não acontecera.



O hotel ficava bastante perto do centro da cidade, por isso não seria necessário recorrer a um *tuk-tuk*, e Alice descobriu que tanto ela como os outros estavam muito satisfeitos por dar um passeio a pé pelas ruas apinhadas de gente passando pelas margens do reservatório, contemplando aves de patas escanzeladas deslocando-se com elegância por entre os canaviais. A enorme cúpula branca do Templo Budista Raja Maha Vihara jazia como uma lua cadente ao longe, e Alice ergueu os olhos e viu uma colónia de morcegos minúsculos irromper dos ramos mais altos de uma árvore vizinha. O húmido ar nocturno era denso como puré, mas o seu peso ajudava a apaziguar o formigueiro familiar de incerteza dentro do peito de Alice. Esta respirou fundo, depois outra vez, fazendo todos os possíveis para ignorar o impulso que sentia de correr até não haver lugar para nenhum tipo de pensamento.

Afinal, o que teria este lugar? Por que teria começado por acalmá-la, mas agora estava a trazer de novo à superfície o seu lado angustiado?

– *Alice no País das Maravilhaaaaaas!*

Steph gritava-lhe por entre as multidões de habitantes locais barulhentos e animados.

– Já vou!

Cada aviso que Alice lera sobre evitar restaurantes com *buffet* evaporou-se assim que os quatro transpuseram a soleira do Ran Simhaya e aspiraram o odor das propostas de comida. Havia uma área reservada às carnes de churrasco envolta num fumo com uma fragrância deliciosa, cubas de arroz em vários tons de vermelho, amarelo e verde, e uma selecção de sobremesas mais ecléctica do que Alice jamais imaginara existir.

– Para o diabo com a dieta – anunciou Maureen, torcendo o nariz num gesto de apreço.

– As dietas são uma chatice – replicou Steph. – E assim como assim, é o teu aniversário.

– Não posso acreditar que faço trinta anos – gemeu Maur, sentando-se pesadamente numa cadeira de vime e agradecendo ao empregado de mesa que lha segurou.

Alice abriu a boca preparando-se para protestar, mas Maur atalhou-a.

– E solteira!

Não havia muito mais que pudesse acrescentar, por isso Alice optou por pegar na carta das bebidas.

– Oxalá tivessem *Prosecco* – suspirou Steph, ao mesmo tempo que Jamal percorria um dedo de forma casual pelo braço nu dela. – Acho que tão depressa não consigo beber cerveja... não depois da noite passada.

– Afinal és o quê? – perguntou Jamal. – Uma mulher ou um rato?

– Ei! – sorriu Steph, antes de se debruçar sobre a mesa a fim de o beijar.

Maureen puxou a ementa sobre a cara.

– Já chega! – resmungou. – Vocês os dois estão a fazer-me sentir ainda mais solteira.

Steph ruborizou-se.

– Desculpa, Maur.

– Não faz mal. – Maur agitou a mão vagamente na direcção da amiga. – Só gostaria que o Max estivesse aqui para fazer de conta que estava do meu lado... não é nada divertido ser a única solteirona da mesa.

– Tu não és uma solteirona! – exclamou Alice. – Só és picuinhas, é tudo.

– Como tu, queres dizer? – replicou Maur, e Alice sorriu, embora não tivesse bem a certeza do que a amiga quis dizer com isso.

– Não sou nada picuinhas – retorquiu a medo, apalpando o terreno.

– Só no que me diz respeito – retorquiu Maur.

O seu tom foi agressivo, e Alice ficou vermelha como um tomate ao mesmo tempo que se perguntava se a amiga estaria a referir-se à sua campanha fracassada para tentar enredar Max. Será que Maur estava zangada com ela por passar tanto tempo com ele? É evidente que só poderia ser isso.

– Só quero que sejas feliz – declarou Alice em voz baixa, mas Maur não olhou para ela.

Dirigiram-se por turnos ao *buffet* para abastecer os pratos, antes de mandar vir uma rodada de *cocktails* de um verde-intenso com aspecto bastante duvidoso e em seguida ergueram os copos num

brinde em honra da aniversariante.

– Que todos os teus desejos possam concretizar-se! – disse Jamal, tocando com o copo no dela.

– É muito pouco provável – resmungou Maureen como resposta, mas emborcou metade do seu *cocktail*.

Conversaram sobre os seus planos para os próximos dias enquanto comiam, e Jamal confirmou que tanto ele como Max haviam alterado o seu itinerário de modo a poderem acompanhar as raparigas. Steph enfiou o braço debaixo da mesa e pousou a mão no joelho dele, com um sorriso de satisfação equiparado ao que Alice fazia os possíveis para reprimir. Estava encantada por os dois homens ficarem na sua companhia durante mais tempo, mas não queria deixar isso demasiado óbvio – em especial agora que Maureen estava a mostrar-se tão rabugenta e mal-humorada. A amiga limitara-se a reagir à notícia de Jamal com um cauteloso «fixe», o que significava que era óbvio que também ela estava a abafar os seus verdadeiros sentimentos.

No dia seguinte, os cinco iriam de carro até Tangalle, antes de seguirem para oeste ao longo da costa, passando por Mirissa e Unawatuna, antes de terminarem por fim a viagem na cidade portuária de Galle. Todos concordaram que estavam ansiosos por passar algum tempo na praia, e Maureen quase entrou em êxtase só de pensar no quanto ficaria com um bronzeado fantástico muito em breve.

– O Max é apreciador de praia? – perguntou Steph a Jamal, que terminou de mastigar o arroz de legumes que tinha na boca antes de replicar.

– Nem por isso – afirmou. – Mas o repouso é a melhor coisa para ele neste momento, ainda por cima com a dor que tem no coto. Tem andado a esforçar-se em demasia desde que aqui chegámos... foi por isso que fiquei tão furioso com ele ontem. Qualquer tipo de dor, nem que seja uma coisa mínima, pode constituir um sinal de alarme para algo mais grave.

– Como por exemplo? – perguntou Alice, abrindo a boca antes de o cérebro ter tempo de acompanhar o seu raciocínio.

– Bem, vejamos – começou Jamal por dizer, pousando os talheres para poder ir enumerando os diversos factores contando pelos dedos.

– Pode haver ulceração, púrpura, fracturas ósseas, infecção...

– Mas tudo isso é tratável, não é? – perguntou ela.

– São problemas facilmente tratáveis se forem detectados em fase inicial – garantiu-lhe Jamal. – No entanto, a ulceração pode ter efeitos devastadores se se deixar supurar, e a infecção pode ser muito perigosa. Estar tão perto de uma explosão também deverá ter afectado o sistema imunitário do Max. Um ferimento tão grave como o dele possui um efeito catastrófico. No que toca aos ferimentos causados por detonações, aquilo que não podemos ver... o que está a acontecer por dentro... é muitas vezes bem pior do que os achques físicos.

– Até que ponto pode ser perigoso? – indagou Alice de imediato, e a sua necessidade de saber todos os factos prevalecia sobre a vozinha interior que a incitava a calar a boca de uma vez e a parar de deixar tão óbvio o quanto estava empenhada no bem-estar de Max.

– Bom, o pior cenário seria a sepsia – declarou prosaico. – A infecção alastra ao sangue e os órgãos internos começam a entrar em colapso.

Era uma ideia desanimadora, e Maureen pousou o seu terceiro *cocktail* com firmeza em cima da mesa.

– Ora, que conversa mais animadora que estamos a ter – afirmou com voz arrastada. – Com franqueza, primeiro o elefante a tentar arrancar-me a cabeça e agora vocês a falar de morte, é mesmo o que faz que isto seja um aniversário muito especial.

Jamal soltou uma sonora gargalhada.

– Ela tem razão – disse. – *Okay*, vamos mudar de assunto. Maur, sobre que gostarias de falar, visto que é o teu aniversário? Pelo menos, acho que alguém já mencionou esse facto uma ou duas vezes – acrescentou, rindo-se de novo da expressão indignada dela.

– Não sei. – Maur bebeu mais um gole chupando pela palhinha. – Assim como assim, o que importa isso? Só temos, oh, cinco minutos até à meia-noite.

– Já é assim tão tarde? – Alice olhou embasbacada para o telemóvel, reparando entretanto que chegara uma mensagem... de Richard.

A apreensão subiu por ela como um gato furtivo. Será que era mais uma reprimenda por passar tanto tempo com Max e Jamal? Um comentário dissimulado sobre a mais recente história de Maureen no Instagram? Talvez ele tenha vasculhado suficientemente fundo para ver o «Gosto» que deixara sobre a fotografia de Max no hospital – aquele que nunca pretendia deixar? Alice sentiu as mãos ficarem pegajosas quando pegou no aparelho e precisou de duas tentativas para inserir a palavra-passe correcta.

– Quem é? – indagou Steph ao lado dela, parecendo atenta, como sempre, a todas as alterações no estado de espírito de Alice.

Alice não respondeu; limitou-se a fechar os olhos por um segundo antes de premir a tecla e abrir a mensagem que Richard lhe havia enviado.

Feliz (antecipado) Aniversário, dizia. Aposto que não és capaz de adivinhar o que isto é! Acrescentara um *emoji* com uma cara a piscar o olho e dois beijos, mas foi a imagem em anexo que fez que a respiração de Alice ficasse presa na garganta.

Era uma fotografia de uma caixinha de ourivesaria, do tamanho exacto para conter um anel.

Capítulo 36

Alice esperou até à manhã seguinte para responder à mensagem de Richard. Depois de ter agonizado sem saber que resposta seria a mais adequada, por fim optou por um simples Oooh! e um rosto sorridente. Rich nunca fora muito bom em grandes gestos românticos, coisa que nunca incomodara Alice nem um pouco, por isso não ficou surpreendida por ele ter escolhido enviar-lhe uma fotografia provocadora do que ela calculava ser um anel de noivado. Já estavam juntos há tantos anos, que talvez ele achasse que pétalas de rosa em cima de uma cama ou um anel de diamantes enterrado no meio de um bolo com recheio de chocolate derretido fosse uma perda de tempo. Já haviam discutido que o casamento seria o passo seguinte, e ambos se puseram de acordo a esse respeito. Bem, isso fora antes de Alice ter decidido viajar até ao Sri Lanka. Agora, a perspectiva de fazer os votos deixava-a sem dúvida desconfortável, e estava muito satisfeita por ter insistido com Rich para que esperassem até ao fim das férias para dar a notícia dos planos que fizeram à família dela.

Desceu para tomar o pequeno-almoço mais tarde do que os outros, debatendo-se para enfiar tudo na mochila e praguejando com um fervor que nem parecia dela quando não conseguiu que as tiras se unissem no meio. Steph dera-lhe um cartão com uma fotografia de um urso-polar, com a pata sobre os olhos e uma mensagem onde se lia: «Tens QUE IDADE?», ao passo que o de Maureen exibia vários homens seminus de pé perto de algumas árvores cortadas, e uma piada sobre grandes machados. As duas fizeram uma vaquinha e ofereceram-lhe um *voucher* de um dia num *spa*.

Alice também recebeu um texto superficial algo estranho da mãe, a desejar-lhe felicidades e a dizer-lhe que poderia receber o presente quando voltasse para casa, coisa que Marianne deixou bem claro estar ansiosa para que acontecesse. Alice não estava à espera que mais ninguém assinalasse a ocasião, por conseguinte ficou bastante surpreendida quando abriu a porta da sala de pequeno-almoço do hotel e a encontrou vazia com exceção de Max, com um sorriso malicioso estampado na cara.

– Bom dia – disse Alice desconfiada.

– Feliz aniversário! – Max pôs-se de pé para saudá-la, roçando-lhe com a barba rala pela face a par dos seus lábios.

– Onde está toda a gente? – perguntou Alice, com a cara a formigar de prazer quando tirou a mochila das costas, pousou-a no chão e se sentou.

– Vão a caminho de Tangalle – informou-a Max em tom jovial, voltando a sentar-se ao lado dela, e Alice quase deixou cair a chávena de chá que estava prestes a encher.

– O quê? Porquê?

Max sorriu-lhe com um ar tranquilo, franzindo os olhos divertido.

– Não te preocupes – disse-lhe. – Fui eu quem lhes disse para irem. Tenho uma surpresa de aniversário para ti, mas é apenas e só para duas pessoas.

– Uma surpresa? Para mim? – Alice agarrou-lhe no antebraço num impulso. – O que é?

– Se te dissesse – declarou Max –, deixava de ser uma surpresa, não concordas?

A mente de Alice aventou várias possibilidades. Uma visita a uma plantação de chá, talvez? Uma escalada a outra montanha? Fosse o que fosse, tinha a certeza de que iria adorar – ser escolhida por Max já era em si um presente.

– Estás mesmo a falar a sério? – confirmou Alice. – Ou será que estás apenas a entrar comigo?

– A sério que não estou – garantiu-lhe ele, pegando numa fatia de torrada com manteiga e dando-lhe uma dentada. – Agora come tudo... vais precisar de todas as tuas forças.

Sentindo-se por de mais perturbada, porém inquestionavelmente feliz, Alice fez o que lhe mandaram.



Havia um táxi à espera à porta do hotel e era um carro agradável, com ar condicionado e bancos de couro.

– Aonde vamos? – perguntou Alice a Max, pelo menos pela sétima vez, quando se acomodaram nos assentos. Este acenou-lhe com um dedo.

– Já te disse... nada de pistas. Só precisas esperar mais ou menos uma hora para descobrir.

Max parecia ter regressado à sua disposição habitual, cheio de uma energia contagiosa e uma determinação férrea em animá-la. Se a perna ainda estava a causar-lhe algum tipo de problema, não o demonstrava, e Alice esperava que uma boa noite de sono tenha sido o remédio para todos os seus males. As histórias pavorosas de Jamal sobre envenenamento do sangue e múltiplas cirurgias causaram-lhe pesadelos. A ideia de algo de mau acontecer com Max causava-lhe uma dor física genuína, o que a surpreendeu um pouco. Richard era demasiado cuidadoso para alguma vez causar a si mesmo algum tipo de ferimento, mas a única vez que se feriu alguns anos antes – por um condutor impaciente que não conseguiu travar a tempo quando Richard estava à espera para sair de uma rotunda – Alice sentira-se bastante tranquila em relação a todo aquele incidente. Rich telefonara-lhe do serviço de urgências do hospital local, dizendo que suspeitava de um traumatismo cervical, e era capaz de se lembrar na perfeição de ter terminado de beber a sua chávena de chá antes de pegar no carro e ir ter com ele. Não tinha a certeza se era porque Max parecia mais vulnerável do que o namorado, ou se era porque se sentia mais protectora com ele do que com Rich, mas a questão começava a perturbar Alice o suficiente para a remeter para o fundo da sua mente quase no mesmo instante em que lhe passou pela ideia.

O motorista serpenteava por entre o trânsito de Tissamaharama como se fosse um esquiador numa prova de *slalom*, e num piscar de olhos haviam saído da cidade dirigindo-se para sul numa estreita avenida. A habitual cacofonia dos motores dos *tuk-tuks*, dos cães a ladrar e das buzinas a apitar foi silenciada atrás das janelas fechadas do táxi. Alice contemplou as longas sombras que se estendiam pelo mosaico verde da paisagem, transformando as manchas esmeralda da vegetação rasteira no

verde dos pinheiros, e o dourado das rochas e dos ramos das árvores num sumptuoso tom de âmbar castanho-avermelhado.

– É tudo tão lindo aqui – murmurou Alice, virando-se de repente para descobrir em seguida que Max estava a olhar para ela e não para a paisagem lá fora. Max pigarreu antes de lhe responder.

– Tens toda a razão.

– Não posso acreditar que vou voltar para o Suffolk mais ou menos por esta altura na semana que vem – disse. – Quem me dera poder ter ficado um mês. Seis meses, quem sabe.

– Também não estou nada ansioso por voltar para casa – admitiu Max, revirando o boné azul-marinho nas mãos.

A *T-shirt* branca estava bem esticada sobre o peito, e Alice deixou os olhos demorarem-se ali durante alguns batimentos cardíacos acelerados antes de desviar os olhos e olhar lá para fora através do pára-brisas.

– De volta à realidade.

Alice assentiu com um aceno de cabeça, imaginando a sua secretária no gabinete da autarquia local, com o seu velho e desgrenhado clorófito e o furador com uns olhos esbugalhados que lhe havia colado.

– Pelo menos levaremos de volta boas recordações – disse Alice, esforçando-se ao máximo por parecer entusiasta.

Max soltou uma risada.

– É verdade. Vou guardar para sempre como algo muito especial dentro de mim a recordação de um elefante enraivecido a investir contra nós.

Alice girou a cabeça de modo a encará-lo.

– Foi terrível. Podíamos ter sido mortos, por amor de Deus! Mas compreendo o que queres dizer... não há dúvida de que foi inesquecível.

– Existem imensos momentos nesta viagem que foram inesquecíveis – disse Max baixinho, e desta vez Alice só conseguiu assentir com a cabeça.

– Nunca me disseste o que fazes no teu emprego – disse Alice, manipulando a conversa e levando-a de novo para um terreno mais seguro. – Disseste que trabalhas para o teu pai, foi isso?

– É isso mesmo – confirmou Max, levando de forma disfarçada a mão ao topo do encaixe da prótese como tantas vezes parecia fazer. – Ele é dono de uma empresa de construção, e eu trabalho no escritório, a fazer encomendas, a lidar com facturas... coisas desse género.

– Oh, certo – disse Alice com vivacidade, dando tratos à cabeça à procura de algo mais edificante para dizer.

Max fez uma careta.

– Não precisas fingir – declarou. – É mesmo tão chato quanto parece. Seria óptimo se eu andasse no terreno, sujando de facto as mãos e ajudando nos trabalhos de construção, mas o meu pai nem quer ouvir falar do assunto. Acho que só desempenhar tarefas administrativas está a fazer que o meu cérebro encolha.

– Sei como te sentes – concordou Alice, e o tom da sua voz subiu uma oitava. – São tantas as vezes que explicamos o processo de definir um débito directo para os pagamentos dos impostos

camarários, que por pouco não ficamos abananados. Nem sei por que lá estou há tanto tempo, para ser franca.

Max olhou para ela.

– Estás lá porquê?

Alice levantou uma lasca de pele solta debaixo da unha do polegar.

– Suponho que é porque já o conheço bem. Fica perto de casa, o salário é razoável. Ando a poupar dinheiro para comprar uma casa desde há um tempo que me parece uma eternidade, por isso não posso mandar tudo à fava e desistir.

Max ponderou as palavras dela por uns instantes.

– Podes fazer o que tu quiseses – disse-lhe. – Mas também não sou a pessoa indicada para falar. Não suporto o meu emprego, mas também sinto que não posso abandoná-lo e pronto, não quando o meu pai quase criou o cargo de propósito para mim. Penso que ele gosta de me ter por perto, sabes... tanto ele como a minha mãe gostam de saber onde estou. É o efeito colateral com que ficaram depois do que aconteceu. Se me fosse embora, sentir-me-ia como se estivesse a atirar-lhes tudo em cara... tudo o que fiz e todas as coisas que fui obrigado a sacrificar desde que fui pelos ares.

– Faz sentido – disse Alice sensata. – Também sei muito bem o que é ter pais superprotectores, vai por mim. Mas não podemos viver a nossa vida pelos outros.

– Não – retorquiu Max, num tom de voz mais calmo agora, e mais solene. – Não podemos, pois não?

Alice corou ao perceber que acabara de lhe devolver de forma automática o seu conselho. Ambos eram os piores inimigos para si mesmos no que respeitava a fazer o que se esperava deles em oposição ao que gostariam de fazer. Relutante em admiti-lo a Max, no entanto, Alice desviou a conversa para um tópico menos incómodo.

– E qual seria o emprego dos teus sonhos? – perguntou-lhe Alice, antes de dar um solavanco e ir quase aterrar em cima de Max quando o táxi ultrapassou um autocarro abarrotado de gente.

– Adoraria fazer algo mais criativo – respondeu Max, parecendo quase melancólico ao fitá-la olhos nos olhos. – E também gostaria de fazer mais para ajudar pessoas na minha situação, sabes? Rapazes que estão a debater-se para lidar com aquilo por que passaram. Encontrar um tubo de escape para todos esses traumas é muitíssimo importante.

– Parece fantástico – respondeu-lhe Alice com toda a franqueza. – Por mim diria que fosses em frente.

– Talvez faça isso. – Max sorriu-lhe.

– Se calhar já está mais do que na hora de irmos ambos atrás do que de facto queremos.

Capítulo 37

A primeira coisa em que Alice pensou quando saíram da estrada e passaram por uma tabuleta onde se lia *Centro de Pára-Quedismo Ratu Hadavata*, foi que o motorista se devia ter perdido.

Virou-se para Max, com um misto de pânico e de exaltação a encher-lhe o peito quando viu a expressão dele.

– Não fizeste isso! – ofegou Alice, e Max sorriu com ar de triunfo.

– Fiz.

– Mas... Mas... – Alice endireitou-se como uma mola no assento, com os dedos encostados à janela. – Não podes estar a falar a sério! – conseguiu por fim articular, voltando-se para Max à medida que o carro chocalhava de forma atabalhoada sobre os buracos e se imobilizava junto a um edifício pequeno e semelhante a um barracão.

– Estou a falar muito a sério – garantiu-lhe Max. – Tu, Alice Brockley, vais saltar de um avião em pleno voo.

Teve vontade de dizer que não podia, que era demasiado perigoso, que o pára-quedas podia não abrir, que Richard e a sua mãe iriam ficar pior que estragados quando descobrissem. Contudo, as palavras não lhe saíram. Ao invés, deu por si a sair do táxi o mais depressa que pôde e a saltar de excitação no mesmo lugar.

Max demorou mais alguns segundos para encontrar a posição certa para conseguir sair do táxi, e depois desatou à gargalhada quando a viu.

– Vamos embora, macaquinha – disse, encaminhando-se para a porta do pequeno edifício. Alice foi a correr atrás dele, com o coração a martelar dentro do peito. Agora que já se encontravam fora do carro, pôde ver um hangar onde estavam estacionadas algumas aeronaves no extremo oposto de um amplo campo aberto e, para além dele, os contornos distantes das montanhas. Havia árvores aglomeradas à entrada do hangar e cada um dos seus ramos parecia contorcer-se de vida.

– Porquê um salto de pára-quedas? – perguntou Alice enquanto caminhavam. – Trata-se de uma escolha tão aleatória.

Max fez uma pausa e lançou-lhe um olhar de surpresa.

– Não é nada aleatória – disse. – Eu já sabia que gostavas de mergulhar, estás lembrada? E o mergulho não pode ser mais radical do que isto.

Fazia algum sentido, Alice foi forçada a admitir – mas havia uma diferença enorme entre saltar da borda de um barco para dentro de água e voar a vários milhares de metros de altitude num avião.

– Olha – disse Max então, apontando para cima, e Alice semicerrou os olhos por detrás dos óculos escuros mesmo a tempo de ver um pára-quedas surgir por entre as nuvens, e duas pessoas vestidas com macacões vermelhos pairando lado a lado na extremidade das respectivas cordas. Ouviu-se um

som como se fosse um silvo e uma forte lufada de ar, e antes de Alice perceber o que estava a acontecer, os pára-quedistas aterraram com perícia no campo aberto um pouco afastados do barracão, e o pára-quedas esvoaçou até ao chão depois deles como um pano que se deixou cair.

– Eles desceram com tanta rapidez – disse Alice para Max, com os olhos arregalados, e este riu-se.

– Achas que isso é rapidez? – declarou. – Espera só até veres como é a queda livre.

Alice não disse nada em resposta ao comentário de Max, mas apercebeu-se de imediato do grande balão de expectativa nervosa que começava a expandir-se a ponto de lhe poder rebentar dentro do peito.

Depois de se dirigirem à recepção, foram pesados, e cada um deles assinou um termo de responsabilidade dizendo que compreendiam todos os riscos do que estavam prestes a fazer, e depois um jovem cingalês que se apresentou como Pamu conduziu-os ao longo de um carreiro no limite do campo em direcção ao hangar. Uma vez ali, foram levados para uma sala com um ecrã suspenso fixado a uma parede e mostraram-lhes um vídeo sobre o que deveriam esperar de um salto de pára-quedas, estando também disponíveis pacotes para adquirir o filme do seu salto além de fotografias.

Max virou-se para Alice.

– Queres um? O meu desejo é mimar-te.

Alice abanou a cabeça, quase soltando uma gargalhada só de pensar no que a mãe e Richard iriam dizer se lhes passasse, como quem não quer a coisa, um filme seu a desafiar a morte depois de um dos seus churrascos de domingo. Isto porque era isso mesmo que estava prestes a fazer – estava prestes a entregar a sua vida nas mãos de um desconhecido e a confiar que o destino se encontrava do seu lado. Deveria estar a sentir-se aterrorizada, mas ao invés tudo o que era capaz de sentir era um arrepio sussurrante de antecipação. Max, que admitira já ter saltado de pára-quedas várias vezes antes, parecia relaxado, mas Alice podia perceber que ele se sentia encantado por ela estar a divertir-se tanto.

– Mal posso acreditar que isto esteja a acontecer – disse Alice, não pela primeira vez, contorcendo-se para conseguir enfiar-se no fato de voo que lhe havia sido entregue por outro cingalês seco e rijo. Max reservara o salto de ambos para uma altitude de 12 000 pés, o que implicava uma queda livre de quarenta e cinco segundos completos. Sempre que Alice erguia os olhos para as nuvens por cima das suas cabeças e tentava imaginá-los a ambos a precipitar-se através delas a toda a velocidade, desatava às gargalhadas diante do ridículo absoluto de toda aquela situação. Era impossível, impossível pensar que alguma vez chegaria a esse ponto. Para Alice, mergulhar da prancha mais alta da piscina na sua terra já lhe parecera um risco, mas aqui estava ela, equipada e de óculos de protecção postos, prestes a dar um mergulho de um avião em pleno voo. Era espantoso.

– Tens a certeza de que estás bem? – perguntou Max, enfiando um capacete de couro branco na cabeça e apertando o fecho de segurança. – Ainda vais a tempo de voltar atrás, fica descansada. Não conto nada aos outros.

– Nem pensar! – Alice abanou a cabeça com firmeza de um lado para o outro ao mesmo tempo que um sorridente homem de cabelo escuro lhe apertava o arnês com segurança em torno das pernas e das costas. – Nem os elefantes selvagens me impediriam.

Max sorriu com ironia.

– Tem cuidado com aquilo que desejás – disse.

Não havia muito mais tempo para pensar no que estavam prestes a fazer, e depois de uma rápida e tranquilizadora conversa com o instrutor de salto tandem, Dyon, que verificou e tornou a verificar o seu arnês, Alice deu por si a caminhar sobre pernas trémulas na direcção da avioneta que os aguardava, com a porta lateral aberta. Max avançava ao seu lado, com um sorriso estampado no rosto, e os dois viraram-se para olhar um para outro no mesmo momento.

– Obrigada – sussurrou Alice por entre um sorriso, e Max pegou-lhe na mão e apertou-a.

Tiveram sorte em ser os únicos que haviam reservado aquele horário para saltar, e depois de ambos terem deslizado para trás ao longo dos bancos paralelos debaixo deles e depois de terem sido presos aos instrutores de salto pela parte de trás, Max estendeu o braço e pegou na mão de Alice mais uma vez. O toque dele era quente e sólido, tal como o sentira quando ele a tomou nos braços no cume do Pico de Adão, e embora estivesse prestes a lançar-se de um avião, a milhares de pés de distância do solo, Alice sentia-se segura ao lado dele.

Os motores rugiram debaixo deles e os propulsores roncaram ao começar a entrar em movimento. Alice encheu os pulmões de ar, observando com os olhos esbugalhados através da minúscula janela oval quando o bimotor ganhou velocidade e depois levantou voo rumo ao azul do céu. Agarrou-se à mão de Max com um pouco mais de força e ele devolveu-lhe a pressão na mesma moeda. Mais uma vez, Alice imaginou-os aos dois encerrados numa bolha, intocada e intocável pelas realidades mundanas que ambos enfrentavam no seu país. Este era o momento deles aqui em cima – o seu mundo. De repente, Alice desejou que aquele momento nunca chegasse ao fim.

– Tudo *okay*? – perguntou uma voz ao seu ouvido; era Dyon. Alice assentiu com um aceno de cabeça, e este deu-lhe uma ligeira palmadinha no ombro. – Vê ali em cima, a luz? – perguntou o homem, apontando para uma lâmpada vermelha por cima da escotilha fechada.

– Sim. – O coração de Alice batia descompassado.

– Quando ficar verde, ele salta – disse, apontando para Max. – Depois esperamos um minuto ou dois, e saltamos a seguir.

– *Okay*.

O maxilar de Alice estava a começar a doer de tanto sorrir, mas tinha os joelhos a tremer. Mais uma vez comprimiu a palma da mão de encontro à de Max, e de novo este lhe retribuiu com um aperto. Uma imagem de Richard perpassou-lhe pela mente, com os óculos encavalitados na ponta do nariz enquanto lhe lia algo em voz alta num dos jornais de fim-de-semana – uma crítica literária, talvez, ou uma receita de caril de batata-doce. Parecia estar tão longe dela neste momento, parecendo mais uma recordação do que alguém que deveria ser a pessoa mais presente na sua vida – o homem com quem ia casar-se.

A luz ficou verde.

– Vejo-te do outro lado – gritou Max, soltando-lhe a mão quando o instrutor de tandem os empurrou a ambos para diante. Outro homem, que estava preso à parede do avião, levantara a porta da escotilha a fim de abri-la, e o ar frio apressou-se a penetrar no espaço.

– Espera! – quis Alice dizer em seguida, mas qualquer som que emitisse era fustigado nos seus lábios pelo vento.

Max voltou-se para trás a fim de olhar para ela, uma única vez, piscando-lhe o olho ao arquear as costas e ao olhar para cima na direcção do tecto do avião. Depois, de súbito, como se um buraco tivesse sido aberto no espaço que os rodeava, Max e o seu companheiro caíram para a frente precipitando-se no vazio e desapareceram.

– Merda! – gritou Alice, e a exaltação misturou-se com o terror ao ver a luz passar de verde a vermelho de novo. – Merda, merda, merda!

– Você disse merda! – declarou Diyon, soltando uma risada à medida que o avião subia mais um pouco. Baixou com cuidado os óculos protectores de Alice e apertou a tira, enfiando a ponta debaixo do capacete dela por detrás da orelha, onde a enterrou. A dor fê-la sentir-se, de algum modo, mais viva, e agora a sua ansiedade não passava de uma colmeia repleta de abelhas agitadas. *Vai acontecer a qualquer momento, pensou Alice, vou rebentar. Vai haver pedaços de mim espalhados por todo o lado neste avião.*

A luz ficou verde outra vez.

– Pronto, Alice? – confirmou Diyon, empurrando-a com delicadeza para a frente até os pés dela se projectarem pela escotilha. – Agora, dê ao seu corpo a forma de uma banana.

Alice inclinou-se para trás como lhe haviam instruído no solo, apoiando os pés num suporte do lado de fora do avião e agarrando as correias de cada lado do peito. Sentiu um puxão algures no fundo das costas, e depois saltou, rasgando o ar e vendo o avião diminuir de tamanho com rapidez por cima dela.

Abrindo a boca para gritar, Alice quase sufocou quando esta se encheu de imediato de ar. O vento rasava-lhe as orelhas com violência, e ela olhou para baixo para o sítio onde a paisagem se estendia debaixo de si como uma manta de retalhos. As montanhas pareciam minúsculas, as árvores meros paus de fósforo, e uma vaga de percepção vertiginosa varreu todo o seu corpo. Estava de facto a fazer aquilo. Estava a acontecer e agora não havia como voltar atrás.

Diyon deu-lhe uma palmada nos dois ombros para indicar que ela deveria abrir os braços para os lados, e Alice soltou o arnês e esticou-se, com um sorriso a desenhar-se mais uma vez no seu rosto à medida que o mundo dançava e serpenteava à sua volta. Olhou de novo para baixo, na esperança de avistar Max, mas não havia nada abaixo deles a não ser o borrão dos campos e da florestas, e uma linha dourada e brilhante assinalando um rio serpenteando abaixo do contorno das árvores.

Alice sentiu outra palmada, agora apenas num dos ombros, e sentiu Diyon mexer-se atrás de si. Houve outro puxão forte do arnês que lhe rodeava as pernas e o peito, e depois Alice sentiu-se a subir disparada quando o pára-quedas se abriu. Quase de imediato, o rugido da lufada de ar cessou e Alice soltou uma sonora gargalhada. Ria sem parar, contemplando tudo à sua volta enquanto Diyon usava os seus manípulos para dirigi-los de um lado para o outro, apontando para as cúpulas brancas de templos longínquos e para o ponto no horizonte onde o oceano Índico avançava sobre a costa. Alice nunca experimentara uma sensação tão libertadora, nem tão emocionante, e agora que a parte perigosa do salto inicial havia passado, descobriu que havia uma incrível sensação de paz ali em cima. O único som que se ouvia agora provinha da agitação ritmada do pára-quedas aberto bem acima deles e dos comentários ocasionais que ela e Diyon trocavam. Era capaz de se lembrar com todo o rigor de como se sentira ao trepar e explorar quando era criança, o quanto se sentira isenta de

medo ou de culpa. Antes de o acidente lhe ter roubado essa inocência e de a ter substituído pela fragilidade, Alice havia sido livre. Esse pensamento fez-lhe chegar as lágrimas aos olhos, e ficou satisfeita quando Diyon lhe levantou os óculos de protecção e apontou para o solo.

– Veja ali – disse. – O seu namorado está à sua espera.

Referia-se a Max, é claro, mas Alice não teve coragem, nem vontade, de o corrigir. Max ainda trazia vestido o macacão vermelho, mas tirara o capacete e os óculos de protecção. Alice pôde perceber ali de cima que tinha o cabelo espetado para todos os lados e que estava a sorrir. Exibia um sorriso rasgado, enorme, orgulhoso e feliz, e este era-lhe dirigido.

À medida que o campo se apressava a toda a velocidade para saudá-los, Alice levantou as pernas e soltou um cómico grito de alegria quando o seu traseiro fez ricochete no chão. Assim que Diyon a libertou do arnês, Alice permitiu-se deitar-se na relva, com os membros espalhados para os lados como se fossem asas.

– Oh, meu Deus! – ofegou Alice, dirigindo um sorriso radiante para Max. – Isto foi... Oh, meu Deus!

Sentou-se e viu que Max se encaminhava na sua direcção, ainda com o mesmo sorriso estampado na cara e, antes que mudasse de ideias, Alice pôs-se de pé e correu na direcção dele, com os braços prontos para se lançarem à volta do pescoço de Max. No último minuto, deu um pulo e envolveu ambas as pernas em torno da cintura dele, agarrando-se a ele como se disso dependesse a sua vida.

Max, que cambaleara com o impacte mas conseguira manter-se de pé, apertou os braços à volta do corpo dela e atraiu-a a si. Durante alguns segundos, limitaram-se a ficar ali abraçados, ambos perdidos naquele momento à medida que os seus corações batiam no peito um do outro. Alice foi a primeira a afastar-se, mas apenas o suficiente para poder fitá-lo olhos nos olhos – queria que Max sentisse o quanto estava feliz; queria demonstrar-lhe o quanto isto havia significado para si, o quanto lhe havia lembrado quem era, e mostrar-lhe o tipo de pessoa que sabia agora estar disposta a tornar-se. Alice queria que Max soubesse de tudo isso, mas como iria começar a exprimir isso por palavras?

Max esperou, com os olhos azuis repletos de bondade e de sinceridade. Alice abriu a boca, certa de que deveria dizer qualquer coisa, mas as suas palavras foram engolidas quando os lábios de Max se comprimiram com suavidade de encontro aos seus.

Capítulo 38

Max

*Se eu morrer,
Deixa que o meu coração encontre o amor.
Procura aquela
Para quem eu sou suficiente...*

Max ergueu o braço e dobrou-o atrás da sua cabeça, com o cotovelo a formar uma almofada improvisada no formato semelhante a um casulo da espreguiçadeira. Tirara a prótese da perna para tomar duche e usou as canadianas para percorrer a curta distância entre a casa de banho da casa da árvore e a varanda de soalho de madeira na parte da frente. Apesar da indiferença que mostrara pela praia no início da viagem, estava satisfeito por se encontrar aqui agora. Só a vista da água cor de turquesa de ondulação suave quando ali chegaram apenas há algumas horas tinha-o acalmado, enquanto o tépido ar salgado lhe despoletou recordações de férias passadas na infância a escavar na areia em torno da costa sul de Inglaterra, em que ele e o irmão Ant davam o seu melhor para criar um castelo melhor e mais bonito do que os dos outros miúdos.

Ant sempre tivera uma mente de militar, insistindo em construir altas ameias e um fosso profundo à volta das suas criações, e Max costumava rebelar-se inserindo uma ponte levadiça e fazendo buracos na estrutura para fazer portas e janelas. Um castelo, para Max, deveria ser uma casa cheia de pessoas, cada uma a tratar da sua vida, ao passo que Ant o via como uma fortaleza, ali colocada para proteger apenas uns quantos figurões.

Tangalle não havia sido incluída no itinerário inicial da viagem de ambos, mas Jamal fizera questão de passar alguns dias a mais com Steph. E mais, o amigo sublinhara em tom prosaico que a costa seria o lugar perfeito para Max repousar a perna antes da longa viagem de regresso a casa no fim-de-semana. Max olhou para baixo, para o coto, franzindo o sobrolho ao examinar a área inflamada em torno dos rebordos enrugados da cicatriz. Fora um artista do disfarce no centro de pára-quedismo nessa manhã, convencendo Alice e quase a si mesmo de que o desconforto na perna estava a retroceder quando, na realidade, estava a piorar a olhos vistos.

Apalpou nesse momento a carne inchada com o dedo indicador e retraiu-se, aspirando o ar através dos dentes quando uma ferroadada de dor lhe disparou pela coxa acima e pela zona inferior das costas. Isto não era nada bom. Nada em relação a esta situação era famoso. Uma gota de suor escorreu-lhe da raiz do cabelo até ao maxilar e Max sacudiu-a com um piparote, de súbito irritado com a humidade do ar. Por que este maldito sítio tinha de ser assim tão quente? Às vezes sentia que o calor seria capaz de afogá-lo.

Gemeu e largou o coto. Estar deitado numa espreguiçadeira fazia-lhe lembrar de maneira inevitável o Afeganistão, se bem que, em contraste com o Sri Lanka, o ar naquele lugar era cáustico e empoeirado, metálico o odor transportado pelo vento. Alguns dos rapazes chegaram a suspender as camas de corda no interior das grandes tendas em Camp Bastion, preferindo dormir um pouco mais acima do chão do que os beliches permitiam. Os monstruosos solífugos constituíam um medo bem real, assim como os escorpiões, e as botas descalçadas, capacetes e pequenas peças de equipamento tinham de ser bem sacudidos e inspeccionados todas as manhãs para se ter a certeza de que nada rastejara lá para dentro fazendo desses objectos a sua casa enquanto os donos dormiam a sono solto. Havia algo de inerentemente reconfortante no movimento embalador de uma rede ali, segundo Max se lembrava, pousando a perna esquerda no chão para equilibrar o balanço. Talvez fosse de facto por isso que tantos homens as preferiam – ajudava-os a sentir como se estivessem a ser aconchegados, acalmados e embalados até adormecer, tal como deveria ter acontecido quando eram bebés. E se existia um lugar onde uma pessoa precisava ser consolada, esse lugar era o Afeganistão.

Max ouviu uma porta distante ranger ao abrir-se, e levantou a cabeça até poder espreitar pelo areal até à casa da árvore seguinte. O Resort Cinnabar onde estavam hospedados situava-se sobre a praia, perto o suficiente para os hóspedes poderem ver e ouvir o oceano Índico de todos os quartos. As acomodações eram compostas por uma combinação de cabanas de madeira e estruturas altas de colmo – ele e os amigos haviam optado pelas últimas. Cada uma delas possuía um nome diferente, que fora gravado com todo o cuidado e esmero numa placa de madeira pendurada no cimo dos degraus rústicos. Max e Jamal estavam alojados na Casa de Madeira, ao passo que Alice, Maureen e Steph se encontravam na Casa da Palmeira. Pensava que as três raparigas já se encontravam lá em baixo no bar à beira-mar na companhia de Jamal para ver o pôr do Sol, mas afinal parece que não. Alice deixara-se ficar para trás.

Max observou da sua posição oculta na rede quando ela se dirigiu ao parapeito da varanda adjacente, com o cabelo molhado e apanhado num rabo-de-cavalo e uma toalha nas mãos, que sacudiu e pendurou na parede exterior a fim de secar. Envergava um simples vestido estival azul sem costas com uma tira em redor do pescoço, e Max pôde vislumbrar as desmaiadas marcas brancas em cada um dos seus ombros no sítio onde o *top* de alças a protegera do sol. O seu coração inchou, tal como sempre acontecia quando a observava, e resistiu à tentação de gritar o nome dela e chamar a sua atenção.

Fora tão bom tê-la só para si naquela manhã e mimá-la com uma experiência que sabia que Alice nunca esqueceria. O que havia começado por ser uma suspeita de alma selvagem soterrada algures dentro dela desabrochava durante o tempo que Max passara com Alice, e o salto de pára-quedas dessa manhã servira apenas para confirmá-lo. Alice gostava de correr riscos, possuía uma alma aventureira, e Max vira – caramba, sentira – o quanto ela se sentia viva depois de ter saltado daquele avião. Quando ela saltara do chão para os seus braços, beijá-la parecera a coisa mais natural e acertada do mundo, mas depois disso Alice ficara quieta e em silêncio. Não de maneira grosseira ou até embaraçada, apenas contemplativa, como se estivesse a fazer os possíveis para descobrir a resposta para o complicado enigma que lhe martelava dentro da cabeça.

Apesar disso, Max sabia que a experiência os aproximara um do outro. Quando Alice recusou a hipótese de filmar o salto de pára-quedas, e nem permitiu que se tirassem fotografias, percebeu que ela tencionava manter tudo aquilo em segredo – sem o conhecimento do namorado e dos pais, pelo menos. *Como era triste*, pensou Max nesse momento, *que os dois sentissem a obrigação moral de não partilhar momentos tão empolgantes com as pessoas que lhes eram mais próximas*. Pelo menos, podiam falar sobre isso um com o outro – já estava feito, e nunca poderia ser desfeito.

Tinham passado grande parte da viagem de táxi até Tangalle num silêncio tácito, e Alice de vez em quando virava a cabeça para lhe sorrir, com as faces ainda rosadas de satisfação, enquanto Max se esforçava ao máximo para manter uma expressão impassível apesar da dor latejante no coto. Sabia que o tempo urgia agora, e que em breve não poderia mais ignorar o que estava a acontecer no interior daquela perna, mas queria esperar até chegar a casa e poder marcar uma consulta com o seu médico. *Só faltavam mais alguns dias*, pensou. *só esperava conseguir manter controlado o que quer que isto fosse por mais um pouco*.

Max ainda estava a meditar sobre isto quando viu Alice voltar a entrar na cabana, apenas para sair de novo menos de um minuto depois munida de um saco pequeno e de uma câmara. Ia juntar-se aos outros na zona do bar e Max esperou que ela descesse os degraus da casa da árvore e chegasse a meio do caminho do passadiço de madeira lá em baixo antes de ir buscar as canadianas.

O que ele deveria fazer era ficar ali – embalando-se na calma desta rede e permitir que o coto recuperasse. Só de pensar em voltar a colocar *Mister T* fê-lo cerrar o maxilar de medo, mas também não queria descer até ao bar sem ele. Era difícil usar as muletas na areia macia e espessa – e, assim como assim, Jamal saberia logo que o visse que se passava alguma coisa de errado. Max torceu a banda elástica em torno do pulso, praguejando quando esta se enredou nos pêlos finos do braço.

Não lhe parecia que nesse momento tivesse muito por onde escolher.



– Cá está ele!

Maureen gritou uma saudação a Max quando este se aproximou deles devagar por entre as mesas, fazendo os possíveis para não coxear com a perna dorida. O bar da praia era de estilo rústico, com mobiliário de madeira flutuante e uma grande abundância de velas. Dois cachorrinhos de raça indefinida lutavam na areia ao pé de uma pilha de um gigantesco Jenga, e podia ouvir o oceano fustigando e retumbando fora da sua vista.

– O homem do momento – disse Maureen com doçura, usando o pé nu para empurrar a cadeira vazia ao lado da dela.

Max sentou-se com muito cuidado nela, sentindo o suor alagar-lhe as costas. Nesse dia parecia ficar mais quente à medida que o dia avançava. Max estava a contar que estivesse mais fresco junto à costa.

– Obrigado – disse, olhando em volta para cada um deles e fixando-se em Alice. – Por que sou o homem do momento? Com certeza que essa honra caberá à aniversariante.

– Eu não sou um homem – recordou-lhe Alice, e Steph soltou uma risada.

– No entanto, foste o homem que a presenteou com um salto de pára-quedas – disse Maur, e a rispidez no seu tom de voz era inconfundível.

Max optou por não morder o isco.

– O que andaram a fazer hoje? – perguntou e Steph começou de imediato a contar-lhe sobre o passeio de caiaque na lagoa ali próxima.

– Vimos uma águia a apanhar um peixe dentro de água, mesmo diante dos nossos olhos – afirmou Steph. – Foi fantástico!

Max sorriu, aceitando uma cerveja de Jamal, que dera um pulo até ao balcão e voltara.

– É o que parece!

Lançou outro olhar na direcção de Alice a fim de avaliar a reacção dela, mas esta examinava o telemóvel, com umas rugas de preocupação a todo o comprimento da testa.

– Está tudo bem? – perguntou Max passado um minuto, interrompendo a história de Steph sobre ter pegado um crocodilo bebé no colo.

Alice ergueu os olhos, distraída.

– É o Dickie? – perguntou Maureen, arrebanhando a garrafa de cerveja *Lion Lager*.

Alice abanou a cabeça, começando por não dizer nada, mas Maureen ignorou-a.

– A Alice não te contou? – perguntou, voltando a centrar a sua atenção em Max. – Pensei que teria contado, visto que passaram o dia inteiro juntos.

– Na verdade não acho que... – começou Steph por dizer, mas não havia como deter Maureen. Agora Max também queria ouvir o que ela tinha para dizer, e olhou-a num gesto de encorajamento.

– Contar-me o quê? – indagou, vendo um profundo rubor espalhar-se pelas faces de Alice.

– Sobre o noivado – continuou Maureen, como se fosse a revelação mais óbvia do mundo. – O Dickie comprou o anel e tudo... enviou-lhe uma fotografia do anel a noite passada. Mostra-lhe, Alice. É bastante amoroso. Nunca achei que o Dickie tivesse coragem para tanto.

Jamal tossiu constrangido quando Max olhou para Alice do outro lado da mesa. Recordou os acontecimentos dessa manhã, da conversa que tiveram no carro sobre as aspirações de ambos em fugir dos seus empregos entediantes, de como Alice lhe agarrara na mão quando o avião descolou e de como lhe saltara para o colo deliciada assim que voltaram a ficar em terra firme, aceitando o beijo que lhe dera sem hesitação. Não mencionou nem por uma vez nada sobre um anel, nem por um momento agiu como uma rapariga que acabara de ficar noiva.

Embora Max não tivesse nenhum direito, e embora soubesse que estava a ser demasiado sensível, as palavras de Maureen feriram-no. Doía-lhe ouvir dizer que Alice pertencia a outra pessoa, ainda que o soubesse quase no instante em que se conheceram. Alice não tentara esconder-lhe o facto de que Richard existia, mas também não falara sobre ele de forma espontânea. Max admitiu que – talvez com alguma insensatez, como veio a revelar-se – ouvira essas pequenas observações e as enraizara na sua mente até quase se convencer de que a relação de Alice com o namorado não era muito séria. Enquanto Richard era apenas o namorado de quem ela mal falava e de quem guardava segredos à descarada, a extensão dos sentimentos dela por ele sempre fora uma incógnita, tanto quanto Max sabia. Agora, no entanto, aquele anel de noivado aterrara como um doloroso baque no meio das suas esperanças.

– Só estava... – Alice pousou o telemóvel no colo. Não se atrevia a encarar o olhar de Max, e parecia quase aturdida, como se tivesse levado uma bofetada.

Quando o telemóvel começou a tocar uma fracção de segundo mais tarde, todos deram um salto. Alice pegou-lhe de imediato e com rapidez.

– Olá – disse, e o seu tom de voz era baixo porém penoso. – Desculpa não ter ligado mais cedo. Estava... O quê? O que queres dizer com isso? O que tem o Freddie? O que aconteceu?

Max viu Maureen e Steph trocarem um olhar.

– A Alice estava agora a dizer-me que estava muito preocupada com Freddie – sussurrou Steph. – Ele ainda não respondeu à mensagem de texto que ela lhe enviou há alguns dias, e também não lhe mandou nenhuma mensagem a dar-lhe os parabéns pelo aniversário.

– Merda. – Maureen passou a mão nervosa pelo cabelo escuro e Max notou um perfume a maçãs quando ela atirou o cabelo por cima do ombro.

Alice levantou-se da cadeira e dirigiu-se até ao sítio onde um conjunto de pequenos degraus de madeira descia até à praia. Tinha os ombros curvados e enlaçara o braço livre em volta da cintura. Quando Max olhou para ela, com o coração a dizer-lhe para se levantar e ir atrás dela mas com a cabeça a recordar-lhe a recente evolução no relacionamento dela, Alice virou-se na direcção da luz, e Max viu lágrimas deslizar-lhe pelas faces.

Capítulo 39

Alice soube quase de imediato que havia algo de muito errado. Conhecia Richard suficientemente bem para reconhecer a mais ligeira alteração no tom da sua voz, mesmo estando a milhares de quilómetros de distância e num fuso horário diferente. E o comportamento dele não se mostrava afectado ou alterado por ela não lhe ter telefonado desde que lhe enviara a mensagem de texto com a fotografia da caixa do anel – isto era algo muito diferente, algo muito mais importante do que qualquer situação dramática implícita entre ambos.

Quando Rich respirou fundo e disse «É o Freddie», uma vaga de pânico engoliu-a. Imaginou de imediato o pior – que o irmão sofrera um acidente ou que estava com alguma doença grave, e metralhou Richard com perguntas ao mesmo tempo que se afastava da mesa aos tombos e caminhava às cegas pelo chão coberto de areia do bar.

– Não tinha a certeza se devia telefonar-te – disse Richard, parecendo arrasado. – A tua mãe disse que era melhor não, dado que era o dia dos teus anos, mas achei que haverias de querer saber o quanto antes.

Um sem-número de imagens horríveis perpassou pela mente de Alice. O irmão encurralado num carro em chamas ou ligado a uma máquina que o mantinha a respirar, a expressão estóica do médico ao dar a notícia de uma doença terminal.

– Por amor de Deus, conta-me! – gritou Alice, sem se importar se o tom impaciente da sua voz iria aborrecê-lo.

– O Freddie teve um... – começou Richard por dizer.

Oh, meu Deus, deve ter sido um acidente. Alice agarrou-se com toda a força às costas de uma cadeira vazia.

– Teve *o quê*?

Um mosquito zumbiu aproximando-se da vela que havia em cima da mesa abaixo dela e depois apressou-se a levantar voo afastando-se dali. Alice fitou-o com ar distraído. Não o irmão, não o Freds. Teve consciência de um soluço acumulando-se como lava dentro da sua garganta, apertando-lhe as vias respiratórias até não conseguir emitir mais nada a não ser um som rouco pelo bocal do telefone.

– Fala – disse Alice. – Ele está ferido?

– Está fora de perigo – garantiu-lhe Richard, e Alice deixou sair a enorme quantidade de ar que estivera a reter.

– Graças a Deus! – exclamou, mas o medo continuava a manter-lhe os membros congelados como reféns.

– Ele teve... bem, suponho que poderíamos chamar-lhe um esgotamento.

Nesse momento Alice tapou a boca com a mão.

– Tudo aconteceu não muito tempo depois de teres partido, ao que parece – prosseguiu Richard. – Eu só soube hoje de manhã, mas ficou a corroer-me por dentro o facto de não saberes de nada, e eu sabia que deverias estar a perguntar-te por que motivo não te enviou nenhuma mensagem de parabéns pelo teu aniversário.

– *Estava* a perguntar-me isso – afirmou Alice, num fio de voz. Sentiu uma ferroadada de culpa a perfurar-lhe todo o corpo quando se apercebeu do quanto estivera distraída nessa manhã, e do quanto a sua mente se abstraía da invulgar falta de comunicação do irmão. – Não tive notícias dele desde que chegámos aqui.

– Ele deu entrada numa clínica de reabilitação em Essex, por vontade própria – contou-lhe Richard.

Parecia nervoso e atabalhado, e Alice imaginou o rubor nas faces dele, e o seu cabelo todo espetado no sítio por onde passara as mãos. Sabia o quanto Richard gostava do seu irmão mais velho.

– Veio a saber-se que perdeu o emprego há vários meses – explicou Richard. – Andava a fingir que ia trabalhar, quando na realidade estava em casa, a beber até cair a maior parte dos dias. E não é tudo.

– Merda. – Alice suspirou, sentindo um sabor acre subir-lhe à garganta. – Estás a referir-te a drogas?

Richard respirou fundo.

– Sim.

– Oh, não... – conseguiu Alice dizer, e nesse exacto momento as lágrimas começaram a correr-lhe pelas faces.

Freddie era o rochedo em que Alice sempre pudera apoiar-se, e as inúmeras loucuras que cometera eram compensadas pela sua força descomplicada. Não conseguia imaginar que lhe acontecera tal coisa; nem tão-pouco compreendia como nenhum deles podia não ter dado por nada.

– A tua mãe há já algumas semanas que não tinha notícias, por isso uma noite foi até casa dele de surpresa e encontrou-o no apartamento num estado lastimoso. A única razão por que soube disso foi porque... – Richard deteve-se, e Alice agarrou-se ao telefone com unhas e dentes.

– O quê? – exigiu ela saber, ouvindo o som abafado de uns passos que se aproximavam. No momento seguinte, Maureen estava ali de pé ao seu lado, com um ar de preocupação gravado a ferro e fogo na cara. Alice abanou a cabeça e levantou a mão a fim de afugentar a amiga.

– Porque eu quis contar à tua mãe que íamos marcar a data – comentou Richard, e Alice conseguiu travar um arquejo de exasperação no último minuto. Pensava que tinham chegado a um acordo mútuo em como iriam esperar que ela regressasse do Sri Lanka.

– O teu pai abriu-me a porta – continuou Rich. – Quando lhe perguntei onde estava a tua mãe, ele descontrolou-se. Alice, foi horrível. Desatou a chorar e tudo.

– Oh, merda! – exclamou Alice com moderação, enxugando os olhos ao imaginar a cena. – Cum caraças.

– Não consigo entender uma coisa destas – admitiu Richard. – O Freddie sempre me pareceu tão equilibrado, e tão sensível, sabes, tal como tu. Não posso acreditar que tenha deixado chegar as coisas a este ponto.

– Preciso ligar para casa – disse Alice, fungando para afugentar os soluços. Maur continuava atrás de si, mas pelo menos tivera a decência de se afastar até uma distância discreta.

– *Okay*. – Richard fez os possíveis para não parecer aborrecido com ela por estar a despachá-lo ao telefone, mas Alice pôde perceber que estava pior que estragado.

– Não fiques assim, Rich – suspirou Alice. – Fico-te agradecida por me teres contado, e lamento que tenhas tido que lidar com o meu pai sozinho... mas preciso saber o que está a acontecer. Preciso conhecer todos os pormenores da história. Depois ligo-te, prometo.

– Não podes. – A voz de Richard soava exausta. – Dentro de cinco minutos estão a chegar seis miúdos para os pôr de castigo.

– Esta noite, então – disse Alice, e ouviu o estalido da porta de um carro a fechar-se. Richard deve ter ido até ao parque de estacionamento da escola para lhe ligar da privacidade do seu *Renault Clio*, e Alice fechou os olhos contrariando as inevitáveis vagas de culpa.

– Hoje à noite está ótimo – disse ele, num tom de voz mais conciliador. – Falamos nessa altura então. Oh, e Alice?

– Sim? – A voz dela pouco mais era do que um sussurro.

– Amo-te.

Alice imaginou que era capaz de sentir os olhos de Max fazendo buracos nas suas costas.

– Eu também – disse ela.

Maureen apressou-se a avançar assim que Alice baixou o telefone do ouvido, e escutou em crescente estado de choque o que a amiga lhe contou sobre o que acontecera.

– Foda-se... – proferiu Maureen, e Alice assentiu com a cabeça sem forças.

– Preciso telefonar à minha mãe.

– Claro. – Maureen segurou-a pelos ombros. – Vai correr tudo bem, fica descansada. O Freddie fez a coisa certa, agora vai ter toda a ajuda de que precisa.

Alice imaginou os olhos bondosos do irmão. Pensou em todas as vezes que a havia defendido, encorajado, espicaçado e oferecido o seu ombro quando se sentia um farrapo. Fazia parte do grupo dos bons – uma das melhores pessoas deste mundo – e só de pensar nele tão ferido e magoado, tão sozinho, e com tanto medo, fez que Alice tivesse vontade de se deitar no chão e chorar.

– Tenho de ligar para casa – tornou a dizer e Maureen deixou-a sozinha.

– Força – incentivou-a com doçura. – Eu e a Steph vamos ficar à espera. Podemos conversar sobre tudo isto mais tarde, ou então podemos embebedar-nos e esquecer o assunto... ou talvez não – acrescentou, reparando na expressão na cara de Alice.

– Obrigada por seres tão simpática – murmurou Alice, e Maureen dirigiu-lhe um sorriso inusitadamente tímido.

– Ora, porra – disse Maureen em voz baixa. – És minha amiga, ainda que na realidade penses que eu seja uma pessoa terrível. E vai ficar tudo bem mesmo, prometo. Todos nós gostamos de ti... e do Freddie também... e vamos ajudar-te a ultrapassar tudo isto.

Alice viu-a regressar ao sítio onde os outros ainda se encontravam sentados e reparou no olhar preocupado de Max. Não podia acreditar que enquanto a pobre da sua família estava a lidar com o choque da doença de Freddie – e era óbvio que ele se encontrava muito doente – ela andara a atirar as preocupações ao vento. No sentido literal da expressão – *atirara-se* ao vento. E se tivesse havido um acidente? E se as suas atitudes a tivessem relegado para uma cama de hospital – ou pior? Como se já não bastasse a preocupação dos seus pais em relação ao seu comportamento de criança, uma criança estouvada e estúpida. Alice já passara por isso, e sabia como a história terminava – com dor, arrependimento e uma culpa horrível. Mas o que diabo tinha na cabeça?

Virou as costas a Max enquanto pesquisava o telemóvel à procura do número da mãe. Freddie era a única pessoa que importava agora – esse facto era tão monumental e óbvio como um elefante no meio da estrada. Todas as outras pessoas teriam de esperar.

Capítulo 40

Depois de falar com a mãe ao telefone quase uma hora, Alice sentia-se esgotada. A adrenalina vertiginosa do salto de pára-quedas dessa manhã e o entusiasmo que sentiu ao ver o oceano quando chegaram a Tangalle há muito que haviam sido afugentados pela preocupação e pela culpa, e sentia o pescoço e as costas rígidos devido à tensão. Fora difícil ouvir a voz da mãe tão transtornada. Freddie era o centro do mundo dos seus pais, o ponto cardeal de força de que eles sempre haviam dependido, e o facto de Freddie ter desmoronado de modo tão espectacular atingira-os em cheio e com violência.

Alice fora tranquilizada primeiro pela mãe, e depois pelo pai, em como o irmão se encontrava fora de perigo e em segurança, e que ele concordara em procurar ajuda assim que a verdadeira extensão dos seus problemas fora descoberta. Embora isso tenha feito que Alice se sentisse orgulhosa do irmão, também lhe despedaçou o coração saber que não havia na vida dele ninguém com intimidade suficiente que o levasse a confiar neles. Freddie tinha carradas de amigos, mas a maioria deles eram pessoas com quem trabalhava na City. Não eram amigos da vida toda como Steph e Maureen eram para ela, e como parecia evidente, não conheciam Freddie – ou se conheciam, não se importavam com ele o suficiente. Rich e o seu irmão davam-se bastante bem, mas o namorado não era o tipo de pessoa para se meter na vida das outras pessoas nem para propor uma conversa profunda e eloquente. Alice supunha que não havia muitos homens que fossem desse tipo, embora desejasse que fossem. Max e Jamal pareciam ter esse tipo de intimidade – mas, por outro lado, até Max mantivera a dor que sentia na perna em segredo do amigo.

O instinto inicial de Alice em falar com Richard fora para tentar mudar o voo de regresso a casa, e voltar às pressas para o Suffolk a fim de ajudar em tudo o que pudesse, mas a mãe disse-lhe em tom seco e abrupto para não se incomodar.

– Claro que seria melhor se estivesse aqui – retorquiu com aspereza. – Eu sabia que estas férias eram uma péssima ideia, mas agora é um bocadinho tarde de mais para te ralares com isso, não é, Alice? E seja como for, o teu irmão não está autorizado a receber visitas na primeira semana. O que poderias fazer por ele que eu não possa?

Não era intenção de Alice fazer que a sua oferta soasse como uma afronta às capacidades maternas da mãe. Mordeu o lábio. A mãe estava a sofrer, era tudo. Era muito natural que se mostrasse sensível e na defensiva – acontecera algo de terrível a um dos seus filhos, e não estava presente para amparar Freddie antes de ele cair, tal como também não estivera presente para amparar Alice – era por isso que ela estava a descarregar em si. Se Alice se ofendesse não estaria a ajudar em nada.

– Só precisamos ajudá-lo a superar o programa de reabilitação – acrescentara a mãe. – Assim que voltares para casa, podes dar uma ajuda e cuidar do teu pai, enquanto eu passo o tempo com o

Freddie. Pode ser que tenha alta na semana que vem, e iremos cuidar dele aqui.

Alice pensou para com os seus botões que era provável que o pai, um homem adulto, fosse muito capaz de cuidar de si, mas uma vez mais não disse nada e escutou enquanto a mãe continuava a falar.

– Isto foi apenas um percalço... um acidente de percurso – disse Marianne. – O Freddie voltará ao normal em menos de nada.

Lá estava aquela palavra que parecia não parar de vir à baila, pensou Alice com frieza: *normal*. Para Freddie, o normal tornara-se um litro de vodca antes do almoço e um grama de cocaína para empurrá-la para baixo. Alice pensou no quanto o irmão deveria estar a sentir-se triste na sua denominada vida de êxito para ter procurado uma válvula de escape tão radical. Perguntou-se se ele não estaria a passar por um relacionamento que terminara mal – Freddie por norma costumava contar-lhe sobre as namoradas novas que arranjava, mas pode ser que desta vez tivesse optado por não o fazer, fosse por que razão fosse. Alice queria acima de tudo vê-lo, falar com ele, dizer-lhe que estava ali – que sempre estaria ao seu lado para o que precisasse. Enquanto antes, os milhares de quilómetros de distância de casa constituíram um abençoado alívio, agora frustravam-na – era precisa em casa, onde podia tornar-se a voz da razão para atenuar o desespero da mãe. Sabia que na realidade a mãe queria que ela estivesse lá.

– Só não consigo entender – lamuriou-se Marianne.

Alice abandonara a área do bar para ir sentar-se na praia, onde fitou entorpecida o movimento repetitivo das ondas escuras à medida que fustigavam a costa, apenas para retrocederem à pressa de novo um instante depois.

– Ele tinha tudo o que sempre quis – prosseguiu a mãe. – Um lindo apartamento em Londres, um carro desportivo, um excelente emprego.

Todas as armadilhas, pensou Alice, mas não disse nada.

– E agora vai perder tudo. Tudo para que trabalhou com tanto esforço para alcançar. Se não estivesse tão preocupada com ele, estaria furiosa!

E, dito isto, desatou a chorar outra vez, soltando uns soluços tão dilacerantes que fizeram Alice chorar de novo, também.

– Mãe – disse, tentando acalmar-se. – Mãe, por favor não chores.

A mãe acabou por ficar incapaz de continuar a falar no meio do seu sofrimento e Alice aproveitou para falar por breves momentos com o pai, que parecia abalado porém determinado.

– Limita-te apenas a concentrar-te em passar um dia de aniversário feliz, querida – disse-lhe o pai, e Alice soltou uma gargalhada áspera, ouvindo a mãe fazer o mesmo em pano de fundo. Como poderia pensar em algo tão patético e irrelevante como o seu aniversário?

Quando por fim se despediram, Alice voltou para a mesa. Steph, que conhecia Freddie quase tão bem como Alice, estava em lágrimas, deixando Alice cheia de remorsos, para além da preocupação que sentia, por ter sido a pessoa que atirou um balde de água fria azedando o dia de toda a gente.

– Que disparate! – disse Maureen, agitando as mãos diante dos pedidos de desculpa de Alice. – Não estragaste nada. Continua a ser o teu aniversário e ainda vamos comemorar este dia.

Alice não podia pensar em nada pior. Não possuía a energia suficiente para fingir que tudo iria correr bem, ou que estava ótima.

Jamal e Max demonstraram-lhe a sua solidariedade assim que ela se sentou de novo, mas Alice desejava que eles se fossem embora. A culpa que sentia em relação ao salto de pára-quedas estava a fazer que fosse impossível para ela olhar para Max, que por mais absurdo que possa parecer se afigurava aos seus olhos como um inimigo. Alice sabia que estava a ser insensata, mas tudo aquilo era de mais para si; os pensamentos assoberbavam-na. Corriam velozes pela sua cabeça, e estava a debater-se para que o seu autocontrolo não desmoronasse de um momento para o outro. Desejou que todos se limitassem a desaparecer.

– E se deixássemos as meninas à vontade? – disse Max de repente, e Alice lançou-lhe um olhar de surpresa. No entanto, ele não a estava a olhar. Os olhos dele estavam postos em Jamal.

– Hum, claro. – Jamal estendeu o braço para pegar na mão de Steph do outro lado da mesa e apertou-a. – Estaremos lá em cima na Casa de Madeira se precisarem de nós, combinado?

Alice abriu a boca para pedir desculpa, mas sentiu-se como se a garganta estivesse cheia de terra.

As três raparigas ficaram a ver os dois homens saírem em silêncio, e o coração de Alice mostrou-se reconhecido para com as amigas, pelo sacrifício que ambas estavam a fazer em ficar ali a apoiá-la. Também eram as férias delas, e Steph estava a perder um tempo precioso na companhia de Jamal. Quando lhes disse isso mesmo, contudo, com as palavras abafadas pela cortina dos seus cabelos, ambas lhe disseram para deixar de ser parva.

– Para ser franca – confidenciou Maureen, com um sorriso trocista na cara –, estou bem precisada de algumas horinhas em que não seja obrigada a ver esses dois pinga-amores sempre a apalpar-se.

– Ei! – Steph aventurou uma gargalhada. – Nem de perto nem de longe lhe chamaria apalpar.

Alice escutou a galhofa despreocupada das duas com inveja. Sentia-se desligada da situação, como se o seu corpo estivesse ali sentado, mas tendo a sua mente há muito partido. As amigas já estavam a tentar abstrair-se da notícia inquietante – e não podia culpá-las –, mas Alice não podia limitar-se a colocar a situação difícil do irmão numa prateleira e esquecer-se de tudo. Mandou vir uma cerveja *Lion Lager* sem na verdade pensar no que fazia, mas descobriu que não suportaria bebê-la quando chegasse. Fechou os olhos e veio-lhe de imediato à mente a imagem de Freddie a beber às escondidas sentado à secretária. A mãe contara-lhe que ele costumava encher a garrafa de água com vodka todos os dias – que precisara fazê-lo de modo a conseguir suportar o dia de trabalho. Por que não viera falar com ela? Será que era uma irmã assim tão má a ponto de não confiar nela?

Teve a vaga impressão de que teria de telefonar a Richard muito em breve. Eram quase quatro e meia no Reino Unido, por isso ele já deveria ter saído da escola e estaria a caminho de casa. Pela primeira vez desde que o avião aterrara no Sri Lanka, Alice sentiu uma ferroadada de saudade do seu pequeno apartamento alugado, da familiaridade reconfortante do velho sofá desbotado que os pais de Richard lhes haviam oferecido, e das suas roupas muito bem dobradas e guardadas nas gavetas da cómoda que compraram numa loja de móveis em segunda mão em Cornard. Também sentia falta da presença estóica de Richard, pois sabia que se manteria calmo e pragmático ao longo deste processo. Alice costumava supor que seria forte diante de uma crise, mas enganara-se. Muito pelo contrário, agora sentia-se como se estivesse a desintegrar-se em mil pedaços.

Não parava de se perguntar se as coisas teriam sido diferentes se nunca tivesse viajado até ao Sri Lanka, se tivesse feito o que a mãe queria – e o que Richard queria, na verdade, ainda que se tivesse

feito de Lucas – e tivesse ficado no seu país, comemorado os trinta anos diante da televisão com um jogo de perguntas e respostas num *pub* no Black Boy e comida chinesa que levariam para casa. Contudo, não adiantava nada fazer especulações agora. De momento estava aqui – o que aconteceu, aconteceu; não havia como mudar isso. Só poderia tentar refazer as coisas.

Alice também ficou preocupada com a hipótese de a mãe ficar zangada com Richard por este lhe ter contado o que acontecera com Freddie depois de lho ter proibido, mas mais uma vez as suas suposições tinham ultrapassado os limites do razoável.

– Oh, compreendo muito bem por que te contou – declarou-lhe a mãe, com voz trémula. – Praticamente ele já faz parte da família, e já sabes o que eu penso acerca de segredos.

A mãe de Alice odiava segredos. Começara por ser uma reacção automática ao acidente de Alice, cuja culpa a mãe atribuía em parte à necessidade constante da filha em escapulir-se e meter-se em sarilhos. Não havia trancas nas portas da casa da família – excepto nas portas da frente e das traseiras – desde que Alice ficara com aquela cicatriz. Nem a porta da casa de banho possuía um fecho. Na opinião da mãe, os segredos eram coisas que as pessoas desleais e desonestas guardavam, e os mentirosos eram ainda piores. A ironia era que, como é óbvio, Alice passara a mentir à mãe sobre algumas das actividades mais arriscadas a que ainda se dedicava apenas porque crescera com a visão clara-e-objectiva, preto-no-branco, certo-e-errado que a mãe tinha do mundo. Na opinião de Marianne Brockley, não havia áreas cinzentas e, por conseguinte, Alice não teve outra escolha a não ser criá-las ela.

Steph deu-lhe uma palmadinha no braço e dirigiu-lhe um sorriso compreensivo.

– Estavas outra vez perdida no *País das Maravilhas* – afirmou. – Queres ir embora?

Alice olhou para as duas bebidas intocadas em cima da mesa diante das amigas, e abanou a cabeça.

– Sou capaz de subir, mas vocês as duas devem ficar... jantem qualquer coisa. Só não estou com grande disposição para festas, desculpem.

– Não te desculpes – exclamou Maur. – Compreendemos perfeitamente.

– Mas nós não queremos que fiques sozinha – acrescentou Steph. – E se tu fores para a cama, então nós também vamos para a cama.

Alice esforçou-se ao máximo para sorrir com a gratidão que estava a sentir. Apreciava o que elas estavam a tentar fazer, mas desejou que ambas pudessem entender que não queria que o seu estado de espírito sombrio lhes estragasse as férias. Não era justo para com as amigas.

Empurrando a cerveja intocada na direcção de Maureen, Alice pôs-se de pé.

– Não façam isso – disse, quando Steph fez menção de lhe seguir o exemplo. – Por favor, fiquem. Vou ficar óptima... só preciso deitar-me e digerir tudo isto, sabem. Prometo que vou ficar muito bem.

Deixaram-na ir, ainda que com uma certa relutância, e Alice calculou que teria cerca de dez minutos antes de Steph terminar o seu *cocktail* e vir ver como se sentia. Havia tantas coisas que poderia ter contado às amigas – não só em relação a Freddie, mas também a Richard, e talvez também em relação a Max. Alice sabia que estava confusa sobre como se sentia e sobre o que pensar, mas também sabia que deveria arrumar todas as ideias na sua cabeça primeiro, antes de as partilhar com mais alguém. Sempre fora assim – com propensão para o secretismo e a contemplação silenciosa –, mas esta noite, pela primeira vez em muito tempo, Alice desejou não ser assim.

A sua mente divagou de imediato para Richard à medida que se encaminhava para a Casa da Palmeira. Não chegou a saber se Richard chegara a contar aos pais que iriam marcar uma data para o casamento, mas tinha de partir do princípio de que ele não teria chegado ao ponto de fazer algo assim tão estúpido – em especial quando fizera questão de lhe deixar bem claro antes de partir para o Sri Lanka que queria que fossem os dois a dar a notícia juntos. Richard era propenso a dar com a língua nos dentes de vez em quando antes de pensar bem, mas também era uma alma sensível.

Alice voltou a pensar nessa manhã, antes de a notícia sobre Freddie ter caído como uma bomba no seu mundo e ter feito que tudo viesse abaixo como o desmoronamento de andaimes, e lembrou-se do beijo que trocara com Max. Ele apanhara-a de surpresa, mas depois, também se surpreendeu quando lhe saltou para os braços da maneira como o fez. O beijo pode ter durado apenas um ou dois segundos, mas, durante esse breve momento em que lhe retribuiu o beijo, sentira-o por todo o lado.

A verdade é que, percebeu então Alice – e a tristeza ao pensar em perder essa intimidade entre si e Max fê-la suster a respiração –, ainda podia sentir esse beijo naquele momento.

Capítulo 41

Uma tempestade chegou durante a noite, tão violenta, enraivecida e implacável que Alice se perguntou se as suas emoções despedaçadas teriam de alguma forma afectado o estado do tempo. Os trovões alto o suficiente para abanar os estrados de madeira das camas ribombavam pela casa da árvore, a chuva fustigava entrando pelas divisórias abertas sob o telhado e os relâmpagos rasgavam o céu nocturno como se para ali tivessem sido lançados por um enfurecido deus dos mares. Alice levantou-se da cama individual, levantou a ponta da grande rede mosquiteira, e enfiou-se na cama de casal com Steph e Maureen, cada uma delas ainda acordada e de olhos esbugalhados num misto de terror e de reverência.

Esperava que o barulho de toda aquela trovoadas não fizesse que Max sofresse mais outro episódio como o que sofrera no jipe. Contudo, Jamal estava com ele, e isso deveria ser suficiente para consolá-lo. Por mais que Alice quisesse descer os degraus de madeira, correr pela areia molhada e subir até à casa da árvore dele, sabia que não podia. Era capaz de pressentir que agora fora traçada uma linha entre os dois, e fora ela a fazê-lo. Maureen tivera toda a razão em trazer à baila o assunto do anel. Alice devia ter contado a Max sobre isso – era óbvio que deveria. A razão por que não o fez foi de puro egoísmo: não queria que ele soubesse. Tinha gostado da intimidade que se criara entre ambos e estava preocupada com a possibilidade de perdê-la. Neste momento, Max não só descobrira toda a verdade como também sabia que ela a havia escondido dele. Não admira que tivesse aproveitado a primeira oportunidade para fugir depois de Alice ter recebido a chamada sobre Freddie. Max deveria estar a pensar que ela era uma péssima pessoa e, naquele momento, Alice estava capaz de concordar com ele.

Falar de novo com Richard a noite anterior só fizera aumentar o seu sentimento de desprezo por si mesma, pois não tivera outra escolha a não ser mentir-lhe. Não podia chegar e admitir que tinha saltado de um avião – Richard passar-se-ia dos carros – e foi obrigada a pedir que Steph e Maureen também guardassem segredo. Como fora acabar enredada no meio de tantos nós? Sabia muito bem como – deixando que a velha Alice subisse à superfície vinda das profundezas para onde a tinha desterrado havia muito tempo. O Sri Lanka fora um catalisador para esta mudança que se operou dentro de si, mas sabia que ter conhecido Max também contribuíra em muito para isso.

Alice ficou na casa da árvore enquanto Steph e Maureen desceram para tomar o pequeno-almoço, dizendo-lhes que não estava com fome quando na verdade o seu estômago roncava que não era brincadeira. Não jantara na noite anterior porque não se sentira com forças para enfrentar a normalidade de se sentar à mesa a desfrutar de uma refeição. Alice ainda se sentia assim nesse momento, e também queria evitar Max. Ou bem que ele se afastava dela e seria educado porém distante, ou então seria tão gentil consigo que a faria desmoronar de novo. Alice não se sentia capaz

de enfrentar nenhum dos dois cenários – não ainda. Não tinha forças para tanto, só isso. Quando as raparigas voltaram, trazendo consigo alguns pãezinhos e compota para Alice, Steph informou-a um tanto ou quanto acanhada que iria passar o dia fora com Jamal – acrescentando que claro que ficaria ali se Alice assim o preferisse.

– Vai! – disse Alice, acenando com a mão para a amiga. – Estou ótima!

– O Max foi visitar um santuário qualquer de tartarugas, ou coisa do género – acrescentou Maureen.

– Por isso, pensei que podíamos passar o dia na praia, isso se estiveres pelos ajustes, claro. Que tal?

Alice sorriu com um alívio genuíno. Ficou agradavelmente surpreendida por Maur ter optado por passar o dia com ela em vez de insistir com Max para este deixar que as duas o acompanhassem. Alice escondera das suas melhores amigas os seus verdadeiros sentimentos por Max, mas talvez Maureen tenha notado algo para saber que Alice precisava de um pouco de espaço longe dele.

– Seria ótimo – disse para Maureen. – Obrigada.

Cada uma delas preparou um saco e untaram a pele exposta uma da outra com protector solar, acenando com a mão para Steph em jeito de despedida antes de enveredarem pela estrada principal e fazerem sinal a um *tuk-tuk*.

– Pode levar-nos a uma praia bonita? – perguntou Maureen ao condutor, que acenou com a cabeça cheio de entusiasmo, e lá foram elas, chocalhando ao longo da estrada empoeirada na praia antes de fazerem uma curva apertada para a direita e prosseguindo ao longo do típico e caótico trânsito do centro da cidade de Tangalle. Era bem visível de imediato que esta zona do Sri Lanka estava mais bem apetrechada para receber turistas do que as aldeias que haviam visitado mais a norte. Havia brinquedos de praia insufláveis, colchões insufláveis, baldes e pás em pilhas bem arrumadas no exterior das lojas, e muitas das pousadas e bares por onde passaram a toda a velocidade ostentavam nomes ingleses. Também havia lojas de equipamento de *surf* e turistas ocidentais usando bermudas e calções de banho ou biquínis *Billabong*, com o cabelo comprido e emaranhado e um bronzeado tão escuro como xarope.

Apesar da intensa chuvada que caíra como uma saraivada no chão apenas há algumas horas, o asfalto da estrada estava seco e rachado, e a luz do Sol era abrasadora, como dedos furiosos a arranhar a pele de Alice. O *tuk-tuk* prosseguiu pelo meio da cidade até chegarem à ponta de um carreiro longo e íngreme, onde as palmeiras suspensas lhe proporcionavam uma boa sombra.

– Ali em baixo, Praia Goyambokka – informou-as o condutor em tom jovial, estendendo as mãos a fim de receber as suas rupias.

– Está na hora de trabalhar para o bronze! – declarou Maur, escapulindo-se à frente de Alice carreiro abaixo.

Demonstrava uma alegria invulgar, mesmo levando em linha de conta o apelo e o fascínio das espreguiçadeiras e dos cocos frescos. Alice pensou que era quase como se a amiga estivesse a representar um papel... ainda que um papel bastante convincente. Tal como acontecera com ela quando recebera aquela mensagem de texto de Richard, Alice sentiu um arrepio de mal-estar, e, como veio a verificar-se, não teve de esperar muito tempo para ver as suas desconfianças confirmadas.



– Terra chamando Alice.

Maureen passou com um dedo pelo braço nu de Alice, fazendo-a estremecer.

– Desculpa, estava a quilómetros de distância daqui.

Maureen inclinou a cabeça para o lado e puxou os óculos escuros para a ponta do nariz. Estavam deitadas lado a lado em duas espreguiçadeiras elevadas, Alice à sombra de um amplo chapéu-de-sol e Maur exposta à intensidade da luz solar. Tinha desatado as alças do biquíni vermelho e afastara-as para evitar ficar com marcas brancas, e embora só estivessem na praia há cerca de vinte minutos, Alice pôde ver que a amiga já estava a começar a ganhar alguma cor.

– Típico – retorquiu Maureen. – Onde estavas desta vez?

Alice esforçou-se por sorrir, mas só conseguiu franzir o sobrolho.

– Oh, tu sabes, em lado nenhum em particular.

Virou-se por breves instantes e contemplou o oceano Índico, escutando o suave som crepitante das folhas das palmeiras que surgia vindo de trás de si. Toda a Praia Goyambokka era ladeada por árvores, e a areia sob as espreguiçadeiras era macia e branca, como açúcar refinado. Alice conseguia ouvir alguns acordes de música *reggae* escapando do bar solitário e, ao longe, um rapazinho guinchava de prazer quando uma onda varreu a zona da beira-mar e encheu o buraco que ele tinha cavado com água do mar espumosa.

– Tenho uma confissão a fazer – disse Maureen, e Alice sentiu os nós apertarem-se mais no seu estômago.

– Podes falar – disse para a amiga.

– Trouxe-te aqui mediante um falso pretexto – prosseguiu Maur. – Queria um tempo para conversar contigo a sós sobre um assunto.

– Entendo. – Alice contorceu-se até ficar sentada e agarrou na garrafa de água. Nunca vira Maureen assim, quase como se estivesse com medo, o que colocou Alice de imediato na defensiva. Estaria a amiga prestes a confessar-lhe a adoração que sentia por Max? Ou será que descobrira, de alguma forma, que os dois se tinham beijado depois do salto de pára-quedas e queria recriminá-la?

– Seja lá o que for, podes dizer-me – prosseguiu Alice, engolindo o nó de nervosismo que sentia na garganta. – Depois do que sucedeu a noite passada, duvido que haja alguma coisa que possa chocar-me.

– Não deveria ter implicado tanto contigo por causa do Max – começou Maureen por dizer, antes de ignorar os protestos automáticos de Alice e continuar. – Não, foi errado da minha parte. A notícia era tua e deves partilhá-la com quem quiseses... não tinha o direito de lhe ter contado nada.

– Por que fizeste isso? – perguntou Alice, deixando que a curiosidade levasse a melhor sobre o desejo de tranquilizar a amiga.

– Porque queria que ele soubesse que tu não és perfeita – desembuchou então Maureen. – E também porque estava pior que estragada contigo. Sei que não achas que eu seja boa o suficiente para ele... ou para quem quer que seja, verdade seja dita. Acho que passei das marcas porque estava furiosa contigo por me julgares. Mas depois recebeste aquele telefonema sobre o Freddie e senti-me a maior e a pior das cabras deste mundo. Peço-te imensa desculpa.

– Não acho que não sejas boa o suficiente para ninguém! – exclamou Alice, sentindo-se perplexa e desconcertada.

Sentia uma dor na têmpora a latejar desde a noite anterior, e esfregou o sítio onde lhe doía neste momento, esforçando-se por compreender o que Maureen estava a querer dizer-lhe.

– Achas, sim senhora! – Maureen mostrava-se agora exasperada. – Não achas que eu seja boa o suficiente para o Freddie e também não achas que eu seja boa o suficiente para o Max.

O nó desfêz-se dentro de Alice com uma pontada de alívio, apenas para ser substituído momentos depois pela culpa. Não conseguia acreditar que uma das suas melhores amigas pudesse pensar que fizesse tal juízo dela. Era horrível, mas ridículo ao mesmo tempo – e por sorte havia uma maneira muito simples de resolver o problema.

– Oh, Maur – disse Alice, desatando a rir. Sentiu-se bem melhor. – É por isso que tens andado tão esquisita comigo nos últimos dias?

Maureen inclinou a cabeça, olhando para Alice com uma expressão intrigada.

– Talvez.

– És uma tonta – prosseguiu Alice. – A única razão por que me faz impressão teres alguma coisa com o Freds é porque, bem, digamos apenas que tens uma certa tendência para partilhar em demasia.

– Oh! – De repente Maureen entendeu a verdade e os cantos da sua boca arquearam-se num sorriso.

– Estás a referir-te ao sexo e a essas coisas?

– Sim! – exclamou Alice soltando uma gargalhada.

Maureen parecia ter acalmado.

– Por quem me tomas? – perguntou. – Achas que eu te diria qual é o tamanho da coisa do teu irmão?

– PÁRA! – Alice levantou as mãos. – Nem te atrevas a dizer mais nada! E quanto a isso de não seres boa o suficiente... para ser franca, acho que és areia de mais para a camioneta dele. Em boa verdade não fazia a mínima ideia de que gostavas assim tanto dele... pensava que estavas apenas a provocar-me.

Neste momento Maureen começou a rir aliviada e também divertida.

– Isso quer dizer que tenho a tua bênção? – confirmou, parecendo de repente muito mais nova do que os trinta anos que acabara de completar.

– Claro que sim! – exultou Alice. – Ele vai ficar nas nuvens, ou melhor, vai ter vontade de ir à Lua e voltar, quando souber que gostas dele.

– E quanto ao Max? – perguntou Maureen com cautela, apanhando Alice desprevenida. – Como apita a banda com ele?

Alice respirou fundo e fitou de novo a tremeluzente linha azul onde o mar se unia ao céu. A luz solar bailava sobre a superfície da água e uma leve brisa perseguia uma sombra traiçoeira pela areia.

– Não tenho tentado manter-te afastada do Max – afirmou com franqueza. – Apenas nos entendemos, eu e ele. Acho que me deixei levar por essa ligação entre nós, e deixei as coisas chegarem longe de mais. Permiti-me fazer uma coisa que prometi que nunca mais faria.

– Merda! – Maureen arregalou os olhos. – Tu e ele...?

– Oh, meu Deus, não! – Alice abanou a cabeça com firmeza. – Nada disso. Estou a falar do salto de pára-quedas. Prometi à minha mãe que depois do acidente, tu sabes... – Levou a mão à cicatriz que tinha na cara e Maureen assentiu com a cabeça. – Disse-lhe que nunca mais voltaria a colocar-me numa situação de perigo.

Maureen ficou em silêncio por uns momentos e a concentração fazia-a semicerrar os olhos mais do que a luz do Sol.

– Mas e então, gostaste? – perguntou por fim.

– Do quê? – perguntou Alice.

– Do salto de pára-quedas. Foi divertido?

Alice desenhcou com a boca uma linha de relutante concessão.

– Suponho que foi.

– Ora então... pára de te recriminar por causa disso. O que passou passou.

Alice assentiu com um aceno de cabeça para demonstrar que concordava, embora o seu coração não estivesse de pleno acordo. Não conseguia parar de imaginar o que a família e Richard iriam pensar.

– E quanto ao Max – acrescentou Maureen, sentando-se a fim de aplicar mais protector solar nas pernas avermelhadas –, não é nenhum Freddie Brockley, mas é bastante especial... vocês os dois são. Não devias sentir-te mal por sentires uma ligação com alguém, porque esse tipo de coisa é inevitável. Às vezes conhecemos pessoas com quem temos afinidades e não existe nenhuma explicação racional para esse facto... é assim, e pronto. A vida seria uma chatice do caracas se não encontrássemos essas almas gémeas de tempos a tempos.

Alice inclinou a cabeça para o lado ao mesmo tempo que ponderava nas palavras de Maureen. Ela tinha razão, claro. A ligação que Alice tinha com Max era, de facto, algo tangível – um facto sólido que não podia nem devia ser ignorado nem subestimado. No entanto, o que não contou a Maureen foi até que ponto permitira que esse sentimento inerente de rectidão se tornasse tão forte.

– Tu e o Max não fizeram nada de errado – prosseguiu Maureen. Terminara de besuntar as pernas e estava agora a espalhar a loção na barriga. – Não agiste com base na atracção que sentes, por isso não tens nada por que te sentir culpada.

– Achas mesmo isso? – insistiu Alice e Maureen parou de esfregar o creme no corpo e virou-se de modo a encará-la.

– Acho – confirmou a amiga. – E também acho que aquilo que o Richard não sabe não pode magoá-lo. Se és feliz com ele e tu e o Max são apenas bons amigos, não há nada com que precisas preocupar-te.

Maureen estava certa, admitiu Alice, sorrindo para a amiga. Ainda poderia sair daquela confusão toda sem magoar Richard de maneira nenhuma. No entanto, isso já era demasiado tarde.

Capítulo 42

Max

*Se eu viver,
Buscarei e explorarei,
Nunca descansarei,
Lutarei por muito mais...*

Max mentira quando contou aos outros que queria visitar um santuário de tartarugas. Havia um não muito longe do Resort Cinnabar, mas não fazia tensões de aventurar-se a percorrer uma distância ainda que tão curta. Ao invés, coxeou até ao bar de praia mais próximo e sentou-se à sombra com um copo de limonada, engolindo mais uns quantos analgésicos e fazendo os possíveis para não entrar em pânico por causa do inchaço cada vez maior e da dor localizada no coto.

Viu Alice e Maureen afastarem-se de *tuk-tuk* pela estrada principal, e Jamal e Steph saírem pouco depois a pé. Max puxou o boné para os olhos de modo a tapar a cara, mas eles estavam tão absortos e centrados um no outro que não o viram. Debatendo-se para se pôr de pé outra vez assim que a costa ficou livre, Max foi a coxear com dificuldade pela areia e subiu ao pé-coxinho os degraus de madeira da sua casa da árvore, usando os corrimões para se equilibrar. A tempestade acordara-o de um sonho inquietante, onde se encontrava aprisionado numa cama de hospital, incapaz de se mexer e de falar, ao mesmo tempo que toda a família o rodeava, discutindo se deveriam ou não desligar a máquina de respiração artificial. Max abrira a boca vezes sem conta para lhes gritar que estava ali, que podia vê-los e ouvi-los, mas não saíra nada mais além de um estertor arquejante.

Fazia bastante calor no interior da casa da árvore, mas Max também não conseguia instalar-se na rede lá fora, atormentado como estava pelas lembranças do Afeganistão. Consultou o relógio. Faltava ainda uma hora para poder tomar mais qualquer coisa para as dores.

Estendido em cima da cama com a ventoinha do tecto ligada no máximo, Max tentou contar as suas respirações tal como lhe haviam ensinado nas aulas de meditação – algo em que a mãe o inscrevera e que na verdade chegou a ajudar por uns tempos. Havia uma sequência em particular que em princípio garantiria que a pessoa adormeceria quase de forma instantânea, mas que Max não parecia estar a ser capaz de desenterrar dos recantos mais tenebrosos da sua mente. Acabou por desistir e optou por deixar vaguear os pensamentos, permitindo-se um breve sorriso quando estes vaguearam e recaíram de forma inevitável em Alice. Visualizou a cara dela quando chegaram ao centro de pára-quedismo, as lágrimas genuínas de absoluta veneração que havia derramado quando o Sol nasceu no topo do Pico de Adão e a preocupação carinhosa que irradiara dela quando ele se sentou, trémulo, no chão daquele jipe. Alice encontrava-se toda suja de sangue, mas nesse momento pensou apenas nele; dera-lhe a mão no alto daquele pico; e lançara-se nos seus braços no meio daquele aeródromo.

A próxima coisa de que Max ficou ciente foi da porta da casa da árvore a abrir-se e Jamal a espreitar lá para dentro no meio da escuridão.

– Desculpa – sussurrou, com um sorriso enorme estampado na cara. – Não era minha intenção acordar-te.

Max espreguiçou-se e depois retraiu-se quando a dor se fez sentir uma vez mais.

– Que horas são? – perguntou com ar fatigado. – Está tão quente aqui.

Jamal entrou na casa de banho e Max ouviu o som do tampo da sanita a ser levantado.

– São quase sete – gritou através da porta entreaberta. – Há quanto tempo regressaste?

– Há pouco tempo – mentiu Max, içando-se com esforço. Esquecera-se de puxar para baixo a rede mosquiteira que protegia a cama, e pôde ver três novas picadas no coto. Contudo, desta vez sonhara com Alice enquanto dormia, e só de pensar nisso fê-lo sorrir apesar do incómodo que sentia.

– Onde estão as raparigas? – perguntou quando Jamal voltou a entrar no quarto, salpicando-o de água com uma gargalhada.

– A Stephie e a Maur estão no bar, e penso que a Alice foi dar um passeio pela praia – respondeu. – Vens para baixo?

Max assentiu com um aceno de cabeça, repelindo um forte impulso de ranger os dentes ao virar o corpo de modo que as coxas ficassem de frente para o lado da cama.

– Vou ter convosco lá abaixo daqui a um bocadinho... há uma coisa que preciso fazer primeiro.

Capítulo 43

Alice caminhou ao longo da praia até se encontrar a uma boa distância do Resort Cinnabar, sentindo-se perturbada, mas não deixando de desfrutar do simples prazer da sensação da areia a deslizar-lhe por entre os dedos dos pés e do ar do mar deleitando-lhe os sentidos. O Sol estava baixo e forte, o céu sobre ele era um vitral repleto de tons de dourado, lilás, cor-de-rosa e vermelho, enquanto o oceano inconstante lá em baixo se transformava num lago derretido de beleza sussurrante.

Havia bares salpicados a intervalos regulares ao longo da praia, cada um deles com o grupo de funcionários a preparar as mesas para a noite. Alice observou quando um rapaz alisou a areia com um ancinho enquanto outro acendia várias lanternas feitas de estacas de madeira. Conseguia cheirar o aroma de erva-cidreira que se desprendia das velas, mas também havia outro perfume e, semicerrando os olhos ao contemplar o fumo que subia em espiral, Alice percebeu que havia pauzinhos de incenso espetados na areia em volta das cadeiras. O ambiente era intimista, mas o seu tumulto interior continuava a causar uma devastação tão violenta quanto a da tempestade da noite anterior.

Deambulou um pouco mais antes de se instalar na areia que ia arrefecendo depressa, contemplando um ponto fixo no horizonte ao mesmo tempo que arrancava distraída do joelho a crosta de um corte feito com a lâmina de depilação. Era capaz de se sentir livre de amarras aqui na sonolenta Tangalle, com todo este espaço e nada a perder de vista a não ser o borrão indistinto da possibilidade, mas, por outro lado, Alice tinha a nítida sensação de que o mundo se fechava de súbito à sua volta como a caixa mágica dos ilusionistas.

Fora agradável passar o dia com Maur em Goyambokka, mas para Alice foi quase impossível relaxar. Estava preocupada com Freddie, estava ralada com os pais, sentia-se confusa em relação a Richard, e uma emoção que tinha demasiado medo de examinar a fundo rodeava os seus sentimentos por Max. O que lhe apetecia era fugir de tudo aquilo, mas estava encurralada. Não importava a distância nem a velocidade para onde fugia; uma mistura de pensamentos ansiosos e devastadores seguiu-la-ia.

– Posso juntar-me a ti?

Alice virou-se para trás e deu de caras com Max a caminhar devagar pela areia na sua direcção, coxeando ao de leve com a perna artificial. Não o ouvira aproximar-se e disse-lho assim que ele percorreu os últimos metros de areal que havia a separá-los:

– Isso deve-se aos anos de treino furtivo no exército – gracejou ele indeciso, baixando-se e ficando suficientemente perto de Alice de modo que os joelhos nus de ambos se tocaram.

– Como foi com as tartarugas? – perguntou, e Max olhou para ela, confuso.

– Tartarugas? Oh, pois... hum, foi divertido. Passaste um dia agradável?

– Foi ótimo, obrigada – replicou Alice, odiando o tom educado e pomposo que estavam a usar um com o outro. Ela e Max não haviam tido um momento a sós desde o telefonema de Richard sobre Freddie, e Max não estava a mostrar a sua habitual e enérgica maneira de ser. Havia uma apatia nos seus olhos azuis, e não parecia sentir-se confortável, por mais posições que arranjasse na areia.

– Escuta, eu... – começou Alice por dizer, ao mesmo tempo que Max pronunciava o seu nome, e ambos se riram com um ligeiro alívio por a tensão que se instalara entre os dois ter sido quebrada.

– Fala tu primeiro – disse Alice, e Max sorriu-lhe.

– Só ia perguntar-te pelo teu irmão – declarou. – Sei como estaria a sentir-me se fosse com o Ant, por isso pensei vir até aqui saber como estavas... saber se estavas a lidar bem com toda essa situação.

– A minha mãe quer que eu regresse a casa – admitiu Alice. – Não o diz de forma aberta, mas posso perceber que está zangada comigo por me encontrar aqui. Já ponderei reservar lugar num voo antecipado, mas algo me deteve. Estou um trapo, para ser franca. Sinto uma tremenda energia nervosa a chocalhar dentro de mim... a tal ponto que acho que seria capaz de escavar um buraco que me levaria desde esta praia até ao Suffolk se alguém me desse uma pá suficientemente grande.

– E o mais provável é que conseguisses lá chegar também – reconheceu Max.

Estava com ar cansado, apercebeu-se Alice. As rugas em torno dos seus olhos estavam mais pronunciadas e havia mais quantidade de barba rala por fazer que lhe rodeava o maxilar.

– Estás bem? – perguntou Alice, pousando a mão hesitante no braço dele.

– Hei-de sobreviver – retorquiu com voz calma, e Alice recordou-se do que Jamal lhe havia contado sobre possíveis infecções, e... como era o resto?... ulcerações. Estava prestes a deslocar a mão para a testa dele a fim de verificar se tinha temperatura, quando Max continuou a falar.

– Sabes, antes disto – disse, batendo na parte superior de *Mister T* –, eu era muito semelhante à maneira como tu és agora.

Alice franziu o sobrolho.

– Em que sentido?

– Bom – disse Max. – Lembras-te de que te disse que costumava fingir que era um durão, tal como o meu irmão?

Alice aquiesceu.

– Lembro-me.

– Acho que fazes a mesma coisa, só que no teu caso a dureza equipara-se à timidez.

– Eu não sou tímida! – exclamou Alice, e Max dirigiu-lhe um meio sorriso.

– Sei muito bem disso. É provável que sejas a pessoa menos tímida que conheci há imenso tempo... na verdade, és o oposto.

Alice sentiu-se como se tivesse sido apanhada numa mentira, mas não tinha a certeza até que ponto.

– O que estás a tentar dizer? – perguntou, tirando-lhe a mão do braço.

– Aconteceram-nos aos dois coisas bastante más – disse Max. – Coisas que nos mudaram.

Alice levou a mão à cicatriz num gesto automático e depois deixou-a cair.

– Mas enquanto o meu acidente – prosseguiu Max, sublinhando a última palavra de modo a deixar bem claro que fora tudo menos isso – me encorajou a parar de fingir, o teu convenceu-te de que deves

representar um papel.

– Achas que sou uma idiota – murmurou Alice, mas Max abanou a cabeça.

– Não, não acho... não comigo pelo menos. Comigo és essa rapariga corajosa que subiu ao telhado e mandou as consequências às urtigas. És a rapariga que saltou de um avião sem um momento de hesitação... a rapariga que escalou uma montanha só para poder assistir ao nascer do Sol.

Os olhos de Alice encheram-se de lágrimas que afugentou piscando os olhos, de súbito estimulada pelas palavras dele.

– Essa rapariga é sinónimo de sarilhos – retorquiu Alice com frieza. – Vai acabar apenas por magoar as pessoas.

– Oh, Alice – disse Max, olhando para ela com tal desânimo que a rapariga foi forçada a desviar o olhar. – Acho que estás enganada, só para que saibas. Acho que a única pessoa que estás a magoar de verdade, fingindo ser outra pessoa qualquer, és tu.

– Isso não é verdade. – Alice abanava a cabeça com tanto vigor que a visão que tinha do mar ficou distorcida. A rebentação das ondas parecia agora equiparar-se ao padrão dos batimentos do seu coração dentro do peito. – Fiz a minha mãe passar as passas do Algarve antes do acidente que sofri, fi-la passar por um inferno ainda maior depois do sucedido, e... – Alice ficou sem gás e enterrou os pés nus na areia num gesto de frustração.

– Entendo – disse Max em voz fraca. – Também fiz os meus pais passar por maus bocados. Ainda faço, e sinto-me um lixo em relação a isso a maior parte das vezes. Compreendo muito bem o que estás a sentir, a sério que entendo. Mas também não posso fingir que sou o homem que costumava ser. A verdade são os alicerces sobre os quais tenho tentado reconstruir a minha vida desde que saí do exército. Aceito-me como sou, e todos os dias me aproximo mais um pouco de ser livre por causa disso. Parte da razão por que vim para cá foi para provar à minha família que estou feliz e que não preciso ser consertado.

– Nem sempre falas a verdade – declarou Alice em voz baixa. – E então essa dor na perna?

Max inspirou uma forte baforada de ar irritado.

– Esquece a merda da minha perna por um segundo.

Alice fitou-o, com os olhos arregalados de surpresa diante da mudança súbita no tom de voz dele.

– Eu esqueço-me – argumentou Alice. – Nem penso nisso... mas preocupo-me com o facto de estares com dores, claro que me preocupo.

Max atenuou de imediato o tom de voz, e agora a sua expressão era de arrependimento por ter sido tão brusco com ela.

– Desculpa – murmurou entredentes. – Começo a ficar farto de tudo girar à volta da minha maldita perna... da perna que foi pelos ares, literalmente.

– Isso não tem graça – fungou Alice, e Max aventurou uma breve gargalhada.

– Alice – gemeu Max, deixando escapar um suspiro. – Eu quase morri.

Disse-o com a maior simplicidade do mundo, porém com sentimento, e Alice sentiu os pêlos dos braços eriçar-se apesar do calor.

– As pessoas sempre recorrem a esse ditado, não é? – prosseguiu Max. «Sempre se pode ser atropelado por um autocarro amanhã.» Eu fui mesmo atropelado por um autocarro, por assim dizer,

só que tive a oportunidade de voltar a recompor-me e a pôr-me de pé. Eu. Quando tantos outros não a tiveram. Foi apenas um momento isolado, esse DEI que explodiu, mas que mudou tudo na minha vida... excepto a pessoa que sou de verdade por debaixo dessa personagem encarnada de soldado. Sou a mesma pessoa que sempre fui, só que agora adoptei-a.

– Quer dizer então que mudaste para melhor, é isso? – replicou Alice, e Max assentiu com a cabeça, apenas uma vez.

– Sem dúvida.

– Talvez eu também tenha mudado – insistiu Alice. – Talvez tenha tido que sofrer aquele acidente para parar de ser tão imprudente, para aprender que havia uma maneira melhor de viver a vida.

– Tudo isso é muito bom. – Max mudou de posição na areia até ficar com o corpo virado para ela. – Desde que sejas feliz. És feliz?

Alice assentiu com a cabeça. Podia sentir os olhos dele postos em si, mas não disse nada.

– Já me disseste isso antes, quando estávamos no comboio – afirmou Max. – Mas continuo a não acreditar em ti. Continuo a achar que poderias ser muito mais feliz do que és... ou que afirmas ser – acrescentou, e Alice enterrou os calcanhares ainda mais fundo na areia.

– Fico feliz em saber que a minha família é feliz – elucidou Alice, hesitando um pouco diante dessa meia verdade. Isto porque Max tinha razão, não tinha? Não era tão feliz quanto poderia ser. – Eles só são felizes quando são capazes de acreditar que não vou fazer nenhuma estupidez ou correr riscos de algum tipo – prosseguiu, tentando agora convencer-se tanto quanto a ele.

– *Okay*. – Max fez uma pausa, com os dedos pousados no queixo. – Se for de facto esse o caso, responde-me à seguinte pergunta: o teu irmão é feliz?

Alice sentiu-se como se tivesse levado uma bofetada.

– Não – balbuciou.

– O meu palpite é que o teu irmão também tem andado a representar bastante – continuou Max. – E agora está a passar pelo seu momento... aquele que irá mudar tudo na sua vida.

Alice nem se deu ao trabalho de reprimir as lágrimas desta vez, limitando-se a deixá-las deslizar pelas faces e pingar para a *T-shirt*. Por um momento, pensou que Max iria continuar a falar, que iria continuar a empurrá-la numa direcção por onde não se sentia preparada para seguir, mas houve algo que o impediu. Vê-la assim tão transtornada magoou-o e remeteu-o ao silêncio, e durante alguns minutos Max limitou-se a ficar apenas ali sentado e deixou-a chorar, olhando em frente para o local onde o Sol ainda estava a afundar-se. E depois, com um movimento tão imperceptível que Alice nem deu por ele, chegou-se mais para junto dela e puxou-a com força de encontro ao peito.

Capítulo 44

– Desculpa. – Alice fungou e esfregou os olhos. Chorara e deixara um grande círculo molhado na parte da frente do pólo azul-marinho de Max. – Não costumo ser assim tão patética... é só por ser o Freddie. Sinto que deveria estar lá ao pé dele.

– Está tudo bem. – Max apertou-a com mais força. – É melhor deixar sair tudo o que tens guardado dentro de ti.

– Fala o verdadeiro durão – gracejou Alice sem grande convicção, o que o fez soltar uma risada. – Conheces-me tão bem.

Ficaram sentados um bocado sem falar, e Alice escutou o som do coração de Max a bater de encontro ao seu ouvido. Era rápido e premente, quase como se ele estivesse a subir uma montanha a correr em vez de estar ali sentado na praia. Alice estava ciente de que, se erguesse o rosto para ele, os lábios de ambos ficariam ao mesmo nível, e só de pensar nisso era suficiente para lhe causar arrepios e ficar com pele de galinha nos braços e ao longo da nuca. Estar assim tão perto de Max era algo milagroso, como o encaixe da peça final do quebra-cabeças no seu devido lugar, e mais uma vez a necessidade de fugir dilacerou-a. Não era de Max que queria fugir, porém, era de tudo o resto.

– Posso fazer-te outra pergunta? – indagou Max por fim, e Alice afastou-se dele com suavidade até conseguir ficar sentada e olhar para ele em condições.

– Desde que seja uma pergunta fácil.

Max baixou os olhos contemplando as mãos.

– Receio bem que não seja. Mas é uma pergunta que implica um sim ou um não como resposta.

Alice enfiou os dedos na areia.

– Diz lá, então.

Max respirou fundo, abriu a boca e em seguida abanou a cabeça.

– Não, não deveria. Quero dizer, não sei se eu...

Alice aguardou, sem dizer nada, querendo que ele falasse, mas ao mesmo tempo aterrada com o que Max poderia dizer.

Max ergueu os olhos uma vez mais.

– Queres casar com o Richard?

Cada palavra atingiu Alice como se fosse um soco.

– Eu... – gaguejou Alice.

Max pousou a mão firme na dobra do cotovelo dela.

– Sim ou não?

– Não é assim tão simples – resmungou Alice. – Com tudo o que aconteceu com o meu irmão, não tive tempo para pensar no assunto. Quero dizer, não é assim tão importante... não neste momento.

– De certeza que não há nada mais importante – pressionou Max, ainda em voz baixa porém inequívoco o sentido por detrás das suas palavras. – Se amasses o Richard de verdade e fosses feliz, então a tua resposta seria mais límpida do que o céu sobre as nossas cabeças.

Alice ergueu os olhos.

– Há umas quantas nuvens – disse-lhe taciturna, e Max seguiu-lhe o olhar sem sorrir.

– Sim – declarou. – É o que parece.

– Quando fiquei a saber da mensagem – prosseguiu Max – sobre o anel, senti-me... Bem, foi horrível, para ser franco. Fez-me perceber uma coisa; e essa coisa foi a razão por que acabei de te fazer essa pergunta. Sei que é errado da minha parte, Alice, mas nunca seria capaz de me perdoar se não perguntasse, se não tivesse a certeza absoluta.

Alice sentiu algo transformar-se bem no fundo do seu peito. De repente sentiu-se insegura, como se as possíveis repercussões do que Max estava a dizer-lhe fossem suficientemente fortes para fazer que o chão estremecesse. Estava com medo de olhar para ele, mas incapaz de não o fitar olhos nos olhos, e os dele estavam abertos, esbugalhados e sinceros.

Max estendeu o braço e tomou a mão dela entre as suas.

– Não costumo ser este tipo de pessoa – declarou. – Detesto pessoas que enganam. Esses idiotas que se deixam apaixonar por quem não devem... sempre acreditei que não passavam de uns fracos. Mas para mim isto não é enganar, Alice... seria enganar não o fazer.

– Não fazer o quê? – murmurou Alice, e Max sorriu com tristeza.

– Segurar na tua mão, Alice. Sentar-me ao pé de ti, não apenas aqui esta noite e nesta praia, mas em todas as praias, todos os dias e todas as noites, para sempre.

O sangue afluiu às faces de Alice. Pensou que seria capaz de parar de respirar. Ou de chorar. Ou as duas coisas.

– Não vim para o Sri Lanka para conhecer ninguém – continuou Max, quase com uma gargalhada, como se não conseguisse acreditar, tal como Alice não conseguia, no que estava a confessar-lhe.

Convencera-se a tal ponto que o tipo de ligação que desejava estava perdida para si, e que nunca mais se permitiria apaixonar-se por ninguém... não depois de tudo o que acontecera.

– Mas depois, ali estavas tu, tão luminosa e resplandecente com toda a tua bondade e integridade. Tornaste-te uma das minhas melhores amigas antes mesmo de me ter apercebido do que estava a acontecer, e agora não quero mais passar um único dia sem que faças parte da minha vida. Quero que escalemos juntos mais montanhas, que saltemos de mais aviões em pleno voo. Quero ensinar-te a fazer *surf*, e quero que me leves a mergulhar. Podemos enfrentar qualquer coisa, sei que podemos... nós os dois juntos seríamos invencíveis. Sei que é uma loucura e sei também que não tenho o direito de estar aqui a dizer-te estas coisas, mas, Alice – disse Max, apertando-lhe a mão –, acho que tu...

Max deteve-se, procurando o rosto dela com os olhos.

– O que eu quero dizer é que espero... Espero que sintas o mesmo que eu.

Alice apercebeu-se de que não era capaz de falar, abrindo a boca apenas para emitir um som entrecortado. Todas as palavras dele, todas aquelas emoções e promessas – era tudo demasiado, era avassalador.

Desviou os olhos dos de Max e fixou-os na areia entre os seus pés, obrigando-se a visualizar o sorriso de Richard, o modo como o rosto dele sempre se apresentava semiamarrotado quando acordava, a maneira como os apetrechos de pesca se encontravam empilhados junto à porta das traseiras e a declaração desastrada e nada romântica, porém sincera, que lhe fizera. O que iria acontecer com Richard se ela destruísse tudo o que ambos haviam construído juntos? E o que diriam os seus pais se ela o traísse desta maneira, na mesma semana em que a suposta vida perfeita do filho deles desmoronara? Haveria tanto sofrimento e tanta dor e para quê – por causa de um homem que conhecia há menos de quinze dias?

Alice pensou no que Steph diria – seria gentil e compreensiva, mas também sensata o suficiente para salientar que talvez os sentimentos de uma pessoa nem sempre possam ser confiáveis. Que Alice se encontrava longe de casa num lugar maravilhoso, vivendo uma aventura que agora sabia ansiar há imenso tempo. Ela e Max haviam partilhado experiências juntos que pareceram especiais, e tudo isso aconteceu na mesma altura em que Richard começou a pressioná-la para marcar uma data para o casamento. A mãe dir-lhe-ia que Max não passava de uma válvula de escape para Alice, que os seus sentimentos pareciam reais, mas que na verdade não o eram. Mas também como poderiam ser? Como podia amar um homem que mal conhecia? E como podia de facto amá-la?

No entanto, o seu maior empecilho era o medo que sentia. Quando Alice estava com Max, não conseguia reprimir essa natureza infantil que possuía, o que a fazia testar os seus limites. Max reservara um salto de pára-quedas – algo que acarretava um risco muito maior do que a escalada que resultara numa curta estada no hospital e numa cicatriz medonha – e ela correra de boa vontade para aquele avião sem parar um segundo para pensar nas consequências. Em resumo, colocara-se e a Max à frente de todas as outras pessoas. O facto é que Alice não confiava em si quando estava com Max – e com Richard sabia que estaria segura. A pessoa que era perto de Max assustava-a tanto quanto a arrebatava, e Alice aprendera há muito tempo que correr atrás de um risco muitas vezes terminava com uma queda enorme.

Muito devagar, Alice retirou a mão do meio das de Max, sabendo que era provável que essa fosse a última vez que iria sentir o calor do toque dele, ou o conforto de o ter junto de si, como deve ser desta vez, e foi brindada com uma expressão tal de devoção inquebrantável que a sua determinação quase se desintegrou como o pó vermelho no cimo do Pico de Adão.

– Isto não é real, Max – disse baixinho. – Como pode ser? Não posso confiar nisto... e se eu estiver enganada, e se tu estiveres enganado? Tudo iria por água abaixo. Além de que não é justo com Richard nem com a minha família.

A expressão de Max desmoronou. Alice quase podia ver as esperanças dele começarem a estilhaçar-se.

– Compreendo tudo isso – declarou Max com tristeza. – Mas e tu?

– Eu o quê?

– E o que é justo para ti? – perguntou Max. – Sei que não queres magoar ninguém... bolas, eu também não. Mas às vezes não existe uma opção fácil – teimou ele. – Nunca conseguirás alcançar o potencial que possuis para obter a felicidade real a menos que corras alguns riscos na vida... e eu conheço-te, Alice. Vi-te acordar para a vida diante dos meus olhos.

– Mas não posso confiar nessa pessoa... nessa versão de mim que sou contigo – disse Alice, e a frustração que sentia em magoá-lo fez que a sua voz saísse aguda e desesperada. – Mais cedo ou mais tarde, iria cometer outro erro. E depois, como seria?

Max abanou a cabeça.

– Tu és uma pessoa, Alice – disse Max. – Não és um erro à espera de acontecer. E é claro que não posso prometer-te que as coisas vão dar certo, e nem que nunca mais irás sofrer. Essa é a dor e a beleza da vida... nenhum de nós sabe o que irá acontecer; tudo o que podemos fazer é vogar na crista das ondas que a vida nos oferece. E eu quero vogar nelas contigo.

Alice abriu a boca para argumentar, mas Max levantou uma das mãos a fim de silenciá-la.

– Tudo o que eu sei é que nunca me senti assim antes – afirmou, implorando agora com os olhos. – Nunca, jamais, em tempo algum. A vida é demasiado curta para ignorarmos sentimentos como este. Podia ter partido do Sri Lanka sem nunca ter dito nada, mas não quis fazer isso. Quis ser honesto, porque devo isso a mim mesmo, assim como também to devo a ti.

– Nunca deveria ter feito aquele salto de pára-quedas – resmungou Alice entredentes. – Foi egoísta da minha parte, e estúpido também.

Max ficou de queixo caído a olhar para ela.

– Mas tu adoraste cada segundo – afirmou. – Eu vi-te. Vi o quanto aquilo significou para ti.

– Viste o que quiseste ver – replicou Alice, com mais brusquidão do que tencionava. – Não sou nenhum problema que precisa ser consertado, Max. Sou uma adulta e posso tomar as minhas decisões sobre quem quero ser e com quem quero estar.

– *Okay*. – Max levantou as duas mãos.

Alice pôde perceber que o havia ferido, mas não parecia ser capaz de parar. Era quase como se alguém lhe tivesse de facto dado uma pá, e agora estava a usá-la para cavar com determinação o seu destino abrindo uma cova tão funda de onde não seria possível sair.

Max reduzira-se agora ao silêncio e desta vez, quando olhou para ele, Alice pôde ver a derrota nos seus olhos. Nesse momento não desejou outra coisa a não ser gatinhar pela areia aninhando-se nos braços dele, ceder ao desejo que estava a dilacerá-la e deixar que ele eliminasse todos os seus receios com um beijo. No entanto, precisava ser mais sensata do que isso. Tinha de sê-lo.

– Desculpa – disse Alice com redundância.

A boca de Max transformara-se numa linha fina e dura e a cor desaparecera-lhe das faces. Parecia febril e agitado.

– Não me peças desculpa – disse em tom abrupto. – Guarda as desculpas para ti... vais precisar delas quando acordares um dia e perceberes que deitaste a tua vida para o lixo, tudo porque tinhas demasiado medo para encarar a pessoa que na realidade és e o que queres de verdade.

O que podia dizer? Alice teve a terrível sensação de que Max estava certo, mas o medo era demasiado grande. Enraizara-se dentro de si, e naquele momento conservava-a como refém, a tal ponto que não foi capaz de falar, nem de se mexer, nem de fazer outra coisa a não ser fitá-lo. Observou com uma angústia impotente quando Max se pôs de pé devagar e com dificuldade, retraindo-se quando o peso do corpo recaiu sobre a prótese da perna.

– Nem estou aborrecido contigo – declarou Max com amargura, olhando para ela de cima para baixo com uma expressão que Alice tomou como repugnância. – Estou aborrecido com a rapariga a quem viraste as costas. Ela é o teu verdadeiro eu, e nunca serás feliz enquanto não o aceitares e não te conformares com esse facto.

Max virou costas e começou a afastar-se, deixando Alice sozinha na areia. Uma grande parte dela desejou que ele se voltasse, explodisse e gritasse com ela, lhe ordenasse que parasse de ser tão cobarde, pois saber que estava prestes a perdê-lo para sempre estava a deixá-la com dificuldade em respirar. Como podia deixar este homem ir embora? Como seria capaz de viver consigo?

Alice começou a pôr-se de pé, pronta para ir atrás dele, mas então um pensamento deteve-a.

Como poderia alguma vez ser feliz com Max se ele se tornasse a razão para causar tanto sofrimento às pessoas de quem mais gostava? Isso só faria que ela viesse a acabar por culpá-lo, e tudo desmoronaria.

Alice apanhou uma mancheia de areia, e depois mais outra, atirando com violência punhados dela para o ar vezes sem conta até se formarem valas de ambos os lados dela. Enquanto os dois estiveram a conversar, a massa escura do oceano engolira por fim o Sol, e a Lua surgira sorrateira a fim de substituí-lo.

Alice pôs-se de pé e começou a caminhar a toda a pressa pela praia, relutante em passar mais um momento sozinha, nessa companhia cobarde, mas a areia macia cedia a cada passo que dava, abrandando a sua evolução até que começou a praguejar de frustração. Pôde ver Max mais adiante, não muito longe do bar da praia, mas quando olhou para o lugar onde ele se encontrava, Max desaparecera. Alice pestanejou, semicerrando os olhos e tentando ver melhor a essa distância ao mesmo tempo que o terror martelava por todo o seu corpo. Em seguida, desatou a correr.

Max tinha caído, e não voltara a pôr-se de pé.

Capítulo 45

Os acontecimentos dos minutos seguintes sucederam-se com tamanha rapidez e sem contornos distintos que Alice viria a descobrir mais tarde que nunca seria capaz de relatá-los cada um em separado. Depois de ter visto Max desabar, correu o mais depressa que pôde ao longo da praia, gritando o nome dele à medida que avançava, seguido pelo de Jamal, e intercalando cada um com a palavra socorro, berrada o mais alto e com a maior urgência que conseguiu reunir. Chegou ao pé de Max ao mesmo tempo que Jamal surgiu do bar da praia, esbugalhando os olhos castanhos assim que se apercebeu da situação.

– Merda! – praguejou o rapaz, quase perdendo o equilíbrio na pressa de chegar até ao amigo.

Alice, que se deixara cair de joelhos na areia ao lado de Max, debruçou-se sobre ele para ver se ainda estava consciente.

– Ele está a respirar – constatou Alice virando-se para Jamal, e pousando a mão trémula sobre a testa húmida e viscosa de Max.

Jamal também se ajoelhou nesse momento, com a metade superior do corpo curvada sobre Max ao mesmo tempo que tentava despertá-lo.

– O que aconteceu? – perguntou Jamal, olhando de esguelha para Alice.

– Não sei – gritou ela. – Estávamos a conversar, depois ele foi-se embora e eu fui atrás e logo em seguida ele... – Um soluço interrompeu com ruído as palavras dela. – Ele de repente desequilibrou-se e caiu. Não sei.

Jamal não respondeu, optando por se virar para Steph, que vinha agora a caminhar pela areia na direcção deles, chocada e com uma das mãos a tapar-lhe a boca.

– Importas-te de me ir buscar um pouco de água? – perguntou, e Steph deu meia volta e correu pelo mesmo caminho por onde viera, apenas para regressar meio minuto mais tarde com uma garrafa cheia e Maureen colada aos seus calcanhares.

– Mas que raio? – exclamou Maur, olhando primeiro para Max e depois para Alice, que continuava a debater-se para não chorar.

Jamal desenvolveu a garrafa e deitou um pouco de água sobre a cara de Max, tomando cuidado para não deixar entrar nada para as vias respiratórias. Verificou-se uma pausa de alguns segundos, em que ninguém disse nada, e depois Max abriu uns olhos cansados e desfocados, o que fez que Alice sufocasse um soluço estrangulado de alívio.

– Estou a segurar-te, companheiro – disse Jamal, içando Max até este ficar numa posição sentada. – És capaz de tentar beber um pouco de água? Faz isso por mim.

– Ele apanhou alguma insolação? – perguntou Maureen, ao mesmo tempo que Steph pousava uma mão tranquilizadora sobre o ombro de Alice.

– Ele estava ótimo – disse Alice. – Quero dizer, dava um bocadinho a sensação de que a perna lhe doía, mas não mencionou nada sobre estar a sentir-se doente.

Os olhos de Jamal escureceram.

– Doía-lhe a perna? – perguntou o rapaz, e Alice assentiu com a cabeça como que entorpecida.

– Sim. Não me disse grande coisa, mas pude perceber.

Jamal mordeu o lábio inferior por um momento, pensativo. Max sorvera a água, mas havia fechado os olhos de novo, e Alice pôde ver o suor acumular-se por cima do lábio superior dele. Parecia doente, apercebeu-se Alice então, como se estivesse com gripe. Por que não tinha reparado nisso antes? Por que não fizera nada a esse respeito?

– És capaz de ir pedir a um dos rapazes que estão ali atrás do balcão que venham até aqui ajudar-me? – disse Jamal para Maureen. – Preciso levá-lo de volta para a casa da árvore. O Max precisa repousar e de beber muitos líquidos.

Maureen fez o que lhe pediam e, passados poucos minutos, Jamal e dois dos empregados do Resort Cinnabar levaram Max meio em ombros, meio arrastado através do bar e escadas acima até à Casa de Madeira. Alice ouviu a palavra «médico» enquanto vagava com ar infeliz atrás deles, enquanto uma mão fria de medo lhe cravou uns dedos gélidos em torno do coração.

Steph seguiu os homens pelas escadas acima, regressando apenas alguns minutos depois a abanar a cabeça.

– O Jamal diz que devemos ficar aqui em baixo – comunicou. – O Max está bem, fala e o seu discurso é coerente, mas precisa de um pouco de repouso.

– O Jamal sabe qual é o problema? – perguntou então Maureen.

– É a perna dele – respondeu Steph, lançando um olhar por cima do ombro na direcção da porta fechada da casa da árvore. – Está num estado lastimoso. O Jamal acha que pode ter desenvolvido uma infecção, mas estão à espera que chegue um médico.

– Merda – disse Maureen, com uma expressão carrancuda. – Coitado do Max.

Alice não disse nada; não podia dizer nada. Sentia-se como se tivesse engolido um punhado de vidros partidos. Tudo o que parecia ser capaz de fazer era chorar.

– Ei! – Steph tentou dar-lhe um abraço, mas Alice esquivou-se. – Tenho a certeza de que ele vai ficar bem – prosseguiu ela. – Tenta não ficar preocupada.

– Ele desabou, porra! – exclamou Alice, subindo o tom de voz. – É claro que estou preocupada como a merda.

Os olhos de Steph encheram-se de lágrimas.

– Só estou a tentar manter-me optimista – declarou, e Maureen deu um passo em frente antes que Alice se passasse dos carros outra vez.

– É óbvio que a Alice está muito preocupada – afirmou com toda a calma. – Não sabe o que está a dizer, pois não, Alice?

Alice suspirou, e a fadiga instalou-se com a mesma rapidez que a raiva apenas alguns momentos antes.

– Desculpa por me ter descontrolado.

– Não faz mal. – Steph, sempre tão razoável, conseguiu sorrir-lhe. – Esquece isso.

– Vá lá – disse Maur, fazendo um gesto na direcção da zona do bar. – Não adianta nada ficarmos aqui que nem um molho de cocos a noite toda. Poderemos ver do bar quando o médico chegar, e, assim que ele se for embora, podemos ficar a saber o que está a passar-se, certo?

Alice não conseguiu pensar em nenhuma razão para discordar, embora só de pensar em ficar quieta fazia que os seus membros formigassem de frustração. Sabia que não podia fazer nada por Max, mas queria ficar o mais perto dele que pudesse, caso precisasse de si, ou mandasse chamá-la. *Mas também*, pensou desolada, indo atrás das duas amigas até ao bar, *depois do que acabara de lhe dizer na praia, o mais provável é que Max nunca mais quisesse vê-la.*

Capítulo 46

As três raparigas ficaram sentadas no bar até os empregados começarem a arrumar tudo em volta delas preparando-se para fechar, varrendo a areia dos degraus de acesso de madeira e apagando com um sopro as velas que haviam mantido os mosquitos afastados. O médico chegara há várias horas trazido por um *tuk-tuk*, tendo ficado na casa da árvore cerca de dez minutos antes de voltar a surgir com uma expressão carrancuda na cara. Para Alice, que se acostumara a ver um sorriso no rosto da maioria dos cingaleses que encontrava, ver o médico com um ar tão sombrio equivalia a uma sombra pairando sobre as suas esperanças.

Hesitaram por uns instantes, ponderando sobre o que fazer, e então o telemóvel de Steph tocou com a chegada de uma mensagem de Jamal, dizendo-lhe para não ficar preocupada e que deveriam ir todas para o quarto dormir.

– Mas o que disse o médico? – indagou Alice. – Ele vai ficar bem?

Steph encolheu os ombros.

– O Jamal não diz nada a esse respeito. Suponho que o Max deve estar bem, caso contrário iriam para o hospital ou coisa que o valha.

– Não podes perguntar-lhe? – Alice estava exasperada.

Steph fez uma careta.

– Não quero começar a bombardeá-lo com vinte perguntas, logo agora que ele já tem de se preocupar com o Max – respondeu. – Tenho a certeza de que veremos o Max de manhã e de que tudo estará bem. O mais provável é que tenha ficado desidratado ou coisa parecida. Talvez a perna seja apenas uma manobra de diversão, quem sabe?

Alice achou que a amiga estava a levar a sua natureza otimista ao extremo.

Por fim, não puderam ignorar por mais tempo os olhares suplicantes dos empregados do bar, e até Alice admitiu que a melhor coisa a fazer seria ir para o quarto descansar. No entanto, não fazia tenções de dormir. Queria manter-se alerta caso acontecesse alguma coisa.

– Não podes dormir na rede – disse Steph com brandura, contemplando Alice com olhos tristes quando esta se estendeu nela. – Vais ser devorada viva aí fora.

– Não quero saber. – Alice mostrava-se determinada. Na sua opinião, merecia servir de repasto para milhares de insectos.

– Bem, nesse caso põe isto, pelo menos – disse Maureen, atirando-lhe uma lata de repelente em *spray*. – Não vale a pena contrair malária só porque és casmurra como um raio e meteste na cabeça que vais dormir na rede.

Depois de terem fechado a porta da casa da árvore atrás de si, Alice instalou-se no seu casulo de lona e ergueu os olhos contemplando através do telhado de colmo da varanda o ponto onde as

estrelas cintilavam ao longe. Pensar em Max era demasiado doloroso, por isso optou por pensar em Freddie, perguntando-se como o irmão teria enveredado por um caminho tão sombrio e solitário, e por que razão ele não se sentira capaz de confiar nela. Até onde Alice conseguia retroceder o seu pensamento fatigado, Freddie sempre fora a cereja no topo do bolo para os pais, no entanto recordou-se agora do quanto lhe parecera estranha a escolha da profissão do irmão quando este comunicou a todos a novidade.

Encontravam-se os dois sentados à mesa da cozinha da casa dos pais na época, e Freddie estava a abrir uma garrafa de vinho tinto que havia levado para o tradicional almoço de família dos domingos.

– Vais trabalhar num banco? – troçou Alice. – Tu? O senhor ténis coçados e barba de três dias? Não me cheira.

Freddie encolhera os ombros.

– O salário é bom – respondera-lhe.

– E? – Alice lembrava-se de que chegara a rir-se dele. – Desde quando te ralas com dinheiro?

Foi nesse momento que a mãe havia interrompido a conversa, depositando um beijo no alto da cabeça de Freddie quando se dirigiu do frigorífico para o fogão.

– Desde que ele fez questão em deixar-nos orgulhosos – comentara em tom afectuoso. – Alguém vai ter de olhar por nós na velhice, não sei se sabes.

Alice franzira o sobrolho olhando para o irmão, descobrindo nele de repente uma pessoa que não conhecia tão bem quanto julgava. Freddie sempre lhe dissera que queria trabalhar em obras de voluntariado, que gostava da ideia de fundar algo sem fins lucrativos que pudesse ajudar os outros. Esta nova orientação parecia fora do contexto para um homem que nunca era capaz de passar por uma caixa de donativos sem esvaziar os bolsos com os trocos que pudesse levar. Freddie chorara nos filmes da Comic Relief que passavam na televisão, e levava comida para cães e chávenas de chá para os sem-abrigo – nunca fora o tipo de pessoa em busca do lucro fácil a trabalhar para uma grande empresa impessoal e sem rosto.

– Este não és tu – dissera-lhe Alice, certificando-se de que a mãe não os ouvia, e Freddie limitara-se a assentir com a cabeça, com uma expressão resignada.

– Eu sei – sussurrara-lhe o irmão. – Mas pelo menos ela está feliz.

Alice não precisou perguntar-lhe a quem ele estava a referir-se quando disse «ela». Tal como ela, Freddie fazia tudo o que podia para manter a mãe feliz. Alice compreendia que o acidente que sofrera fora traumático para a mãe – talvez até mais do que fora para Alice – e por conseguinte continuava a tentar compensá-la por isso, a toda a hora e a todo o instante.

Freddie também fora enredado em toda esta trama, como é óbvio. Era um adolescente quando Alice caiu do telhado e todas as suas liberdades desapareceram de um dia para o outro, ainda que não tivesse sido ele a ferir-se. Quando Freddie saiu de casa para ir para a universidade em Londres, tinha de telefonar para casa todas as noites para informar a mãe de que estava bem – um hábito que perdurou todo o primeiro ano do curso. Como o irmão deve ter-se sentido sufocado, percebia Alice agora. E fora tudo por sua causa.

Max tinha razão, o irmão não era feliz. Nunca fora feliz – não por completo. A vida que estava a viver era uma que ele havia construído do desejo em agradar às outras pessoas, e manter essa

mentira custara-lhe tudo – quase a vida.

Alice fechou os olhos, bloqueando e ignorando as estrelas, apenas para dar um salto violento quando a porta da casa da árvore rangeu ao abrir-se e Steph surgiu, com o seu cabelo frisado todo de esguelha. Envergava uns calções de ganga cor-de-rosa e um *top* com a imagem de um gato a usar uma tiara. Ao ver que Alice ainda estava acordada, aproximou-se em bicos de pés.

– O Jamal acabou de me enviar uma mensagem de texto – disse, mantendo o tom de voz baixo para não acordar Maureen. – Vou até à cabana ter com ele.

– Vou contigo. – Alice já se encontrava de pé. Não se dera ao trabalho de mudar de roupa quando regressaram do bar e limitara-se a enfiar uma *T-shirt* do Harry Potter por cima do macacão preto.

Steph lançou-lhe um olhar algo intrigado, mas não discutiu, e as duas apressaram-se a descer os degraus de madeira atravessando o caminho arenoso que separava a casa da árvore dos rapazes da delas.

A expressão de Jamal suavizou-se assim que avistou Steph à entrada da porta, mas estreitou os olhos quando Alice surgiu atrás dela.

– O Max está bem? – perguntou Alice, preferindo ignorar a frieza notória. Tentou espreitar pelo intervalo da porta, mas tudo o que conseguiu ver de Max foi parte do seu peito nu deitado na cama de casal.

Jamal fechou a porta atrás de si.

– Ele precisa descansar.

– Posso vê-lo? – perguntou Alice, ouvindo o tom suplicante da sua voz insegura. – Posso ficar com ele por um bocado se precisares descansar, o que achas?

– Não preciso descansar – retorquiu Jamal, sem qualquer vestígio do seu habitual bom humor. – E, para ser sincero, acho que tu és a última pessoa que ele precisa ver neste exacto momento.

Alice recuou como se lhe tivessem batido, e Jamal revirou os olhos.

– Desculpa, não foi minha intenção ser tão mal-educado, mas o Max tem falado bastante durante o sono e bom... Acontece que estou convencido de que o que quer que tenha sido falado entre vocês os dois mais cedo o perturbou imenso. Não quero que ele fique ainda mais agitado.

– Está certo. – Alice falou num fio de voz. – Eu vou-me embora.

Virou costas e apressou-se a afastar-se deles, com os olhos a arder-lhe de lágrimas não derramadas. Queria apenas uma oportunidade para pedir desculpa, para dizer a Max que tinha toda a razão em relação a si mesma, em relação a Freddie, em relação a tudo. Era uma cobarde e ele tinha todo o direito de odiá-la, mas isso não impedia que saber desse facto a ferisse como punhais.

Quando chegou ao fundo dos degraus que davam acesso à Casa da Palmeira, Alice virou-se para trás e ergueu os olhos para a varanda de Max e Jamal. Steph ainda ali estava, com os braços rodeando a cintura do seu novo namorado enquanto este se curvava para a frente e lhe sussurrava ao ouvido. Steph assentiu com a cabeça, mas não sorriu, e Alice viu Jamal entregar à amiga um pequeno pedaço de papel dobrado, que ela meteu no bolso traseiro dos seus calções.

Depois beijaram-se, e Alice fincou os olhos no chão, não querendo intrometer-se mais na felicidade deles do que já havia feito. Tudo o que sempre fez, desde os dez anos, foi tentar fazer felizes todos quantos a rodeavam, contudo, por alguma razão, continuava a meter os pés pelas mãos.

Se Richard estava feliz, então Alice não estava. Se a mãe estava feliz, então Alice não estava. Havia um padrão em tudo isto que deveria ter sido manifestamente óbvio – e fora-o para Max, que vira tudo e compreendera, e contudo isso não o impedira de gostar dela – gostar dela de verdade. E o que fizera ela? Atirara-lhe tudo isso em cara. Cada palavra.

Capítulo 47

Apesar dos pensamentos perturbadores que lhe percorriam a mente e do rugido persistente do oceano, Alice acabou por adormecer, acordando apenas quando uma Maureen já toda vestida e pronta a empurrou ao de leve com um dedo. Cerrou os olhos assim que os abriu, erguendo uma das mãos para bloquear o sol.

– Que horas são? – murmurou entredentes com uma voz cavernosa.

– São quase nove. – Maureen reprimiu um bocejo. – Mas temos de fazer o *check out* até às dez, por isso achei melhor acordar-te.

Os acontecimentos da noite anterior aterraram com um baque surdo no meio do peito de Alice.

– Já viste os rapazes? – perguntou, atropelando as palavras, e sentando-se tão depressa que quase caiu da rede.

Maureen cerrou os dentes.

– Hum... – disse, e Alice agarrou-lhe o braço.

– O que foi? O que aconteceu?

– Eles foram-se embora – disse Maureen, olhando para Alice com genuína piedade. – O Jamal conseguiu encaixá-los num novo voo, mas partia esta manhã, por isso apanharam um táxi por volta das quatro da manhã.

– O quê? – Alice ficou chocada e horrorizada. – Por que não veio alguém acordar-me?

Maureen encolheu apenas um dos ombros, sem responder.

– Não sei. Eu só fiquei a saber esta manhã. Acho que a Steph se despediu do Jamal um pouco antes disso. Ele enviou-lhe uma mensagem de texto ou algo do género. O Max está com uma infecção – o médico confirmou-o –, contudo recusou-se a ir para o hospital. Disse que queria consultar-se com o seu médico quando voltassem para casa, por isso acho que o voo antecipado foi uma solução de compromisso entre os dois.

– Eu deveria ter ido nesse maldito voo – lamuriou-se Alice. – Deveria ter alterado o meu voo assim que soube o que aconteceu com o Freddie. Por que não o fiz?

Maureen estava a olhar para ela com uma expressão cada vez mais alarmada.

– Disseste que a tua mãe disse para não fazeres isso.

– Que se lixe a minha mãe! – rosnou Alice, saindo por fim da rede e passando uma das mãos agitada pelo cabelo. – Estou farta de fazer tudo o que ela quer o tempo todo, porra.

– *Okay*... – Maureen parecia estar à beira de soltar uma gargalhada nervosa.

– Estou a falar a sério! – prosseguiu Alice. – Estou farta. Já não aguento mais vê-la a tentar controlar a minha vida.

– Ela tenta controlar a tua vida? – perguntou Maur, e Alice assentiu com um aceno de cabeça.

– Sim! Mas não vou deixar que continue a fazer isso. Vou ligar-lhe já e dizer-lhe isso mesmo. Vou... Onde está o meu telemóvel? – perguntou, apalpando cada um dos bolsos e virando depois a rede ao contrário num acesso de fúria.

Steph abriu a porta da casa da árvore.

– Está aqui – declarou. – A carregar. Exactamente onde o deixaste a noite passada.

– Certo – vociferou Alice, entrando de rompante na cabana. – Ótimo. Certo.

Chegou à beira da cama antes de se dobrar sobre si em sofrimento, mordendo o lábio até sentir o sabor do sangue. Quando Steph correu até ela para a consolar, Alice sacudiu os ombros repelindo-a.

– Estou ótima – declarou, embora nenhuma delas tivesse qualquer espécie de dúvida de que não estava.



A viagem entre Tangalle e Mirissa decorreu sem incidentes. Alice sentou-se toda encolhida no lado esquerdo do *tuk-tuk*, fitando a costa, porém mal reparando nela, à medida que percorriam as aldeias a grande velocidade. O cheiro da pescaria da manhã pairava espesso no ar, e contou doze bancas improvisadas apinhadas até acima de uma grande variedade de fauna marinha. Nem a visão de um cão vadio a roubar uma lula foi capaz de lhe arrancar um sorriso dos lábios. Tudo o que Alice conseguia pensar era que queria chegar a casa, mas perdera o voo dessa manhã devido à sua incapacidade de tomar uma decisão, e agora não havia mais nada que pudesse levá-la de volta ao Reino Unido antes do que haviam planeado no início.

Esforçava-se para não se mostrar rabugenta – se não fosse pela sua sanidade mental, então pelo bem de Steph e de Maureen, que ainda dispunham de uns dias de férias que mereciam desfrutar. Alice calculava que já tinha causado problemas a um número suficiente de pessoas de quem gostava, sem precisar acrescentar as suas duas melhores amigas à lista.

Steph estava mais calada do que o habitual, presumivelmente triste por ter sido obrigada a despedir-se de Jamal de forma assim tão abrupta, mas Alice não tinha dúvidas de espécie nenhuma de que os dois se encontrariam dias depois de as três regressarem a casa. Aquele pedaço de papel que Jamal entregara à amiga na noite anterior só podia conter os seus números de contacto, anotados à mão para que não pudesse esquecê-los, ainda que perdesse o telemóvel. Era um gesto romântico, de facto. Estava a tentar não ficar zangada nem com Steph nem com Jamal por terem permitido que Max partisse sem lhe dar uma hipótese de vê-lo – Alice sabia que ambos levavam em linha de conta os interesses dos amigos de cada um em separado. Mas também nenhum deles estivera com ela e com Max na praia – não ouviram o que ele havia dito nem viram a expressão na cara dele ao dizê-lo. Alice não conseguia acreditar que Max preferira partir sem uma única palavra, mas talvez estivesse a ser ingénua. Ficara ali sentada a escutar enquanto ele se expunha e exprimia os seus sentimentos para quem quisesse ouvir, e depois ela deitara tudo isso fora que nem areia lançada ao ar. Não conseguia parar de visualizar o ar de sofrimento perplexo estampado na cara dele quando ela desdenhou e menosprezou o salto de pára-quedas – o salto de pára-quedas que ele havia pensado e preparado como um presente. Max fizera isso, e ela destruíra tudo e cuspira-lho na cara. Alice nunca se sentira tão envergonhada na vida.



Deram entrada num hotel asseado porém bastante rudimentar em Mirissa, e depois passaram a tarde a explorar. À semelhança de Tangalle, a pequena cidade possuía uma atmosfera insular, com lojas de *souvenirs*, inúmeros bares e uma infinidade de excursionistas exibindo calças largas tingidas com estampados psicadélicos e rastas no cabelo. As pessoas eram mais relaxadas junto à costa, e tudo parecia mover-se a um ritmo muito mais lento do que o que ocorria nas cidades.

Alice perguntou a Steph a cada dez minutos se tinha notícias de Jamal, mas não haviam chegado mensagens novas. Chegara a activar o *roaming* no seu telemóvel a fim de examinar as contas de Max no Facebook e no Instagram, não fosse dar-se o caso de ele ter acrescentado alguma actualização antes de embarcar no avião, mas também não havia nada de novo ali. O seu último *post* no Instagram era uma fotografia que ele tirara dos elefantes no Parque Nacional de Pudumayaki. Acrescentara uma legenda bem-humorada em baixo sobre ser «a calma antes do elefante tempestuoso», e tudo o que Alice conseguia pensar era que sentia tantas saudades dele que chegava a doer.

Depois de voltarem para o hotel a fim de mudar de roupa e apanhar a que haviam lavado mais cedo – e que a amável proprietária dispusera, cuecas e tudo, a todo o comprimento do telhado de uma pequena cabana que ficava bem à vista de cada hóspede que ali se encontrava – Alice, Steph e Maureen dirigiram-se à praia para jantar. Havia restaurantes espalhados um pouco por todo o lado, e Alice vagueava atrás das amigas de propósito, satisfeita por deixar que fossem elas a decidir onde comer. Pouco depois, encontravam-se sentadas em pufes balofos e peganhentos a ver o Sol a pôr-se atrás do oceano, Steph e Maureen brindando aos diversos pontos altos da sua viagem e concordando sobre todas as coisas de que iriam sentir mais falta em relação ao Sri Lanka, enquanto Alice estava sentada muda ao lado delas. Quando recebeu uma mensagem de Richard, quase nem olhou para ela, odiando o quanto estava a ser injusta com ele, porém impotente para fazer o que quer que fosse a esse respeito. A tristeza era apenas demasiado pesada e a mágoa começava a solidificar à sua volta como cimento húmido.

A escuridão pareceu chegar de repente, como se o dia tivesse sido desligado por intermédio de um interruptor, e os empregados de mesa apressaram-se a percorrer as várias mesas acendendo velas. As robustas palmeiras que se alinhavam em torno dos limites do restaurante haviam sido enfeitadas com luzinhas decorativas e pequenos gatos de pelagem tartaruga caminhavam com cuidado por entre os pés dos veraneantes, esfregando os seus corpos frágeis de encontro à pele nua das pessoas na esperança de receber um pedaço ou dois de comida. Pilhas de peixes de cores vivas exibiam-se com orgulho numa mesa coberta de gelo na parte da frente da sala de refeições, mas Alice descobriu que sentia apenas piedade quando contemplou os seus olhos brilhantes e impassíveis.

No fim, mandou vir o seu favorito *kottu roti*, optando por legumes em vez de carne, e substituiu a água pela cerveja assim que a comida chegou. Sabia que o álcool só a faria sentir-se pior, mas ansiou pela válvula de escape momentânea para o desânimo que a bebida lhe proporcionaria. Maureen descobrira uma tabuleta anunciando uma festa mais adiante na praia, e mostrou-se inflexível dizendo que todas deveriam ir. Alice concordou com o plano com um aceno de cabeça ao mesmo tempo que empurrava a comida de um lado para o outro no prato – faria o sacrifício de cumprir o calendário das três derradeiras noites das férias. Devia isso às amigas.

– Não é divertido? – articulou Maureen com dificuldade uma hora mais tarde, agarrando nas mãos de Alice numa tentativa de fazê-la rodopiar num círculo. O *DJ* da festa na praia tocava músicas de discoteca que Alice já não ouvia desde o fim da década de 1990, mas, quando muito, isso parecia estimular Maureen ainda mais. O amontoado de gente que dançava na areia ao lado delas era composto, na sua maioria, por jovens mochileiros, mas também havia ali um número considerável de cingaleses.

Apesar de executar alguns movimentos impressionantes e de fazer girar o cabelo a toda a volta como se fosse uma verdadeira *Rapunzel* desgobernada, Maureen não conseguira captar a atenção de homem nenhum. Um facto que estava neste momento a lamentar junto de Steph e de Alice com alguma persistência.

– O que tem uma rapariga de fazer? – gritou por cima da música. – Quero dizer, qual é o segredo?

Steph pensou por uns momentos.

– Acho que fazer a roda – declarou, e Alice franziu a testa divertida.

Era evidente que Steph estava muito mais atestada do que parecia. Alice não prestara atenção à quantidade de bebidas que cada uma delas estivera a ingerir.

– A roda? – guinchou Maureen. – Mas eu não sei fazer a roda. – Falava tão depressa e com tamanha indignação ébria que todas as suas palavras lhe saíam da boca juntas e em tropel.

– É fácil – garantiu-lhe Steph, agitando um dedo na sua frente.

Envergava de novo os calções de ganga cor-de-rosa, desta vez com um *top* preto e liso, que metia para dentro dos calções com uma das mãos.

– Segura aqui! – pediu, empurrando o *cocktail* na direcção de Alice antes de se preparar para a manobra no mesmo lugar. Maureen, que estava tão embriagada que não conseguia ficar quieta, desatou aos pulos para cima e para baixo na areia na expectativa.

– Cá vai disto! – berrou Steph, impulsionando-se para a frente e conseguindo completar uma roda com as pernas algo tortas. Maureen começou a aplaudir em voz muito alta.

– Olha! – declarou ela. – É por essas e por outras que tu tens o Jamal e que eu vou morrer sozinha!

Cambaleou para a frente alguns passos ao dizer isto, pontapeando alguma areia para os pés de Alice, e depois curvou-se de repente a fim de apanhar uma coisa do chão.

– O que é isto? – perguntou, examinando de perto o pedaço de papel dobrado. – Acho que é para ti – acrescentou, entregando-o a Alice.

Steph chegou-se à frente para ver, com a mão a voar de imediato a fim de tapar a boca.

– Oh, porra! – praguejou, e a embriaguez fê-la soltar uma risadinha. – Deve ter caído do meu bolso. O Jamal entregou-mo ontem para te dar, mas com tudo o que aconteceu devo-me ter esquecido. Desculpa, Alice.

Alice não estava a ouvi-la. Fitava o pedaço de papel nas mãos da amiga – um pedaço de papel onde estava escrito o seu nome.

– De quem é? – perguntou Maur, mas Alice não respondeu. Ao invés, desdobrou o bilhete e começou a ler.

Capítulo 48

*Primeiro vem o amor
Vi-o brilhar ali
Reflectido nos olhos dela
E nas madeixas do seu cabelo,
Primeiro vem o amor
Um líder, um ladrão
Irrompendo através da superfície
Até ao meu coração que está por baixo,
Primeiro vem o amor
Procurou por mim inconscientemente
Não sabia que o tinha em mim
Até que ela olhou para mim.
Primeiro vem o amor
Brilhante como essas estrelas
Que juntos contemplámos
Como se o mundo fosse nosso,
Primeiro vem o amor
A verdade vem logo atrás
A coragem deve ser a terceira
Já que a esperança é cega...*

Capítulo 49

Max

*Se eu viver,
Esforçar-me-ei por aprender
Como é a vida sem ela
E como parar de ansiar...*

As vibrações vieram em primeiro lugar, o retumbar dos pesados pneus de encontro à terra seca. Tudo era reluzente e quente e Max era capaz de sentir o peso do fato blindado sobre os ombros e exercendo uma forte pressão no seu peito. O pó bailava no ar, um remoinho de insectos precipitando-se de uma pessoa para outra e, algures na parte dianteira da caravana, ecoou um grito.

Max esforçou-se por pestanejar, sabendo que estava a sonhar e também incapaz de acordar. *Abre os olhos*, exortou, receando o que poderia acontecer se o não fizesse, temendo a dor que sabia não tardaria a chegar arrastando-o de volta para esse lugar de terror e escuridão.

Sentiu o seu corpo dar uma guinada para baixo, depois para um dos lados, o estômago desaparecendo como se tivesse sido atirado para uma profunda ravina. O suor começou a escorrer-lhe pela cara. Não estava a usar o capacete. Por que não estava a usar o capacete?

– Max.

Era Jamal. Mas não podia ser. O Jamal não estivera no deserto consigo.

– Max, está tudo bem. É apenas turbulência. Vai para o teu porto seguro. Estás a ouvir-me? Merda. Max, vá lá, acorda. Tens de acordar.

O seu porto seguro. Sim, era isso mesmo. Max não conseguia acordar deste pesadelo, não conseguia abrir os olhos e eliminar o sabor da morte dos seus lábios, mas podia usar o que lhe restava de forças para se transportar para outro lugar, onde não fazia calor, onde podia respirar. Mas que lugar era esse?

Podia ver um riacho vertiginoso e de águas agitadas, e os seus joelhos nus tal como eram antes, quando era criança, esticados à sua frente, e tomou consciência da presença reconfortante do irmão, Ant, ao seu lado. Durante alguns momentos, a imagem bailou em redor de Max, e ele esticou os dedos, tentando atrair os elementos separados na sua direcção, ou então arrastar-se para dentro da imagem com eles, para um lugar onde se sentiria seguro. No entanto, a imagem começava a dissolver-se, uma pintura que se segurava debaixo de uma torneira, um sonho que se abria pelas costuras. A escuridão chegava sorrateira pelas margens, pontos negros de desespero que davam lugar a outros vermelhos.

O vermelho era mau, o vermelho significava dor.

Max ignorou a voz que conseguia ouvir instigando-o a acordar. Gritava-lhe sem cessar. Não confiava nela – acordar era sinónimo de armadilha. Não havia nada ali para si a não ser mais dor. Fechou os olhos apertando-os com força e imaginou que ia numa viagem; que ia viajar até ao interior de si mesmo até um lugar onde o seu coração continuasse a bater, com um ritmo superficial e irregular. O que iria encontrar ali dentro, perguntou-se, se ao menos conseguisse abrir a porta?

Max foi mais longe, precipitando-se na direcção da luz que brilhava ali, esperando por ele. A vermelhidão começou a escurecer. Já não era a cor do medo, mas sim a tonalidade calmante da noite. Uma noite com um céu amplo e límpido, pejado de estrelas. Mil estrelas.

Ela estava ali. Alice. Max não conseguia vê-la, mas podia senti-la quando ela estendeu a mão de modo a pegar na sua e soube que ela não iria abandoná-lo. Que ela o manteria junto de si para sempre.

Max sentiu o medo escorrer para fora de si e a felicidade irrompeu no seu lugar. Alice era o seu porto seguro, e agora, que a havia encontrado, poderia relaxar.

Capítulo 50

Richard atendeu ao segundo toque.

Era a derradeira noite de Alice no Sri Lanka, e ela, Steph e Maureen iriam passá-la na cidade portuária de Galle, no Sudoeste do país. A área havia sido colonizada em diferentes épocas da História pelos portugueses, pelos holandeses e pelos britânicos, e a influência de cada um desses povos ainda era patente na arquitectura europeia da região e no bastião fortificado. O desejo de Maureen em ir às compras foi por fim concedido, uma vez que o centro da cidade era um labirinto de *boutiques*, cafês e geladarias. Não era permitido trânsito no centro da cidade, o que significava que Galle possuía uma atmosfera calma e quase intemporal, o que estava em completo desacordo com o resto do país. Pavões selvagens deambulavam empertigados pelos telhados, vendedores de pipocas empurravam os respectivos carrinhos ao longo da avenida marginal e as crianças corriam umas atrás das outras através de praças calcetadas.

Era uma cidade pitoresca, porém bastante tranquila também, e Alice deu o seu melhor para extrair o máximo possível da paz que lhe era oferecida, absorvendo a vista sobre a água à medida que percorria a muralha exterior da cidade, à procura de um sítio onde pudesse sentar-se. O farol de Galle erguia-se orgulhoso na extremidade do passeio pedonal revestido de seixos, e Alice voltou a lembrar-se de Max mais uma vez. Ele agira como uma fonte de inspiração na sua vida, mostrara-lhe o caminho rumo à verdadeira felicidade, e agora cabia-lhe a ela terminar o que Max havia iniciado.

– Obrigada por teres concordado em conversar – disse, desviando o seu pensamento de Max, voltando a centrá-lo em Richard. Oscilava com tanta frequência entre os dois homens nos últimos dois dias que Alice sentia-se como se o seu cérebro fosse um pêndulo. Assim que lera o poema de Max, entendera o que deveria fazer, mas ainda assim concedera-se um tempo para aceitar a decisão que tomara, deixar que a ideia e todas as consequências que acarretava penetrassem na sua consciência até poder ter a certeza de que não era uma simples reacção automática.

Sentou-se numa porção de relva esparsa e deixou cair as pernas sobre o rebordo do paredão. Ao longe, podia ver o Sol enquanto este se afundava com perseverança por detrás da vasta extensão do oceano, levando consigo o seu derradeiro dia de férias.

– Está tudo bem? – perguntou Richard com prudência. – Para ser franco, não sei muito bem que ilação tirar da tua mensagem.

Alice enviara-lhe primeiro uma mensagem de texto, pedindo-lhe para arranjar algum tempo para falar com ela. Não dissera muito mais, excepto comunicar-lhe que era importante que conversassem um com o outro.

Alice respirou fundo. Agora que se encontrava ali, a falar com ele, o seu plano cuidadoso sobre o que dizer desintegrara-se em pó. Ela, Steph e Maureen tinham conversado bastante sobre o assunto

no dia anterior, e nessa altura tudo fazia sentido – estava confiante de que era a coisa certa a fazer. Mas agora que chegara o momento de exprimi-lo por palavras a Richard, sabendo muito bem o efeito que estas iriam indubitavelmente causar, Alice deu por si a gaguejar.

– Aconteceu alguma coisa? – prosseguiu Richard, quando ficou bem claro que Alice não iria dizer mais do que cinco palavras coerentes.

Como podia começar por responder a essa pergunta? Sim, acontecera algo – aconteceram imensas coisas. Decidir por qual delas começar era a razão que a levava a ficar de súbito incoerente e muda.

– Desculpa – murmurou Alice entredentes, tirando os óculos escuros e cruzando os braços. – Isto é difícil. Não sei por onde começar.

– Alice, que raio está a acontecer? – Neste momento, Richard parecia começar a ficar farto, mas também receoso, e Alice esperou um momento, respirando com dificuldade, tentando travar as lágrimas.

– Eu... – começou por dizer, fitando o semicírculo palpitante do Sol vermelho no horizonte. – Acho que não vou poder casar contigo, Rich.

Verificou-se um momento de silêncio, durante o qual Alice tentou não visualizar o ar de sofrimento perplexo e desnorteado que o namorado deveria ter estampado na cara nesse exacto momento.

– Certo... – acabou Richard por replicar. – E vais dizer-me porquê?

– Porque iria fazê-lo pelas razões erradas – respondeu Alice, ouvindo a emoção na sua voz. Era tão difícil fazer isto, magoá-lo quando, durante tanto tempo, fizera tudo o que podia para fazê-lo feliz. Mas agora que estava a olhar para o fundo do poço que seria o seu futuro com Rich, percebeu que não era o apropriado – e não era porque tinha conhecido outra pessoa e estabelecido uma conexão com ela; era apenas porque precisava aceitar quem era – quem era de verdade – e essa pessoa nunca seria feliz se se tornasse mulher de Richard. Alice odiava ter de ser tão brutal para fazer o que era certo, mas também sabia que era preciso.

– Parece-me que a razão para duas pessoas se casarem é apenas para serem felizes, ou não é? – argumentou Rich. – Estás a dizer que és infeliz?

Alice mordeu o lábio inferior.

– Sim.

Richard suspirou ao ouvir isto, mas não respondeu de imediato. Alice podia sentir a tensão instalar-se nos seus ombros, fazendo que os braços se retensassem. A necessidade de se levantar e de soltar essa ansiedade horrível – de fugir tanto literal como figurativamente desta situação pavorosa – era quase esmagadora, mas obrigou-se a ficar onde estava. Precisava ir até ao fim, mesmo que fosse difícil – ainda que a opção mais fácil fosse retirar tudo o que havia dito e fingir perante Rich que estivera a pregar-lhe uma partida medonha.

– Desde quando? – exigiu saber. – Há quanto tempo te sentes assim, e porquê?

Alice ponderou na pergunta, não querendo dizer-lhe a verdade, mas sabendo também que precisava fazê-lo. Rich não fizera nada de mal – merecia a sua honestidade para dizer o mínimo.

– Acho que nos contentámos em apenas, tu sabes, deixar andar as coisas – afirmou, e Richard fungou contrariado. – Sabes muito bem o que quero dizer – alegou Alice. – Tens de admitir, nos últimos tempos parece que nos temos limitado a cumprir um calendário, a agir sem pensar, a fazer um

frete. Quando foi a última vez que nos rimos juntos? Ou que fizemos alguma coisa juntos que não fosse jantar com os meus pais ou com os teus? Parece que está tudo estagnado, Rich, e sei que já deveria ter-te dito alguma coisa antes, mas acho que não me atrevi. Estava sempre à espera de acordar um dia e sentir-me de maneira diferente, mas isso não aconteceu.

Rich não respondeu, e Alice segurou no telefone bem encostado ao ouvido, à espera. Sabia que estava a pressioná-lo agora, tentando convencê-lo de que ele estava tão insatisfeito como ela, apenas porque isso facilitaria bastante as coisas. A verdade é que não considerara até agora que também ele poderia estar desapontado com o estado da relação entre ambos, e que a razão por que talvez ele se mostrasse tão ansioso para que os dois se casassem fosse porque esperava que isso agisse como um botão de reiniciar em relação aos sentimentos que um nutria pelo outro.

– Alguma coisa do que estou a dizer faz sentido para ti? – perguntou-lhe Alice agora.

– Ainda estou a tentar entender e digerir tudo o que me disseste – disparou Richard à queimadoura, e em seguida acrescentou: – Por acaso, isso é tudo obra da Maureen? Ela tem andado a encher-te a cabeça de disparates? Eu sabia que era uma péssima ideia passares tanto tempo na companhia dela... ela nunca gostou de mim.

– Isto não tem nada que ver com a Maur! – exclamou Alice. – E, para teu governo, ela gosta de ti... sempre gostou. Isto tem cem por cento que ver comigo, e com a maneira como me sinto. O que acontece é o seguinte, Rich: descobri uma coisa enquanto aqui estive.

– Oh, pronto, lá vamos nós – exclamou Richard, e Alice cerrou os dentes.

– Quando me enviaste aquela fotografia do anel, eu deveria ter ficado radiante, nas nuvens, mas não fiquei. Só me fez sentir triste e culpada, porque percebi que não era isso que eu queria. – E isso era verdade, também... Alice não sentira nada de nada. Quando pensou no sentimento de euforia que a percorrera quando Max a surpreendeu com o salto de pára-quedas, era impossível não comparar as duas coisas.

– Bem, nós não *somos obrigados* a casar – declarou Richard com precipitação, e o seu tom de voz tornara-se de súbito conciliador. Alice endureceu, protegendo-se contra a hesitação previsível que fez ricochete por todo o seu ser. Rich não estava infeliz; queria salvar a relação de ambos e estava disposto a chegar a uma solução de compromisso para ficar com ela... será que isso significava que, afinal de contas, estava a tomar a decisão errada?

– Se é esse o problema – Rich prosseguiu –, nesse caso, vamos esperar mais um ano. Assim como assim não teríamos tempo de preparar tudo até ao Verão, não com o teu irmão... Bem, tu sabes.

– Esse é outro aspecto – disse Alice, endurecendo a sua determinação uma vez mais aproveitando o facto de ele mencionar Freddie. – Se eu concordasse em casar contigo, estaria a embarcar numa mentira. Acho que o Freddie tem vivido numa mentira há anos, e vê só no que deu. Não vou deixar que o mesmo aconteça comigo, ou contigo.

– Oh, que amor! – exclamou Richard furioso. – Achas que estar casada comigo te transformaria numa alcoólica? Obrigadinho, Alice. Muito obrigado.

– Só acho que queremos coisas diferentes – elucidou Alice. – E a culpa é toda minha, porque nunca me atrevi a dizer-te o que queria antes. Convenci-me de que queríamos os dois as mesmas coisas,

porque era mais fácil assim. Fazia-te feliz, fazia a minha mãe feliz... julguei que era suficiente para *me* fazer feliz.

– Bom – interrompeu Richard. – Afinal o que queres *de verdade*, Alice? Por que não podes dizer-me agora?

Alice recuou nas suas recordações até àquela porta aberta do comboio, com Max a seu lado à medida que as florestas e as montanhas passavam a toda a velocidade diante dos seus olhos, o meio sorriso nos lábios dele quando lhe fez essa mesma pergunta.

– Quero aventura – respondeu Alice em voz baixa, com o coração acelerado pelos nervos enquanto lhe abria o coração com a maior franqueza pela primeira vez desde que era capaz de se lembrar. Queria que Rich a conhecesse... a conhecesse *de verdade*... e uma parte dela chegou a esperar que ele gostasse dela o suficiente para encorajar as suas ambições e defender os seus sonhos.

– Quero viajar pelo mundo – prosseguiu Alice com fervor. – Quero dançar nas praias e nadar no oceano e fazer *bungee-jumping* de pontes e...

O som da gargalhada de Richard surpreendeu-a e fê-la interromper-se.

– És um prato – disse ele.

– Estou a falar a sério – disse-lhe Alice. – Não estou a tentar ser engraçada, nem nada. Estou só a dizer-te o que quero.

– Tudo isso não passa de conversa, Alice. Assim que voltares para casa para junto de mim e da tua família, vais esquecer tudo isso num instante. Eu conheço-te, estás lembrada? Sei como és tímida. Não há hipótese de fazeres *bungee-jumping* saltando do sofá, que diria de uma ponte.

– Saltei de pára-quedas – informou-o Alice.

Richard parou de rir de forma abrupta.

– Fizeste o quê?

– Saltei de um avião – disse Alice. – E sabes que mais? Adorei. Foi a melhor coisa e também a mais excitante que alguma vez fiz... e não hesitei nem por um instante. Quis fazê-lo.

– Podias ter morrido! – explodiu Richard. – Não pensaste em mim? Nem na tua mãe?

Nesse momento, foi a vez de Alice suspirar. Voltou a olhar na direcção do Sol. Já quase havia desaparecido agora; havia apenas um fiapo vermelho visível.

– Se calhar é o que devia ter feito – admitiu Alice. – Mas não fiz... só depois. A notícia sobre o Freddie deitou-me um bocado abaixo, e nessa altura senti-me péssima em relação ao salto de pára-quedas, se queres saber. Mas depois lembrei-me do quanto me fez sentir viva... e do quanto me fez sentir feliz.

– Com quem fizeste isso? – indagou Rich, e Alice enrugou a testa aborrecida com a tentativa dele em fazer descambar a conversa.

«Para começar, não estou a ver a Steph a saltar de um avião – disse Richard com voz dura. – E o mais provável é que a Maureen ficasse demasiado preocupada por despentear o cabelo.

Alice optou por não alinhar no comentário infantil dele. Rich estava zangado; tinha direito de destilar um pouco de escárnio. Maureen também havia previsto a reacção dele, dizendo para Alice enquanto almoçavam mais cedo nesse dia que seria inevitável que Richard iria culpá-la.

– Fi-lo com um amigo – replicou Alice e ouviu-o bufar de fúria.

– Então, *é isso*, hã? Conheceste alguém aí, não foi? Um desses tipos das fotografias. Tiveste um pequeno e sórdido romance de férias e agora achas que és uma pessoa diferente. Bom, espero que tenha valido a pena, Alice, espero mesmo, porque vai ser preciso um bocadinho mais do que um beijo para fazer as pazes para consertar tudo isto.

– Estás enganado, Rich – disse Alice com suavidade, fechando os olhos quando uma morna brisa nocturna lhe soprou madeixas de cabelo para a cara. Richard estava zangado com ela, isso era notório e compreensível... no entanto, ela não sentia qualquer animosidade por ele. Na verdade, sentia o exacto oposto.

– De facto conheci uma pessoa nesta viagem – disse-lhe com toda a calma. – Conheci-me a mim. O meu verdadeiro eu. Tenho andado escondida desde o acidente porque tinha muito medo de me magoar outra vez, de magoar as outras pessoas. Contudo, não posso fingir mais. Não por tua causa, não por causa da minha mãe. Trata-se da minha vida.

Richard emitiu um ruído que demonstrou a Alice que não estava nada impressionado.

– Não tem nada que ver contigo – disse Alice. – Tem tudo que ver comigo... e lamento ter-me transformado numa pessoa diferente, mas não preferias estar com uma pessoa que não fosse obrigada a fingir?

Richard pigarreou.

– Estás a dizer então que nem queres tentar, *é isso*? – perguntou Richard. – Depois de tudo? De tudo o que vivemos juntos e dos planos que fizemos para o futuro?

– Para o teu futuro – emendou Alice prosaica, num tom de voz suave. – Eu limitei-me apenas a seguir-te nos teus sonhos.

– Eu ainda te amo – disse então Richard, com a voz a fraquejar-lhe tal como Alice sentia o seu coração a fazer o mesmo.

– Eu também te amo, Rich – declarou. – Só que não é da maneira como deveria, nem da maneira que gostaria. Mereces estar com alguém que te ame por seres quem és, e não apesar das diferenças que vocês os dois possam ter. O nosso amor não fez outra coisa a não ser regredir do começo.

– Acreditas mesmo nisso? – perguntou Richard, e Alice percebeu que ele estava a chorar nesse momento. Será que deveria ter tido esta conversa cara a cara? Logo que tomou uma decisão, achou vital pôr um ponto final na relação... não queria arrastar o assunto mais do que já o fizera, e quisera tirar proveito da coragem que lhe chegara de mãos dadas com a determinação. Também estava ciente dos sentimentos de Richard. Não era justo ser mantido no escuro quando ela vira a luz.

– Vou para casa dos meus pais por uns tempos – disse Alice, em jeito de resposta. – Vou continuar a dividir a renda contigo, claro, até que decidas o que fazer.

– Isto não pode acabar assim – resmungou Richard entredentes, com a voz alquebrada pela emoção que estava a fazer os possíveis para disfarçar. – Isto não pode ser o fim.

– Sinto muito, Rich. A sério que sinto – afirmou Alice, a sorrir apesar das lágrimas que haviam começado a escorrer-lhe pelas faces. – Mas isto não é o fim... é o princípio de um novo começo.

Capítulo 51

– Fizeste *o quê*?

Marianne Brockley ficou boquiaberta olhando horrorizada para Alice.

– Acabei tudo com o Richard – repetiu Alice, com voz firme.

Estava parada de pé na frente do alpendre da casa dos pais em Sudbury, de mochila às costas e um ramo de narcisos amarelos na mão, que empurrou agora na direcção da mãe.

– Estas flores são para ti – disse, e passou por ela entrando no vestíbulo. – O Freddie já está em casa?

– Desculpa, mas... – começou a mãe por dizer, indo atrás de Alice até à cozinha.

Freddie estava empoleirado num banco junto à bancada da cozinha a tomar o pequeno-almoço, que consistia numa tigela de cereais, e Alice foi direita a ele e abraçou-o, encostando a cara ao ombro ossudo do irmão. Perdera imenso peso desde a última vez que o vira em Fevereiro, e estava com medo que ele pudesse partir-se com a força do seu abraço.

– Desculpa ter demorado tanto tempo para estar aqui contigo – declarou Alice, com a voz abafada pelo tecido da *T-shirt* do irmão. Freddie inclinou-se para trás de modo a poder olhar para ela como deve ser.

– Não sejas parva – retorquiu, com os olhos brilhantes. – Só saí do centro de reabilitação ontem à tarde. Mas fico contente por estares aqui agora.

– Eu também – afirmou Alice, sentindo o alívio espalhar-se por todo o seu corpo ao ver que o irmão estava bem. Para além da drástica perda de peso e de um ligeiro tremor na mão ao pegar na colher dos cereais, Freddie continuava a parecer o seu irmão. Pôde perceber pelo brilho travesso nos olhos dele que o seu sentido de humor continuava intacto, e a maneira como olhava para ela com um afecto tão calmo e suave constituía um traço maravilhoso de Freddie. No decurso dos últimos dias, Alice permitiu-se ir até ao inferno e voltar sem saber em que estado iria encontrá-lo quando chegasse a casa, mas vê-lo acalmara todos os seus medos. Este era o Freddie, o seu corajoso irmão mais velho... iria ficar bem, e ela também.

Alice olhou em redor para o sítio onde a mãe estava à espera, de braços cruzados sobre o peito. Não parecia nem zangada nem transtornada, o que surpreendeu Alice. Escudara-se preparando-se para uma valente discussão logo que deu a notícia em relação a Richard – quem sabe até lágrimas –, mas a mãe não disse nada de nada. Era algo um tanto ou quanto enervante e desconcertante.

– Mãe – disse Freddie. – Não estavas a dizer qualquer coisa sobre pôr a chaleira ao lume antes de esta aqui chegar? Isto é, a menos que estejas farta de chá depois de teres estado no Sri Lanka, hã? – acrescentou ele, lançando um olhar a Alice.

Esta assentiu com um aceno de cabeça.

– Um chá seria ótimo, obrigada, mãe.

Marianne Brockley encaminhou-se com uma postura hirta até à chaleira e ligou-a, e Freddie ergueu as sobancelhas para Alice enquanto esta preparava as chávenas sobre a bancada da cozinha em silêncio.

Por mais que Alice odiasse as circunstâncias que haviam trazido o irmão de volta para casa, estava contente por ele ali se encontrar. Freddie sempre a apoiara, sempre estivera do seu lado, e tinha a sensação de que a qualquer momento iria precisar dele mais do que alguma vez até aí.

– Muito bem. – Marianne pousou uma caneca de chá na bancada defronte de Alice. – Vamos lá, então... desembucha.

Alice respirou fundo, e depois contou-lhe que havia ligado a Richard do Sri Lanka para terminar tudo entre eles, que o fizera porque não se sentia feliz com ele, e terminou perguntando se podia voltar para casa – ainda que de forma temporária. As palavras saíram-lhe atabalhoadas e com precipitação, pois Alice só desejava proferi-las antes de perder as estribeiras, e à medida que ia falando não olhava para a mãe, mas sim para o irmão. Freddie abanava a cabeça enquanto ela ia contando a história, e a sua expressão era grave o suficiente para deixar bem claro que compreendia como todo aquele assunto era sério, mas não tão severa a ponto de Alice se mostrar preocupada com a reação dele. Estava apenas a mostrar-se como ela esperara que acontecesse – compreensivo e solidário. Mas no que tocava à mãe, as expectativas de Alice eram muitíssimo diferentes – e também com toda a razão, diga-se de passagem.

– E então decidiste uma coisa dessas assim de um momento para o outro, foi isso? – perguntou-lhe a mãe, fazendo Alice estremecer e retrain-se.

A raiva que havia previsto jorrava de Marianne que nem puro veneno.

– Um belo dia acordaste e lembraste-te de que eras infeliz? Ora poupa-me, por amor de Deus, Alice. Pobre Richard. Não o censuraria se nunca mais te quisesse de volta.

– Não quero que ele me queira de volta – declarou Alice com toda a paciência.

Freddie abandonara os cereais e sorvia agora o chá, com uma expressão pensativa na sua cara macilenta.

– Acho ótimo – declarou, e tanto Alice como a mãe viraram-se para ele espantadas.

– O que foi? – perguntou Freddie. – Vocês sabem que eu adoro o Dickie... é um bom tipo. Mas a Alice sempre parece tão desconfortável e com os nervos à flor da pele quando está ao pé dele, como se fosse um boneco numa caixa de surpresas à espera de saltar. Deves ter reparado nisso, não é verdade, mãe?

– Nunca reparei em tal coisa – declarou a mãe em tom pedante.

– O Freds tem razão – retorquiu Alice, retomando a discussão desconfortável. – Sinto-me como se estivesse prestes a explodir na maior parte do tempo. Às vezes fico tão ansiosa que vou até aos prados de aluvião e corro, corro até mais não poder e ficar quase sem conseguir respirar, ou então vou até à piscina e salto da prancha mais alta, só para ver se sou capaz de libertar alguma da tensão.

– Oh, por amor de Deus, Alice! – Marianne Brockley estava muito pouco impressionada e nada convencida. – Já não és nenhuma criança.

– Pois não, eu sei! – Alice pousou o chá. – Essa é a questão, mãe... não sou uma criança, portanto posso fazer essas coisas sem me magoar. Sofri um acidente... *uma vez*... não posso viver o dia-a-dia como se fosse sofrer outro.

– Não fazes ideia de como tudo aquilo foi para mim! – gritou a mãe, e Alice segurou-se. Já esperava por isso, e tinha a resposta pronta na ponta da língua.

– Sei, sim – retorquiu. – Eu estava lá, não sei se te lembras. E o Freddie também. As vidas de nós todos mudaram nesse dia. Todos fomos afectados por isso, pelo erro que eu cometi. E fui obrigada a viver com isso desde então, e a culpa e a preocupação transformaram-me numa pessoa que nem reconheço como sendo eu... uma pessoa que só existe para fazer os outros felizes. Só que eu não sou feliz, mãe. Nem com o Richard, nem com o meu emprego, nem na minha pele.

Os olhos da mãe estavam agora esbugalhados, e as suas faces ruborizadas de consternação.

– Eu só acho – prosseguiu Alice – que se me permitir fazer mais coisas que quero fazer... que preciso fazer... então não terei mais esta constante ansiedade a corroer-me por dentro. Não estou a dizer que vou fazer equilíbriismo sobre uma corda por cima do Grand Canyon, nem que vou treinar para ser astronauta; estou apenas a falar de viajar mais um pouco, e de passar por mais algumas aventuras.

– Eu só quero que estejas em segurança – murmurou a mãe entredentes. – Tudo o que eu sempre quis foi que os dois estivessem em segurança. Sempre foste uma dor de cabeça para mim quando eras pequena, Alice. Não sabia o que fazer com toda essa energia e... e depois sofreste o acidente e ficaste com essa cicatriz medonha e eu culpei-me por isso. Deveria ter sabido controlar-te melhor. Se o tivesse feito, nunca terias trepado àquele estúpido telhado, para começo de conversa.

Marianne respirou fundo, depois da sua retórica a haver exaurido.

– Fazes ideia de como é difícil ver um filho nosso em sofrimento? – perguntou.

Alice abanou a cabeça.

– Bem, posso dizer-te que não existe nada pior... nada neste mundo. Fiz uma promessa a mim mesma naquele dia no hospital em como nunca mais iria permitir que sofresses, nem que para isso fosse obrigada a manter-te sob prisão domiciliária. Não podia suportar toda aquela dor, todo aquele sofrimento, Alice, não podia mesmo.

– Mas eu estou a sofrer agora! – exclamou Alice, exasperada, porém esforçando-se ao máximo para não deixar transparecer nada. – Ou estava, pelo menos, até ter conhecido uma pessoa que me fez entender que havia outra alternativa.

Freddie levantou-se do banco e foi-se pôr-se atrás de Alice, pousando-lhe a mão no ombro.

– Eu também estava a sofrer, mãe – declarou, e Alice viu quando os olhos da mãe se encheram de lágrimas. – A Alice tem razão... nós os dois temos tentado compensar-te por esse acidente desde que éramos miúdos. Ficaste tão transtornada, e depois tão zangada connosco o tempo todo. Eu só queria fazer tudo o que pudesse para que fosses feliz de novo.

Alice viu a mãe assimilar tudo aquilo, observando a centelha de responsabilidade revelar-se quando as lágrimas começaram a deslizar. Não era fácil para ela ouvir nada do que estava a ser dito, Alice sabia muito bem disso, mas também era demasiado importante não pôr panos quentes por mais tempo. Freddie também parecia triste, porém aliviado, como se um peso gigantesco tivesse sido

tirado de cima dos seus ombros. Há vários meses que ele devia ter tentado descortinar uma maneira de abordar este assunto... talvez até anos, desde que aceitara esse emprego na City que na realidade não queria. Alice sentia-se envergonhada por não ter ido em auxílio do irmão há mais tempo. Poderia ter-lhes poupado muitos desgostos e sofrimento se o tivesse feito.

– Vocês os dois devem achar que eu sou uma péssima mãe – soluçou Marianne, usando a bainha do avental para enxugar os olhos. – Tudo o que eu sempre quis foi o melhor para vocês.

– Eu sei que sim – tranquilizou-a Alice, dando um passo em frente e pousando uma mão receosa no braço da mãe. – Mas precisas esforçar-te para não te preocupares tanto. Tu és uma boa mãe. Criaste duas pessoas fortes, e podes confiar em nós com a certeza de que somos capazes de cuidar de nós.

Freddie aventurou-se a soltar uma breve gargalhada.

– Bom, para todos os efeitos, agora podes. Há algumas semanas, não se podia confiar em mim nem para ir até à loja da esquina e voltar.

A mãe conseguiu dar uma risada.

– Oh, pára com isso – repreendeu-o. – Este não é o momento apropriado para fazer piadas, Fred.

– Muito pelo contrário – afirmou Freddie. – Não existe remédio melhor, se queres saber a minha opinião.

Antes de Alice ter tempo para se aperceber, o irmão já as tinha puxado a ela e à mãe para si envolvendo-as num abraço colectivo, e os três riam, choravam e exclamavam o quanto estavam arrependidos. Ficaram assim algum tempo, afastando-se apenas para se abraçarem de novo a sério. Era uma sensação tão boa ter deixado vir todas estas verdades à tona, e Alice não parava de olhar para Freddie rindo-se de incredulidade. Depois de todo este tempo, e depois de tantos erros cometidos, ela e o irmão tinham-se defendido um ao outro, por fim, e não fora nem de perto nem de longe tão doloroso como ambos haviam receado. Fora libertador.

Por fim, Alice atravessou a cozinha para ir fazer mais chá, depois vasculhou a mochila em busca dos presentes que havia trazido para os dois – um bloco de apontamentos feito de estrume de elefante e um conjunto de canetas para Freddie e um lindo sarongue para a mãe – e esta deu-lhe a sua prenda de aniversário atrasada, uma bracelete de prata gravada com uma mensagem onde se lia: *Para a nossa Alice no País das Maravilhas*.

– Vejam bem, deixar de ser uma mãe neurótica vai demorar algum tempo e algum esforço de habituação – divagou Marianne. – Será que vocês os dois me perdoam se resvalar de vez em quando e me deixar cair nos velhos hábitos?

Freddie revirou os olhos e Alice resfolegou divertida – nenhum dos dois estava a contar, de forma nenhuma, que a mãe mudasse de um dia para o outro. Alice sabia que ainda teriam dias difíceis pela frente, e que iria precisar de lembrar à mãe com frequência a conversa que acabavam de ter, mas também sabia que esse era um desafio que estava pronta para enfrentar. Mais do que isso, era um desafio que iria ter prazer em saborear.

– Desde que não me impeças de pôr em prática a minha lista de desejos a concretizar – avisou-a, sorrindo quando a mãe torceu as mãos em fingido desespero, sendo denunciada apenas pelo seu ar de genuíno horror.

– Nem quero ter conhecimento disso – declarou, atalhando Alice quando esta se preparava para começar a enunciar a lista de actividades. – Aquilo que eu não sei não me faz mal. Só não saltes de um avião, por amor de Deus.

Alice mordeu o lábio. Talvez houvesse certas coisas que a mãe nunca precisasse de facto de saber.

O que ainda não lhes dissera era que tinha na realidade um plano que dizia respeito à sua nova lista de coisas a fazer, e que isso iria implicar algumas mudanças importantes. *No entanto, tudo a seu tempo*, pensou Alice, apressando-se a despertar do seu devaneio quando ouviu tocar a campainha da porta.

– Não creio que estejamos à espera de ninguém – disse a mãe e a mente de Alice viajou de imediato e de forma ridícula para Max. Sabia que ele e Jamal haviam regressado ao Reino Unido, porque Steph recebera uma mensagem nesse sentido quando ainda se encontravam no Sri Lanka, e o mais frustrante era que carecia de pormenores. Quando Steph perguntou se estava tudo bem, Jamal limitara-se a responder dizendo que lhe telefonaria quando as três voltassem para casa. Alice vasculhara as contas das redes sociais de Max e de Jamal à procura de pistas de que a febre que o havia acometido com tanta violência no Sri Lanka tinha passado, mas, até ao momento, as suas buscas haviam-se revelado infrutíferas, confortando-se com a ideia de que se houvesse alguma notícia má, já saberia nesse momento. Conversar com Max era o primeiro item na sua lista de coisas a fazer... queria tanto vê-lo que mal conseguia ficar quieta só de pensar nisso. Esperava apenas que ele lhe desse uma oportunidade para explicar por que motivo desdenhara de forma tão idiota os sentimentos dele naquela noite fatídica na praia de Tangalle, e para lhe dizer que estava arrependida.

– Talvez seja a Maureen – disse Alice para Freddie. – Ela disse que viria visitar-nos assim que tivesse uma oportunidade.

– Ai disse? – replicou Freddie, endireitando-se melhor na cadeira, e Alice sorriu-lhe. Se havia alguém capaz de devolver o sorriso ao rosto do irmão, esse alguém seria Maur. Desde que Alice dissera à amiga para lutar por Freddie, Maur andara atarefada a maquinar um plano. Alice estava capaz de apostar que o irmão ficaria fora do mercado dos solteiros de vez antes da chegada do Verão, e esta era uma aposta que ficaria muito feliz em ganhar.

– Alice – chamou-a a mãe do vestíbulo. – É para ti.

Alice percorreu o corredor alcatifado e foi encontrar Steph hesitante, como que pairando diante da porta aberta de casa, com um ar algo inseguro.

– O que foi... pus as tuas cuecas na mala em vez das minhas? – perguntou Alice, sorrindo com a sua piada terrível.

Steph não esboçou nem um arremedo de um sorriso, e Alice percebeu que ela tinha estado a chorar.

– O que aconteceu? – perguntou, puxando-a para dentro do átrio de entrada. Havia uma fotografia emoldurada de uma Alice muito nova na parede ao lado delas... a última antes de ficar com a cicatriz.

– Eu... – começou Steph por dizer, não tirando os olhos do tapete. Parecia incapaz de fitar Alice olhos nos olhos.

– O que foi? – perguntou Alice, ainda agarrada à possibilidade de que não pudesse ser nada de mal, ainda que soubesse, e pudesse sentir, que as notícias não eram nada boas. – Estás a assustar-me.

Steph ergueu os olhos e o seu rosto desmoronou em total tristeza e agonia.

– É o Max – disse. – Receio bem que te traga más notícias.

Capítulo 52

– Para o All Saints Hospital – gritou Alice, batendo com a porta do táxi preto atrás de si.

O motorista olhou para ela através do espelho retrovisor, com uma sobranceira levantada numa expressão de surpresa quando se apercebeu do seu ar desganhado. Alice não tivera tempo para trocar as *leggings* cobertas de pó e a *T-shirt* enorme que usara no voo de regresso a casa vinda do Sri Lanka, e o seu cabelo estava todo espetado nos sítios onde lhe passara com as mãos e o puxara com desespero durante a viagem de comboio entre o Suffolk e Londres.

– Rápido, por favor! – implorou, atirando com a mala para o banco e agarrando-se à alça de plástico para se equilibrar quando arrancaram a toda a velocidade da praça de táxis da Estação de Liverpool Street. A princípio pensara em ir de carro, mas quando chegou ao seu *Mini* em petição de miséria, estacionado ao fundo da rua onde se situava o apartamento que, até esse dia, partilhara com Richard, deparou com a bateria descarregada.

Sentada no táxi, recapitulou o que Steph soubera por Jamal. «A situação não é famosa.» A infecção era pior do que julgara no início e a última coisa que soubera era que Max ia ser submetido a uma cirurgia.

– Será que não pode ir mais depressa? – perguntou Alice, e uma imagem de Max cheio de tubos e de fios fê-la sentir-se a desmaiar.

O motorista virou-se para trás por breves instantes e abanou a cabeça.

– Desculpe, menina... é uma hora muito má. Está tudo engarrafado já a partir daqui.

– Foda-se! – exclamou com toda a convicção, e o taxista voltou a ligar o intercomunicador.

– Conheço um atalho – disse. – Às vezes há carrinhas de distribuição estacionadas ali, e podemos ficar ainda mais engarrafados do que aqui, mas estou disposto a experimentar se quiser. Que tal?

– Por favor! – Alice pensou que não tardaria muito para desatar aos gritos. – Experimente tudo o que puder.

Olhou pela janela para a confusão da capital com olhos que nada viam, e uma raiva injustificada subia-lhe pelo peito cada vez que via uma pessoa a deambular pela rua – sem desespero para chegar ao hospital, sem estar cheia de medo, sem duvidar da sua sobrevivência. Porquê o Max? Por que tinha de ter acontecido com ele? Sentia vontade de chorar com a injustiça de tudo aquilo.

Depois de Steph lhe ter contado o que estava a acontecer, só pensou numa coisa – que deveria estar ao lado de Max, esse mesmo lugar onde já deveria encontrar-se. Fora uma idiota no Sri Lanka – uma covarde e uma louca –, mas já sabia antes de Max ter desmaiado na praia de Tangalle que não queria passar nem mais um minuto, nem mais um momento, nem mais um sopro de ar, sem ele. Só que nessa altura não estava preparada para aceitar os seus sentimentos; nem tão-pouco tivera a coragem suficiente para admiti-lo – nem mesmo para si. Depois recebera o poema de Max, e, quando o leu,

Alice chorou lágrimas não apenas de arrependimento, mas também de reconhecimento, porque ele expressara por palavras tudo o que ela estava a sentir. Também ela procurara o amor dele de forma inconsciente, mas, ao contrário de Max, a esperança dela já não era cega, porque as palavras dele a haviam renovado. Proporcionaram-lhe a força de que precisava para romper com Richard e enfrentar por fim o amor sufocante e despropositado da sua mãe. No que respeitava a Max, Alice percebeu tarde de mais o quanto ele significava para si, o quanto desejava estar com ele, e agora tinha medo de chegar tarde de mais outra vez.

– O All Saints Hospital fica já ali adiante – disse o motorista, despertando Alice dos seus pensamentos. O homem estava a apontar através do pára-brisas para o lugar onde se erguia um edifício enorme e cinzento. Encontravam-se nesse momento em mais uma rua movimentada em que o trânsito estava congestionadíssimo, e Alice entendeu de imediato o que o homem quis dizer: seria mais rápido se saísse ali e fosse o resto do caminho a correr.

Enfiando uma nota de vinte libras pela abertura da divisória, berrou-lhe um agradecimento e saiu disparada que nem um raio pelo passeio fora, esbarrando nos transeuntes pelo caminho. Uma mulher gritou-lhe uma série de obscenidades quando Alice lhe derrubou sem querer o saco das compras, fazendo que este se abrisse e espalhasse todo o seu conteúdo, mas ainda assim não parou. Não hesitou nem por um segundo. A partir do momento em que Steph pronunciou aquelas palavras horríveis, tudo o que Alice conseguira pensar fora que deveria estar ao pé de Max. Não sabia se ele ainda estava no bloco operatório ou não, mas também não importava. Tudo o que sabia era que Max não estava bem, que estava a sofrer, e isso era suficiente para fazê-la agir. Precisava vê-lo. Precisava saber que Max estava bem.

Passando que nem uma flecha pelas portas automáticas da entrada do hospital, Alice viu uma fila enorme de pessoas na área da recepção principal e sentiu uma vaga de pânico. Não queria esperar – não achava que fosse capaz de esperar. Imagens de Max apoderaram-se dela – o seu sorriso divertido quando ela deu pulos de alegria e de excitação no centro de pára-quedismo, a pressão da sua coxa quente de encontro à sua à medida que o comboio chocalhava e guinava, a tristeza nos olhos dele quando lhe disse que não acreditava nos seus sentimentos, que não podia aceitar o seu amor.

Examinando as indicações numa parede próxima, avistou uma seta indicando o caminho para os elevadores e dobrou a esquina como um foguete, fazendo os ténis imundos guinchar quando os seus pés derraparam sobre o soalho encerado. Havia três elevadores, e Alice carregou no botão de chamada de cada um deles, antes de percorrer com um dedo a planta do hospital que se encontrava afixada ali perto. Se Max estava a ser operado, então de certeza que iria para a unidade de cuidados intensivos, certo? Alice nunca entrara num hospital mais do que um punhado de vezes desde que sofrera o acidente há vinte anos, e amaldiçoou a sua falta de conhecimentos. Começaria pela UCI, e depois voltaria à recepção caso fosse necessário.

O elevador tiniu e as portas deslizaram com suavidade para o lado ao abrir-se, mas Alice teve de esperar enquanto uma jovem família saiu em fila. A mãe estava a ser empurrada numa cadeira de rodas por alguém com um uniforme azul do hospital, ao passo que um pai com ar orgulhoso transportava uma cadeirinha com um bebé pequenino. Sorriu para Alice quando passou por ela, mas esta mal conseguiu articular uma resposta. Max estava ali, naquele edifício, numa das centenas de

quartos no interior da vasta estrutura que se estendia por cima de si. Neste momento, nada mais importava.

O elevador despejou-a no quinto andar, e em seguida Alice deu por si frustrada mais uma vez – desta vez por uma série de portas trancadas. Havia um intercomunicador à direita, e ela premiu o botão por várias vezes.

Ouviu-se um som crepitante.

– Sim?

– Estou à procura de Max. Max Davis.

Silêncio.

– Pode ajudar-me? Estou aqui para visitar Max Davis. Ele está aqui? Preciso vê-lo!

– Aguarde um momento – disse a voz.

Quem quer que fosse pareceu firme porém aborrecido, e Alice mordeu os dedos para se impedir de carregar outra vez no botão do intercomunicador. Onde raio estava o seu sentido de urgência? Será que não compreendiam o que estava em jogo aqui?

Alice estava prestes a mandar tudo à fava e tentar outra vez, quando uma enfermeira de cabelo louro e aspecto bondoso se aproximou dela do outro lado das portas, suavizando de imediato a expressão do rosto quando viu o ar destroçado de Alice.

– Gostaria de entrar? – perguntou, assim que abriu a porta.

– Sim! Graças a Deus! Obrigada! – Alice esgueirou-se com rapidez através da abertura. Havia uma paz mortal agora que se encontrava lá dentro, e o silêncio sossegou-a por um momento. Respirando fundo, caminhou ao longo de uma área de recepção deserta, dizendo para com os seus botões para se manter calma. Alguém haveria de chegar dentro de um minuto, tudo o que precisava fazer era esperar.

Tamborilou com os dedos sobre o balcão, depois começou a bater com o pé no chão. Não havia sinal de pessoas nas redondezas, e todas as portas da unidade estavam fechadas. Cortinas verdes haviam sido corridas no sítio onde Alice supunha que teriam início as enfermarias abertas, e sentiu um formigueiro sabendo que o mais provável é que Max estivesse deitado numa cama atrás de uma dessas cortinas.

Já se haviam passado cinco minutos. Alice tossiu, o mais alto que se atreveu, mas ainda assim ninguém apareceu. Não havia campainha no balcão da recepção para chamar a atenção, e a enfermeira louro que a havia deixado entrar não se via em parte alguma. Alice debruçou-se sobre o balcão, perguntando-se se o botão de chamada não poderia ter sido posto ali, fora do alcance, e quando voltou a endireitar-se viu-o através de uma porta entreaberta – o canto de uma placa branca com uma lista escrevinhada. Olhando em volta uma derradeira vez para se certificar de que estava sozinha, contornou a secretária, passando às pressas pela cadeira com rodinhas e entrou pela porta para além dela. O nome de Max figurava ali, o terceiro a contar de cima. Encontrara-o.

Quase tropeçou e se desequilibrou com a pressa de voltar ao corredor principal, e percorreu-o a correr até chegar ao quarto número três. Concedendo-se apenas um segundo para recobrar o fôlego e engolir o gigantesco nó que tinha garganta, Alice empurrou a porta e entrou.

Capítulo 53

A cama vazia olhou de volta para Alice, com as suas linhas lisas e estéreis em total desacordo com o forte emaranhado de emoções que percorriam todo o seu corpo. Alice ficou ali de pé paralisada, com a mente atropelando-se para terminar a história antes de o seu coração estar preparado para compreender a verdade que encerrava.

– Não – murmurou Alice. A sua voz soou distante, como se se tivesse desprendido do seu corpo. Imaginou a palavra irrompendo das amarras da sua consciência e flutuando para longe, uma partícula perdida no espaço, destinada a gravitar sem finalidade e sem rumo.

Tentou assimilar o que estava a ver. Lençóis bem dobrados numa pilha em cima da cama. Um ecrã de televisão fixo a um braço retráctil, que fora empurrado de encontro à parede. Não havia flores, nem cartões, nenhum sinal de que uma pessoa viva tenha chegado a habitar aquele espaço. As paredes de um lamacento tom verde-acinzentado estavam nuas, ao passo que o soalho estava suficientemente limpo para se poder ver os feixes de luz do tecto reflectidos nele. Doía-lhe olhar para ali durante tempo de mais, assim como lhe doía estar ali.

Conseguiu chegar à cama antes de os seus joelhos cederem e desmoronar no chão. Pressionando o rosto de encontro à estrutura da cama, sentiu o metal frio enterrar-se na parte macia do seu rosto e pescoço. Ergueu as mãos e uniu os dedos, enterrando as unhas nas palmas das mãos até a carne debaixo delas ficar cor-de-rosa, e depois vermelha. Não as sentia. Não sentia nada de nada.

Ele morrera. Max morrera. Chegara tarde de mais.

Alice sentiu o pranto surgir e apoderar-se de si, mas quando abriu a boca para libertá-lo, não se ouviu nenhum som. Teve vontade de correr, teve vontade de se enrolar num novelo e teve vontade de arrancar os cabelos e de morder os lábios, cada vez com mais força, até sentir o sabor do sangue.

Depois de tudo o que Max já havia passado e superado, sobrevivendo a uma explosão que matara dois dos seus amigos, depois de ter deambulado pelos lugares mais sombrios no seu anseio em andar de novo, lutando contra a PPST e rangendo os dentes suportando a dor, a confusão e o caos de toda aquela situação a fim de se encontrar de novo – e de a encontrar a ela, também. Como podia ter morrido agora, depois de tudo isso?

Alice tapou os ouvidos com as mãos e fechou os olhos até estes não passarem de meras frestas, espremendo o mundo através deles. A sua mente foi inundada por imagens, inesperadas. Imagens de Max, a mão dele segurando a dela, o vislumbre de uma gargalhada nos seus lábios, o reflexo das estrelas, milhares de estrelas, nos seus olhos encovados, sempre bondosos, sempre em busca dos dela. Alice nunca mais poderia voltar a contemplar aqueles olhos, nunca mais poderia sentir o calor dos seus dedos, nunca mais poderia mergulhar no fulgor da sua força, nunca mais teria a oportunidade de lhe dizer o quanto o amava. Alice amava-o. Amava-o. Amava-o.

– Eu amava-o.

Deixou-se mergulhar no escuro, a estática zumbindo-lhe nos ouvidos, com a cara encostada ao chão.

Não soube quanto tempo ficou ali deitada, até que ouviu um som atrás de si, umas mãos nas suas costas.

– Então, então – disse uma voz, doce como mel. – Vamos lá levantar. Agora, vá lá.

Alice agarrou-se à estrutura da cama com mais força. Não queria abrir os olhos. A realidade era um jogo demasiado cruel e jogara consigo a sua vaza mais cruel.

A voz melíflua deixou-a, mas regressou segundos mais tarde, e desta vez uns braços fortes içaram-na, viraram-na até ficar deitada de lado em cima da cama. *A cama dele*, pensou Alice, e com um calafrio endireitou-se.

– Ora aí estamos.

A enfermeira loura observou-a com atenção.

– Pregou-me cá um destes sustos – disse, desviando com carinho o cabelo dos olhos de Alice.

– Eu... – Alice interrompeu-se, à espera que o mundo parasse de girar. – O Max... morreu – proferiu Alice com voz entrecortada, e as lágrimas começaram a escorrer-lhe dos olhos entrando-lhe na boca aberta.

A enfermeira acocorou-se na frente dela.

– É amiga do Max? – perguntou. – Do Max Davis?

Alice não conseguia falar, por conseguinte assentiu com um aceno de cabeça, fechando os olhos de novo para evitar ver a piedade desta mulher tão simpática.

– Quer vê-lo? – perguntou a enfermeira, e o tom de voz dela era tão alegre que Alice tornou a abrir os olhos chocada.

– Não acho que eu... – começou por dizer, depois pestanejou, olhando como deve ser para a enfermeira pela primeira vez.

– O que quer dizer com isso de vê-lo?

– Quero dizer, vir comigo vê-lo – retorquiu a mulher em tom jovial. – Ele está a reagir muito bem depois da cirurgia a que foi submetido ontem, por isso transferimo-lo para uma enfermaria. Posso levá-la lá, se quiser. O que me diz?

Alice aguardou, fitando aquela mulher olhos nos olhos, exortando os pedaços de si que se haviam estilhaçado em pedacinhos para que voltassem a unir-se e a encaixar-se permitindo-lhe pôr-se de pé. Alice inspirou fundo uma vez, e depois outra.

– Gostaria muito – afirmou.

Capítulo 54

A cortina fora fechada em volta da cama de Max na extremidade da enfermaria, e Alice descobriu que não era capaz de mexer a mão a fim de afastá-la para o lado. Ficara nervosa lá em cima, na Unidade dos Cuidados Intensivos, mas agora sentia-se petrificada. Podia ouvir vozes que vinham de trás da cortina – não a dele, mas a de uma mulher, e de outro homem cujo tom era mais profundo do que aquele que se acostumara tanto a ouvir no Sri Lanka. Alice seria capaz de reconhecer a voz de Max em qualquer lugar.

A enfermeira de cabelo louro, que se encontrava ali ao seu lado, sorriu-lhe de forma encorajadora. – Tenho a certeza de que ele vai ficar encantado em vê-la agora que está a sentir-se melhor – disse-lhe em voz baixa.

Alice viu o nome dela no crachá que tinha ao peito. Lucy Dunmore, leu, repetindo o nome em silêncio dentro da sua cabeça. Queria lembrar-se desta mulher – desta alma generosa que a levantara do chão, que a arrancara à corda bamba do seu desespero e que a ajudara a enxugar as lágrimas do seu rosto.

Alice fez um gesto na direcção do cubículo que se ocultava atrás da cortina. – É óbvio que de momento ele está bastante ocupado – murmurou como resposta. – Talvez se eu voltasse mais tarde, não acha?

– Que disparate! – Lucy ergueu as sobrancelhas para Alice. – Você ama-o, não ama?

Alice assentiu com a cabeça, ainda demasiado aturdida por toda aquela situação para conseguir articular os seus sentimentos. No caminho até ao hospital, imaginara-se a precipitar-se sobre a cabeceira da cama de Max e a declarar-lhe tudo o que lhe ia no coração e na alma, mas agora sentia-se como se todas as palavras a tivessem abandonado, e como se os seus pés estivessem pregados ao chão.

– Pois então? – disse Lucy. – Isso faz que tenha prioridade na fila.

Antes de Alice ter tempo de dizer alguma coisa como resposta ou até mesmo de virar costas e desatar a fugir, a enfermeira enfiou a cabeça num movimento rápido em volta da cortina e depois afastou-a para um dos lados com uma espécie de floreado jovial. Alice congelou, e o rubor subiu-lhe às faces quando os seus olhos perscrutaram os rostos das quatro pessoas que estavam agora a olhar para ela. Quando viu a cara que procurava, a cara com que havia sonhado, Alice deixou escapar um sonoro soluço entrecortado e levou a mão à boca.

Por um momento, ninguém disse nada, e depois a mulher que estava sentada ao lado da cama pôs-se de pé e sorriu-lhe.

– Você deve ser a Alice.

Alice sentiu a mão quente da enfermeira Dunmore no fundo das costas, impelindo-a para a frente, mas resistiu. Max estava ali, mesmo à sua frente, perto o suficiente para poder tocar-lhe se pelo menos conseguisse transpor o espaço que os separava. No entanto, tudo aquilo era de mais, as emoções varriam-na de novo e as lágrimas acumulavam-se por detrás da represa dos seus olhos.

– Preciso de... – disse Alice, e depois virou costas e afastou-se a correr.

– Alice!

Alguém veio atrás de si. Alice chegou ao fundo da enfermaria antes de ele a alcançar. Reconheceu-o dos *posts* de Max no Instagram. Era parecido com Max, só que mais alto e mais robusto, com um cabelo mais áspero e uma pele mais curtida.

– Alice – disse o homem de novo, e quando olhou para ele não viu mais nada além de prazer e alegria na sua expressão.

– Eu sou o Ant. – Estendeu-lhe a mão. – O irmão de Max. Estou muito contente por estares aqui, ele não fala de outra coisa desde que acordou. Estava a começar a pensar em aventurar-me por aí pelas ruas de Londres à tua procura, só para conseguir que ele se calasse.

Alice sorriu. Não pôde deixar de pensar que uma gargalhada neste momento seria de mais. Ainda nem há dez minutos estivera encolhida no chão em agonia, acreditando que Max havia morrido.

– Não queres voltar a entrar? – perguntou Ant. – Por favor, diz que sim. Acontece que estamos aqui desde antes da hora do almoço e estou varado de fome. Agora que estás aqui, a minha mãe vai acabar por concordar em sair por alguns minutos. Vá lá, estarias a fazer-nos um enorme favor.

Alice sentiu-se tímida diante deste homem, que era tão corpulento, confiante e descontraído na sua pele. Recordou-se do que Max lhe havia contado sobre o irmão ser o durão da família, e como gostaria de ser igualzinho a ele. Podia perceber porquê.

– Depressinha. – Ant fez-lhe sinal com a mão, e Alice avançou, tímida a princípio, e os dois voltaram a atravessar a enfermaria em direcção ao último cubículo.

– Toca a andar, então – ordenou ele, contornando a cortina e deixando Alice no outro lado. – Vamos comer qualquer coisa e não há cá discussões. A Alice vai ficar de olho no Max, mãe, por isso escusas de olhar para mim com essa cara.

Alice encolheu-se por dentro, olhando para si e lembrando-se apenas nesse momento do ar medonho com que estava, com o pó vermelho do Sri Lanka espalhado por todo o lado nos ténis e nas *leggings*, e manchas de sangue na *T-shirt*. Não sabia como estas lá tinham ido parar, até se dar conta de como o seu lábio estava inchado e perceber que o tinha mordido no chão do hospital no piso superior. Não admirava que a senhora Davis se mostrasse tão relutante em deixar o filho sozinho com uma criatura de aspecto tão selvagem e ensandecido. Então, Alice ficou surpreendida quando os pais de Max surgiram e a mãe dele – que era alta, esbelta e com uns lindíssimos olhos cinzentos – a puxou para si num abraço inesperado.

– Obrigada por ter vindo – disse a senhora Davis, e Alice foi mais uma vez obrigada a morder o lábio dorido de modo a conter a torrente das lágrimas. Sentia-se como se tivesse sido virada do avesso e como se toda a energia tivesse sido espremida e sugada do seu corpo. O telefonema para Richard, a longa viagem de regresso a casa, o momento da verdade com a mãe e a corrida para chegar até ali... tudo isso parecia ter acontecido numa outra vida, a outra pessoa qualquer. Havia

uma clareza fantástica na mente de Alice nesse momento... sabia muito bem o que deveria fazer a seguir.

Esperou que a família de Max ficasse fora do seu campo de visão, e depois, desejando ser capaz de estabilizar o martelar do seu coração, Alice afastou a cortina para o lado.

Capítulo 55

Max

Durante os primeiros momentos, limitaram-se ambos a olhar um para o outro.

Max sentia-se subjugado pela urgência de levantar-se da cama e consolá-la, mas não havia como argumentar contra o soro que lhe corria para o braço, nem com o pesado amontoado de ligaduras em torno do seu coto.

Alice parecia tão pequena ali de pé na frente dele, tão delicada. Mas estava com receio de que, se lhe tocasse, ela se desintegrasse nas suas mãos, como um dente-de-leão ao vento. Podia ver muito bem que Alice estivera a chorar, e que estava coberta de sujidade também, como se tivesse rastejado através de um campo para chegar até ele. O seu cabelo castanho estava emaranhado e uma pequena mochila pendia-lhe flácida das mãos, mas quando Max olhou de novo para a cara dela, para aqueles olhos que decorara sem grande esforço, viu uma esperança correspondida reflectida neles.

– Estás vivo – disse Alice por fim, e Max recuperou o sorriso.

– Receio bem que sim.

– Pensei que tinhas... – Alice deteve-se, sem coragem de proferir a última palavra. – O Jamal contou à Steph que as coisas não estavam nada famosas, e depois quando aqui cheguei fui direita à Unidade de Cuidados Intensivos, encontrei o teu quarto vazio e eu...

Alice deteve-se de novo. Max era quase capaz de saborear a angústia dela, tão em carne viva que o afligiu.

– Está tudo bem – disse Max, precisando tranquilizá-la. – É óbvio que não morri nem tenciono morrer nos tempos mais próximos.

Alice assentiu com um aceno de cabeça, debatendo-se para conter ainda mais lágrimas.

– Preguei um susto e peras ao Jamal no voo de regresso – contou-lhe Max de ânimo leve. – Perdi os sentidos e fiquei inconsciente. Vou poupar-te aos pormenores mais sórdidos, mas digamos apenas que fiquei mais para lá do que para cá durante um bocado. A minha perna estava infectada e os sacanas dos micróbios penetraram-me na corrente sanguínea, mas já foi tudo limpo. Nunca deveria ter ignorado as dores que sentia. Sou um idiota chapado.

– Nesse caso, já somos dois – disse Alice. Ainda não se mexera do sítio onde se encontrava à entrada da cortina e Max içou-se arranjando uma posição sentada mais confortável e deu uma palmadinha na cama.

– Vem sentar-te ao pé de mim – sugeriu, e depois, quando ela hesitou, pediu: – Por favor.

Alice avançou até ele, continuando a fitá-lo como se não fosse capaz de acreditar que ele estava ali, que aquilo estava a acontecer, que os dois estavam juntos outra vez. Baixou os olhos contemplando a extremidade enfaixada do coto, que repousava em cima das cobertas.

– Dói-te? – perguntou, com uma expressão solene nos olhos.

– Provavelmente – admitiu Max. – Mas estou sob o efeito de demasiados medicamentos para dar por isso.

Alice sorriu face ao comentário, e desta vez sentiu-o como um sorriso genuíno. Max levantou a mão e tocou-lhe no braço apenas uma vez, com muita doçura.

– Estou feliz por estares aqui – disse. – Senti saudades tuas.

Alice olhou para a mão de Max, inchada.

– Também senti saudades tuas – afirmou. – Muitas. Fiquei tão preocupada depois de teres partido do Sri Lanka, que só queria que as férias acabassem depressa para poder voltar para casa, poder encontrar-te e dizer-te que eu...

Max aguardou, observando-a com a máxima atenção enquanto Alice procurava as palavras certas que pretendia dizer. Neste momento encontrava-se empoleirada na cama, de frente para ele – tão perto que conseguia ver as sardas nas bochechas dela e os brincos com a forma do Rato Mickey. Max ansiou poder puxá-la atraindo-a a si.

– Que tu o quê? – instigou-a em voz baixa, e Alice obrigou-se a olhar para ele.

– Que estou muito arrependida. Arrependida pelo que te disse na praia, arrependida por ser tão cobarde e idiota e arrependida por te ter deixado acreditar que não gostava de ti, quando gosto. Gosto. Gosto muito.

Max soltou uma baforada de ar que nem sabia que estava a reter.

– Recebi o teu poema – declarou Alice então, levantando a mala do sítio onde havia caído no chão e abriu o fecho da bolsa da frente.

Max reconheceu o pedaço de papel dobrado, e sentiu o calor aflorar-lhe às faces.

– O Jamal deve tê-lo encontrado – disse. – Escrevi-o um pouco antes de ter ido à tua procura, naquela noite na praia de Tangalle. Suponho que só estava a tentar entender o que estava a sentir, mas nunca foi minha intenção mostrá-lo a ninguém... muito menos a ti.

Alice sorriu.

– Fico feliz por ter vindo parar às minhas mãos – afirmou.

Max soltou uma risada.

– Um bocadinho tarde para me preocupar com isso agora – disse. – Quando voltei para o quarto nessa noite, já não estava em mim. O médico que foi ver-me deu-me alguma coisa que me fez chegar até ao aeroporto na manhã seguinte e entrar no avião, mas não me lembro de grande coisa depois disso. Quando dei por mim, já estava aqui, e a minha mãe estava ao pé de mim, dizendo-me que tudo ia correr bem.

– Deve ter sido horrível – disse Alice, e Max estendeu a mão que não estava ligada ao sistema de soro a fim de consolá-la.

– Não só para mim – declarou. – Para todos vocês, também. Sinto muito ter-vos pregado tamanho susto.

Alice sorriu.

– Acho que ambos pedimos desculpa vezes de mais – afirmou, e Max soltou uma gargalhada.

– Acho que és capaz de ter razão.

– Acabei tudo com o Richard.

Alice cuspiu as palavras tão depressa e de forma tão atabalhoada que a princípio Max julgou ter ouvido mal.

– Fizeste o quê?

– Está tudo acabado entre nós – confirmou Alice. – Tinhas razão. A verdade é que eu não queria casar com ele. Percebi que o Richard nunca poderia fazer-me feliz e que eu nunca o faria feliz, também. A velha Alice teria feito tudo para que desse certo, mas há muito que ela não existe. Deixei-a para trás no Sri Lanka.

Max foi forçado a reprimir um sorriso enorme. Estava orgulhoso dela, percebeu, contudo, nervoso também. Lá porque Alice e Richard já não estavam juntos, isso não queria dizer que ela quisesse automaticamente ficar consigo.

– Para ser sincera – prosseguiu Alice. – Tenho-me sentido uma nova pessoa nos últimos dias. Cheguei a enfrentar a minha mãe... logo eu! E não foi, nem de perto nem de longe, tão assustador como pensei que seria. Acho que ela até é capaz de mudar, embora isso ainda vá demorar um bom bocado.

Max grunhiu divertido.

– Vais ter de me dar umas dicas – declarou. – Assim que me puser de pé... no meu único pé – corrigiu-se, e Alice revirou os olhos de bom humor. – Então eu e a minha mãe vamos ter de conversar muito a sério. Já está na altura de eu sair de casa e de fazer alguma coisa que me deixe feliz.

– Fui obrigada a voltar para casa dos meus pais! – exclamou Alice, e os dois olharam um para o outro e riram-se, aliviados por poder fazê-lo.

– Obrigado – disse Max, e Alice inclinou a cabeça para o lado, com a confusão espalhada na cara.

– Pelo quê?

– Por me teres feito perceber que estava em perigo de estagnar e por me teres ajudado a acreditar que posso ter tudo o que quero no que respeita a estar com alguém... e estou a referir-me a estar de facto com alguém. O Sri Lanka mostrou-me a enorme quantidade de outras coisas que preciso da vida, e do trabalho, mas estar lá e conhecer-te foi apenas o começo. Agora sei que quero fazer todas as coisas que quiseses fazer, Alice. Quero embrenhar-me em aventuras, viajar mais e também quero ajudar as pessoas, pessoas como eu.

Alice deu por si a assentir mais uma vez com a cabeça, e as lágrimas brotavam de uns olhos que se mostravam plenos de compreensão.

– Acho que nunca vou ser capaz de te agradecer o suficiente – murmurou Alice. – Sinto-me como se toda a minha vida, desde que caí daquele telhado até ao momento em que te conheci em Habarana, se encontrava como que interrompida, e que agora a minha vida pode começar de novo. A minha verdadeira aventura pode começar... aquela que sempre estive talhada para abraçar.

– Oh, Alice – disse Max, tão comovido com as palavras dela que a voz lhe fraquejou quando falou. – Sempre viveste numa aventura... só que ainda não te tinhas apercebido disso.

Durante alguns segundos, fitaram-se um ao outro olhos nos olhos, e uma vez mais Max sentiu um fio puxar dentro de si – o mesmo que o havia ligado a esta mulher, esta mulher maravilhosa, optimista, audaciosa e linda, desde o momento em que a viu pela primeira vez, e que nunca se desfaria.

Levantando a mão, Max estendeu o braço para afastar as madeixas soltas de cabelo do rosto dela. Alice fechou os olhos, comprimindo a face de encontro à palma aberta da mão dele, e sorriu. Pela primeira vez desde que entrara no hospital, como um anjo mal-ajambrado e desengonçado que Max invocara num sonho, Alice parecia em paz, e Max soube que era ele – o amor que tanto havia procurado. Alice era o futuro que esperara encontrar, ao passo que ele era a aventura que ela nem sabia que existia.

Alice abriu os olhos e depositou um beijo na mão dele.

– Posso fazer-te uma pergunta? – perguntou, com um sorriso a bailar-lhe nos lábios como a luz sobre a água.

Max baixou a mão, pousando-a no ombro dela.

– Desde que seja uma pergunta fácil.

– Bom, ora vejamos – replicou Alice, chegando-se para a frente até Max quase conseguir sentir o bater do seu coração, e passando-lhe timidamente a mão pelo cabelo. Os dedos dela estavam frios e eram macios ao contacto com a nuca dele, e Max estremeceu sob esse toque.

– Trata-se de uma pergunta que exige um sim ou um não como resposta.

Max inclinou a cabeça para o lado, com os lábios apenas a um sussurro dos dela, e Alice debruçou-se sobre ele, começando a fechar os olhos. Max pôde palpar o amor entre ambos, e sentiu-se como se chegasse a casa.

– Acho que já sabes a minha resposta, Alice – afirmou Max.

E em seguida beijou-a.

Agradecimentos

Não teria sido possível escrever este livro sem uma série de ajudas consideráveis, por isso deverei dar início aos meus agradecimentos. Em primeiro lugar à Blesma, por me ter posto em contacto com os bravos e brilhantes Matt Southwould, Linden Allen e Glynn McNary. Foi uma honra conversar com todos vocês, e Max não se teria transformado na alma intrincada e de sentido de humor sombrio que é sem o vosso incrível discernimento. Obrigada por serem tão generosos com o vosso tempo e por terem respondido a todas as minhas perguntas sem dúvida bizarras. Deverei sublinhar aqui que quaisquer erros respeitantes a Max e ao seu membro protético, ou relativos a alguma terminologia militar, são de minha inteira responsabilidade.

Os meus mais sinceros agradecimentos a Maureen Stapleton, que autorizou com a maior generosidade ter uma personagem com o seu nome neste livro como parte do Authors For Greenfell Auction. Espero que goste dos disparates da sua homónima e concorde que ela é tão ousada e maravilhosa como a Maureen. Agradeço também a SJ, por ter ficado em segundo lugar na angariação de fundos e por ser, de uma maneira geral, uma das melhores, mais adoráveis e fantásticas senhoras que alguma vez conheci.

Estou muito grata à minha amiga Tamsin Carroll, que viajou até ao Sri Lanka comigo e me ensinou também a importância de uma boa almofada. Não nos esqueçamos dos *tuk-tuks* transformados em padarias, dos pelicanos nas árvores, do *after-shave* aplicado em cortes nos joelhos e, é claro, do capitão Siri. Agradeço também a Senura Dulanjith e amigos, que nos cederam os lugares no comboio entre Kandy e Hatton e nos levaram ao Pico de Adão sãs e salvas. São todos uns PRODÍGIOS. Também preciso agradecer a Graeme Dunn – quando eu trouxe da minha viagem ao Sri Lanka algo mais do que blocos de apontamentos feitos de estrume de elefante e um belo bronzado, pois estive ao meu lado no hospital como um anjo-da-guarda. Nunca me senti tão satisfeita por ver uma cara conhecida (e uma agulha).

À minha maravilhosa agente, Hannah Ferguson, à equipa da Hardman & Swainson e a todos na The Marsh Agency, muito obrigada por serem tão impecavelmente compreensivos e infinitamente sábios. À minha magistral, extraordinária, inteligente, prodigiosa e incansável editora, Matilda McDonald, que empreitada foi esta! Obrigada por ser tão gentil, inteligente, paciente e divertida, também. Rir é muito importante durante a revisão de texto, como se não soubesse! A Sarah Harwood, Laura Nicol, Maxine Hitchcock, Maddy Marshall, Beatrix McIntyre, Sarah Bance e Jessica Hart e a todos os outros elementos p-p-p-perfeitos da Penguin, OBRIGADA por tudo o que fazem e fizeram por mim e por este livro. Foi um ousadíssimo passo em frente para mim, e sempre me senti acarinhada e encorajada durante todo o processo de escrita. Um aplauso enorme deverá ser dirigido a Eve Hall,

que engendrou o incrível título deste livro. Quando o vi, entendi, assim como o entenderam Max e Alice.

À equipa de Book Camp, obrigada por todos os conselhos, por todas as gargalhadas e por todos os bolos de bolacha. Estou ansiosa por voltar a partilhar em breve com todos vós uma banheira de água quente e um amor secreto de Andrew. O mundo dos livros encontra-se repleto e a rebentar pelas costuras de pessoas fantásticas e inspiradoras, e enumerar todas elas iria requerer mais umas 400 páginas. Já todos sabem a quem me refiro nesse grupo fabuloso. O maior carinho para todos os blogueiros e críticos literários que lêem de forma tão incansável e com tanto entusiasmo – só posso nutrir reverência e admiração por todos vós.

A Sadie Davies, Katie Marsh, Gemma Courage, Ranjit Dhillon, Sarah Beddingfield, Chad Higgins, Vicky Zimmerman, Ian Lawton, Carrie Wallder, Nina Pottell, Louise Candlish, Clare Frost, Fanny Blake, Alex Holbrook e Corrie Heale, obrigada por serem os melhores amigos que uma Broom jamais poderia desejar – e mais um pouco. Prometo trabalhar com fervor no meu horário de escrita da próxima vez, para que possam na realidade ver-me com mais frequência do que uma vez por ano... entre prazos a cumprir.

Fui uma criança irremediavelmente desastrada – muito à semelhança da Alice neste livro, na verdade, pior ainda. Consegui a proeza de abrir a cabeça, partir o nariz inúmeras vezes, cair a andar de patins de rodas e cair de cavalos, espetei uma lambreta numa vedação e girei uma boneca em círculos à volta da cabeça até esta me atingir na cara. Apesar de tudo isto, a minha mãe sempre me encorajou a ser eu, a ter orgulho de mim e a explorar ao máximo o mundo que pudesse. Também me encorajou a escrever, e é por isso que este livro – e, na verdade, todos os meus livros – lhe pertencem a ela e a cada um dos membros da minha família maravilhosa. Amo-vos a todos – cães loucos e tudo.

E por fim a SI, meu estimado leitor. Obrigada por comprar este livro quando existem tantos outros por onde escolher, e por embarcar nesta viagem comigo. Espero de todo o coração que tenha gostado. Por favor diga-me o que achou no Twitter e/ou no Instagram (@isabelle_broom), ou então procure-me no Facebook em Isabelle Broom Author. Para ver fotografias de diversos locais e para ler mais sobre mim e sobre os meus livros, poderá dar uma espreitadela a www.isabellebroom.com.

Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2018, Isabelle Broom
© 2018, Planeta Manuscrito

Título original: *One Thousand Stars and You*

Tradução: Ana Maria Pinto da Silva

Design da capa: Vera Braga

Imagens da capa: © Jacob Lund – Shutterstock
© Casey Horner – Unsplash

1.ª edição em epub: Dezembro de 2018

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-777-195-8 (epub)

www.planeta.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo electrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infracção ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).

